



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
Instituto de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental
Mestrado em Educação Ambiental



**DESVELANDO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL TRANSFORMADORA
PARA ESTUDANTES SURDOS: UMA PROPOSTA BILÍNGUE
DE GLOSSARIZAÇÃO DOS TERMOS**

Naraina Zerwes Gentil

Rio Grande/RS

2023

Naraina Zerwes Gentil

**DESVELANDO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL TRANSFORMADORA
PARA ESTUDANTES SURDOS: UMA PROPOSTA BILÍNGUE
DE GLOSSARIZAÇÃO DOS TERMOS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado da Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental.

Linha de Pesquisa: Fundamentos de Educação Ambiental – FEA

Orientador: Prof. Dr. André Luís Castro de Freitas

Rio Grande/RS

2023

Ficha Catalográfica

G338d Gentil, Naraina Zerwes.

Desvelando a Educação Ambiental transformadora para estudantes surdos: uma proposta bilíngue de glossarização dos termos / Naraina Zerwes Gentil. – 2023.

183 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande –FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Rio Grande/RS, 2023.

Orientador: Dr. André Luís Castro de Freitas.

1. Glossário de Libras 2. Educação Ambiental 3. Comunidade Surda I. Freitas, André Luís Castro de II. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE -
FURGCOORD CUR DE PG EM EDUCAÇÃO
AMBIENTAL



ATA DE REUNIÃO, DE 24 DE JANEIRO DE 2023

Naraina Zerwes Gentil

**“DESVELANDO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL TRANSFORMADORA PARA ESTUDANTES SURDOS:
UMA PROPOSTA BILÍNGUE DE GLOSSARIZAÇÃO DOS TERMOS”**

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação Ambiental no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Comissão de avaliação formada pelos professores:

Prof. Dr. André Luis Castro de
Freitas (PPGEA/FURG)

Documento assinado digitalmente
gov.br LUIS FERNANDO MINASI
Data: 18/02/2023 10:54:37-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof Dr Luís Fernando Minasi
(PPGEA/FURG)

Documento assinado digitalmente
gov.br NEIVA AFONSO OLIVEIRA
Data: 14/02/2023 13:00:33-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof.^a Dr.^a Neiva Afonso Oliveira
(PPGE/FAE/UFPEL)

Prof.^a Dr.^a Tatiana Bolívar
Lebedeff

*À minha irmã surda,
Sabrina Zerwes Gentil,
que nos deixou precocemente,
mas foi a inspiração e a motivação para
essa pesquisa e toda a trajetória.*

AGRADECIMENTOS

*“Ninguém caminha sem aprender a caminhar,
sem aprender a fazer o caminho caminhando,
refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.”*
Paulo Freire

Com esta citação inicio meus agradecimentos, pois ela traz a essência do que foram esses dois anos e meio de escrita, aprendizados, amizades e compreensões.

Neste instante passa um “túnel do tempo” na minha cabeça: a seleção, a banca examinadora. Jamais esquecerei do “sorrisão” do professor Minasi quando adentrei na sala virtual, foi motivador para mim.

Mas é chegada a hora de agradecer. Muitas pessoas que participaram desse processo, tantas histórias imbricadas, “promessas que me fizeram rezar”, que nem sei por onde começar...

Mas a família é nosso primeiro laço, por isso, agradeço ao meu pai (*in memoriam*) por ter me possibilitado aguçar os sentidos para a realidade de que tudo que queremos podemos conquistar.

À minha mãezinha, “Dona Rosinha”, que sempre incentivou a todas as filhas a estudarem para serem independentes.

Às minhas irmãs, Sabrina (*in memoriam*) que me fez estar aqui para representá-la de alguma forma e é por ela que escolhi esse caminho, acredito que provisoriamente, à Priscila, minha “mana”, que sempre me defendeu e me xinga, mas também me incentiva, muito obrigada.

À minha adorada afilhada Camila, que lê as escritas da dinda, obrigada, lindona.

Ao meu “maridão”, Marcelo, que esteve e está sempre me apoiando em todas as etapas da vida e torcendo por mim.

Ao “meu bebê bonitão”, “meu filhote”, Henrique, que do seu jeito “canceriano de ser” me ama e me odeia ao mesmo tempo. Muitas peijas tivemos com alfabetização dele e com o Mestrado da mamãe.

Ao meu querido orientador, Professor André, que entrou na aventura dessa escrita comigo e escrevemos este trabalho a quatro mãos.

Ao meu querido Professor Minasi, que me possibilitou estar presente em seu grupo de pesquisa e transformar minha compreensão.

Aos ensinamentos carinhosos da Professora Neiva, que me trouxe embasamentos e elementos para apoiar meus estudos.

À querida Professora Tatiana, pelo suporte e embasamento teórico na área da surdez.

À Cris, que me deu suporte incondicional no início dessa caminhada para a seleção de Mestrado.

À Geny e ao Rudão, que estão presentes comigo no apoio amoroso e incondicional.

Às amigas Adriana, Denise, Kátia e Joelma, pelos estudos escondidos, pelos dias, noites e madrugadas de estudos e por me conduzirem à luz do conhecimento.

Aos colegas do grupo Pão, Manteiga e Marx – Café de sábado, que estão comigo dividindo minhas angústias.

Aos colegas do grupo de orientação, por todos os ensinamentos.

À PRAE e à nossa Pró-reitora Daiane Gautério que viabilizou meu afastamento temporário para os estudos.

Às minhas amigas da PRAE que me motivam diariamente a terminar meus estudos.

Aos participantes da pesquisa que me ampararam nesta busca pela emancipação dos sentidos.

Ao colega Rafael Granada, pelo incansável suporte.

Enfim, talvez tenha esquecido algumas pessoas, mas saibam que todos estão presentes nas minhas memórias e, de verdade, gratidão pelos aprendizados, conversas e compartilhamento.

Amo todos vocês.

RESUMO

A presente dissertação teve como fenômeno de pesquisa registrar e produzir sinais-termos para a área da Educação Ambiental, os quais possibilitaram ampliar a comunicação na Língua Brasileira de Sinais – Libras, assim como estender a compreensão na Língua Portuguesa. Registramos que este trabalho é resultante de pesquisa de mestrado, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, na Linha de Pesquisa Fundamentos da Educação Ambiental – FEA, correlacionada aos processos históricos nos quais somos produtos e produtores. A presente escrita nos desvelou o processo de construção com os registros dos sinais-termos em Libras, a qual nos apropriamos das terminologias específicas e produzimos novos sinais-termos que possibilitaram ampliar a comunicação com fluidez na Libras. Neste sentido, essa dissertação se propôs à produção de conhecimentos contribuindo para que esses sinais-termos sejam divulgados e compreendidos pela comunidade surda em sua totalidade, diferenciando-se do que até então tem sido o habitual, ou seja, as pessoas surdas conhecem os sinais-termos, mas não o seu significado contextualizado. Além disso, compreendemos que o processo emancipatório desta comunidade necessita envolver a estrutura de duas línguas vigentes, a Língua Portuguesa na sua modalidade escrita e a Libras como meio de comunicação e expressão deles com seus pares. Nossa pesquisa teve abordagem qualitativa, utilizando a Análise Textual Discursiva – ATD para construir a compreensão da retórica dos participantes do Grupo Focal e seus saberes constituídos. Nessa lógica, a possibilidade de ampliação do vocabulário a partir dos princípios da Educação Ambiental foi ao encontro de um processo reflexivo de reorganização dos saberes da comunidade surda, para que os mesmos possam interagir com as transformações do mundo.

Palavras-chave: Glossário de Libras. Educação Ambiental. Comunidade Surda.

ABSTRACT

The present dissertation had as a research phenomenon to record and produce sign-terms for the area of Environmental Education, which made it possible to expand communication in the Brazilian Sign Language – Libras, as well as to extend understanding in Portuguese. We record that this work is the result of master's research, linked to the Graduate Program in Environmental Education at the Federal University of Rio Grande – FURG, in the Line of Fundamentals of Environmental Education – FEA, correlated to the historical processes in which we are products and producers. The present writing revealed to us the construction process with the registers of sign-terms in Libras, which we appropriated the specific terminologies and produced new sign-terms which made it possible to expand communication with fluidity in Libras. In this sense, this dissertation proposed the production of knowledge contributing to these terms-signs being disseminated and understood by the deaf community in its entirety, differentiating itself from what has been usual until then, that is, deaf people know the signs-terms, but not their contextualized meaning. In addition, we understand that the emancipatory process of this community needs to involve the structure of two current languages, the Portuguese language in its written form and the Libras as a means of communication and expression with their peers. Our research had a qualitative approach, using the Discursive Textual Analysis – DTA to build the understanding of the rhetoric of the participants of the focus group and their constituted knowledge. In this logic, the possibility of expanding the vocabulary from the principles of Environmental Education was in line with a reflective process of reorganizing the knowledge of the deaf community, so that they can interact with the transformations of the world.

Key-words: Glossary of Libras. Environmental Education. Deaf Community.

LISTA DE ABREVIATURAS

APADA	Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos
APAE	Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais
C3-FURG	Centro das Ciências Computacionais da Universidade Federal do Rio Grande
CAESARLIBRAS	Consultoria e Assessoria em Empresas para Inclusão e Acessibilidade da Pessoa Surda
CBDS	Confederação Brasileira de Desportos Surdos
CEP-FURG	Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande
CRE	Coordenadoria Regional de Educação
EEEFBCL	Escola Estadual de Ensino Fundamental Barão de Cêrro Largo
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EMEBCRTB	Escola Municipal de Educação Bilíngue Carmen Regina Teixeira Baldino
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
IFRS	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Libras	Língua Brasileira de Sinais
NUPPES	Núcleo de Pesquisa em Políticas Surdas
PNEA	Política Nacional de Educação Ambiental
PPGEA	Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental
PPGEDU	Programa de Pós-Graduação em Educação
SMEC	Secretaria Municipal de Educação e Cultura
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TILSP	Tradutor Intérprete de Língua de Sinais e Língua Portuguesa
TV INES	Televisão do Instituto Nacional de Educação de Surdos no <i>Youtube</i>
UCPEL	Universidade Católica de Pelotas
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
ULBRA	Universidade Luterana do Brasil
UNOPAR	Universidade do Norte do Paraná

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 -	Sinal-termo <i>Educação</i>	43
FIGURA 2 -	Sinal-termo <i>Ambiental</i> – antes do Grupo Focal	44
FIGURA 3 -	Sinal-termo <i>Ambiental</i> – desenvolvido pelo Grupo Focal	45
FIGURA 4 -	Sinal-termo <i>Educação</i>	81
FIGURA 5 -	Sinal-termo <i>Ambiental</i>	82
FIGURA 6 -	Sinal-termo <i>Dialética</i>	83
FIGURA 7 -	Sinal-termo <i>Autonomia/Independência</i>	84
FIGURA 8 -	Sinal-termo <i>Autonomia</i> usado por Jonatas	84
FIGURA 9 -	Sinal-termo <i>Alienação</i>	86
FIGURA 10 -	Sinal-termo <i>Denúncia/Anúncio</i>	87
FIGURA 11 -	Sinal-termo <i>Antagonismo/Antagônico</i>	88
FIGURA 12 -	Sinal-termo <i>Desumanizar</i>	89
FIGURA 13 -	Sinal-termo <i>Humanização</i>	89
FIGURA 14 -	Sinal-termo <i>Cidadania</i>	90
FIGURA 15 -	Sinal-termo <i>Círculo de Cultura</i>	91
FIGURA 16 -	Sinal-termo <i>Codificação</i>	92
FIGURA 17 -	Sinal-termo <i>Decodificação</i>	93
FIGURA 18 -	Sinal-termo <i>Cognoscente</i>	94
FIGURA 19 -	Sinal-termo <i>Coisificação</i>	95
FIGURA 20 -	Sinal-termo <i>Coletivo</i>	96
FIGURA 21 -	Sinal-termo <i>Conscientização</i>	96
FIGURA 22 -	Sinal-termo <i>Diálogo/Dialogicidade</i>	97
FIGURA 23 -	Sinal-termo <i>Ecologia</i>	98
FIGURA 24 -	Sinal-termo <i>Educação Libertadora</i>	99
FIGURA 25 -	Sinal-termo <i>Emancipação</i>	100
FIGURA 26 -	Sinal-termo <i>Ideologia</i>	100
FIGURA 27 -	Sinal-termo <i>Leitura de Mundo</i>	102
FIGURA 28 -	Sinal-termo <i>Ontologia</i>	102
FIGURA 29 -	Sinal-termo <i>Oprimido/Opressor</i>	103
FIGURA 30 -	Sinal-termo <i>Contradição</i>	104
FIGURA 31 -	Sinal-termo <i>Criticidade</i>	105

FIGURA 32 -	Sinal-termo <i>Docência/Discência</i>	106
FIGURA 33 -	Sinal-termo <i>Divisão/ Dominação</i>	107
FIGURA 34 -	Sinal-termo <i>Educação Bancária</i>	108
FIGURA 35 -	Sinal-termo <i>Educação Permanente</i>	108
FIGURA 36 -	Sinal-termo <i>Educação Popular</i>	109
FIGURA 37 -	Sinal-termo <i>Educação Problematizadora</i>	111
FIGURA 38 -	Sinal-termo <i>Educando/Educador</i>	112
FIGURA 39 -	Sinal-termo <i>Escola Cidadã</i>	113
FIGURA 40 -	Sinal-termo <i>Esperança</i>	114
FIGURA 41 -	Sinal-termo <i>Estética</i>	115
FIGURA 42 -	Sinal-termo <i>Ética</i>	116
FIGURA 43 -	Sinal-termo <i>Exclusão Social</i>	117
FIGURA 44 -	Sinal-termo <i>Fatalismo</i>	118
FIGURA 45 -	Sinal-termo <i>Gestão Democrática</i>	119
FIGURA 46 -	Sinal-termo <i>Identidade Cultural</i>	120
FIGURA 47 -	Sinal-termo <i>Emersão</i>	121
FIGURA 48 -	Sinal-termo <i>Imersão</i>	122
FIGURA 49 -	Sinal-termo <i>Inacabamento</i>	123
FIGURA 50 -	Sinal-termo <i>Interdisciplinaridade</i>	124
FIGURA 51 -	Sinal-termo <i>Justiça/Justiça social</i>	124
FIGURA 52 -	Sinal-termo <i>Mediação Pedagógica</i>	125
FIGURA 53 -	Sinal-termo <i>Multiculturalismo</i>	127
FIGURA 54 -	Sinal-termo <i>Natureza</i>	128
FIGURA 55 -	Sinal-termo <i>Natureza Humana</i>	129
FIGURA 56 -	Sinal-termo <i>Pedagogia da Autonomia</i>	130
FIGURA 57 -	Sinal-termo <i>Pedagogia da Esperança</i>	131
FIGURA 58 -	Sinal-termo <i>Pedagogia do Oprimido</i>	132
FIGURA 59 -	Sinal-termo <i>Práxis</i>	133
FIGURA 60 -	Sinal-termo <i>Radicalidade</i>	134
FIGURA 61 -	Sinal-termo <i>Ser Mais</i>	135
FIGURA 62 -	Sinal-termo <i>Sonhos Possíveis</i>	136
FIGURA 63 -	Sinal-termo <i>Presença no Mundo</i>	137
FIGURA 64 -	Sinal-termo <i>Subjetividade/Objetividade</i>	138

FIGURA 65 -	Sinal-termo <i>Teoria Crítica</i>	139
FIGURA 66 -	Sinal-termo <i>Unidade na Diversidade</i>	139
FIGURA 67 -	Sinal-termo <i>Utopia</i>	140

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 -	Sinais-termos dos encontros com os participantes do Grupo Focal	166
-------------	---	-----

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 -	Análise de tradução do texto Pedagogia do Oprimido	52
QUADRO 2 -	Metodologia do autor Santos	54
QUADRO 3 -	Modelo de Ficha Catalográfica Utilizada por Lima e Martins	59
QUADRO 4 -	Materiais disponibilizados para o Grupo Focal	80

SUMÁRIO

1. PRIMEIRAS PALAVRAS.....	16
1.1 História de Vida	25
1.2 O Início de uma Trajetória.....	35
2. PESQUISAS RELACIONADAS.....	50
2.1 Diálogos com os Fundamentos Freirianos	62
3. CAMINHOS DA PESQUISA	75
3.1 Revelando os Achados da Pesquisa.....	141
3.2 O Emergir das Categorias no Processo de Análise Textual Discursiva.....	165
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	171
REFERÊNCIAS.....	174
APÊNDICE A	182
APÊNDICE B.....	183

1 PRIMEIRAS PALAVRAS

“A educação, ainda que já esteja saindo do domínio do Oralismo, tem que desaprender um grande número de preconceitos, entre eles o de querer fazer do surdo um ouvinte”
Gladis Perlin

As partes que integram este trabalho compõem um exercício permanente de aprendizagem, envolvendo as relações sociais que nos educam. Na prática dessa escrita alguns destes ensinamentos foram expressões esperançosas, no sentido de projetar algo que ainda não existia enquanto possibilidade do vir a ser real.

A presente Dissertação teve como tema de pesquisa a relação entre a Educação Ambiental Transformadora e a construção dialogada de sinais-termos com estudiosos da surdez. Nesse sentido, a intitulamos como: Desvelando a Educação Ambiental Transformadora para estudantes surdos: uma proposta bilíngüe de glossarização dos termos.

A expressão “bilíngüe”, na Lei 14.191, de 3 de agosto de 2021, no capítulo IV-A, em seu artigo 60-A, nos traz a compreensão do significado no caso específico da surdez:

Art. 60-A. Entende-se por educação bilíngüe de surdos, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua, em escolas bilíngües de surdos, classes bilíngües de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngüe de surdos, para educandos surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas, optantes pela modalidade de educação bilíngüe de surdos. (BRASIL, 2021, p. 1).

Este processo de investigação que realizamos foi pautado em um diálogo com dois estudantes, dois Professores e dois Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais – Libras da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, uma professora da Escola Municipal de Educação Bilíngüe Professora Carmen Regina Teixeira Baldino – EEEFBCL e com uma Intérprete de Libras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS Campus Rio Grande.

Neste processo de investigação foi possível refletir sobre os sinais-termos em Libras seguindo os princípios da Educação Ambiental, produzindo os saberes necessários para uma formação integral e humana.

Para que tenhamos uma leitura fluida do texto e nesse situando os leitores sobre expressões específicas da Língua Brasileira de Sinais – Libras, temos as palavras “sinal-termo”

e “sinais-termos” que compõem termos específicos na Libras e, neste caso, serão sinais-termos para a Educação Ambiental.

A expressão sinal-termo tem seu primeiro registro histórico pela autora Faulstich (2012), período no qual estava realizando a orientação de Mestrado de Messias Costa (2012). Dialogando com Costa (2012) e Faulstich (2012), temos a primeira conceituação:

A expressão sinal-termo surgiu em 2012, criada por Faulstich, e aparece pela primeira vez na dissertação de mestrado de Messias Ramos Costa, denominada Proposta de modelo de enciclopédia bilíngue juvenil: Enciclolibras (2012). Durante as discussões de natureza lexicográfica, Faulstich percebeu que a expressão sinal ou sinais não correspondia ao significado de termos usados no contexto das linguagens de especialidade, especialmente na terminologia científica ou técnica. A designação sinal serve para os significados usados no vocabulário comum da Libras. (FAULSTICH, 2016, p. 5).

Neste contexto, nos utilizamos da historicidade da criação e registro dessa expressão para conceituá-la, pois existem diferenças entre sinal e sinal-termo. E para explicitar essa relação conversamos com Faulstich (2012) “O sinal são sistemas de relações que constitui o modo organizado as línguas de sinais. E ainda são propriedade linguísticas das línguas dos surdos”. Já os sinais-termos são, segundo Santos (2017):

1. Termo da Língua de Sinais Brasileira que representa conceitos com características de linguagem especializada, próprias de classe de objetos, de relações ou de entidades.
2. Termo criado para, na Língua de Sinais Brasileira, denotar conceitos contidos nas palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento e do saber.
3. Termo adaptado do português para representar conceitos por meio de palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento da Língua de Sinais Brasileira. (SANTOS, 2017, p. 51).

Nesse processo de compreensão, a Língua de Sinais está na Educação Ambiental. Pois a Educação Ambiental é o caminho para construir uma outra concepção de humanidade e, nessa lógica, significa constituir novos conhecimentos e saberes sobre a aprendizagem e o desenvolvimento das pessoas surdas, organizando novos modos de ensinar e aprender para estes seres sociais.

A elaboração de um Glossário¹ de Libras, incluindo novos termos para os estudos acerca da Educação Ambiental, foi a possibilidade de emancipar as pessoas surdas, valorizar a diversidade humana e combater a desigualdade socialmente construída no modo de produção vigente.

¹ Glossário é um tipo de dicionário com termos pertencentes às áreas específicas.

Nesse viés, Perlin (2004) indica que mesmo diante da possibilidade de uma comunidade surda estar em um estágio de transformação nas suas origens, essa mesma comunidade se situa nos critérios comunicacionais da massificação de uma sociedade hegemônica e autoritária.

A Comunidade Surda se constitui de pessoas surdas e ouvintes que participam das atividades dessa comunidade e que possuem entendimento sobre as pessoas surdas. Sendo assim, Santana (2020) nos traz uma breve explicação sobre:

A Comunidade Surda é uma espécie de espaço onde se difundem a língua e cultura surdas. Essas comunidades estão espalhadas pelo mundo inteiro reunindo surdos e ouvintes que partilham do mesmo ideal de luta pela manutenção dos interesses de igualdade e acessibilidade dos surdos. (SANTANA, 2020, p. 7).

As pessoas surdas, imersas nesse modo de produção determinado pela ideologia dominante, estão sendo impedidas de viver socialmente, consideradas incapazes de produzir pensamentos complexos. A ideologia dominante precariza as possibilidades de humanização. Nesse sentido, trazemos Vygotsky (2021) afirmando que

[...] há apenas uma forma de elaborar simbolicamente informações advindas de fenômenos sonoros e visuais, odores, movimentos, intensidades e afetos; que há uma só forma de se comunicar de construir pensamento complexo, de estabelecer um laço com os outros. (VYGOTSKY, 2021, p. 13).

Nesse pensamento, Vygotsky (2021) nos traz que a forma de comunicação em Libras vai além dos sinais-termos e de aguçar o sentido da visão. É necessário emancipar os sentidos na sua totalidade, ou seja, o tato, o olfato e o paladar, para que as pessoas surdas tenham a compreensão do pensamento complexo e se tornem bilíngues.

Acreditamos importante salientar que estamos imersos em uma sociedade em que a maioria é de ouvintes, comunicando-se pelo canal auditivo, enquanto a fala se dá por um aparelho fonador. Já para os surdos, a comunicação se dá, geralmente, pelo canal visual-espacial. O canal visual-espacial, de acordo com Quadros e Karnopp (2004), é uma modalidade gestual-visual, no sentido que a informação linguística é recebida pelos olhos e produzidas pelas mãos, juntamente com o movimento do corpo e expressões faciais.

Esta comparação se faz aqui necessária para apontar que existem diferenças entre a comunicação de surdos e ouvintes. O que é comum aos sentidos dos ouvintes toma outra forma para os surdos. As mãos podem ser comparadas à boca, e os olhos tornam-se ouvidos.

Os estudos que realizamos nos fazem entender que a sociedade precisa apreender que os processos de desenvolvimento dos surdos são obstaculizados pelas barreiras sociais impostas pela sociedade capitalista, onde não são criadas as condições de humanização dos sentidos. Dessa forma, há uma crença que as pessoas surdas, necessitam aprender somente a Língua de

sinais e não a Língua Portuguesa e na nossa compreensão para que se emancipe os sentidos na sua totalidade é prioridade que as pessoas surdas tenham o conhecimento de ambas línguas.

Freire (1987) nos ampara nesse entendimento, uma vez que afirma:

A violência dos Opressores que nos faz desumanizados, não instaura uma outra vocação do ser menos. Com distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade que é uma forma de criá-la, não se sente idealisticamente opressores, nem se tornam de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos libertar-se a si e aos opressores. (FREIRE, 1987, p. 16).

Alinhados ao pensamento de Freire (1987), entendemos que somente na medida em que as pessoas surdas se descubram na condição de oprimidos, pela experiência existencial, reconhecem-se contrários na luta pela superação da contradição com a transformação da velha situação concreta opressora que cede lugar à libertação.

No intuito de transformar essa realidade apática e oprimida de vida, a comunidade surda, por meio de associações, instituições, escolas e movimentos sociais, adentrou o Congresso Nacional no ano de 2002, mais especificamente em 24 de abril. Essa data demonstra um marco constitucional e político para as pessoas surdas, pois o então Presidente Fernando Henrique Cardoso reconheceu a Língua Brasileira de Sinais como meio legal de comunicação das pessoas surdas e decretou a Lei 10.436/2002.

Assim, a Língua Brasileira de Sinais tem como sigla Libras. Libras é a língua da comunidade surda e, conforme Silva (2011), é uma língua em construção e apresenta uma quantidade insuficiente para termos técnicos.

Nesse sentido, essa lei é bem sucinta contendo apenas cinco artigos, que não deixam dúvidas sobre os direitos de comunicação dessas pessoas:

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais – Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Art. 3º As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor.

Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação

Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais – Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, conforme legislação vigente.

Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais – Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 24 de abril de 2002; 181º da Independência e -114º da República.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO *Paulo Renato Souza* (BRASIL, 2002).

A criação desta lei foi o primeiro passo para o início das políticas públicas em relação à surdez. Como foi uma lei resumida, porém muito potente, a comunidade surda se organizava para adentrar os meios acadêmicos superiores (graduação e pós-graduação), mas devido à condição de ter a língua materna Libras, enfrentaram muitos obstáculos.

A língua materna, ou língua nativa, é a primeira língua que uma criança aprende e que geralmente corresponde ao grupo étnico-linguístico com que o indivíduo se identifica culturalmente. Ou seja, é a primeira língua de comunicação.

Dialogamos com Damilelli e Clasen (2012) para que tenhamos compreensão de que:

As crianças surdas filhas de pais ouvintes têm também como língua materna o português, porém, a língua natural é a língua de sinais. No entanto, muitas vezes a criança surda não domina sua língua natural por não lhe ser proporcionado o convívio com seus pares surdos, uma vez que, embora seja naturalmente aprendida, só pode acontecer aprendizado por meio das interações com outros surdos usuários da Libras ou pessoas ouvintes fluentes nesta língua. (DAMILELLI e CLASEN, 2012, p. 157).

Após articularmos o conceito de língua materna para possibilitar o entendimento de termos técnicos da Libras para os nossos leitores, retomamos aos movimentos legislativos com os quais a comunidade surda se empenhou após a promulgação da Lei 10.436/2002.

Sendo assim, no ano de 2005, foi promulgado o Decreto 5.626, em 22 de dezembro de 2005, que especificou as necessidades emergentes de acessibilidade para estes sujeitos. Esse Decreto trouxe, detalhadamente, quais os tipos de acessibilidade que eram necessárias para que as pessoas surdas pudessem se inserir nos mais variados ambientes e com um mínimo de dignidade na diversidade. Trouxemos partes deste Decreto em trechos da nossa escrita com alguns detalhamentos pertinentes para a compreensão de sua totalidade.

Os detalhamentos foram, inicialmente, como estes seres humanos começaram a pertencer aos mais diferentes cursos superiores, como adentraram os meios acadêmicos em geral e de que forma se deu essa iniciativa em todo Brasil, a partir do ano de 2010 até os dias atuais.

Muitas pesquisas relacionadas a essa temática têm como objetivo a formação de sinais-terminos para áreas técnicas e específicas, e esses sinais-terminos têm como proposta desenvolver

a consciência global e holística das pessoas surdas que estão ou irão adentrar esses espaços acadêmicos específicos.

Como citado anteriormente, o reconhecimento da Libras se deu no ano de 2002 e, passados três anos, foi criado o Decreto-lei que especifica quais são os ambientes onde é necessário ter acessibilidade na Libras, e como se darão as ações e procedimentos em relação às pessoas surdas e a sua acessibilidade nesses ambientes.

Nesse contexto, formamos um Grupo Focal, mas *a priori* se faz necessário apresentar uma primeira conceituação do que seria esse Grupo Focal. De acordo com Krueger (1994), um grupo focal é formado por 10 a 12 participantes da pesquisa que se envolvem em reuniões, apresentando características comuns que geram certa homogeneidade no grupo. No caso específico deste trabalho, são intérpretes de Libras², professores de Libras³, a professora da escola Bilíngue⁴ EEEFBCL e estudantes surdos da FURG.

Seguindo as determinações do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande – CEP-FURG, no caso específico deste trabalho, a homogeneidade deste grupo de pesquisa foram pessoas surdas e ouvintes com proficiência em Libras, tendo como critérios de inclusão e exclusão para participação as seguintes designações:

Participantes incluídos: Professores de Língua Brasileira de Sinais da FURG, Intérpretes de Libras da FURG e do IFRS – Campus Rio Grande, Estudantes de graduação da FURG e Professores da EMEBCRTB.

Já os critérios de exclusão foram: Estudantes surdos do Ensino Fundamental e sujeitos que não possuem conhecimento na Libras principalmente, pois a EMEBCRTB não trabalha com a metodologia Freiriana.

Na Norma Operacional CNS nº 1 e 3 de 2013, subitem 6, temos:

População a ser estudada: características esperadas da população, tais como: tamanho, faixa etária, sexo, cor/raça (classificação do IBGE) e etnia, orientação sexual e 10/14 identidade de gênero, classes e grupos sociais, e outras que sejam pertinentes à descrição da população e que possam, de fato, ser significativas para a análise ética da pesquisa; na ausência da delimitação da população, deve ser apresentada justificativa para a não apresentação da descrição da população, e das razões para a utilização de grupos vulneráveis, quando for o caso.

² Intérprete de Libras é uma pessoa que realiza a comunicação e acompanha o sujeito surdo em locais nos quais as pessoas desconhecem a Libras.

³ Professores de Libras são pessoas habilitadas a mediar entre pessoas surdas e ouvintes para que realizem uma comunicação harmônica.

⁴ Professores Bilíngues são professores que garantirão tanto ao surdo como aos ouvintes o acesso a duas línguas. No específico desse trabalho da Língua Portuguesa e da Libras.

Portanto, o movimento da pesquisa foi dialogar sobre os sinais-termos que essas pessoas do Grupo conhecem na Educação Ambiental, como entendem tais conceitos, por qual motivo esses sinais-termos já estão em uso e como estão sendo disseminados.

O início da atividade de pesquisa de campo se deu por intermédio de uma conversa virtual em Língua de Sinais com os participantes, que teve como ideal intencional o diálogo e apresentamos um quadro sugestivo com 60 sinais-termos e 60 conceitos (o quadro é apresentado no Apêndice B). Nesta conversa escolhemos a ordem de pertinência para a compreensão dos sinais e nos organizamos para as futuras reuniões que aconteceriam às terças-feiras subsequentes, a partir da liberação da pesquisa pela Plataforma Brasil e com os devidos cuidados que foram articulados com o CEP-FURG.

O quadro sugerido (Apêndice B) teve como fonte de pesquisa o Dicionário Paulo Freire, 4ª Edição Revista e Ampliada (2018), para a análise, interpretação, compreensão e crítica de todos esses sinais-termos e conceitos que foram aprovados pelo Grupo Focal e postos em diálogo para entendimento de todos e todas. Sendo assim, foram criadas as condições necessárias para iniciar e finalizar, mesmo que momentaneamente, a produção dos conceitos e dos sinais-termos para organização dos encontros com o Grupo Focal e o Glossário de Libras.

Sendo assim, a questão de pesquisa foi coletar sinais-termos já desenvolvidos por estudiosos da surdez, encaminhar essa pesquisa de sinais-termos para o Grupo Focal e, conseqüentemente, acompanhar e analisar a formação do Glossário junto a especialistas da surdez e discorrer sobre esse processo.

Nesse sentido, começamos a produção do Glossário de Libras com a Educação Ambiental Crítica. Tivemos como embasamento as metodologias de outros glossários de Libras que já estão disponíveis. Porém, não encontramos glossários para a Educação Ambiental no viés emancipatório, mas sim para outros segmentos que são: Psicologia, Letras- Libras, Informática e outros voltados para Língua de Sinais Internacional.

Nossa compreensão para análise de conteúdo, em relação aos glossários existentes, compreendeu sete anos, entre 2013 e 2020, visto que a Libras é uma língua viva e em constante movimento, com diversas modificações que vão ocorrendo ao longo dos anos.

Também se fez necessário realizar os encaminhamentos *suleadores*⁵ na forma acadêmica que são os objetivos. Nossos objetivos conduziram ao caminho para a pesquisa.

O objetivo geral foi:

⁵ Sulear/suleadores – o termo *sulear* vem em contraposição ideológica ao termo *nortear*, pois na lógica eurocêntrica *nortear* significa uma referência universal e o termo *sulear* dá uma visão do Sul. Em Paulo Freire esse termo aparece na sua obra *Pedagogia da Esperança*.

- Analisar o processo de desenvolvimento de um Glossário de Libras para a Educação Ambiental Crítica.

Os **objetivos específicos** foram:

- Identificar os conceitos da Educação Ambiental Crítica na Língua Brasileira de Sinais;
- Conhecer a realidade do vocabulário existente para Educação Ambiental Crítica;
- Coletar os sinais-terms existentes;
- Analisar o vocabulário existente, desvelando que Educação Ambiental expressa; e,
- Socializar os novos sinais produzidos.

Esta dissertação é composta por três capítulos, os quais denominamos: Primeiras Palavras, que tem como subtítulos História de Vida e O Início de uma Trajetória; o capítulo 2 foi intitulado como Pesquisas Relacionadas, nele temos a Fundamentação Teórica; e, no terceiro capítulo, o Percorso Metodológico onde apresentamos a Análise de Dados, O Emergir das Categorias no Processo de Análise Textual Discursiva e o Inacabamento Humano.

Na primeira apresentação da pesquisa tínhamos nomeado os capítulos com as fases do desenvolvimento humano, por entender que estamos em um processo dissertativo. Depois seguimos as recomendações da banca de qualificação e dividimos em três capítulos como o texto se apresenta.

Neste primeiro capítulo, Primeiras Palavras, tivemos a intenção de situar os leitores de como foi desenvolvida a escrita no decorrer da dissertação, como foram distribuídos os capítulos e tópicos subsequentes, assim como realizar uma prévia escrita dos conceitos que são específicos do trabalho. Ainda no primeiro capítulo, no subtítulo História de Vida, apresentamos a história de vida dessa autora.

Neste espaço é preciso expressar a relação da mesma com as disciplinas cursadas no ano de 2020 e 2021 no Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, que foram os Princípios da Educação Ambiental, os quais mostraram que a educação é global e diversa, não somente nas legislações, mas que fazemos parte desses ambientes.

Outra disciplina cursada foi a Filosofia da Educação Ambiental, a qual permitiu à autora questionar como relacionar essa filosofia com os ambientes que perpassamos. Toda a concepção dos métodos utilizados por revolucionários traz uma crítica à escola e a forma como ela se desenvolve até os dias atuais. Assim, se faz necessária uma educação integral, com conteúdo para a vida em sociedade e não apenas conteúdos para preencher currículos escolares que não sejam instigantes.

Outras disciplinas que motivaram a autora nesse período foram as do seu orientador, Professor Doutor André Freitas, em suas disciplinas Leituras de Paulo Freire I e II, nas quais resgatou o motivo pelo qual a humanidade necessita contestar essa situação de opressores e oprimidos. Refletimos sobre tais leituras e temas geradores e compreendemos que a natureza do Glossário foi buscar o conhecimento da emancipação humana para a comunidade surda, subjetivando essa realidade e internalizando a consciência de classe.

As quatro outras disciplinas que permitiram refletir sobre a consciência de classe e o ser humano na sua totalidade foram Educação Ambiental e o Materialismo Histórico e Dialético; Metodologia da Pesquisa; Diálogos em Educação Ambiental; e, Marcos de Fundamentação e Modelos Teóricos Contemporâneos. As três primeiras disciplinas foram ministradas pelo Professor Doutor Luís Fernando Minasi, que concebe suas teorias a partir de filósofos marxistas como György Lukács, Augusto Nivaldo da Silva Triviños, Moises Pistrak, entre outros. A disciplina Marcos de Fundamentação e Modelos Teóricos Contemporâneos, ministrada Professor Doutor José Vicente, disponibilizou um acesso direto com os autores, além da leitura dos textos dos mesmos que também nos permitiram refletir qual conceito de Educação Ambiental está incluído em cada pesquisa.

No subtítulo O Início de uma Trajetória apresentamos as experiências empíricas da autora, sendo parte da Comunidade Surda. Sua ontologia ao longo desses trinta anos de caminhadas e militâncias foi narrada e dissertada.

Nesta palavra militância realizamos uma pequena explicação para que os leitores não nos interpretem equivocadamente, pois não é um ativismo sem teoria, mas foram caminhos que trilhamos até aqui, buscando uma emancipação bilíngue para as pessoas surdas. Também precisamos que conheçam os motivos pelos quais a autora fez essa Pós-Graduação com esse tema gerador e trabalho de pesquisa.

O subtítulo O Início de uma Trajetória pode ser observado de duas maneiras: marca o início de um ser humano, e a partir disso como serão constituídos seus valores e preceitos, assim como as primeiras relações sociais que essa pessoa constituirá com o meio com o qual interage. Então retrata uma aparência a esse conteúdo pré-existente, que é a pessoa na sua forma física, e como adentrar as relações sociais. Essas relações sociais são mediadas por um sistema e pelos meios de produção, trazendo o questionamento de como são entendidas na sua essência.

A segunda maneira também se reporta ao nascimento, mas esse nascimento enquanto compreensão de uma concepção ambiental crítica. No início da Pós-Graduação em Educação Ambiental não tínhamos a compreensão de como se constituiria o Glossário de Libras, mas a partir das disciplinas cursadas compreendemos como se dão as relações em sociedade e como

foi esse processo de desenvolvimento de um Glossário coletivo e humano, e o entendimento foi transformado.

Ainda nesse subtítulo levantamos questões de ação-reflexão-ação de como estes sinais-termos estão postos na aparência e como o Grupo Focal os transformou para chegar a um significado de essência desvelando as mazelas do Sistema Capitalista.

No segundo capítulo, Pesquisas Relacionadas, apresentamos alguns trabalhos que nos fizeram pensar no modo como poderíamos sulear nossa pesquisa e nos ocupamos em trazer autores e suas concepções em relação à produção de glossários de Libras, assim como suas reflexões sobre a Educação Ambiental. Esse é o Estado da Arte em que encontramos as pesquisas e resgatamos histórias de glossários e dicionários anteriores a essas tecnologias que estão postas neste momento. Também inserimos a historicidade de como esses dicionários, glossários e manuais eram produzidos e utilizados.

Ainda no segundo capítulo, transitamos pela Fundamentação Teórica. Nesse subtítulo são explicitadas as representatividades das pessoas surdas e as influências das produções desses glossários para o conhecimento dos sinais-termos, e questionamos como ampliar o vocabulário de futuros estudantes surdos dentro dos mais diversos cursos superiores.

É necessário enfatizar que as pessoas surdas são bilíngues, ou seja, necessitam do aprendizado em sua língua nativa, Libras, para que desenvolvam a segunda língua que é a Língua Portuguesa. Nesse sentido, demonstramos a importância da Política Nacional de Educação Ambiental – PNEA enquanto mediadora para transversalizar a Educação Ambiental na sua inter, multi e transdisciplinaridade.

No terceiro capítulo temos o Percurso Metodológico. Com as etapas anteriores concluídas, passamos a dialogar sobre a metodologia que foi utilizada para realização do Grupo Focal.

Pela linha de pesquisa Fundamentos da Educação Ambiental, na qual estamos imersos na Pós-Graduação, e pelos estudos que temos realizado sobre as metodologias, compreendemos que o Materialismo Histórico e Dialético tem uma argumentação condizente para essa produção.

A pesquisa foi realizada com um Grupo Focal que contou com dois professores e dois intérpretes de Libras, dois estudantes da Universidade Federal de Rio Grande – FURG, uma professora da Escola Municipal de Educação Bilíngue Professora Carmen Regina Teixeira Baldino – EEEFBCL de Rio Grande e uma Intérprete de Libras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS Campus Rio Grande.

Os encontros foram realizados às terças-feiras, por decisão da maioria dos representantes do Grupo Focal, e a carga horária foi de duas horas por encontro semanal, com mais alguns diálogos promovidos via grupo de *WhatsApp*, diálogos que nos auxiliaram a conduzir nossas ações em relação a alguns conceitos e maior interação com os demais componentes do Grupo que não conseguiram participar dos momentos síncronos.

As conduções das discussões foram realizadas de uma forma dialógica. Para Freire (1987):

Quando tentamos um adentramento no diálogo, como fenômeno humano, se nos revela algo que já poderemos dizer ser ele mesmo: a palavra. Mas, ao encontrarmos a palavra, na análise do diálogo, como algo mais que um meio para que ele se faça, se nos impõe buscar, também, seus elementos constitutivos. (FREIRE, 1987, p. 50).

Neste diálogo, cada participante se manifestava dizendo (sinalizando) a sua palavra, até conseguir elaborar um consenso no sentido e significado para uma boa compreensão em Libras da Comunidade Surda em sua totalidade.

No subtítulo Análise de dados foi necessário avaliar e analisar o que se passou no decorrer de uma longa vida, com muitas contradições e conflitos para essa Comunidade. Mas também fizemos essa analogia com a pesquisa, pois para se chegar até essa fase foi necessário saber o que essa pesquisa contribuiu e contribuirá para as áreas política e social da vida dessa Comunidade Surda.

Como os indivíduos dessa pesquisa compreenderam esses sinais-termos? Para essa análise, no subtítulo O Emergir das Categorias no Processo de Análise Textual Discursiva, usamos a Análise Textual Discursiva de Roque Moraes e Maria do Carmo Galiazzi como referência para analisar o conteúdo gerado nas reuniões do Grupo Focal. Assim, realizamos um estudo de caso no sentido de implementar esse Glossário para o uso coletivo.

Ainda no terceiro capítulo, temos o Inacabamento Humano, encerrando nossa pesquisa neste momento, mas na certeza de que a conclusão é momentânea, pois os sinais-termos foram filmados e organizados por ordem alfabética e serão disponibilizados em uma plataforma digital, ou em mais de uma, para que essa pesquisa possa motivar outros trabalhos com a Educação Ambiental Crítica, para que também possam ampliar e disseminar esse Glossário, na certeza de que o inacabamento faz parte da natureza desse trabalho pela dinâmica da vida, assim como somos seres humanos na busca de um desvelamento contínuo do conhecimento.

Não podemos deixar de mencionar o momento concreto vivido, tempos tão difíceis da Pandemia da COVID-19, os quais causaram e ainda causam perdas irrecuperáveis. Pensar na emancipação dos sentidos constituiu-se nosso maior desafio, tendo em vista as especificidades

da cultura surda e o anseio desta pesquisa em buscar junto à Educação Ambiental a ampliação do vocabulário de Libras.

Com amorosidade de um poema e sem esquecer a rigorosidade metodológica, apresentamos de forma acadêmica essa dissertação para os leitores, na esperança de trazer conceitos como anúncio-denúncia, ação-reflexão e teoria e práxis, buscando formar seres humanos surdos e verdadeiramente bilíngues, no sentido de entender que necessitam de duas línguas, ou seja, da Libras e da Língua Portuguesa.

1.1 História de Vida

*“Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante
do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo...”*
Raul Seixas

Em primeiro lugar, solicito licença aos leitores para passar a dissertar a história de vida na primeira pessoa do singular. Ao final dessa e na sequência será retomada a primeira pessoa do plural.

Nos momentos em que fecho os olhos e recordo o período de minha infância, remeto a pessoas que não estão mais neste plano terreno como, por exemplo, a minha irmã que era surda, o que me incentivou à pesquisa em questão, e também a meu pai, meu grande incentivador de um jeito torto e muitas vezes brusco.

Caro leitor, peço licença e lhe convido a entrar em uma aventura a qual discorre sobre a minha trajetória, que apresenta imbricações nas questões particulares e profissionais.

Eu sou a primogênita de uma família de três irmãs, na qual a caçula teve diversos comprometimentos de saúde, pois logo após o seu nascimento foi diagnosticada com hidrocefalia e aos dois anos de idade como surda. A partir desse diagnóstico da surdez, com seus cinco anos de idade, minha irmã foi para a Escola Estadual de Ensino Fundamental Barão de Cêrro Largo – EEEFBCL, situada na cidade do Rio Grande, estado do Rio Grande do Sul, de tal forma que eu percebi uma nova trilha a construir junto com ela.

Nessa época, eu tinha dez anos de idade quando minha irmã e minha família adentraram neste mundo das pessoas surdas. Para minha irmã foi um encontro inesquecível e para minha família tornou-se uma concepção de vida totalmente diferente. A dúvida sempre foi companheira de caminhada, tal que surgiram diversos questionamentos, como, por exemplo: Como eram as pessoas desta comunidade? As famílias precisavam participar dessa

comunidade? Como era possível entender essas pessoas surdas? Dessa maneira, tudo o que acontecia transformava-se em uma novidade.

Aqui, o primeiro sentimento que me remete seria trazer o diálogo e indagações, mas acredito que o fundamental é aproximar os conceitos Freirianos como, por exemplo, de que a presença do ser humano no mundo não é neutra, ou seja, ela implica em escolha, decisão e ação.

Eu, minha mãe e minha outra irmã começamos a participar das aulas de Libras que eram ofertadas pelas professoras da Escola, no sentido de entender a irmã caçula e manter um diálogo com ela. Na escola ainda era administrado um currículo de Oralização, com a inserção da Libras, esse método era chamado de Comunicação Total.

Contextualizo para os leitores os termos Oralização e Comunicação Total, para que possam se apropriar de mais alguns termos que são próprios das vivências surdas. Estes eram dois métodos de ensino que eram ministrados pelos professores de estudantes surdos. A oralização, ou Oralismo, foi o primeiro método de experiência da minha irmã na escola, que segundo Kézio é:

O Método Oral enfatizou a escrita de forma mecânica, onde o aluno era condicionado à repetição sucessiva de textos, o ensino de surdos através desse método não deu conta da demanda de necessidades por eles apresentadas, formando alunos com baixa compreensão na leitura e na escrita devido ao vocabulário reduzido e a maioria desses alunos teve um processo de fala ilegível. (KÉZIO, 2016, p. 6).

O método de Oralização era um método cansativo e que não desenvolvia nas pessoas surdas uma compreensão do mundo. Esse método tinha por finalidade que os surdos falassem oralmente.

Após algum tempo, os professores da EEEFBCL fizeram uma formação de professores na cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Esta formação lhes proporcionou conhecer um novo método para desenvolver com os estudantes surdos. Esse método era a Comunicação Total que Kézio nos traz uma breve explicação:

A Comunicação Total trabalha simultaneamente com a língua oral e a sinalizada denominando essa forma comunicativa de bimodalismo, um dos recursos utilizados por essa Filosofia no processo de aquisição da linguagem pela criança e na facilitação da comunicação entre surdos e ouvintes, acredita-se que essa forma de ensino permitirá o aluno surdo decodificar as regras da língua falada na escrita, que deverá aprender por intermédio da língua de sinais. Embora a comunicação entre surdos e ouvintes estivesse melhorando foi observado que as habilidades de escrita e leitura ainda continuavam aquém do esperado. (KÉZIO, 2016, p. 09).

Esses métodos se tornavam cansativos para as crianças surdas, pois elas não aceitavam a oralização e aos poucos começaram a se recusar a frequentar as aulas de Fonoaudiologia. Essas sessões eram cansativas e intermináveis, enquanto a Libras era algo natural e contínuo.

E perceberam que a compreensão de mundo delas estava se modificando por meio da Libras. Nesta situação se faz necessário conversar com Freire (1987), pois ele nos afirma que:

As crianças precisam crescer no exercício dessa capacidade de pensar, de indignar-se de indignar, de duvidar, de experimentar hipóteses de ação, de programar e de não apenas seguir os programas a elas, mais do que propostos, impostos. As crianças precisam de ter assegurado o direito de aprender a decidir, o que se faz decidindo. Se as liberdades não se constituem entregues a si mesmas, mas na assunção ética de necessários limites, a assunção ética desses limites não se fez sem riscos a serem corridos por elas e pela autoridade ou autoridades com que dialeticamente se relacionam. (FREIRE, 1987, p. 28).

Diante desses acontecimentos os professores, juntamente com a direção da escola, pensaram em novas estratégias de ensino para estes estudantes, unindo teoria e prática e refletindo sobre suas práxis.

Para Freire (1987) quem melhor que os próprios oprimidos para entenderem o significado de uma sociedade opressora? Quais os sentimentos e os efeitos dessa opressão? E de que maneira poderia ocorrer a libertação? Uma libertação que somente aconteceria pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de luta e pelas práxis educativas. Luta realizada com amor, que mostra aos opressores que com desamor não se consegue uma sociedade justa e igualitária. Mas essa amorosidade com rigor e não aquele amor piegas, pois para Freire a amorosidade requer rigor ao método, no intuito de se efetivar esse ensino-aprendizagem de maneira holística e global.

No ano de 1990, eu cursava o 5º ano do Ensino Fundamental em outra escola pública e no turno inverso aprendia Libras. No período noturno mediava os aprendizados que eram realizados na Escola Estadual de Ensino Fundamental Barão de Cêrro Largo – EEEFBCL, na qual minha irmã era estudante, juntamente com alguns colegas dela para que realizassem as tarefas que eram propostas pelas professoras da escola. Pois desde esse ano observava que a maioria dos pais não sabia Libras e não conseguia realizar essa mediação em casa, individualmente, para cada estudante. Então os estudantes se reuniam no turno da noite na minha casa para fazer as tarefas de casa e levar no outro dia para a escola.

A minha relação com a Comunidade Surda na Cidade de Rio Grande se iniciava e juntos sonhávamos um sonho possível e com lindas raízes, porém não havia uma organização para que essa Comunidade reivindicasse seus direitos políticos de cidadania, pois neste período esses sujeitos eram crianças e não tinham modelos de surdos adultos, inclusive alguns acreditavam que não chegariam à vida adulta.

Seguindo uma organização cronológica, ainda na década de 90, as pessoas surdas deste grupo da EEEFBCL não conheciam surdos adultos. Isso acontecia com bastante frequência não

somente aqui na cidade do Rio Grande, como também ao redor do mundo. A escritora francesa surda Emmanuelle Laborit, em seu livro o “O Grito da Gaivota”, nos traz um breve relato sobre essa experiência:

Os adultos iam e vinham. Nunca acabavam. Mas eu não. Eu não haveria de partir. Tal como “gato”. Não me imaginava como adulta, via-me sempre criança. Toda a vida. Julgava-me limitada a meu estado atual. E sobretudo achava que era única só no mundo. Só a Emmanuelle que é surda, mais ninguém. Emmanuelle é diferente. Emmanuelle nunca há de crescer. (LABORIT, 2000, p. 23).

A ansiedade das crianças surdas continuava a aumentar, pois não tinham perspectiva de chegar à vida adulta. Com o desenvolvimento dessa perspectiva negativa de futuro, pais professores e familiares resolveram criar uma associação, a Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos – APADA.

Na APADA apenas os pais, professores e familiares participavam da direção e coordenavam a Associação, fazendo atividades de intercâmbio com outras associações de cidades vizinhas. O objetivo desses intercâmbios era trazer pessoas surdas, adolescentes e adultas, para que os sujeitos surdos de Rio Grande pudessem ter uma perspectiva positiva de futuro, ou seja, entender que as pessoas surdas poderiam chegar à vida adulta e seguir uma vida, assim com qualquer ser humano. E nesta passagem compreendo como os pais perseguem uma luta pela cidadania dos seus filhos:

A luta ideológica, política, pedagógica e ética a lhe ser dada por quem posiciona numa opção progressista não escolhe lugar nem hora. Tanto se verifica em casa, nas relações pais, mães, filhos, filhas, quanto na escola não importa o seu grau ou nas relações de trabalho. O fundamental, se sou coerente progressista, é testemunhar como pai, como professor, como empregador, como empregado como jornalista, como soldado, como cientista, pesquisador ou artista, como mulher, mãe ou filha, pouco importa, meu respeito à dignidade do outro ou da outra. Ao seu direito de ser em relação com seu direito de ter. (FREIRE, 1997, p. 26).

Com a frequência dos encontros de pessoas surdas das cidades e regiões vizinhas, a perspectiva dessa comunidade foi se modificando, pois já constituíam planos para um futuro. Nesses encontros as crianças surdas se deparavam com líderes inspiradores, alguns desejavam se tornarem professores, outros arquitetos, entre outras profissões e encaminhamentos. Acredito que despertou nesses sujeitos “[...] um dos saberes fundamentais mais requeridos para o exercício de um tal testemunho é o que expressa na certeza de que mudar é difícil, mas é possível” (FREIRE, 1997, p. 26).

Como situação adversa, a escola que abarcava a comunidade de pessoas surdas não possuía um número suficiente de professores, e a seriação escolar desses sujeitos era realizada somente até o 4º ano do Ensino Fundamental. Esse era um fator que desestimulava a

comunidade para continuar a estudar, pois repetiam por várias vezes a mesma série até que chegasse um novo professor para ministrar aulas na série seguinte.

No ano 2000, os estudantes que desejavam concluir o Ensino Fundamental e Médio foram forçados a se deslocarem diariamente para Pelotas, município mais próximo onde havia a Escola Especial Alfredo Dub, uma escola para surdos com Ensino Fundamental completo.

E para começar e findar o Ensino Médio existia o Colégio Pelotense, que também se localiza em Pelotas. Porém o Colégio Pelotense era uma escola regular com turmas específicas para as pessoas surdas, nele os professores não usavam a Libras, mas havia intérpretes de Libras nas salas de aula para realizar a mediação de comunicação entre a Língua Portuguesa e a Libras. A partir dessa problemática de deslocamento diário, a APADA, a Prefeitura Municipal de Rio Grande e a Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Rio Grande, juntamente com a comunidade surda, buscou as condições necessárias para findar esses deslocamentos.

Assim, o Estado do Rio Grande do Sul, representado pela Décima Oitava Coordenaria Regional de Educação – 18ª CRE, e o Município de Rio Grande, representado pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura – SMEC, uniram-se e buscaram um curso referência em Porto Alegre, no Núcleo de Pesquisa em Políticas Surdas – NUPPES da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

A proposta inicial do curso era a formação de professores para ministrarem aulas nos anos finais do Ensino Fundamental em escolas municipais de ensino regular, mas com classes especiais para surdos. O papel do Estado, representado pela 18ª CRE, era realizar a mesma formação, mas para professores do Ensino Médio, também no mesmo formato do município, criando salas de classes especiais para pessoas surdas.

A formação foi realizada em 18 meses e os professores foram designados para uma escola municipal na qual havia classes especiais para pessoas surdas, no intuito de concluírem os anos finais do Ensino Fundamental.

Reconheço que existiu um grupo de professores dos anos iniciais que fizeram esta formação, pois a proposta da Prefeitura, posteriormente, seria criar uma escola bilíngue para a comunidade surda local. Eu fazia parte desse grupo de formação de professores, e também era militante, em função de minha irmã e de seus colegas que conviviam diariamente comigo, e, agora, meu papel de mediação estava mudando de forma, pois eu estava já assumindo a prática profissional como professora e Tradutora Intérprete de Língua de Sinais.

No ano de 2001, fui nomeada como professora municipal de séries iniciais do Ensino Fundamental para o município vizinho de São José do Norte, onde comecei minha carreira como professora, na Escola Especial Santo Antônio.

Era uma Escola da Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE abrangendo pessoas com todos os tipos de deficiências, ou seja, surdos, invisuais e outros transtornos. Esses atendimentos eram realizados, e ainda continuam assim até os dias atuais, no intuito, principalmente, de atender as pessoas com deficiência do interior de São José do Norte, pois os demais indivíduos com deficiência se deslocam para Rio Grande.

Na Escola Especial Santo Antônio iniciei um movimento para que os surdos da região tivessem acesso a Libras, essa era a primeira proposta, pois na cidade não existia uma escola que ministrasse aulas com Libras. Porém, os estudantes surdos só tinham acesso à Libras, pois uma seriação efetiva não existia.

No ano de 2002, realizei o curso de Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais, sendo a primeira Tradutora Intérprete da cidade do Rio Grande. Realizei o curso no sentido de obter novos conhecimentos e também pela necessidade que a comunidade surda tinha de participar de diversos espaços. Porém, a maioria dos espaços solicitava uma certificação do profissional envolvido nessa tradução da Língua Portuguesa para Libras e vice-versa. Espaços esses em que havia o uso único da Língua Portuguesa como idioma dominante e onde eram pautadas as discussões que suleavam o destino de cidadania desses sujeitos surdos.

Ministrei aulas na Escola Especial Santo Antônio até o ano de 2005, permanecendo como professora em São José do Norte, porém a comunidade surda local necessitava de uma seriação, já que na escola era somente um grupo para socializar a Língua Brasileira de Sinais. Neste período, compreendi que havia movimentado a comunidade surda local e que o meu trabalho estaria finalizado naquela etapa.

Na perspectiva de ampliar os conhecimentos e me desenvolver profissionalmente, ainda no ano de 2005, minha formação era em Nível Médio, ou seja, no Magistério e em cursos de Extensão. No segundo semestre de 2005 me inscrevi para o vestibular na Universidade do Norte do Paraná – UNOPAR virtual e tentar uma vaga para graduação no curso Normal Superior.

Fui aprovada neste curso e iniciei a graduação que me trouxe novos desafios. Tanto que, juntamente com o meu orientador, decidi realizar meu estágio e TCC na área da surdez, já que um dos temas era as pessoas com deficiência/inclusão. Então, no ano de 2008, realizei meu estágio na 4ª série de inclusão que existia na Escola Estadual de Ensino Fundamental Barão de Cêro Largo – EEEFBCL. Minha discussão era sobre a Libras e a Língua Portuguesa e tinha como título: “As Línguas: de Sinais e Portuguesa – O que faz sentido para os surdos?”, fiz uma breve discussão sobre os significados para os surdos e como se compreendiam no mundo.

O termo inclusão, aqui utilizado, era uma expressão que a escola e os poderes públicos utilizavam para denominar uma sala de aula na qual havia estudantes surdos, ouvintes e pessoas

com outras deficiências. Pelos estudos que venho realizando tenho como compreensão de inclusão de um estudante ele participar de forma ativa e integral do processo de ensino-aprendizagem e não somente estar na sala de aula. Porém utilizei este termo, pois a ideologia dominante e o sistema no qual somos produto e produtores necessitam realizar tais nomenclaturas.

Já ano de 2005 a Prefeitura de São José do Norte, a pedido da Escola Estadual de Ensino Fundamental Barão de Cêrro Largo – EEEFBCL, aprovou a minha cessão para essa Escola do Estado e comecei a realizar projetos e trabalhos culturais com os estudantes surdos, como, por exemplo, teatro, participação no Coral de Surdos que a escola mantinha, dentre outros projetos, assim como a tradução de algumas salas que tinham a inclusão dessas pessoas surdas e que os professores ministravam as aulas em Língua Portuguesa.

No ano de 2004 fui designada a ser Tradutora Intérprete do 4º ano inclusivo. Acredito aqui ser necessário explicar para o leitor que esse 4º ano era uma turma que tinha estudantes surdos e ouvintes na mesma sala, e também havia uma professora regular e apenas um intérprete de Libras para cada sala. Por esse motivo recebeu essa nomenclatura.

Neste ano de 2004 a escola realizou um projeto piloto de 4º e 5º anos de inclusão com estudantes surdos e ouvintes na mesma sala e Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais. Esse projeto duraria em média dois anos até os professores do Curso de Capacitação se formarem, o que aconteceu em 2005, pois no ano subsequente os estudantes a partir do 4º ano já seriam designados para a escola municipal que teria as classes de surdos, com seriação de 4º a 8º ano.

A comunidade surda não se acomodou diante

Da educação, que não podendo jamais ser neutra, tanto pode estar a serviço da decisão, da transformação do mundo, da inserção crítica nele, quanto a serviço da decisão da transformação do mundo, da inserção crítica nele, quanto na imobilização, da permanência possível das estruturas injustas. (FREIRE, 1997, p. 27).

De 2006 a 2013 aconteceram os anos de tensionamentos, pois as pessoas surdas estavam inseridas na seriação, mas isso não era suficiente, porque eram separados os dos anos iniciais daqueles dos anos finais do Ensino Fundamental. Os estudantes do Pré-escolar ao 4º ano do Ensino Fundamental continuariam na EEEFBCL, e os demais estudantes surdos do 5º ao 8º ano seriam designados para uma escola municipal que teriam os professores formados no curso para ministrarem aulas nas classes especiais. Assim, ficou a dúvida de como seria desenvolvida a cultura, a identidade e as referências desses sujeitos. O movimento agora era uma nova-velha reivindicação que seria a proposta da Escola Bilíngue de Ensino Fundamental.

Fiquei afastada da Comunidade nos anos de 2007 a 2011, pois estava trabalhando na Secretaria Municipal de Educação e Cultura de São José do Norte. Neste período acreditava que não poderia mais contribuir com a Comunidade e que as pessoas surdas já possuíam autonomia para lutarem por seus objetivos.

Porém em 2011 eu estava cansada dos trabalhos burocráticos desenvolvidos na SMEC de São José do Norte, então surgiu uma proposta de trabalho noturno na cidade do Rio Grande, como Tradutora de Libras para estudantes da Educação de Jovens e Adultos – EJA do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS Campus Rio Grande. Nessa ocasião, eu aceitei o desafio e trabalhei por contrato nos dois anos seguintes, me inserindo na Comunidade novamente e voltando gradativamente à militância.

Já no ano de 2014 a comunidade conquistou uma escola bilíngue na qual a sua primeira língua, a Língua Brasileira de Sinais, seria respeitada e como segunda língua teriam a Língua Portuguesa. A escola foi constituída em um prédio central, alugado pela Prefeitura, e recebeu o nome de uma professora que militou para abertura da escola, Carmen Regina Teixeira Baldino. Neste mesmo ano, eu iniciei meu trabalho como servidora da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

Inserida na Universidade passei a realizar a intermediação entre os surdos e os ouvintes nos mais diversos espaços em que sou designada para assumir tal compromisso, que é meu papel profissional na FURG como Tradutora Intérprete de Língua de Sinais – TILSP.

Friso que foi necessário realizar reuniões e conversas com os mais diversos professores, no sentido de explicar qual é o papel do TILSP. É necessário citar isso, pois alguns profissionais confundem os TILSPs com uma agenda ou uma babá de pessoas surdas, e nosso único papel é realizar a efetiva comunicação entre as pessoas surdas que utilizam a Libras e as pessoas ouvintes que não utilizam. Arrisco-me ainda a mencionar que somos o meio pelo qual a comunicação acontece entre surdos e ouvintes.

Na intenção de ampliar os meus conhecimentos e dar continuidade aos meus estudos, iniciei no ano de 2013 uma Especialização em Tecnologias da Educação à Distância, curso ministrado na modalidade à distância, pois sentia a necessidade de pesquisar quais as tecnologias que existiam, caso os estudantes surdos desejassem realizar cursos nessa modalidade, e também como seria a acessibilidade caso alguma pessoa surda precisasse fazer algum curso. Finalizei essa Especialização em 2014.

Nos anos de 2015 a 2017 continuei trabalhando na Universidade com projetos em parceria com a escola e com o Centro das Ciências Computacionais da FURG – C3-FURG.

Assim, me senti motivada a cursar duas disciplinas no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade – PPGEDU-FURG.

Registro aqui que tinha intenção de cursar uma pós-graduação, mas no ano de 2018 não realizei nenhuma seleção no Programa, por motivos de problemas de saúde na família.

Com o falecimento de meu pai, minha família ficou reduzida a mim, minhas duas irmãs e minha mãe e estávamos numa jornada de hospital, casa e trabalho. E após dolorosos anos de luta contra algumas degenerações físicas, minha irmã surda e grande inspiração nos deixa, ainda jovem, aos seus 32 anos.

Neste momento recebi o apoio de minha família, primeiramente, e depois de uma quase irmã, Cristiane Lima Terra Fernandes, que me motivaram a continuar e perseverar nos estudos.

No ano de 2019 eu tentei uma seleção para o PPGEDU da FURG, mas não fui selecionada. Assim, comecei a estudar e tentar entender sobre o que seria o Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA da FURG.

Em 2020 me dediquei à seleção com o incentivo das mesmas pessoas que estão sempre junto comigo, e consegui ser selecionada e iniciar os estudos de Mestrado.

Enfatizo que a minha proposta é realizar a produção coletiva de um Glossário de Libras em favor de uma Educação Ambiental Transformadora, crítica e revolucionária. A partir disso, me proponho a pensar nessa educação dialogando com Loureiro (2003):

Em termos conceituais, transformar é uma palavra que permite várias ênfases: transmutar, converter, alterar, mudar de domínio, mudar de forma, transfigurar. Transformação ocorre no processo de realização da vida, podendo implicar diferentes níveis de alteração. Pensado desta forma, é um conceito que se refere ao reconstruir o conteúdo que dá a identidade de algo, ou seja, é o que faz com que, em um momento de "desconforto", seja possível se encontrar uma alternativa coerente com certos princípios e valores de um determinado grupo ou indivíduo por meios previstos, ou não, inicialmente. (LOUREIRO, 2003, p. 37).

Assim, pude ter a oportunidade de realizar as orientações com o Professor Doutor André Luís, que faz seus atendimentos com maestria conduzindo o grupo a construções coletivas, nas quais uns sujeitos apóiam os outros e, segundo Loureiro *et al.* (2014), “um processo de aprendizagem em que os conteúdos e metodologias não estão dissociados, em que a seleção dos conteúdos escolares facilite a apreensão dos processos (Construção/reconstrução)” (LOUREIRO *et al.*, 2014, p. 34). E dessa maneira estou me constituindo como estudante e pesquisadora.

Em 2020 cursei algumas disciplinas que fortaleceram meu aporte teórico: Princípios da Educação Ambiental; Leituras de Paulo Freire I; Leituras de Paulo Freire II; Abordagem do Desenvolvimento Bioecológico; e, Filosofia da Educação.

Quando adentrei o ano de 2021 fiz as disciplinas de Educação Ambiental e Materialismo Histórico e Dialético; Metodologia da Pesquisa; Diálogos da Educação Ambiental; e, Marcos de Fundamentação e Modelos Teóricos Contemporâneos. As três primeiras ministradas pelo Professor Doutor Luis Fernando Minasi, pois sentia necessidade de me aproximar da Teoria do Método Marxista, e a última ministrada pelo Professor Doutor José Vicente, que me trouxe o contato direto com os autores de livros e artigos para que eu pudesse refletir como se dá o conceito operacional de Educação Ambiental na produção de um Glossário de Libras para a Educação Ambiental Emancipatória.

Tenho uma urgência e preciso registrar que ainda são muitas novidades e que estou tentando resignificar os conceitos que estou aprendendo.

Tudo está sendo registrado desde o ano de 2020, as disciplinas cursadas, as *lives*, os cursos. O projeto para a pesquisa de campo foi aprovado no dia 26 de fevereiro de 2022 pela Plataforma Brasil, e desde então comecei meus contatos com o microsistema que é a reunião com o Grupo Focal.

Nosso primeiro contato foi após a qualificação do projeto de pesquisa na qual a banca examinadora teve o cuidado de orientar a retirada dos estudantes surdos da Escola do Grupo Focal, pois eram estudantes do Ensino Fundamental e não teriam as condições necessárias para realizar um diálogo efetivo com os demais membros do Grupo Focal.

Por esse motivo, antes do período de liberação da Plataforma realizei uma busca de estudiosos da surdez que trabalhassem com conceitos Freirianos. Minha busca foi bem densa e, conforme orientações e contatos que me foram ofertados, busquei esses estudiosos, mas sem sucesso.

Os vídeos e estudos que são realizados pelos estudiosos da surdez ainda estão na aparência de realizar apenas tarefas, ou seja, fazer estudos para sanar uma determinada necessidade das pessoas surdas, para que esse conteúdo seja acessível em Libras e não há grupos que se aprofundem nas questões de Libras e Educação Ambiental Emancipatória.

Assim, e retomando a questão do Grupo Focal, realizei um primeiro contato com os professores, com os TILSPs, com os estudantes da FURG, com uma professora da Escola Bilíngue que se propôs a participar e uma intérprete do IFRS – Campus Rio Grande. Posteriormente, no corpo do trabalho, irei detalhar as participações de todos e todas. E este Grupo sulleu as discussões virtuais realizadas, acreditando na emancipação das pessoas surdas.

O movimento da Comunidade Surda está nas suas reivindicações sociais, ou seja, novas lutas quando essa reivindica uma associação com membros ativos e uma central de intérpretes,

que sejam subsidiadas pelo município, pois a escola se tornaria uma referência para todas as questões da área da surdez.

Aqui faço uma pausa e questiono: Mas isso seria o papel da escola?

Em última análise, se progressista coerente, devo permanentemente testemunhar aos filhos, aos alunos, as filhas, aos amigos ou a quem quer que seja a minha certeza de que os fatos sociais econômicos, históricos ou não se dão desta ou daquela maneira porque assim teriam de dar-se. Mais ainda que não se achem imunes de nossa ação sobre eles. Não somos apenas objetos de “vontade”, a eles adaptando-nos, mas sujeitos históricos também, lutando por outra vontade diferente: a de mudar o mundo, não importando que essa briga dure um tempo tão prolongado que às vezes nela sucumbam gerações. (FREIRE, 1997, p. 28).

Essas são minhas passagens, fragmentos de minha vida, inserida em uma comunidade que faz parte da minha práxis, pois enquanto trabalho convoco a luta, a todas as marchas, assim como Freire findou uma de suas cartas:

Nela convocou outras marchas. Com a humildade habitual não disse, sequer mencionou, que essa Marcha também tinha suas raízes na sua compreensão de educação libertadora. Que movimentos sociais brasileiros ganharam, não só o MST, indiscutivelmente, consciências nas suas práxis, através do que ele, Paulo propôs no seu trabalho teórico antropológico-ético-ideológico-político-educacional. (FREIRE, 1997, p. 30).

Então posso dizer que relatei um pouco de minha constituição ontológica que faz parte dessa Comunidade Surda. Eu sou assim, como um ser humano inacabado e inconcluso, mas com muitas utopias e sonhos que me movem. Fazendo parte de uma educação política, participativa e revolucionária e, acima de tudo, promovendo a emancipação humana.

Assim, findo temporariamente minha ontologia e verso também com minha história de vida. Aqui me preparei para uma bela escrita sobre essa produção coletiva de um Glossário de Libras bilíngue que contemplaram, mesmo que momentaneamente, e como um primeiro movimento da Consciência, o pensamento e raciocínio dos conceitos e sinais-terminos para a Educação Ambiental Emancipatória.

1.2 O Início de uma Trajetória

“Em Marx eu encontrei uma certa fundamentação objetiva para continuar camarada de Cristo”
Paulo Freire

É uma tarefa árdua e complicada deixar nascer essa dissertação de Mestrado, porém nos aproximamos dos autores nos quais estamos embasados, assim como das contribuições dos colegas do grupo de orientação e do apoio primordial do meu orientador.

No ano de 2021 fui convidada para participar do Grupo de Pesquisa Pão, Manteiga e Marx – Café de sábado, coordenado por Leandro Fávaro e que tem como líder o Professor Doutor Luis Fernando Minasi, o que me traz um grande referencial para inserir o Materialismo Histórico e Dialético e entender seu uso nas práxis educativas.

Justificamos as leituras em relação à Comunidade Surda e as concepções ambientais que permeiam essa construção. Revelamos ainda que esta construção teórica nos deu o fôlego necessário para tornar esse Glossário humanizado.

Ao nos referirmos ao capítulo anterior, utilizamos a primeira pessoa do singular, mas no sentido de que daqui até o final da pesquisa essa escrita é coletiva, seria discrepante utilizar o “eu”, pois meu orientador, o grupo de pesquisa e de orientação e o grupo Pão, Manteiga e Marx – Café de sábado são partes integrantes dessa narrativa. Portanto, retomamos a primeira pessoa do plural, pois nos constituímos dialogicamente nos processos de ensino-aprendizagem.

O ano de 2020 foi um ano atípico para toda a humanidade no qual aprendemos a ser humanos de outra maneira, pois devido à Pandemia da COVID-19 é preciso citar a dificuldade de lidar com as mídias invadindo os diferentes espaços e ameaçando a privacidade de todos. Não éramos mais nós que adentrávamos na Universidade, mas é a Universidade que adentra em nossa casa, de tal maneira que transformações foram realizadas.

Compreendemos que a produção desse Glossário foi com a amorosidade das pessoas surdas e constituímos essa aproximação. Porém existia uma expectativa, e considerando a prática como critério de verdade, nossa aproximação com o Grupo Focal deixou a desejar. E esse deixar a desejar significa que o Grupo na sua totalidade não estava envolvido na realidade objetiva e nem tampouco na subjetiva.

E, neste sentido, realizamos compreensões do modo como essa proposta foi recebida por essas pessoas surdas e ouvintes, tendo o intuito de propor uma construção coletiva, com amorosidade. A partir disso, nos sentimos inquietos em relação a essa construção, pois a princípio foi permeada e escrita por nós com conhecimentos desenvolvidos com a Educação Ambiental, crítica, transformadora e revolucionária. Quisemos partilhar esse sentimento de amorosidade verdadeiramente e impregnar nessa Comunidade Surda, pois reconhecemos a necessidade de que os surdos fossem partícipes e políticos, para que o Glossário apresentasse frutos para uma linda colheita dessas pessoas.

Alguns questionamentos geraram e até o presente momento geram inquietações desde o início quando adentramos no curso de Pós-Graduação em Educação Ambiental. De lá para cá realizamos leituras de autores sobre esse tema.

Na Biobibliografia de Paulo Freire o texto que mais se aproxima dessa construção é: “O Tango e Paulo Freire: Carta a Moacir Gadotti”, escrita por Carlos Alberto Torres na qual o autor remete a situações cotidianas de Paulo Freire, assim como traz a dialética e as questões de duas línguas envolvidas, questões que trazem novos saberes que foram acrescentados à pesquisa.

Torres (1987) apresenta o tango:

O tango expressa em partes os sonhos dos novos imigrantes nas grandes cidades, nas angústias do trabalho, da família com seus problemas afetivos, expressa a necessidade de os *marginalizados* encontrarem um lugar. Creio que esta é uma área importante de exploração: o tango, como expressão humana, existência, indubitavelmente deve tocar Paulo Freire. (TORRES, 1987, p. 205, grifo do autor).

Esse sentimento é compartilhado com a comunidade surda há décadas, devido à luta por uma comunicação em sua língua nativa que é a Libras. Embora já exista a Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, e o Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, ainda persiste uma desigualdade nessa diversidade de comunicação, assim Torres (1987) enfatiza o tango como um momento de decadência, uma crítica social e também “[...] como alternativa linguística, como composição do arrabal que provavelmente chame muito a atenção linguística, estética e musical de Paulo Freire” (TORRES, 1987, p. 205).

Os movimentos da pesquisa foram realizados no sentido de entender a Educação Ambiental em sua perspectiva crítica e compreender o processo de ensino-aprendizagem das pessoas surdas. Processo que desenvolvemos com as pessoas surdas para que tivessem enquanto possibilidade compreender a realidade pelos outros sentidos, que não o da audição, mas do tato, paladar, visão e cheiro. E ainda compreendemos como sentidos mais desenvolvidos o **pensamento** enquanto forma de abstração da realidade objetiva, a **emoção** como motivação para agir e transformar a realidade objetiva e o modo de produção que estamos imersos e a **vontade** de aprender e compreender para aguçar todos os nossos sentidos desenvolvendo as múltiplas determinações.

Paulo Freire está presente nesse contexto como eixo fundante da amorosidade, do humanismo e de novos saberes. Reconhecemos que as leituras trouxeram e acrescentaram outras possibilidades críticas e transformadoras.

Encontramos estudantes da pós-graduação criando e desenvolvendo novos glossários nas mais diferentes áreas de conhecimento, porém ainda não encontramos nenhum relacionado a essa perspectiva ambiental a qual está sendo abordada, que é a perspectiva crítica, transformadora e emancipatória.

Conforme orientações da banca buscamos outras possibilidades de pesquisa, como plataformas online: *Youtube, Facebook, Instagram* e conseguimos entrar em contato com os autores do Dicionário Paulo Freire, que com muita atenção nos escutaram entendendo nossa proposta.

A proposta era de que os principais termos deste Dicionário fossem acessíveis na Língua Brasileira de Sinais e na Língua Portuguesa, se tornando efetivamente bilíngue. Ainda dissertando sobre a proposta entramos em contato com alguns TILSPs e estudiosos da surdez para entender algumas publicações que eram realizadas em relação a livros de Paulo Freire e algumas traduções na Libras que se relacionavam com a nossa pesquisa.

Pela investigação, compreendemos que os trabalhos realizados com a Libras e a relação com o Dicionário Paulo Freire eram todos experimentais, com intuito de trazer aos surdos uma compreensão de como era a Obra Freiriana.

Ainda se refletirmos sobre tais trabalhos que são de estudiosos da surdez eles têm o intuito ideológico do nosso modo de produção que é o de produzir constantemente para realizar algumas tarefas que nosso explorador nos faz cumprir.

Também estes registros são sinais provisórios, combinados por um determinado grupo que objetivava uma breve compreensão daquele contexto de pesquisa. Na nossa metodologia detalharemos a proposta desta pesquisa e os caminhos que foram trilhados.

Nesse sentido, também recorremos ao que nos é próximo, ou seja, ao PPGEA FURG, onde encontramos quatro pesquisas em relação à surdez: uma de um discente surdo, duas de TILSPs da área, e outra de um professor. Nesta lógica não observamos os saberes da Educação Ambiental sendo utilizados com o propósito de contribuir para o Programa de Pós-Graduação, pois não foram registrados os sinais das pesquisas acima citadas.

Utilizamos a ordem cronológica das escritas: a primeira escrita findada no ano de 2011, da autora Cristiane Lima Terra. A dissertação traz no seu contexto uma preocupação com a constituição da identidade dos educandos dentro de uma escola especial e na perspectiva das Três Ecologias de Felix Guatarri. O texto relata uma experiência empírica da pesquisadora, que se constituiu educadora infantil de formação para crianças de classes regulares, porém no decorrer de seu percurso, realizou um curso de formação para área da surdez.

No intuito de adquirir conhecimentos extras e de qualificar seu trabalho, buscou o Mestrado na Educação Ambiental. Sua pesquisa foi realizada em uma escola especial para pessoas surdas localizada em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. A autora realizou essa escolha, pois compreendia que necessitava observar uma turma de Educação Infantil na qual as aulas eram ministradas por uma professora surda. Sendo assim, a escola também tinha

em seu registro histórico ser a pioneira do estado do Rio Grande do Sul e referência de ensino de pessoas surdas.

Ensino que começa na Educação Infantil e se finda no Ensino Superior, pois tem a Universidade Luterana do Brasil – ULBRA como possibilidade de ingresso desses estudantes. Porém, sabemos da impossibilidade da maioria da Comunidade em ter condições financeiras para poder ter um ensino particular.

O que se faz presente frisar é que a investigação comprova que as pessoas surdas tornam seus aprendizados prazerosos e proveitosos se estiverem em contato com seus pares.

Dialogamos com Terra (2011):

Os surdos preservam sua cultura na busca de sua diferença de ser, vivendo experiências, suas transformações, seu modo de vida. Eles sentiram a necessidade de deslocar-se da cultura ouvinte ou cultura universal não só para mostrar a sua diferença, mas por sua diferença necessitar e dar origem a uma cultura diferente. A diferença cultural que existe entre elas coloca a cultura surda como autônoma. A Cultura surda é então a diferença que mantém a prática social dos surdos e que comunica um significado. (TERRA, 2011, p. 41).

Complementando essa fala compreendemos a urgência de reportar a duas autoras surdas, de grande renome, Strobel (2008) e Perlin (2004). Ambas retratam a cultura surda como uma prioridade, nesse sentido, Strobel afirma que as pessoas surdas possuem um “[...] jeito surdo de entender o mundo” (STROBEL, 2008, p. 31), no sentido ter novas percepções e o tornar acessível com suas percepções visuais e dos demais sentidos e retrata: “Isto significa que abrange a Língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo” (STROBEL, 2008, p. 18).

E para complementar as questões culturais que estão associadas aos Estudos Surdos, utilizamos o trabalho de Perlin (2004), que afirma que os seres humanos percebem as questões culturais surdas com vistas para a cultura dominante, “no entanto, a Cultura surda, vista do nível das múltiplas culturas ou da proliferação cultural ou das diferenças, faz com que transpareça com toda sua excelência nas linguagens constitutivas das culturas” (PERLIN, 2004, p. 73). E para ter um bom entendimento dessa cultura é necessária uma vasta experiência das pessoas surdas e todas as transformações que se encaminham para esse ser humano.

Aqui compreendemos a necessidade de explicitar para os leitores o que os estudiosos da surdez entendem por Cultura Surda e por Identidade Surda, pois no decorrer do texto e conforme alguns questionamentos da banca de qualificação esses conceitos não tinham tido a possibilidade de compreensão na sua totalidade.

Conversamos com Mendes e Cunha (2020), que contribuem para nossa compreensão sobre Cultura Surda:

A cultura surda, em termos políticos e sociais, é vista, também, como bandeira de luta por legitimidade dos direitos do surdo, contra uma grande desigualdade e preconceitos ainda existentes. O próprio termo “cultura” agrega uma significação de busca de reconhecimento da existência da comunidade surda. Seguindo esse viés de discussão, Santana (2007, p. 46) diz que “[...] acredita-se também que o termo “cultura surda” (e sua legitimação) é produto exclusivamente dos surdos, enquanto aos demais grupos da sociedade, ou melhor, aos ouvintes, é subtraída qualquer participação na adoção do termo”. (MENDES e CUNHA, 2020, p. 07).

Mas ainda temos uma dúvida em relação à nomenclatura de Cultura Surda e Cultura da surdez. Os estudiosos da surdez utilizam o termo Cultura Surda, pois têm a compreensão de ser pertencente a uma comunidade. Na pesquisa por trabalhos do campo da surdez não encontramos a expressão Cultura da surdez.

No momento atual, compreendemos também ser de fundamental importância entender o que os estudiosos da surdez têm como conceito de Identidade Surda, sendo assim conversamos com Soltes *et al.* (2017):

É visto que a identidade é algo que se modifica constantemente, se constrói nas diversas situações e comunidades, “está sempre em construção, em movimento e principalmente em transformação, na medida em que se relaciona com o outro”, Hall (1997). A luz disso é que se dá a edificação da identidade, não sendo diferente para a pessoa surda. As múltiplas identidades não se detêm somente a seus pares iguais, mas sim a toda uma comunidade diversificada. (SOLTES *et al.*, 2017, p. 02).

A segunda escrita é uma tese onde o autor Marcus Hübner deixa no site do PPGEA da FURG registros que teve em relação às suas vivências na pesquisa, que realizou em uma escola especial no município de Novo Hamburgo, relatando a interculturalidade da Educação Ambiental e a Cultura Surda na práxis da sala de aula.

Paralelamente às observações realizadas na sala de aula dos estudantes surdos, também foi realizado um curso de formação para multiplicadores ambientais. Foi uma pesquisa de cunho narrativo e biográfico. Na sua transcrição, compreendemos uma escrita hermenêutica que permite uma aproximação amorosa, cognitiva e afetiva com os sujeitos e com os objetos.

No decorrer da nossa escrita acadêmica dialogamos com Hübner (2012) que entende que:

O desafio do educador, mais do que conhecer esses saberes, talvez esteja no fato de compreender as relações entre os mesmos; as redes sociais de trocas de saberes através das quais estão fortemente amarrados os valores, as identidades. Há um tecido social pedagógico-educativo, em que os seres humanos constroem, desconstroem, e novamente, constroem suas identidades e seus valores. A compreensão do caráter coletivo e ritual do processo educativo leva-nos a resgatar algo essencial, que é a cultura popular. Educação e cultura precisam ser recuperadas como vínculo estreito. Estudo e produção de vida fazem parte do mesmo processo de humanização; assim como fazem parte do processo de humanização a luta por direitos iguais e o respeito à diversidade, nesse caso, a diversidade entre a cultura ouvinte e a cultura surda, ambas com igual validade e necessidade. (HÜBNER, 2012, p. 17).

Na leitura desse trabalho captamos um trecho que se imbricou com a nossa escrita de uma construção coletiva, de acordo com Hübner (2012): “[...] uma reflexão centrada na inter-relação entre saberes e práticas coletivas que criam identidades e valores comuns e ações solidárias, em uma perspectiva que privilegia o diálogo entre saberes” (HÜBNER, 2012, p. 48).

Ademais, a tese traz um contexto de sua pesquisa na escrita e nos anexos que Hübner inseriu. Insistimos ainda que os anexos em forma de vídeos são exclusivos deste autor, que tem os registros das atividades realizadas durante a pesquisa. Porém não há nenhum questionamento sobre o conjunto de sinais-termos utilizados, apenas uma simples reprodução de ordem natural, ocorrida pela mediação de conhecimentos dos cursos de Libras e utilizado para a comunicação comum entre educador e educando.

A terceira escrita se constitui na dissertação de Saionara Figueiredo Santos, de 2013. O texto traz os recursos imagéticos da Comunidade Surda na prática de uma professora e como esta assimilou e mediou os conceitos com os discentes. Compreendemos também uma dialética entre o igual e o diferente, e a sua escrita traz a Educação Ambiental como transformadora perpassando as práticas de discentes e docentes.

Devemos salientar sobre a falta de registros de vídeos nas dissertações e tese, uma lacuna, visto que a Comunidade Surda e suas designações se formam pelas imagens e registros visuais.

A representação social da surdez é a forma como se desenvolve o conhecimento prático, no sentido da compreensão do contexto social no qual a pessoa surda está imersa, por meio de imagens, teorias e conceitos. Mas esse desenvolvimento não se reduz somente ao cognitivo, mas também são levados em consideração as funções simbólicas e ideológicas e as formas de comunicação.

A autora Santos (2013) ressalta a importância da língua materna e a identificação entre imagem e significação e como elas se produzem na realidade subjetiva das pessoas surdas. A sua pesquisa de campo tem como eixo suleador a metodologia do Materialismo Histórico e Dialético realizando suas observações. O método se desenvolve em identificar o fenômeno e assim compreender sua gênese e suas transformações num processo de movimento e mudança.

A pesquisa de Santos (2013) movimenta e permeia os estudos com intuito de registrar como se dão os processos de ensino-aprendizagem das pessoas surdas. A autora também realizou o registro da primeira dissertação do PPGA na área da surdez em que há uma discussão da Educação Transformadora e Emancipatória.

Ainda, na continuação dessa escrita de dissertação, Santos (2013) faz referência à obra de Layrargues e Loureiro (2004) sobre a questão emancipatória e transformadora, que está ancorada no diálogo e na formação global dos sujeitos.

Em relação a isso dialogamos com Layrargues (2004):

A ação emancipatória é o meio pelo qual podemos romper com a barbárie do padrão vigente de sociedade e civilização. Emancipação e transformação social são elementos que explicitam não se trata de uma educação ambiental genérica, de um conjunto de conceitos que servem indistintamente para qualquer atividade que se autodenomine como Educação Ambiental. (LAYRARGUES, 2004, p. 15).

Neste movimento histórico, chegamos ao quarto registro de pesquisa, também do PPGEA-FURG. Esta pesquisa é de um discente surdo, Marco Aurélio Rocha Di Franco, que tem como episteme sua experiência empírica no convívio com as pessoas surdas.

O autor faz um registro da representação social dos surdos na historicidade da Confederação Brasileira de Desportos Surdos – CBDS neste ambiente e relaciona à Educação Ambiental. A pesquisa teve como objetivo principal relatar as subjetividades dos sujeitos surdos pelas práticas desportivas, assim como realizar um estudo detalhado dos documentos que registram a história da CBDS.

A CBDS rege a prática de esportes e a inserção social das pessoas surdas por meio do esporte. Neste sentido, dá diretrizes, seleciona e classifica para as olimpíadas internacionais das pessoas surdas. Os participantes são atletas surdos, e a diretoria da Confederação é composta por estes atletas que organizam esse órgão.

Resgatamos a historicidade desse autor que possui formação em Educação Física, é atleta da Confederação e trabalha como membro representante dela. O autor fez um resgate histórico de sua trajetória na comunidade por meio dos esportes e também trouxe os movimentos surdos que foram originados no seu percurso.

Di Franco trouxe a relação das Três Ecologias de Felix Guattari com a formação da subjetividade e o entendimento do que seriam as lutas para essa comunidade surda. Sua dissertação foi utilizada como documento referencial para registrar a história da CBDS. Faz-se emergente trazer algumas falas do autor para elucidar sua narrativa que foi de fundamental importância.

Di Franco (2014) nos traz a questão da inclusão das pessoas surdas pela comunicação em Libras em espaços públicos, buscando uma sociedade essencialmente humana, mas preservando as características culturais das pessoas surdas. O autor também trouxe de forma marcante a questão de bons militantes para ressignificar as preocupações com as pessoas surdas em um coletivo do mundo e com o mundo.

Por meio dessas reflexões, compreendemos a necessidade de repensar as dissertações, teses e conceitos utilizados na Educação Ambiental, mas com inconformismo. A compreensão e leituras que foram oportunizadas tiveram o intuito de dialogar com os estudiosos da surdez sobre os sinais já existentes. E como prática crítica realizamos estudos dos principais conceitos da Educação Ambiental para que fosse iniciado um processo de conscientização bilíngue.

No primeiro contato com o Grupo Focal fomos demonstrando a incompatibilidade de dois sinais iniciais que não tinham a possibilidade de continuar assim. Então, enquanto Grupo de estudiosos sobre a surdez, avaliamos os sinais-termos *Educação e Ambiental*. Estudamos estes sinais-termos, mas não de maneira dissociada, ou seja, o modo como se apresentam em Língua Portuguesa que são duas palavras, e o modo como se apresentam na Libras. Realizamos o entendimento sobre o contexto que esses termos eram utilizados e quantos sinais-termos utilizaríamos.

Neste sentido os sinais-termos que o Grupo usava eram os mesmo que nós já tínhamos conhecimento e que são os mesmos que iremos mostrar a seguir com sua contextualização e enfoque nas duas línguas.

O sinal-termo que foi dialogado e posto em discussão foi o de *Educação* (FIG. 1), pois enquanto sinal-termo tem como significado, que está imerso nessa sinalização, de que o professor, ou a pessoa que ensina, é o detentor do conhecimento. Esse sentimento não se faz presente na nossa perspectiva, pois conversando com Freire ele nos diz:

Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que, na prática “bancária”, são possuídos pelo educador que os descreve ou os deposita nos educandos passivos. (FREIRE, 1987, p. 30).

Porém, nessa primeira discussão, os participantes do Grupo Focal entenderam que o sinal-termo de *Educação* deveria continuar da mesma maneira, pois era um sinal-termo convencionalizado pela comunidade surda há muitos anos e era desnecessário, na compreensão do Grupo, modificá-lo, embora tenham a compreensão de que na Teoria de Paulo Freire teria outro sentido/significado.

Sobre as discussões do Grupo Focal iremos nos deter com maiores detalhes na metodologia.

A seguir temos a FIG. 1 que pelo diálogo com o Grupo esse sinal permaneceu o mesmo:

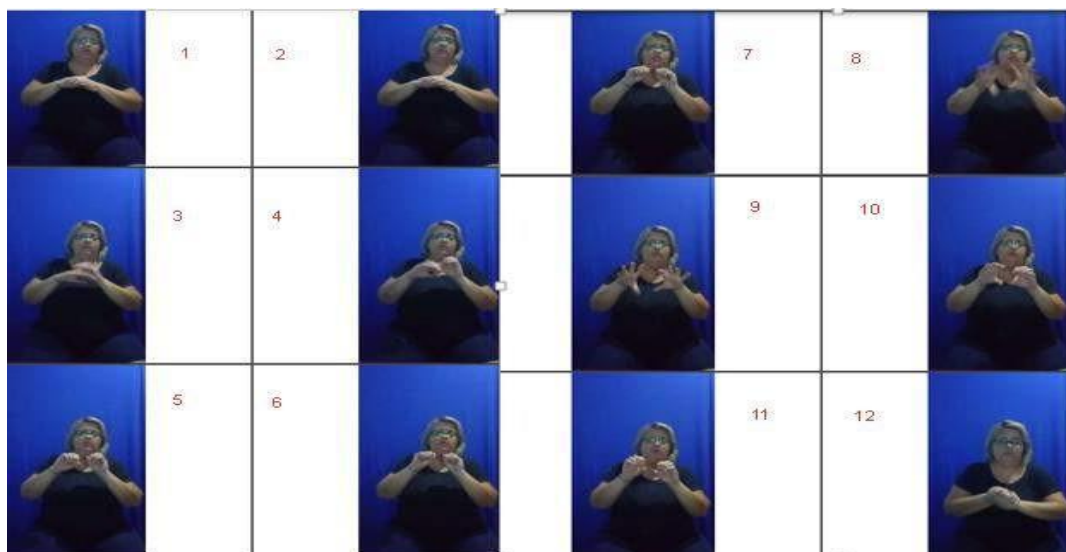


FIGURA 1 - Sinal-termo *Educação*

Fonte: Elaborado pela autora.

Na sequência o sinal-termo que foi posto em diálogo foi o de *Ambiental* (FIG. 2), pois esse sinal-termo se refere à floresta, e as mesmas perguntas que encaminhamos neste texto para os caros leitores foram realizadas no diálogo com os estudiosos da surdez: a Educação Ambiental é somente a natureza natural? Somente é possível encontrá-la nas florestas? Não existem outros ambientes além desses?

Sim, a natureza faz parte da ontologia humana e não se dissocia a natureza natural da natureza humana, estão inter-relacionadas com suas múltiplas determinações.

Ademais, Torres (1987) retoma a questão dialética que se estabelece entre duas línguas “[...] que o tango foi um vínculo de comunicação indubitável, que estabeleceu um diálogo fluido entre os setores populares e nacionais, tanto quanto foi e é o futebol” (TORRES, 1987, p. 207).



FIGURA 2 – Sinal-termo *Ambiental* – antes do Grupo Focal

Fonte: Elaborado pela autora.

Neste sinal-termo nós do Grupo entendemos que o ambiente ou ambiental se constituem nas relações que são dadas independentemente da nossa vontade e são elas: Homem-Homem, Homem-Natureza, Natureza-Natureza e Natureza-Homem, imbricados pelas relações sociais e tendo a prática social como critério de verdade.

Assim, o sinal-termo foi modificado pelo Grupo Focal tendo como entendimento que para os ambientes naturais podemos usar o sinal-termo de *floresta*. Esse sinal-termo de *floresta* seria utilizado apenas nas relações de Natureza-Natureza.

Já a Natureza-humana que, por meio do trabalho pode transformar as relações, está presente em todos ambientes. Esses ambientes também são todos os locais nos quais perpassamos, tais como a escola, a sociedade e as relações sociais estabelecidas nesses ambientes, assim como o tensionamento entre as forças produtivas e as relações de produção do modo de produção vigente.

Por essas compreensões é que criamos esse novo sinal-termo:



FIGURA 3 - Sinal-termo *Ambiental* – desenvolvido pelo Grupo Focal
Fonte: Elaborado pela autora.

A Educação Ambiental apresenta uma amplitude de conhecimentos que estão transversalizados e são compreendidos pela teoria e prática. Ademais, está presente no contexto político, social, cultural e econômico, tal que os ambientes são os mais variados possíveis, como escola, família, amigos, diferentes contextos etc.

Igualmente, foram dialogados outros sinais-termos com os participantes do Grupo Focal, pois foi necessário repensar e construir alguns conceitos e sinais-termos.

Encontramos alguns sinais-terminos dos verbetes⁶ do Dicionário Paulo Freire e questionamos se estavam condizentes ou não com a teoria apresentada. Estes sinais-terminos encontramos na internet e alguns tinham o sinal-termo que se referia à mesma palavra em Língua Portuguesa, mas o significado dentro da Teoria Freireana não condizia com tal sinal-termo.

Na obra *Pedagogia do Oprimido* encontramos o primeiro conceito que iniciou nossas reflexões. A categoria ação-reflexão-ação, no sentido de pensar sobre a prática e modificá-la por meio da teoria, mas não de uma teoria ativista e sim no sentido da ação feita, ou seja, passar para a reflexão de como modificar essa ação e assim fazer, para transformar essa ação, pensando no conceito ação-reflexão-ação.

Acreditamos que fizemos esse processo no sentido de pensar esses sinais que já estão postos e prontos perante a comunidade surda. Neste sentido, nos embasamos nos autores da linha crítica transformadora e revolucionária que nos trouxeram fôlego para refletir sobre alguns sinais-terminos que não possuem essa unidade dentro dessa diversidade.

Desse modo, os conceitos que foram apresentados ainda não foram enraizados por essa Comunidade Surda, tal que foi necessário refletir sobre os conceitos e significados destes sinais-terminos. Mesmo diante da finalização momentânea da pesquisa seria necessário um tempo maior e a ampliação do trabalho de tradução e compreensão desses sinais-terminos e perspectiva.

A segunda categoria que se levantou a nossa práxis perante a Comunidade Surda foram as palavras ou termos geradores que já estão no cotidiano das pessoas surdas. Com base nessas palavras fomos organizando e construindo o glossário de Libras.

Os encontros foram realizados nas terças-feiras de cada semana iniciando o primeiro contato de maneira informal no dia 02 de março de 2022. O tempo para cada encontro era de duas horas, mas variava conforme a disponibilidade e motivação dos participantes do Grupo Focal. Esse encaminhamento de tempo foi necessário uma vez que a Libras é uma língua visual-espacial, ela se torna cansativa, por isso foi importantíssimo realizar as atividades nesse período de tempo. E com a ampliação dos significados no decorrer da semana realizávamos discussões/diálogos via grupo de *WhatsApp*.

Na Libras é necessário dialogar sobre mais um conceito que seria a modalidade na qual a língua se apresenta. A Língua Portuguesa é realizada pela modalidade oral-auditiva, ou seja, recebemos as informações pelo ouvido e demais sentidos e pronunciamos nossa comunicação pela boca. Já a Libras é captada pelos olhos e demais sentidos e pronunciada pelas mãos. Além

⁶ Estes verbetes são expressões, palavras e conceitos na obra de Paulo Freire que neste Dicionário foram explicitadas por estudiosos do autor.

das mãos a Libras se desenvolve por meio das expressões faciais e corporais que juntos realizam essa Língua na modalidade visual-espacial.

Depois de uma breve pausa para que os nossos leitores possam realizar a compreensão da totalidade do trabalho e de conceitos específicos da Libras, retomamos o processo de desenvolvimento do Grupo Focal. Grupo esse que realizou diálogos que se tornaram necessários para que constituíssemos os encaminhamentos para nossas reuniões síncronas, tendo como possibilidade um estudo prévio dos conceitos e temas para que pudéssemos ter uma conversa coerente para a criação dos sinais-termos.

Sendo assim, entrou a terceira e principal categoria que foi o diálogo, no qual a Comunidade Surda participou de uma construção coletiva. Realizamos um primeiro exercício e tínhamos a compreensão de que a Comunidade Surda se libertaria da consciência ingênua em relação aos saberes da Educação Ambiental, e desenvolveria uma consciência crítica sobre a temática.

Por conseguinte, o movimento do Grupo Focal foi escolher dentro da lista sugerida pela autora e compartilhada no *Google Drive* quais sinais-termos tinham maior urgência de serem dialogados. Neste diálogo com os estudiosos da surdez, o Grupo estudou e refletiu junto com a autora, porém os participantes sentiram uma inquietação que perpassou os encontros virtuais quase que como uma necessidade emergente. Essa necessidade era de esgotar os sinais-termos do quadro no intuito que os encontros fossem finalizados.

Este movimento nos causa um misto de indagações e sentimentos, por entender que estamos imersos em um modo de produção no qual somos produtos e produtores. Neste modo de produção no qual tempo é dinheiro, as discussões sobre cidadania e condições para que o ser humano emancipe os sentidos e possa vir a ser mais com certeza não são as melhores escolhas.

Mesmo assim, esse movimento em favor da construção coletiva foi organizado a partir do trabalho com o Grupo Focal. Assim conversamos com Freire (1987)

A “hominização” opera-se no momento em que a consciência ganha a dimensão da transcendentabilidade. Nesse instante, liberada do meio envolvente, desapega-se dele, enfrenta-o, num comportamento que a constitui como consciência do mundo. Nesse comportamento, as coisas são objetivadas, isto é, significadas e expressadas: o homem diz. A palavra instaura o mundo do homem. A palavra, como comportamento humano, significante do mundo, não designa apenas as coisas, transformando-as; não é só pensamento, é práxis. Assim considerada, a semântica e a existência e a palavra viva plenifica-se no trabalho. (FREIRE, 1987, p. 10).

Partindo da problematização dos sinais-termos *Educação e Ambiental* iniciamos os diálogos com essas primeiras palavras geradoras. Foi pedido que analisassem esses sinais-

termos e nos trouxessem suas compreensões empíricas e/ou teóricas. Com base nas respostas recebidas fomos mediando as conversas.

Conversas essas que tiveram o apoio dos professores de Libras da FURG, no sentido de enriquecer os diálogos por uma língua visual que é a Libras. Entendemos também que aqui foi necessário realizar a compreensão da Língua Portuguesa também, no sentido de existir uma proposta bilíngue de glossarização dos termos.

Nesta perspectiva, contamos com o apoio de Freire, pois esses novos conceitos que eram conhecidos na Língua Portuguesa desenvolveram um letramento e, conseqüentemente, uma alfabetização para as pessoas surdas, e para isto:

A “codificação” e a “decodificação” permitem ao alfabetizando integrar a significação das respectivas palavras geradoras em seu contexto existencial – ele a redescobre num mundo expressado em seu comportamento. Conscientiza a palavra como significação que se constitui em sua intenção significante, coincidente com intenções de outros que significam o mesmo mundo. Este – o mundo – é o lugar do encontro de cada um consigo mesmo e os demais. (FREIRE, 1987, p. 06).

O diálogo foi carregado de amorosidade e humanismo para o desenvolvimento deste glossário que, posteriormente, será uma ferramenta para utilização de todos que assim quiserem pesquisar e acrescentar novos sinais.

Esta categoria lembra uma passagem de Freire (1987):

O diálogo fenomeniza e historiciza a essencial intersubjetividade humana; ele é relacional e; nele, ninguém tem iniciativa absoluta. Os dialogantes “admiram” um mesmo mundo; afastam-se dele e com ele coincidem; nele põem-se e opõem-se. Vimos que, assim, a consciência se existência e busca perfazer-se. O diálogo não é um produto histórico, é a própria historicização. É ele, pois o movimento constitutivo da consciência que, abrindo-se para a infinitude, vence intencionalmente as fronteiras da finitude e, incessantemente, busca reencontrar-se além de si mesma num mundo que é comum; porque é comum esse mundo, buscar-se a si mesma é comunicar-se com o outro. O isolamento não personaliza porque não socializa. Intersubjetivando-se, mais, mais densidade subjetiva ganha o sujeito. (FREIRE, 1987, p. 08-09).

Acreditamos que a comunidade surda é teoricamente sensível as pedagogias que Freire aborda nas suas escritas e isso é realizado diariamente. Pois, passam pela Pedagogia do Oprimido, no momento em que chegam aos locais e os princípios legais não são cumpridos, uma vez que temos uma lei a qual nos diz que é obrigatório as pessoas surdas serem atendidas em sua língua nativa, ou seja, a Libras. Mas, ao mesmo tempo estas mesmas pessoas surdas não têm um aprendizado efetivamente bilíngue, ou seja, também não conseguem se comunicar na Língua Portuguesa escrita.

Mesmo assim, tentam a *Pedagogia da Autonomia* no sentido de se tornarem cidadãos e lutarem por uma comunicação efetiva e global. Em nossa opinião, a mais linda de todas que se contempla na *Pedagogia da Esperança*, como a esperança de ter uma comunicação sem

interferência dos opressores ou da Língua Portuguesa predominante no Brasil, essencialmente ouvinte. Rogamos que a Comunidade possa se tornar crítica, transformadora e revolucionária sem perder a doçura.

Nesse movimento e mesmo após o final da pesquisa, ainda não possuímos respostas para todos os questionamentos que foram realizados em nossas escritas, pois nos aproximamos de categorias de Marx (2016), Krupskaya (2017), Pistrak (2017), Konder (2000), Layrargues (2004) e Loureiro (2006), dentre outros que enriqueceram a nossa pesquisa, na busca pelo processo de desenvolvimento do Glossário que foi construído de forma dialógica pela Comunidade Surda Riograndina.

E como foi construída essa proposta de glossarização dos termos? Foram realizados 12 encontros síncronos e concomitantemente diálogos assíncronos pelo grupo de *WhatsApp*.

Na dinâmica da pesquisa foi criado um *Drive*, nele tínhamos 60 sinais-termos e 60 conceitos, os quais foram dialogados com o Grupo Focal e destacávamos cinco sinais-termos e conceitos e íamos distribuindo e pensando no decorrer da semana de maneira assíncrona. Por esse motivo, quando chegávamos às terças-feiras, dia do nosso encontro síncrono, já havíamos realizado estudo prévio, o Grupo já tinha um breve estudo dos conceitos e assim conseguíamos desenvolver novos sinais-termos. A organização das discussões se iniciou por uma ordem que será explicitada no Percorso Metodológico.

Os conceitos tiveram como eixo mediador as principais categorias de Paulo Freire, assim como conceitos que permeiam as pesquisas de meus colegas do grupo de orientação do Professor Doutor André Freitas.

Aqui precisamos acrescentar que as pesquisas se iniciam da nossa realidade objetiva, na qual percebemos os fenômenos a serem investigados. No movimento da pesquisa vamos desvelando esses fenômenos e adentramos a essência para que possamos entender como são as múltiplas determinações desta Comunidade Surda.

2 PESQUISAS RELACIONADAS

“Enquanto a organização do ensino permanece nas mãos da burguesia, o trabalho escolar será uma arma dirigida contra os interesses da classe trabalhadora. Somente a classe trabalhadora pode converter o trabalho na escola num instrumento para a transformação da sociedade contemporânea.”
Nadezhda Konstantivna Krupskaya

Neste capítulo realizamos a arqueologia das pesquisas desenvolvidas com as pessoas surdas. Investigamos quais trabalhos foram feitos, o que e como foram desenvolvidos. Cabe salientar que além das plataformas formalmente utilizadas nas pesquisas acadêmicas, utilizamos as redes sociais e plataformas digitais, tais como: *Facebook, Instagram, Youtube* e alguns sites acadêmicos que têm registros de sinais-terms que estão sendo utilizados e tornam-se formais pela aceitação da Comunidade Surda.

Essa primeira movimentação das redes sociais, sugerida pela banca de qualificação de Mestrado, nos oportunizou conhecer outros trabalhos e ter a possibilidade de encontrar novos estudiosos da surdez que tivessem a mesma perspectiva e utilizassem o Método de Freire.

Encontramos vídeos sobre a vida de Paulo Freire disponíveis no Manuário Dicionário Bilíngue da emissora de televisão do Instituto Nacional de Educação de Surdos no *Youtube* – TV INES, traduções da *Pedagogia da Autonomia* no Canal do *Youtube* da Universidade Federal do Paraná – UFPR e da *Pedagogia do Oprimido* no repositório da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

O Manuário é um vídeo curto que tem 4 minutos e 14 segundos de duração e que se inicia com a vinheta da TV INES apresentando as imagens de alguns autores que são de fundamental importância para a história das pessoas com surdez. Na sequência do vídeo nos é apresentada a seguinte frase: “A leitura de mundo precede a leitura da palavra”. Depois no seu contexto o vídeo explica onde Paulo Freire nasceu, que o filósofo foi declarado o Patrono da Educação Brasileira e sua importância para a Pedagogia mundial.

Ainda neste vídeo temos a importância de Paulo Freire para a alfabetização de pessoas adultas e o projeto de Angicos, no qual Freire alfabetiza em 45 dias 300 trabalhadores rurais. Utilizam mais três frases do autor no contexto do mesmo vídeo que são:

“Mudar é difícil, mas é possível.”

“Se a educação sozinha não pode transformar a sociedade, tampouco sem ela a sociedade muda.”

“Não há saber mais ou saber menos: Há saberes diferentes.”

Frases que foram postas em discussão no Grupo Focal e cujo aprofundamento foi feito no Percorso Metodológico desta dissertação.

Tentamos entrar em contato com o INES, mas não obtivemos respostas ou retorno do e-mail que enviamos, pois gostaríamos de compreender que já que o Instituto tem o curso de Pedagogia Bilíngue, talvez tivesse estudiosos da Teoria e Método de Freire, assim como poderiam auxiliar nosso Grupo, contribuindo com os sinais-termos que tivessem constituído.

Dando continuidade, conseguimos entrar em contato com o intérprete Jonatas Medeiros, pois ele foi quem traduziu no canal do Youtube da UFPR a *Pedagogia da Autonomia* em Libras. Segundo relato que conseguimos via *Instagram* com o intérprete, ele nos narrou que trabalhou com o curso de Letras-Libras na UFPR.

Jonatas fez dois vídeos da *Pedagogia da Autonomia*, o primeiro tem a duração de 21 minutos e 11 segundos, nele apresenta o livro, mostrando ao lado uma ilustração da capa e o Intérprete está com uma camiseta na cor azul. Quando Jonatas começa a realizar uma breve explicação de como o livro será traduzido para Libras ele troca a camiseta para uma cinza mais escura. Ainda no terceiro momento o Intérprete explica que são sinais que ele estudou, mas que serão usados provisoriamente para que os surdos realizem a compreensão da obra *Pedagogia da Autonomia* no curso de Letras-Libras da UFPR no ano de 2016 a 2017.

Nesse primeiro vídeo após essa explicação Jonatas faz a sinalização dos conceitos básicos do livro *Pedagogia da Autonomia* para que se inicie a compreensão da obra. Em seguida inicia a tradução para Libras realizando um diálogo reflexivo sobre a obra e as práticas educativas e também o papel dos professores em suas práxis.

O segundo vídeo dura 18 minutos e 53 segundos. Jonatas faz a tradução do contexto do livro *Pedagogia da Autonomia*, ou seja, ele não traduz para Libras cada página do livro como algo mecânico, mas traz a temática e uma explicação de cada capítulo e as palavras de fundamental importância para que os estudantes surdos tenham a compreensão do livro.

Essas produções de Jonatas Medeiros foram realizadas pela necessidade que o curso de Letras-Libras da UFPR tinha no período de 2016 e 2017. Este é um curso de Licenciatura que tem como objetivo formar professores surdos e ouvintes para atuarem como professores da Libras em todos os espaços que se fazem necessários estes profissionais.

Em uma disciplina programática desse curso foi sugerido pelo docente a leitura deste livro e foi então que o Intérprete que trabalhava na Universidade fez a tradução para Libras deste livro, realizando previamente um estudo detalhado e utilizando sinais-termos provisórios para que os estudantes tivessem a compreensão da obra nas duas línguas.

Os demais vídeos que encontramos na *internet* com as obras de Paulo Freire em Libras foram no repositório da UFSC que tem dois TCCs.

O primeiro TCC é o de Oswaldo Vinícius Alves de Oliveira Rocha que tem como título: Tradução Comentada e Terminologia na Obra *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire. Porém frisamos que este autor fez o estudo apenas no capítulo 3 da obra.

O autor traz as categorias Freirianas e diz ser uma obra pioneira traduzida em Língua de Sinais no mundo. Este foi um trabalho que teve a ênfase em 30 sinais-termos sendo apenas dialogados dez deles por causa do tempo que o autor tinha para dedicar-se ao trabalho.

Na metodologia de trabalho Rocha (2021) traz um quadro dividido da seguinte forma: na primeira coluna temos a palavra termo e na segunda a palavra ou categoria a ser investigada. O autor trouxe de cada sinal-termo suas classificações e ao final de cada um disponibiliza um QR-CODE e o link para que seja apreciada a tradução final produzida.

Para que os leitores tenham uma melhor compreensão, disponibilizamos o quadro:

QUADRO 1

Análise de tradução do texto *Pedagogia do Oprimido*

Quadro 5 – Análise comentada de tradução do texto fonte para o texto de partida (Palavreria / Verbalismo / Bla Bla Bla)

Termo	Palavreria / Verbalismo / Bla Bla Bla
Local onde aparece no texto fonte	"A palavra inautêntica, por outro lado, com que não se pode transformar a realidade, resulta da dicotomia que se estabelece entre seus elementos constituintes. Assim é que, esgotada a palavra de sua dimensão de ação, sacrificada automaticamente, a reflexão também, se transforma em <i>palavreria</i> , <i>verbalismo</i> , <i>bla-bla-bla</i> . Por tudo isto, alienada e alienante. É uma palavra oca, da qual não se pode esperar a denúncia do mundo, pois que não há denúncia verdadeira sem compromisso de transformação, nem este sem ação." (MAFRA; ROMÃO; GADOTTI, 2018)
Conceito	Conceito freireano. São terminologias cujo significado se aproxima de diálogo, mas não com tanta intensidade.
Processo de solução da tradução	Pesquisas em dicionários e glossários. Observação e compressão de aulas online no Youtube sobre a Pedagogia do Oprimido, para tentar compreender as especificidades técnicas de Paulo Freire acerca do processo de educação e a relação dos sujeitos envolvidos nesse sistema: professores e alunos, ou educadores e educandos. Conversas com professores do curso de Letras/Português e Pedagogia da UFSJ, para tentar compreender melhor o conhecimento adquirido nas aulas disponíveis pela internet e sanar as dúvidas que surgiram durante este percurso, pois a obra de Paulo Freire é rica em significados, ideologias e figuras de linguagem. A percepção de cada detalhe é determinante para a escolha léxico-terminológica, que mais se aproxima na língua de sinais, para passar toda carga de sentidos. Pesquisa de possíveis sinônimos para buscar o possível significado.
Possíveis soluções terminológicas em Libras	Possibilidade 1) falar + informal. Possibilidade 2) comunicação + simples.
Solução final em Libras	Decidiu-se a utilização da datilologia conjugado ao sinal de bater papo, pois acreditou-se que tais escolhas não possuem não chegam a mesma carga de significação do termo diálogo. A escolha da datilologia se deu por acreditar que dessa forma o público alvo, Surdos e demais usuários afins da libras, possam ter um contato direto com a terminologias usadas por Paulo Freire. Dessa forma é possível aguçar a curiosidade do leitor para que imersos na leitura da <i>Pedagogia do Oprimido</i> possam se emaranhar nas várias possibilidades de compreensão envolvidas no texto. https://youtu.be/YNc6fqmx9I



Sendo assim, a forma como o autor desenvolveu e apresentou seus resultados ao término da pesquisa nos traz a amplitude da pesquisa e comprometimento deste com os estudiosos da surdez, da Libras e da Língua Portuguesa, pois dedicou-se a trazer de uma maneira detalhada para que as pessoas que não conhecem a Libras tivessem o entendimento de seu trabalho e disponibilizou o endereço do site que apresenta em Libras os sinais-termos.

O segundo TCC, também referente à *Pedagogia do Oprimido*, é do autor Jardel Joaquim dos Santos que está intitulado como: *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire: Uma Tradução Comentada com Foco nas Figuras de Linguagem, de 2020. Aqui citamos uma curiosidade aos leitores: o primeiro TCC de 2021 nos apareceu primeiro quando estávamos pesquisando no repositório da UFSC e este nos apareceu como segundo TCC, por isso os estamos apresentando fora da ordem cronológica aos leitores.

Este TCC refere-se especialmente ao capítulo 2 da *Pedagogia do Oprimido*. Mas o foco de Santos (2020) neste trabalho é analisar as figuras de linguagem que são desenvolvidas na Língua Portuguesa e como apresentá-las na Libras. Por este motivo na sua metodologia o autor a divide em quatro partes para que os leitores tenham a compreensão e entendimento de como foi realizada a pesquisa e suas fases de desenvolvimento.

Na primeira parte o autor traz como subtítulo a “Tradução Comentada”. Inicia seu percurso com a natureza prática, na qual realizará as escolhas tradutórias da Língua Fonte no qual o texto está materializado em Língua Portuguesa para a Língua Alvo que é a Libras.

As escolhas tradutórias são escolhas que são feitas pelos Tradutores, nesse caso específico, os TILSPs. Porém essas traduções não podem ferir os significados na sua tradução. Sendo assim, devem possuir escolhas lexicais que são individuais, por isso as traduções não idênticas.

A segunda parte Santos (2020) intitula como “Preparação”, nesta fase o autor realizou a leitura na íntegra do capítulo 2 da *Pedagogia do Oprimido* para que fossem analisadas as terminologias desconhecidas, as marcas do autor e a identificação das figuras de linguagem existentes no texto em Língua Portuguesa que possam ser traduzidas na Libras. Ademais foram analisados também o contexto socio-histórico no qual o livro foi escrito.

O autor desenvolveu um quadro para demonstrar como foi feito esse estudo:

QUADRO 2

Metodologia do autor Santos

Quadro 2 - Lista de Figuras de Linguagem em “Pedagogia do Oprimido – o manuscrito”
Capítulo II - *A concepção “bancária” da educação como instrumento da opressão. Seus pressupostos. Sua crítica*

(continua)

Nº	Sentença	Tipo de Figura	Linha/página
1	Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador	Metonímia	Linha 2/ página 141
2	Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante.	Metáfora	Linha 6 /página 141
3	Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los.	Metáfora	Linha 9/ página 141
4	Os educandos, alienados, por sua vez, à maneira do escravo na dialética hegeliana , reconhecem em sua ignorância a razão da existência do educador, mas não chegam, nem sequer ao modo do escravo naquela dialética, a descobrir-se educadores do educador.	Metonímia	Linha 26/ Página 141

Fonte: SANTOS, 2020.

Por ser um TCC e pela inviabilidade de tempo, o autor optou por analisar duas figuras de linguagem que foram a metonímia e a metáfora. Porém teve como principal objetivo elucidar as figuras de linguagem na Libras.

O autor passa à terceira fase da metodologia que foi “Produção do Texto Alvo”. Nesta etapa Santos (2020) organiza as produções escritas e se prepara para realizar a tradução para Libras propriamente dita. Nesta tradução ele elenca as seguintes etapas de produção:

Para uma organização mais efetiva e de natureza acadêmica, as glosas foram produzidas de acordo com o modelo apresentado por Felipe (2009), sendo: i) registro dos sinais na LA com letras em caixa alta; ii) separação de expressões compostas na LF separadas por hífen; iii) registro de sinais compostos utilizando a separação ^, iv) letras em caixa alta e separadas por hífen demarcando o uso de datilologia; v) letras minúsculas mas, separadas por hífen para designar empréstimos linguísticos do TF; vi) desinência de gênero do TF marcadas pelo uso de @; vii) registro lateral indicando tipos frasais e intensidades de termos sinalizados; viii) subscrição de verbos com concordância de gênero que apresentem sinalização por classificadores; ix) concordância numeral e de espaço devem apresentar indicativos alfabéticos representativos; x) uso do sinal + para indicação de plural. (FELIPE, 2009, IN: SANTOS, 2020, p. 47).

A última fase, que é quarta, foi intitulada como “Registro”. O autor, após realizar as etapas anteriores de estudo, o diálogo e o refinamento, passa à prática final do texto que foi o vídeo. No vídeo temos as seguintes etapas:

1. Leitura inicial identificando as figuras de estilos, termos desconhecidos e possíveis problemas de tradução; 2. Pesquisa em dicionários e gramáticas a fim de identificar a função comunicativa das figuras de linguagem e conhecer o significado das palavras de significado não sabido; 3. Segunda leitura, com um arcabouço maior sobre o texto e listando ocorrências antes que passaram despercebidas; 4. Delimitação das figuras de estilo a serem analisadas devido ao pouco tempo disponível e ao referencial teórico levantado. (SANTOS, 2020, p. 48).

Ainda ao final da metodologia Santos (2020) relata a forma amadora como foi feito o vídeo, por ter sido realizado em período pandêmico.

Quando finalizamos as análises e narrativas dos vídeos, passamos a nos deter às plataformas de pesquisa que foram: a Scielo, o *Google Acadêmico* e o Portal de Periódicos da Capes. Nosso recorte de período para realizar essas pesquisas sobre textos e artigos relacionados foi de 2013 a 2021, no sentido de que a Libras é uma língua que mantém um movimento e está em constante processo de mudança.

Nessas plataformas utilizamos como palavras-chave Libras, Educação Ambiental, Surdos, por esse conjunto de palavras não encontramos nenhum artigo relacionado. Nas demais tentativas fomos inserindo novas palavras e fazendo novas buscas que nos remetem ao tema relacionado que é Língua Brasileira de Sinais, surdez/surdos, Educação Ambiental, glossários, manuais e dicionários de Libras.

As buscas foram realizadas com as mesmas palavras nas três plataformas, fazíamos um jogo de palavras também, no sentido de inverter a ordem em que apareciam para que pudéssemos encontrar artigos relacionados. Nos próximos parágrafos dissertamos individualmente sobre cada plataforma e as buscas relacionadas com nosso tema de pesquisa.

Na pesquisa na Plataforma *Google Acadêmico* encontramos, pelo conjunto de palavras “glossários Libras Educação Ambiental”, um total de 1.100 artigos, destes 522 abordam a Educação Ambiental como área ecológica, 200 são dicionários de Libras, 370 demonstram as práticas ambientais e oito são sobre práticas bilíngues.

Para a nossa pesquisa analisamos com maior precisão os oito trabalhos sobre as práticas bilíngues, pois nosso propósito foi desenvolver um Glossário de Libras que tem como fundamento a Libras e a Língua Portuguesa, para que nesse caso seja um glossário verdadeiramente bilíngue. Porém, na totalidade desses artigos a ênfase se dá na Libras, como respeito linguístico da Comunidade Surda e a Língua Portuguesa fica como um “complemento”.

Uso essa expressão complemento, pois a Língua Portuguesa não está sendo relevante para os autores das práticas bilíngues. E esse é um questionamento que fazemos para os leitores: Como se dão as práticas bilíngues?

Na nossa singela compreensão de pesquisadores, para que uma prática seja bilíngue ela se faz em duas línguas, nesse caso específico em Libras como primeira língua da Comunidade Surda e língua de instrução para comunicação e expressão. Mas a Libras precisa vir acompanhada da Língua Portuguesa para que se transversalize esse aprendizado das pessoas surdas de maneira integral e bilíngue.

Continuando nossa pesquisa, mas em outro ambiente virtual, na plataforma Scielo utilizando as expressões: “Libras e Educação Ambiental” e “glossários, manuais, Língua de Sinais”, não encontramos nenhum artigo. Na expressão “Língua de Sinais” encontramos 200 artigos, mas nenhum que se relacionasse com a temática de produção de sinais-termos para uma área específica. Com a expressão “Dicionário de Libras” encontramos três artigos, dois do ano de 2013 e um do ano de 2014.

O primeiro artigo encontrado foi o de 2013, e teve como tema principal os conceitos da astronomia e como se dá o processo de tradução/interpretação para a Libras. Os autores, Fábio Alves, Denis Peixoto e Eliza Lippe, se embasaram na Lei 10.436 de 2002 e o Decreto 5.626 de 2005 e relatam sobre as pessoas surdas adentrarem os diversos ambientes acadêmicos e as dificuldades que os TILSPs têm com alguns sinais-termos.

Essas dificuldades dos TILSPs se dão pela diversidade de formações que esses tradutores têm e os ambientes onde realizam suas traduções não condizem com suas respectivas formações. Também após essa constatação da dificuldade dos Tradutores Intérpretes foram discutidos os conceitos pertinentes à área de astronomia e conseqüentemente ajustados.

Em um terceiro momento ficou com encaminhamento para que esta atividade fosse materializada em Libras, pois o registro se deu somente na Língua Portuguesa. Dessa forma, a proposta ainda não havia se concretizado efetivamente bilíngue.

O segundo artigo da plataforma Scielo, com data de abril de 2014, teve como tema o estudo comparativo e iconográfico da Libras. As autoras Cássia Sofiato e Lucia Reily abordaram a Língua Brasileira de Sinais em seu processo histórico que se iniciou com a propagação de dicionários impressos.

Porém esses dicionários não desenvolviam um aprendizado na totalidade desses estudantes surdos, principalmente nos cursos de graduação. Os dicionários impressos

acompanhavam imagens e setas que representavam os movimentos que os aprendizes de Libras deveriam executar, mas nem sempre eram compreendidos da forma que deveriam ser.

Esta foi uma pesquisa bibliográfica e que se deteve em analisar cinco dicionários de Libras nos aspectos da representação de imagens, ou seja, na iconografia e nos aspectos lexicais da Libras.

O terceiro e último artigo que encontramos nessa plataforma foi do ano de 2014 e tem como tema as características da forma de organização de um repositório público de Libras. A metodologia desse artigo foi em forma de questionários utilizados para entender quais eram as reais necessidades do público surdo e do público ouvinte em relação aos repositórios, em especial os que continham conteúdos para os cursos de Letras-Libras.

Dessa forma, o artigo se desenvolveu de forma analítica expositiva e com análise de conteúdo das entrevistas. Na análise dos dados se fez necessário mostrar quais os locais em que as pessoas surdas e ouvintes armazenavam as informações de Libras do curso de Letras-Libras, como *Youtube*, apostilas, *Messenger* entre outras mídias e apostilas.

No questionário também foi ressaltado quais as preferências que o público surdo e ouvinte tinha em relação aos repositórios e suas preferências foram distintas:

Os estudantes surdos do curso de Letras-Libras consideravam de fundamental importância as videoaulas, dicionários e apostilas, assim como o aprendizado da Língua Portuguesa e conteúdos que são referentes às situações cotidianas, mas que tivesse um acesso em Libras e que estivesse legendado, pois sentem a necessidade de aprender as duas línguas concomitantemente. Além disto, na falta de um repositório para o curso estes estudantes surdos utilizam outras ferramentas para desenvolver seus estudos, que são: *Messenger*, *Media Player*, *Movie Maker* e algumas planilhas para cálculos.

Os estudantes ouvintes sentiam a necessidade de outras ferramentas na produção deste repositório, que são: as videoaulas, livros e apostilas. As formas como os estudantes ouvintes se comunicam são: por e-mail, vídeos e alguns dispositivos tecnológicos, como, por exemplo, *Messenger*, *WhatsApp*, sendo que os utilizam na Língua Portuguesa escrita.

Portanto, o artigo dialogou sobre as diversas formas e estratégias para que fosse criado um repositório acessível à totalidade de estudantes do curso e que este fosse bilíngue e acessível. Neste caso específico bilíngue, pois envolve a Língua Portuguesa e Libras para os estudantes deste curso de Letras-Libras.

Ademais, as informações e registros ficaram armazenados em um único espaço e on-line para que não somente os estudantes tivessem acesso, mas qualquer pessoa que deseje pesquisar encontrará num único espaço esses sinais-termos de uma forma bilíngue.

Neste instante, para melhor desenvolvermos nossa pesquisa, fomos conhecer, analisar e interpretar a Plataforma de Periódico da Capes. Nesta Plataforma também realizamos uma investigação utilizando algumas expressões para que pudéssemos encontrar alguns artigos, trabalhos, dissertações e teses.

A primeira busca foi pela expressão “Libras Educação Ambiental glossários”, neste conjunto de palavras não encontramos nenhum artigo relacionado. Na segunda tentativa utilizamos como expressão “glossário de Libras” e encontramos 105 trabalhos, destes 101 artigos, sendo 55 revisados por pares, três resenhas e uma tese.

Selecionamos os que estão em acordo com nosso tema que é a pesquisa de sinais-termos, assim como a produção desses sinais-termos e como se deram esses glossários numa ênfase bilíngue.

O primeiro trabalho que nos envolveu atenção especial foi o da autora Francielle Cantarelli Martins. A autora produziu a sua tese em 2018 na UFSC, no Programa de Pós-Graduação em Linguística, e apresenta como tema central as terminologias da Libras com ênfase na área de Psicologia.

Martins (2018) trouxe essa temática por ser profissional da área de Psicologia e compreender a necessidade de que seu trabalho se desenvolvesse com os sinais-termos específicos da área. No desenvolvimento da sua tese, a autora estudou com profundidade as terminologias na Libras específicas para área de Psicologia e como são sinalizadas na Libras.

Também trouxe como necessidade e justificativa da pesquisa a carência de registros em Libras desses sinais-termos e um local específico para que os profissionais da Psicologia, assim como surdos/surdas, TILSPs e outras pessoas envolvidas com o aprendizado da Libras, pudessem ter um local confiável no qual esses sinais-termos estariam disponibilizados.

A autora dividiu sua pesquisa em sete partes, nas quais relata como foram desenvolvidos os processos e mediações da pesquisa. O primeiro movimento foi a seleção dos sinais-termos, mas na Língua Portuguesa, nesta seleção a autora teve como fase inicial uma disciplina que foi ofertada na UFSC na modalidade à distância no curso de Letras-Libras, intitulada Psicologia da Educação de surdos, ministrada pela professora Gladis Dalcin.

A professora da disciplina deixou como material uma apostila da qual foram selecionadas 75 palavras em Língua Portuguesa. O motivo pelo qual essa disciplina e apostila foram escolhidas para análise e tradução para a Libras se deu porque foi a que tinha mais palavras específicas para área da Psicologia e tinham uma utilização muito frequente em reuniões, palestras, aulas e situações cotidianas das pessoas surdas.

A segunda parte da pesquisa foi intitulada Seleção dos informantes. Nesta fase a autora selecionou os profissionais que poderiam contribuir com a sua pesquisa e foram utilizados alguns critérios, dentre eles: 1. Ser formado em Psicologia; 2. Ser surdo; 3. Ter fluência em Libras; 4. Ter experiência como terapeuta e atender pacientes surdos; 5. Ter sinais-terminos da área de Psicologia (MARTINS, 2018, p. 187).

Nesta seleção foram encontrados três psicólogos que contribuíram com a pesquisa. Este movimento foi realizado com a entrega da lista de palavras em Língua Portuguesa e os informantes realizavam a devolutiva em Libras por meio de vídeo. Também foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE para que os informantes tivessem um entendimento do assunto e pretensão da pesquisa.

A terceira parte da pesquisa a autora intitulou como Ficha terminológica. Essa ficha teve por objetivo organizar as informações que irão compor cada sinal-termo na Libras e também organizar de forma técnica esses sinais-terminos.

A FIG. 6 apresenta a ficha técnica utilizada por Martins (2018), que teve como subsídio Souza e Lima (2014):

QUADRO 3
Modelo de Ficha Catalográfica Utilizada por Lima e Martins

Modelo de Ficha			
(1) Ficha Léxico-terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico			Número:
(2) Termo:		(3) Categoria:	
(4) Classe gramatical:			
(5) Definição em português:			
(6) Utilização do termo em uma frase			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia):			
(8) Fotos do sinal:			
(9) Escrita de sinais (<i>SignWriting</i>):			
(10) Quantidade de mãos:			
(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo:	(a.2) Número:	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(a.2) Grupo:	(b.2) Número:	
(c) Tipo de ação da mão (direita):			
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)			
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:		(h) Movimento:	
(i) Expressão facial:		(j) Expressão corporal:	
(12) Parâmetros do sinal (término do sinal)			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo:	(a.2) Número:	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(a.2) Grupo:	(b.2) Número:	
(c) Tipo de ação da mão (direita):			
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)			
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:		(h) Movimento:	
(i) Expressão facial:		(j) Expressão corporal:	

Fonte: MARTINS, 2018.

Na escrita a autora faz a explicação de cada termo do quadro, pois foi organizado de maneira sistemática e na estrutura da Libras, ou seja, cada sinal-termo tem sua Configuração de mão, Ponto de articulação, pode ter ou não Expressão Facial e ou Expressão Corporal, Morfologia, Sintaxe entre outros componentes que estão na Estrutura da Língua de Sinais que dissertaremos em outro momento.

A quarta parte que compõe a metodologia da tese foi a organização dos questionários, nela a autora coletou os sinais-termos que lhe foram enviados, selecionou os mesmos e fez um questionário pelo Formulário *Google* que enviou aos informantes da etapa anterior para saber se tinham conhecimento dos sinais-termos. E ainda alguns sinais-termos ficaram com duas validações, pois eram variações de uma região para outra.

Aqui também é importante ressaltar a questão da variação linguística na Libras, pois nós brasileiros temos regionalismos de sotaques e gírias, e na Libras isso também acontece de estado para estado.

A quinta parte da Metodologia foi intitulada Seleção de Juízes e procedimentos para a validação dos sinais-termos. Foram selecionadas algumas pessoas que já trabalhavam na área da Psicologia e Libras para fazer a validação desses sinais-termos. Essa validação era feita pelo conhecimento e experiência que os juízes tinham e se conheciam além desses sinais-termos mais algum.

Na sexta fase, ainda da Metodologia, foi realizada a publicação no repositório da UFSC. Após a validação dos sinais-termos e organização das fichas catalográficas a autora começou a realizar as filmagens em Libras dos sinais-termos e conceitos que compunham seu Glossário de Libras para área da Psicologia. Também foram inseridas no repositório as variantes de cada sinal-termo.

A sétima fase foi a inserção desses vídeos prontos no repositório da UFSC e a organização dentro desse espaço numa nova realidade que seria materializada no Glossário de Libras para área de Psicologia.

Acreditamos que se faz necessário trazer a ontologia da autora Martins, como uma pessoa surda que teve acesso a Libras tardiamente, com 13 anos de idade, e com isso desenvolveu uma outra racionalidade em relação à maioria dos surdos brasileiros.

A autora foi primeiramente oralizada, ou seja, aprendeu a língua falada da maioria dominante no nosso país, estudou em uma escola inclusiva até os 12 anos de idade. Já com seus 13 anos começou a interagir com pessoas surdas e a aprender a Libras, que para ela foi como uma segunda língua. Finalizou seus estudos do Ensino Fundamental em uma escola especial

para surdos na cidade de Pelotas e, posteriormente, fez Magistério no intuito de ser um exemplo para as crianças surdas. O Magistério ela cursou numa escola inclusiva, mas com apoio da tradução de TILSP.

Não se contentando com apenas terminar o Ensino Médio e Magistério, a autora cursou mais duas graduações: a primeira em Psicologia na UCPEL e a segunda em Letras-Libras na UFSM. Também fez uma Especialização em Educação Especial e na continuação as pós-graduações em Mestrado e Doutorado.

Acreditamos ser de extrema importância falar da ontologia da autora, pois foi uma pessoa surda que realizou o caminho de um jeito inverso à maioria das pessoas surdas.

Investigamos também na Biblioteca de Dissertações e Teses da FURG, nesta encontramos a dissertação de Rafael Granada, de 2018. A pesquisa se configurou dentro da Escola Bilíngue Municipal Carmen Regina Teixeira Baldino e teve como proposta criar um glossário de Libras com termos técnicos para a área computacional.

O público-alvo do autor foi estudantes com idade de 14 a 25 anos. A escola neste ano teve estudantes de Ensino Médio, por isso o autor trabalhou com estudantes destas idades. O eixo da pesquisa foi desenvolver um glossário de Libras com a Linguagem LEGO e SuperLOGO. O autor estava cursando o Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Computação na FURG. Esse trabalho teve como orientadora a Professora Doutora Regina Barwaldt que trabalha neste Programa de Pós-Graduação com a Linha de Pesquisa Tecnologias Educacionais e já realizava outros trabalhos com estudantes surdos.

A proposta para realizar um trabalho epistêmico de Granada (2018) foi trabalhar na disciplina curricular de Matemática conteúdos que desenvolvessem nesse grupo de estudantes o entendimento básico sobre Robótica e a Linguagem SuperLOGO, assim como o desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático. Participaram da pesquisa seis estudantes e foram realizadas atividades de programação direcionadas à geometria e no *Lego Mindstorms NXT* que representavam a movimentação de um veículo e educação no trânsito.

No fechamento da proposta o autor relata que usou questionários e métodos para avaliar o aprendizado dos estudantes surdos.

A última plataforma de pesquisa que tivemos acesso foi o Banco Digital Brasileiro de Teses e Dissertações – BDTD. Nesta plataforma, encontramos 33 trabalhos que continham em seus títulos as palavras “Libras” e “glossário”.

Na sua totalidade as propostas de dissertações e teses entendem a produção de glossários com termos exclusivos de uma língua, que neste caso seria apenas da Libras. Mas nossa proposta foi além, teve por objetivo realizar uma proposta de intervenção bilíngue, que foi

desenvolver sinais-termos em Libras para ampliar o vocabulário das pessoas surdas na sua língua materna que é a Libras e ter uma compreensão da Língua Portuguesa escrita. Efetivando assim uma prática bilíngue efetiva.

2.1 Diálogos com os Fundamentos Freirianos

“Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si mediatizados pelo mundo.”
Paulo Freire

Agora, iniciamos uma fase marcada pela materialidade das relações sociais as quais estabelecemos no decorrer da pesquisa com os autores. Resgatamos políticas que suleiam os processos de desenvolvimento humano com a Educação Ambiental.

Nesse sentido, trouxemos a Educação Ambiental como centralidade do processo e realizamos uma reflexão sobre a Política Nacional de Educação Ambiental – PNEA, lei de 1999 e que é o eixo suleador para toda e qualquer ação e prática de educandos-educadores em seus “quefazeres”.

A Política Nacional de Educação Ambiental – PNEA é composta por oito princípios e sete objetivos que são o lugar no qual todos os pesquisadores e educadores ambientais precisam ter a urgência de se entender e trazer a sua teoria para a prática cotidiana.

A PNEA, Lei 9.795/1999, tem como texto introdutório:

A Educação Ambiental compreende os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do ambiente bem de uso comum do povo essencial a sadia qualidade de vida e sustentabilidade.

A Educação Ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal. (BRASIL, 1999, p. 1).

Já nesta introdução refletimos sobre os indivíduos, coletivos e quem são. O coletivo nos traz a totalidade de pessoas envolvidas nesses processos, porém cada uma em seu espaço, que é o hoje e o agora, se desenvolvendo historicamente, constituindo suas culturas, e a cultura é tudo aquilo que advém do trabalho humano e que transforma a sua realidade.

Nessa transformação são constituídos os valores sociais que deveriam ser a favor do bem comum da maioria da população, dotadas de atitudes e competências para que a sociedade e o mundo da cultura se relacionem com a natureza natural mantendo a qualidade de vida e sua sustentabilidade.

E essa sustentabilidade vem do ser humano, mas sem ele “explorar” a natureza natural e sim retirando da natureza somente aquilo que se faz preciso para suprir as suas necessidades básicas.

Este parágrafo inicia construindo a compreensão da Educação Ambiental como processo, isso é, como movimento e desenvolvimento de práticas sociais, onde as pessoas, os indivíduos e a sociedade no seu todo, ou mesmo nas múltiplas comunidades, e como se produzem esses processos.

Processos dados pela convivência comum, pelos conhecimentos com valores sociais que favoreçam práticas com características de habilidades, cujas atitudes provenientes dessas práticas expressam competências que demonstram cuidado e manutenção do meio ambiente.

O Meio Ambiente nessa Lei é entendido como “bem de uso comum” da população em geral. Aqui se faz necessária a compreensão que a palavra “população” na PNEA considera o conceito de “Povo” e não população. Nesse sentido o “Povo” é um conjunto de pessoas de um determinado local, independente dos lugares onde vivem e não expressa sentido numérico. Já a “População” mostra o sentido numérico quantificando quem vive nesse território.

O Meio Ambiente para a PNEA é considerado, além de um bem de uso comum, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. É possível para os críticos questionar como processo de “curiosidade epistemológica”: a “Sustentabilidade” dita na PNEA é da qualidade de vida ou do Meio Ambiente? Dialeticamente é possível fazer ligações e até dizer que são mutuamente dependentes, pois a natureza humana não está dissociada da natureza natural e nesse processo fazem parte de uma Totalidade.

No segundo parágrafo da introdução, a Educação Ambiental vem como um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar articulada em todos os níveis de ensino e também de maneira formal e informal. Mas o que ela quer dizer com isso? Que a Educação Ambiental como tema transversal sugere que todos os educadores e educandos tenham em sua consciência que esta educação está no nosso cotidiano, não só na escola, mas na vida, que precisa ser antes de tudo a teoria de uma pedagogia social, unida ao desenvolvimento dos fenômenos sociais atualmente dados e interpretados.

Depois dessa breve introdução, traremos os princípios básicos da PNEA, oito princípios muito potentes para desencadear e conduzir esta discussão da organização do Glossário.

O primeiro princípio diz sobre: “O enfoque humanista, holístico, democrático e participativo” (PNEA, 1999, p. 1). Neste princípio, é possível compreender que a Educação Ambiental não pode ser desenvolvida como uma disciplina – como componente curricular

independente – isolada no conjunto das disciplinas que compõe a matriz curricular dos níveis e modalidades do processo educativo, principalmente no âmbito da Educação Básica.

Isso significa dizer que a Educação Ambiental necessita perpassar pelos conhecimentos específicos de cada uma das demais disciplinas, como saberes transversais, essenciais e pertinentes a todo o vínculo Natureza-Homem-Homem-Natureza. No entanto, há uma corrente de pensamento que admite desenvolver a Educação Ambiental como componente curricular em cursos superiores e de pós-graduação.

No tocante à PNEA, podemos observar o significado da omnilateralidade – da interdisciplinaridade – na formação dos conceitos, quando se concebe a Educação Ambiental como eixo transpassador que se faz necessário para compreender que a Totalidade constitui a etimologia desse ou daquele saber.

Resgatamos o conceito de Etimologia, que é o estudo da origem e da evolução, do significado verdadeiro das palavras – dos saberes – do conhecimento. Então, este primeiro princípio se refere à prática social dos sujeitos, ou seja, dos seres humanos e sua realidade objetiva, utilizando essa realidade dentro de uma Totalidade para a transformação, onde todos os cidadãos participam igualmente de modo livre de sua sociedade.

O segundo princípio, “[...] a concepção do meio ambiente na sua totalidade considerando a interdependência entre o meio natural, socioeconômico e cultural sobre o enfoque da sustentabilidade” (BRASIL, 1999, p. 1), traz a nitidez e fluidez com que o educador ambiental precisa entender os significados conceituais de categorias como: Meio Ambiente, Totalidade, Interdependência, Meio Natural, Meio Socioeconômico, Meio Cultural e Sustentabilidade. Nesta compreensão fica explícito e desvelado o princípio dois.

O terceiro princípio é “O pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinariedade” (BRASIL, 1999, p. 1). Este é outro princípio da PNEA que temos pouca coisa a explicar, uma vez que a Educação Ambiental defende o enfoque holístico, humanista, democrático e participativo, por isso, não poderia ser diferente frente à multiplicidade de ideias, pensamentos e compreensões. Para tal, reconhece nas perspectivas inter, multi e transdisciplinar, várias formas de compreender a Educação Ambiental e praticá-la.

Este princípio, de acordo com Leff (2020), aponta a pluralidade de possíveis concepções teóricas, servindo de condições adequadas para que as práxis pedagógicas, ao expressar teorias, mostrem que há possibilidades dos educadores, independente da área em que atuam, possam ser encharcados por ela, e nisto se faz a Educação Ambiental multi, inter e transdisciplinar, numa Totalidade realizando a sincronia entre Teoria e Prática.

No quarto princípio que é “a vinculação entre ética, a educação, o trabalho e as práticas sociais”, nos cabe analisar cada expressão. A Ética que nos remete a investigar, esclarecer a realidade humana na qual vivemos, assim como o sistema capitalista que está posto, ou seja, a favor de quem? E contra quem? Mostrar a humanidade na sua concretude analisando as relações sociais e a sociedade na sua Totalidade e não de forma fragmentada como é apresentada.

A Educação Ambiental como processo que realiza mediações e uma transformação radical na sociedade na forma de omnilateralidade, assumindo um conceito amplo, ou seja, uma educação para a vida. O Trabalho que satisfaz as necessidades humanas ao transformar a natureza para a sobrevivência dos seres humanos torna-se assim a compreensão da Educação Ambiental nas práticas sociais.

O quinto princípio “[...] a garantia de continuidade e permanência do processo educativo” (BRASIL, 1999, p. 1) nos remete diretamente para as nossas formações, pois somos eternos aprendizes, sempre temos o que aprender e o que ensinar, ou seja, um processo educativo em uma totalidade social.

A educação precisa ser para a vida, uma escola que tenha professores em contato com a teoria e a prática educativa, pois, segundo Freire (1987), “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si mediatizados pelo mundo”. E sempre remetendo às nossas leituras das pedagogias Leff (2020) nos mostra que a pedagogia da complexidade vai do ensino superior ao ensino primário, ou seja, da formação continuada do professor, mediando os processos de ensino e aprendizagem no ensino primário.

O sexto princípio fala sobre: “a permanente avaliação crítica do processo educativo” (BRASIL, 1999, p. 1). Esse princípio traz a necessidade de se pensar o processo educativo dentro do modo de produção capitalista, driblando a lógica da ideologia dominante, ou seja, temos que formar cidadãos críticos para realizar uma transformação dos processos educativos, e essas relações sociais que se estabelecem precisam ser libertadoras, no sentido de emancipar os sujeitos para uma educação integral e que desperte a emancipação dos sentidos.

O sétimo princípio nos traz: “a abordagem articulada das questões ambientais locais, regionais, nacionais e globais” (BRASIL, 1999, p. 1). O princípio conduz a uma articulação da Educação Ambiental, ou seja, de como está sendo produzida em cada “quefazer” dos educandos-educadores. Quais as práticas revolucionárias e transformadoras que estamos produzindo enquanto educando-educadores? Essas práticas são a favor de quem e contra quem?

Necessitamos compreender que quando falamos da Educação Ambiental global ela tem uma “Totalidade” que a envolve. Dentro dessa Totalidade pensamos em um Geral que seria

nacional, o território brasileiro e como estão sendo produzidos os currículos escolares. Ainda podemos trazer um Singular, que são as regiões, suas culturas e seus saberes, dentro dessa ambientalização curricular. Adentrando a esses currículos podemos chamar um Particular que são os locais, ou seja, as escolas às quais pertencemos, e cada escola com suas características e currículos que devem atender às necessidades básicas de ensino e aprendizagem dos alunos.

No oitavo e último princípio desta política, temos “o reconhecimento e o respeito à pluralidade e à diversidade individual e cultural” (BRASIL, 1999, p. 1). Analisamos aqui cada palavra e o princípio como um todo, saindo do todo percebendo e compreendendo as partes e retornando à Totalidade. O reconhecimento e o respeito à pluralidade que entendemos ser uma Totalidade orgânica, na qual cada elemento impõe necessariamente sua articulação e mediação com os demais.

Precisamos pensar em um legado político que pretende contribuir na elaboração de uma teoria de uma transição para além do sistema vigente, ou seja, para além do capital. O respeito à diversidade individual e cultural, a palavra diversidade nesse princípio nos remete à compreensão de que a Educação Ambiental é interdisciplinar e necessita trazer conhecimentos que se tornem científicos, e a tarefa primordial da escola é trazer a atualidade de forma crítica, estabelecendo as devidas relações com o passado histórico.

Já a cultura é um produto social, ou seja, a relação entre a história e a cultura que se dão pelas escolhas humanas, mas nas condições concretas pré-determinadas garantindo a sobrevivência.

Para que se finalizem esses princípios da PNEA, conversamos com Freire (1987):

a questão está em que, pensar autenticamente, é perigoso. O estranho humanismo desta concepção “bancária” se reduz à tentativa de fazer dos homens o seu contrário – o autômato, que é a negação de sua ontológica vocação do Ser Mais. (FREIRE, 1987, p. 35).

A educação dos sujeitos surdos demanda esse entendimento, reconhecendo suas diferenças linguísticas, valorizando a diversidade humana e combatendo as desigualdades socialmente construídas. Afirmando o objetivo fundamental da escola que é estudar a realidade atual, penetrá-la e viver nela. Trazendo a historicidade dos estudos para uma realidade atual, para a transformação da vida. Compreender a pessoa surda como um ser social e pertencente à sociedade, e não pelo viés da incapacidade de aprender.

Ainda dissertando sobre a PNEA, seguindo os princípios, temos sete objetivos que complementam esse referencial, nesse espaço tempo para que esta produção do Glossário fosse realizada nas duas línguas, ou seja, na Língua Portuguesa e na Libras. Porém, se faz necessário

entender qual entendimento que temos de objetivo, pois, segundo nossas discussões, podemos explicar que objetivar é tirar do pensamento e materializar o fazer.

Temos como objetivo primeiro o “desenvolvimento de uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos ecológicos, psicológicos, legais, políticos, sociais, econômicos, científicos, culturais e éticos” (BRASIL, 1999, p. 01). Este objetivo foi designado ao entendimento do meio ambiente e suas relações numa Totalidade, ou seja, abranger o ser humano nas suas mediações tais como: ecológicas, psicológicas, legislativas, políticas, sociais, científicas, culturais e éticas. O processo de ensino e aprendizagem implica em um questionamento de uma racionalidade ambiental e do sistema educacional, que se emancipe de formações ideológicas que moldam os sujeitos para ajustá-los às estruturas sociais dominantes.

O segundo objetivo é “a garantia de democratização das informações ambientais” (BRASIL, 1999, p. 01). Esse se faz na materialidade de compreender a prática dessa consciência e usar de forma concreta, num processo de socializar as informações ambientais, trazendo uma nova pedagogia que surge num processo de emancipação pela cidadania e de mudança social, com uma reivindicação de participação popular na tomada de decisões e a autogestão de nossas condições de vida e de produção, questionando a regulação e o controle social das formas corporativas de poder.

O terceiro é o “estímulo e o fortalecimento de uma consciência crítica sobre a problemática ambiental e social” (BRASIL, 1999, p. 01), onde nos foi apresentada a consciência crítica sobre como refletir a problemática ambiental e social. A ambiental toma o contexto físico, biológico, cultural e social como fonte de aprendizagem, sendo uma forma de concretizar as teorias na prática e a partir das especificidades do meio. O meio social é o local que estamos imersos, esse modo de produção capitalista, e como são desenvolvidos esses saberes, mas também como precisamos sair dessa ideologia e driblar o sistema a favor da maioria e não pelo pensamento burguês dominante.

O quarto objetivo é o “incentivo à participação individual e coletiva, permanente e responsável, na preservação do equilíbrio do meio ambiente, entendendo-se a defesa da qualidade ambiental como um valor ambiental, como um valor inseparável do exercício da cidadania” (BRASIL, 1999, p. 01). Isto significa a participação e a responsabilidade que precisa ser individual e coletiva na preservação e equilíbrio dos ambientes em prol de desenvolver os valores ambientais trazendo o exercício da cidadania de uma análise aparente dos fenômenos sociais e suas múltiplas ligações para adentrar a verdadeira essência, emancipando os sujeitos de forma coletiva para uma plena emancipação.

O quinto objetivo é: “o estímulo à cooperação entre as diversas regiões do País, em níveis micro e macrorregionais, com vistas à construção de uma sociedade ambientalmente equilibrada, fundada nos princípios da liberdade, igualdade, solidariedade, democracia, justiça social, responsabilidade e sustentabilidade” (BRASIL, 1999, p. 01). Este objetivo nos fez refletir sobre a especificidade de cada estado, cidade e microrregiões que compõe o Brasil na sua imensidão e na sua Totalidade.

Na perspectiva Materialista Histórico e Dialética, que perpassa nossos estudos, devemos pensar em cada expressão aqui materializada na linguagem dessa Política. Uma sociedade ambientalmente equilibrada é aquela que possui um respeito pela natureza natural transformando-a somente para atender às necessidades básicas do ser humano, dentro da sua ontologia social.

O princípio de liberdade está na capacidade que constitui o ser social de maneira essencial, emancipando a sua consciência de maneira crítica, pois algumas vezes, pelo pensamento dominante e por uma consciência ingênua, o processo de liberdade é condicionado ao processo de alienação e toma frente a aparência que não é crítica, nem radical, nem responsável.

A igualdade e a liberdade são a base da realização do trabalho, fornecendo as condições necessárias para uma sobrevivência digna, que ao romper vai além do modelo societário vigente. Os conceitos de solidariedade, democracia, justiça social, responsabilidade e sustentabilidade perpassam a natureza humana que, com uma consciência desenvolvida, utiliza a natureza natural a favor da sua humanidade, não ultrapassando os limites da própria natureza.

A justiça social é o que de verdade não temos no modo de produção capitalista e, principalmente, no atual momento político e pandêmico no qual vemos diariamente centenas de pessoas mortas, e essas mortes são naturalizadas pelo povo que ainda não desenvolveu a consciência crítica e radical para que se efetive a transformação.

Ainda, se pensarmos no modelo burguês e na lógica do modo de produção que favorece a existência de um governo genocida, que só tem como finalidade aniquilar o trabalhador e favorecer uma minoria com o lucro, estamos aquém de uma justiça social de solidariedade.

O sexto objetivo nos fala que: “o fortalecimento da cidadania, autodeterminação da integração com a ciência e tecnologia” (BRASIL, 1999, p. 01). Para fortalecer a cidadania no modo de produção capitalista é necessário pensar em uma autodeterminação que desenvolva uma nova racionalidade na práxis diária de todos e todas educadores-educandos ambientais, no sentido de desenvolver todos os sentidos de seus educandos-educadores.

Em relação à integração com a ciência e a tecnologia, entendemos que a ciência funda os métodos para a compreensão dos fenômenos da humanidade e seus processos históricos, enquanto a tecnologia serve aos interesses do capital no sentido de substituir a mão de obra humana por máquinas e seguir a lógica de produção em massa, reificando e alienando os humanos. Nesse sentido, temos que revolucionar nossos “quefazer” que sejam a favor da classe trabalhadora e desbancar a minoria burguesa.

O sétimo objetivo é: “o fortalecimento da cidadania, autodeterminação dos povos e solidariedade como fundamento para o futuro da humanidade” (BRASIL, 1999, p. 01). Este objetivo reforça a cidadania e autodeterminação para que se crie uma consciência crítica na sua totalidade que seja a favor da classe trabalhadora. Esses povos são toda a humanidade envolvida em práticas ontológicas, tendo como proposta a mútua solidariedade, mas não de forma velada e piegas, mas sim crítica, que promova a interdependência de um coletivo global. Nesse fundamento, deveria se desenvolver o futuro dos seres humanos com uma consciência crítica, desde a concepção orgânica da educação familiar, para que cheguem à escola e promovam a revolução radical nos Projetos Político Pedagógico – PPPs e na ambientalização curricular.

Sendo assim, resgatamos as Pesquisas Relacionadas e enfatizamos o que firmamos com a PNEA, compreendemos que na essência desses trabalhos não há uma proposta da Educação Ambiental crítica nas escritas sobre as pessoas.

Acreditamos que nesse capítulo foi essencial encharcar de como se produz a Educação Ambiental crítica e emancipadora para que a Comunidade Surda fosse libertada de alguns dogmas que a aprisionam.

Foi preciso trazer Freire e suas grandes categorias, a primeira categoria que é de fundamental importância e que perpassou nossa pesquisa do início ao fim foi a Ação-Reflexão-Ação, no intuito de criticar os sinais-terros, mas esse criticar não de crítica ingênua e simplesmente desvelar o juízo de afirmar ou negar este pensamento.

A crítica vai além do juízo e seguiu a próxima forma de pensamento que foi o raciocínio que se desenvolveu após vários juízos apresentando um novo juízo que foi a conclusão, mesmo que momentânea para a produção do Glossário.

Ainda na categoria Ação-Reflexão-Ação ela se produziu no movimento dialético que superou a origem idealista, assumindo a práxis do pensamento-linguagem como um processo de alfabetização/conscientização. Portanto, um saber que correspondesse a um diálogo entre surdos e ouvintes e que juntos realizaram o conhecimento e o mundo, ou seja, na Realidade objetiva que reflete na consciência e no processo de fazer-saber, palavra-ação, reflexão-ação.

O Grupo Focal não desenvolveu nenhum sinal para esta categoria, o que encontramos nas pesquisas se deu pelo sinal de: PRÁTICA + TEORIA + PRÁTICA. Esta foi a forma com a qual o grupo entendeu e se comunicou em Libras para designar e se referir à categoria Ação-Reflexão-Ação.

Trabalhamos as categorias da Teoria Freiriana que são a: Autonomia, Esperança, Utopia, Conscientização, Humanização, dentre outras, porém, pensamos que essas foram as principais categorias no momento desta pesquisa. Dissertamos, mesmo que brevemente, sobrecada uma das categorias acima citadas, e no capítulo seguinte explicaremos como foi a dinâmica da pesquisa.

A segunda categoria que se imbricou e que ao mesmo tempo compreendemos a necessidade de ser pensada, refletida e transformada, foi a Humanização. Pois quando iniciamos a pesquisa bibliográfica os sinais-termos que encontramos sobre Humanização eram os mesmos que tinham para humano.

Mas pensar nesta categoria de Humanização foi e é pensar sobre os processos de opressão da população e as relações que se estabelecem entre opressores e oprimidos. Neste sentido, o ser humano precisa se libertar dessas amarras ideológicas que o sistema capitalista nutre na consciência e tomar uma posição radical.

Esta posição radical a qual nos referimos é a vocação ontológica de todos os seres humanos, que é o vir a “ser mais”. Então, enquanto estudiosos do Glossário de Libras, realizamos uma Ação-Reflexão-Ação, sobre o sinal-termo para Libras desta categoria que foi a Humanização.

Continuamos nossa proposta bilíngue e também trouxemos a conceituação de Humanização para Língua Portuguesa. Conceituação que nos desenvolveu a compreensão de Humanização de forma global, pois segundo Streck, Redin e Zitkoski (2018) no Dicionário Paulo Freire:

A luta pela superação das *situações limites* que nos encontramos condicionados é a razão de ser da nossa existência e o impulso prático a partir do qual nos humanizamos por sermos capazes de construir novos sentidos e formas de viver o mundo. Esse é o caminho que nos aponta Freire enquanto seres dotados de capacidade ético-política para intervir no mundo e construir algo novo na história. Ou seja, somos seres do *inedito viável*, pois ainda não somos totalmente prontos, viemos nos fazendo na história e podemos sempre nos reinventar segundo a busca por mais humanidade. (STRECK, REDIN e ZITKOSKI, 2018, p. 252).

Para a categoria *Humanização* o Grupo Focal teve um entendimento de que apenas o sinal-termo que se referia a “ser humano” não poderia continuar a se materializar na Língua de Sinais como uma categoria com essa amplitude. Neste sentido, também não encontramos

nenhum sinal-termo que os demais estudiosos da surdez estivessem utilizando, portanto, criamos um novo sinal-termo.

Este sinal-termo para a Categoria Humanização foi detalhado no Percurso Metodológico, mas *a priori* descrevemos aqui como ficou a sinalização em Libras de *Humanização*: PRÁTICA + INSERIR, pois o Grupo Focal entendeu Humanização como os seres humanos desvelarem a opressão do sistema capitalista e desenvolverem na sua prática a vocação ontológica de ser mais e promover a mudança radical. No intuito das pessoas surdas de entenderem sua condição de oprimidos e superar as situações limites.

A categoria Autonomia trazia e ainda traz consigo o sinal-termo de *Independência*. Este sinal-termo foi discutido em três encontros e teve como suporte a tradução em Libras do Intérprete Jonatas Medeiros. Nesta tradução/interpretação conseguimos visualizar os sinais-termos pertencentes ao livro *Pedagogia da Autonomia*, que foi traduzido para a Libras.

O sinal-termo de *Autonomia* utilizado pelo autor foi diferente do sinal-termo que habitualmente a comunidade surda usa no seu cotidiano em palestras, reuniões, salas de aula e conversas formais/informais. O profissional não apenas sinalizou a palavra *Autonomia*, sem contexto, pelo contrário, ele trouxe a categoria, que vem carregada de significado.

Após apresentar o vídeo da *Pedagogia da Autonomia* como fonte de estudo para o Grupo Focal, realizamos alguns diálogos e optamos por deixar os dois sinais-termos, pois alguns representantes do grupo tiveram o entendimento de que a *Autonomia* seria um tipo de “independência”, e que a Comunidade Surda dentro de seus contextos vividos já tinha como hábito o uso deste sinal-termo. No entanto, quando for usado esse sinal-termo como categoria Freiriana será utilizado conforme a tradução do intérprete Jonatas.

A categoria Autonomia na obra de Paulo Freire é central e se desenvolve segundo Machado (2018) pela confiança que o sujeito possui no seu histórico particular, é o desenvolvimento do sujeito histórico, de democracia e liberdade que a autonomia vai se construindo. Ligada ao conceito de democracia e de sujeito, a autonomia se constrói. Ademais, conceituamos a categoria Autonomia inserida na produção e coleta e em seu processo histórico do Grupo Focal.

A terceira categoria foi a Esperança, que trouxe a forma e o eixo central da obra do grande Mestre Paulo Freire. A Esperança tem/teve consigo uma condição dialógica que é uma necessidade ontológica e histórica dos seres humanos. Antes de iniciar o Grupo Focal os sinais-termos que tínhamos conhecimento era a esperança com o mesmo significado de “torcer”, como, por exemplo, “com esperança eu passo no Enem”.

Nos diálogos realizados com os estudiosos da surdez e participantes do Grupo Focal nosso entendimento sobre a categoria Esperança na obra de Paulo Freire se modificou. Pois como Grupo compreendemos que a Esperança se manifesta nas práticas sociais. Desta forma, conversamos com Streck, Redin e Zitkoski (2018) que nos relatam que não há esperança na “pura espera”, isto é, na imobilidade e na paralisia. Se a meta é a criação de um amanhã diferente, sua construção tem que ser iniciada hoje.

E esta foi a posição do Grupo Focal modificamos o sinal-termo da categoria *Esperança* que agora traz o sinal-termo de LUTA + ESPERANÇA + EXPRESSÃO CORPORAL + EXPRESSÃO FACIAL. Esse sinal-termo será demonstrado posteriormente no Percurso Metodológico, assim como o caminho que percorremos para essa produção e compreensão.

A quarta categoria que foi amplamente discutida foi a Utopia. A Utopia em seu sentido ideológico nos ofereceu o pensamento de um lugar ideal, ou seja, um conceito abstrato de um local perfeito, como algo inalcançável. Os sinais-termos os quais encontramos nas plataformas *online* foram assim, se referiam somente à imaginação, não partiam da prática para produzir a significação concreta.

No ano de 1950 o autor Ernest Bloch, em sua obra *O princípio da Esperança*, traz o primeiro entendimento de Utopia ser relacionada com o entendimento de esperança crítica e, sendo assim, apresenta a utopia concreta em oposição aos conceitos de utopia abstrata.

Neste sentido, a categoria Utopia na Obra de Paulo Freire se faz por um binômio dialético que foi o anúncio e denúncia. Esse anúncio é de nós como seres humanos mostrarmos, dizermos e desvelarmos as situações que nos impedem de ser mais, ou seja, atos desumanizantes que são a favor do sistema capitalista. A denúncia é um processo de humanização no qual seguimos nossa vocação ontológica de compreender, analisar, interpretar a realidade desse sistema num processo histórico e ter como possibilidade o “vir a ser mais”, ou seja, a concretização dos “sonhos possíveis” por meio da realidade realizando um movimento transformador.

Sendo assim, o Grupo Focal trouxe os seguintes sinais-termos para designar a categoria *Utopia*: FALTA + BUSCA.

Dialogamos com Freitas (2018):

Quando compartilhada criticamente, a esperança torna-se indispensável para a consciência de que a impossibilidade histórica e socialmente contextualizada não inviabiliza a futuridade possível. Dessa forma a esperança entusiasma a participação coletiva na criação do inédito viável. O inédito viável é expressão da atitude utópica que se opõe a visão fatalista da realidade, sendo esta uma peculiaridade do processo de conscientização. (FREITAS, 2018, p. 482).

Ademais aqui tivemos outro diálogo bem caloroso para que tivéssemos o entendimento que a categoria Utopia na perspectiva Freiriana se realiza na prática que é refletida na nossa consciência, pois se realizarmos o processo contrário estaríamos a favor de outra perspectiva.

A quinta categoria que nos impulsionou para desenvolver o processo de compreensão deste Glossário foi a Conscientização, assim como as demais, se fez necessário compreender que ela perpassa a obra de Freire e tem na sua essência a teoria e prática.

Nessas práxis que vem de uma epistemologia e se apóia na ciência é que Freire funda esta categoria, não como um jargão, mas com uma dimensão estética e dialógica. Nesse sentido, relacionamos com Freitas (2018): “criticidade, curiosidade e criatividade integram a complexidade das relações que situam a conscientização no campo das possibilidades e não das certezas desafiando a autoria do inédito viável no trabalho de formação com educadores/as” (FREITAS, 2018, p. 106).

A palavra consciência tem como sinal-termo a configuração do dedo polegar e indicador, no qual o indicador se dobre para que possam juntos formar a letra C. Depois essa configuração tem como ponto de articulação a testa na qual se realiza o movimento que dá origem ao sinal-termo de *Consciência*.

Este sinal-termo, pela a compreensão do Grupo Focal, não foi modificado. O primeiro argumento que foi utilizado foi que já era um sinal-termo que tinha uma grande aceitação da Comunidade Surda em seu todo e que sendo assim não poderia ser modificado. A segunda justificativa foi que se a consciência vem da realidade objetiva e é refletida no nosso pensamento então o sinal-termo estaria sendo usado de maneira coesa.

Então, por ser uma decisão da maioria que estava presente nos encontros, não modificamos este sinal-termo. Ele ficou como palavra em Libras e que também representou a categoria *Conscientização*.

A sexta e última categoria Freiriana que necessitamos dissertar é a categoria Diálogo, pois nossa escrita e nossa pesquisa foram realizadas com esse eixo sulador. O *diálogo* na sinalização em Libras se dá com as duas mãos e a configuração de mão na letra D na qual uma vem de dentro para fora e a outra de fora para dentro. O Grupo Focal não se concentrou em trocar essa configuração de mão e sim de modificar o movimento da sinalização que as duas mãos em D vêm de fora para dentro, pois esse sentido modificou completamente a compreensão da categoria Diálogo. No intuito de realizar a prática e a mesma ser refletida em nossa consciência.

Essas categorias que foram acima citadas e dissertadas, Humanização, Autonomia, Esperança, Utopia, Conscientização e Diálogo foram o eixo desse Glossário, pois sularam

nossa prática e pesquisa relacionando a episteme e tornando a pesquisa científica. No capítulo a seguir daremos os encaminhamentos metodológicos.

3 CAMINHOS DA PESQUISA

*“Sonhar é imaginar horizontes de possibilidade;
sonhar coletivamente é assumir a luta pela construção de possibilidades.*
Paulo Freire

Neste capítulo nos dedicamos ao caminho metodológico a partir do qual nos orientamos, não apenas por acreditar que as situações limites podem ser transpostas, mas, fundamentalmente, por compreender que a mudança seja possível.

Aqui se faz necessário realizar uma breve narrativa do que entendemos sobre os termos “acreditar que a mudança seja possível”, conforme anunciado no parágrafo anterior, pois como estudiosos das pedagogias Freirianas acreditamos, num primeiro momento, que poderíamos proporcionar os elementos para uma mudança radical nos estudiosos da surdez em relação aos sinais-terminos que já foram desenvolvidos, porém a nossa ideação não foi ao encontro da prática que tem seu movimento como critério de verdade.

Caracterizamos a pesquisa como de abordagem qualitativa que teve por finalidade descrever, analisar e interpretar os processos para o desenvolvimento do Glossário de Libras para a Educação Ambiental. Triviños (1987) dialogou conosco, quando nos relata que:

A pesquisa qualitativa de tipo histórico-estrutural, dialética parte também da descrição que intenta captar não só a aparência do fenômeno, como também sua essência. Busca, porém, as causas da existência de lei procurando explicar sua origem, suas relações, suas mudanças e se esforça por intuir as conseqüências que terão para a vida humana. (TRIVIÑOS, 1987, p. 129).

O campo de pesquisa pelo qual optamos foram as representações da comunidade surda das seguintes instituições: FURG, IFRS – Campus Grande e EMEBCRTB, para realizarmos um estudo sobre os sinais-terminos que tinham conhecimento e quais as possibilidades de desenvolver novos sinais.

Desta forma, o desenvolvimento do estudo foi de cunho qualitativo junto com os representantes da Comunidade Surda dos segmentos já denominados. Inicialmente foram feitos os convites por e-mail, porém sem retorno dos pretendidos 24 participantes, portanto, nosso movimento foi fazer contato via *WhatsApp*, o qual foi efetivo e de rápido retorno.

Sendo assim, utilizamos como processo investigativo de pesquisa o Grupo Focal e para que nossos leitores realizem a compreensão sobre a técnica utilizada para concretizar os encaminhamentos da pesquisa, dialogamos com Krueger (1996), o qual afirma que as pessoas reunidas em uma série de grupos, que possuem determinadas características, podem produzir dados qualitativos sobre uma discussão focalizada. Também utilizamos Gomes e Barbosa

(1999) que defendem que “[...] o grupo focal é um grupo de discussão informal e de tamanho reduzido, com o propósito de obter informações de caráter qualitativo em profundidade” (GOMES e BARBOSA, 1999).

Neste diálogo entendemos que o objetivo deste Grupo Focal foi desvelar as compreensões dos participantes em relação aos verbetes do Dicionário Paulo Freire, na Libras e na Língua Portuguesa. Salientamos que para a formação deste Grupo os participantes precisaram ter características em comum e, neste caso, todos tinham que ter conhecimento da Língua Brasileira de Sinais, assim como da Língua Portuguesa.

Conforme Instrução Normativa 06-2019 CEP-FURG, Art. 5º, inciso III § 8º, o TCLE precisa ser redigido em fonte tamanho 14 e prever a coleta da digital caso o idoso não seja alfabetizado. Para que fossem cumpridos os princípios éticos estabelecidos pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde – CNS, os participantes da pesquisa tinham faixa etária entre 20 e 50 anos e eram todos alfabetizados, portanto não foi necessário utilizar o questionário em fonte 14 nem a coleta da digital, pois não havia participantes com essa especificidade.

Asseguramos aos participantes da pesquisa a permanência ou desistência a qualquer momento, conforme a participação voluntária e esclarecida dos participantes e, nesse sentido, mesmo que a pesquisa não tenha oferecido riscos mínimos asseguramos que prevalecessem os benefícios de uma comunicação e participação dos pesquisados para uma formação integral, livre de preconceitos e estigmas sociais.

Garantimos também seguir todas as tramitações e protocolos da Plataforma Brasil e seguindo o item III da Resolução CNS nº 510 de 2016, Art. 23 e Instrução Normativa nº 06/2019, Art. 5º, item II.d. O Convite para a participação foi enviado via e-mail e foi questionada a disponibilidade do participante e suas condições de lidar com as plataformas digitais. Partindo das respostas foi enviado via e-mail o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE para que pudessem realizar uma breve leitura sobre o mesmo e, com os participantes estando de acordo e de forma voluntária, iniciamos a pesquisa de maneira virtual.

A partir do TCLE os participantes tiveram os esclarecimentos sobre a pesquisa, que foi realizada com um encontro semanal de duração de duas horas pela plataforma *Google Meet*. Os encontros foram gravados e transcritos com a fidelidade dos acontecimentos para que fosse feita a análise de dados.

Também explicamos e está no TCLE: a garantia de liberdade dos participantes de que poderiam desistir a qualquer momento. A desistência dos 16 participantes que foram

convidados inicialmente se deu no momento do convite que foi enviado via *WhatsApp*, pois após iniciar o Grupo Focal os oito participantes permaneceram no Grupo e assinaram o TCLE.

Ainda seguindo os protocolos da Plataforma Brasil e conforme a Resolução CNS nº 466 de 2012, item III.1.b, “[...] ponderação entre riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos” (p. 3). Neste sentido, de acordo com a legislação vigente e protocolos da Plataforma Brasil, garantimos assistência imediata e gratuita pelo SUS aos participantes caso ocorresse algum mal-estar dos participantes. Esta assistência poderia ser encaminhamento a profissional da área da Saúde, como psicólogo, por exemplo.

Os encontros foram realizados de forma virtual, pois estávamos em um momento pandêmico e num processo de transição em relação ao presencial, no qual tínhamos vários protocolos da COVID-19 para seguir.

Em cada encontro foram discutidos cinco conceitos. Esse número de verbetes a serem dialogados por encontro foi sugerido pelos participantes do Grupo Focal, devido à complexidade filosófica e sociológica dos verbetes. As reuniões foram desenvolvidas de uma forma dialógica e democrática, nas quais cada participante pôde dizer a sua palavra, para que então pudéssemos entrar em um consenso de sentido e significado que melhor fosse compreendido pelo coletivo.

O quadro com a lista de verbetes está no Apêndice B. No decorrer da pesquisa fomos selecionando os verbetes e elencando seu grau de importância. A lista foi distribuída em quatro partes: 1ª coluna: verbetes escritos em Língua Portuguesa; 2ª coluna: conceituação escrita em Língua Portuguesa; 3ª coluna: o *link* para o vídeo do sinal-termo; e 4ª coluna: o *link* para o vídeo da conceituação em Libras do verbete.

Nesse caminho, organizamos os encontros para a apresentação dos temas geradores, a fim de problematizar os sinais-terminos para que os participantes do Grupo, a partir do diálogo estabelecido no momento, realizassem suas reflexões. Registramos no total sessenta sinais-terminos no Glossário.

A centralidade do trabalho foi relacionar a Educação Ambiental para produzir um Glossário de Libras, de forma coletiva e dialógica, tendo como princípio as relações humanas ampliando, ainda, os conhecimentos dos seres sociais sobre a área.

No percurso metodológico tivemos, também, alguns procedimentos para que se iniciasse a pesquisa de campo, tal que o projeto inicial foi encaminhado à Plataforma Brasil, por ser uma determinação do Comitê de Ética. O referido projeto foi aprovado em 26 de

fevereiro de 2022 conforme Norma Operacional CNS nº 001 de 2013, item 3.3, que descreve a questão orçamentária:

e) Orçamento financeiro: detalhar os recursos, fontes e destinação; forma e valor da remuneração do pesquisador; apresentar em moeda nacional ou, quando em moeda estrangeira, com o valor do câmbio oficial em Real, obtido no período da proposição da pesquisa; apresentar previsão de ressarcimento de despesas do participante e seus acompanhantes, quando necessário, tais como transporte e alimentação e compensação material nos casos ressaltados no item II.10 da Resolução do CNS 466/12; envolve; II.10 – participante da pesquisa – indivíduo que, de forma esclarecida e voluntária, ou sob o esclarecimento e autorização de seu(s) responsável(is) legal(is), aceita ser pesquisado. A participação deve se dar de forma gratuita, ressaltadas as pesquisas clínicas de Fase I ou de Bioequivalência. (BRASIL, 2013, p. 8).

Nossa pesquisa não envolveu orçamento extra, por ser a pesquisadora servidora federal da FURG em afastamento para estudos. A partir disso, a pesquisa foi realizada de forma online pela Plataforma Virtual *Google Meet*, não havendo custos com transporte, alimentação e materiais da pesquisadora, nem dos participantes envolvidos.

Neste sentido, após as aprovações do CEP-FURG, em 26 de fevereiro de 2022, foi possível entrar em contato com os participantes da pesquisa. Após esse contato, os participantes foram inseridos em um grupo de *WhatsApp* para que pudéssemos iniciar um contato direto. Também nesse grupo eram disponibilizados materiais de apoio em Língua Portuguesa e Libras.

Ressaltamos que o IFRS – Campus Rio Grande foi uma das instituições escolhidas, pois lá havia estudantes surdos cursando o Ensino Médio e, também, pelo motivo de que havia tradutores. Esse foi o motivo de convidarmos os intérpretes para comporem o Grupo Focal, mas devido à indisponibilidade dos profissionais ressaltamos que apenas uma pessoa aceitou participar.

A FURG foi uma das instituições que disponibilizou pessoas para comporem o Grupo Focal. Na Universidade convidamos três segmentos, que foi os TILSPs, os estudantes surdos que fazem parte da graduação e os professores de Libras. Ao todo temos no grupo de intérpretes de Libras 11 profissionais, desses sete são da sede, que se encontra na cidade do Rio Grande e os outros quatro estão nos Campus São Lourenço do Sul, Santa Vitória do Palmar e Santo Antônio da Patrulha. Por fim, ressaltamos que a aceitação para participar do Grupo Focal foi de apenas de dois profissionais.

Já no grupo de Professores de Libras da FURG também foram convidados os oito professores, sendo cinco da sede em Rio Grande e três dos Campus São Lourenço do Sul, Santa Vitória do Palmar e Santo Antônio da Patrulha. Destes, apenas dois da sede tiveram a disponibilidade de participar.

Os acadêmicos surdos da sede da FURG também foram convidados, tal que o convite foi realizado em especial a dois estudantes que já realizavam atividades no desenvolvimento em outros glossários de Libras na Universidade. Registramos que ambos aceitaram o convite para participação.

Outra instituição que foi convidada foi a EMEBCRTB do Rio Grande, nela foram convidados (as) apenas os (as) professores (as) de forma que registramos que o convite foi aceito apenas por uma professora da escola.

Resumindo, foram encaminhados os convites para os quatro segmentos descritos. Decidimos, por fim, que para esse momento não seria oportuna a participação dos estudantes do 6º ano da EMEBCRTB. Assim, se os 24 participantes no todo integrassem o Grupo, formaríamos de dois a três grupos focais e os encontros se dariam três vezes por semana, pois a ideia inicial é de que faríamos os grupos em horários separados, com uma reunião semanal com todos os participantes.

Finalmente, conforme a disponibilidade dos participantes, a adesão foi de oito pessoas envolvendo os quatro segmentos e por este motivo montamos apenas um Grupo Focal, e os encontros virtuais foram realizados nas terças-feiras, no horário de 18 as 20 horas.

Os participantes da pesquisa ficaram denominados como: PL1⁷, PL2⁸, PE1⁹, IL1¹⁰, IL2¹¹, IL3¹², ES1¹³, ES2¹⁴, conforme descreveremos a seguir.

Também disponibilizamos materiais ao longo dos treze encontros conforme descritos no quadro a seguir:

⁷ PL1 - Professor/a de Libras

⁸ PL2 - Professor/a de Libras

⁹ PE1 - Professora da Escola Municipal de Ensino Bilíngue Carmem Regina Teixeira Baldino

¹⁰ IL1 - Intérprete de Libras.

¹¹ IL2 - Intérprete de Libras

¹² IL3 - Intérprete de Libras 3

¹³ ES - Estudante Surdo/a

¹⁴ ES - Estudante Surdo/a

QUADRO 4
Materiais disponibilizados para o Grupo Focal

Materiais	Materiais encaminhados												
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
A importância do Ato de Ler											X		
A Sombra da Mangueira								X	X		X	X	X
Ação Cultural para a Liberdade					X				X				
Cartas a Guiné-Bissau											X		
Cultura e Representação Cultural, Stuart Hall		X											
Dicionário Aurélio			X										
Dicionário Paulo Freire	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Educação como Prática de Liberdade			X						X				
Educação e Mudança									X	X			
Educação na Cidade							X	X	X				
Manuário	X												
Manuscritos Econômicos e filosóficos Karl Marx											X		
Medo e ousadia				X			X						
O Caminho se faz caminhando												X	X
Pedagogia da Autonomia	X		X	X	X	X	X				X	X	X
Pedagogia da Autonomia Libras	X		X	X	X					X	X		
Pedagogia da Esperança					X		X			X	X	X	X
Pedagogia dos Sonhos Possíveis				X					X	X	X	X	X
Pedagogia da Indignação											X		
Pedagogia da Pergunta										X		X	X
Pedagogia do Oprimido	X	X	X	X	X	X	X				X	X	X
Pedagogia do Oprimido Libras	X	X	X	X	X								
Professora Sim Tia não						X							

Fonte: Elaborado pela autora.

No primeiro dia salientamos a necessidade de diálogo sobre os primeiros sinais-termos *Educação e Ambiental*, pois os participantes do Grupo perceberam a importância desses termos estarem no Glossário.

Tivemos um estudo sobre três vídeos que estão na Plataforma *Youtube*, que são: Paulo Freire: *Manuário Dicionário Bilíngue*, da TV INES¹⁵; *Pedagogia da Autonomia* da UFPR; e, a *Pedagogia do Oprimido* Capítulo 3 – em Libras. Ressaltamos que esses vídeos trouxeram a historicidade de quem foi Paulo Freire e como foram constituídas as suas obras.

Nosso primeiro encontro foi no dia 08 de março de 2022. Estavam presentes apenas sete participantes e nele tivemos a necessidade de encaminhar a proposta da pesquisa e compartilhar um quadro. Neste havia alguns verbetes do Dicionário Paulo Freire em Língua Portuguesa e seus conceitos e disponibilizamos no *Google Drive* para que os participantes analisassem. Desse momento em diante começamos o diálogo dos primeiros cinco verbetes e conceitos que foram: *Educação, Ambiental, Dialética, Autonomia e Alienação*.

¹⁵ TV INES - É um canal de TV Brasileira com um conteúdo pioneiro no Brasil, feita para atender a pluralidade de públicos, e tem conteúdo 100% acessível para a Comunidade Surda.

Assim surgiu a primeira percepção dos participantes do Grupo Focal de envolverem-se com a Teoria Freiriana e começarem a desvelar esses sinais-termos da Língua Portuguesa para um entendimento na Libras.

Neste sentido, iniciamos pelo sinal-termo de *Educação* tal que os participantes foram questionados como entendiam o sinal da *Educação* e, ainda, o que Paulo Freire nos desvela sobre o ato educativo.

Agregamos a isso questionar como a comunidade surda usa, tradicionalmente, o termo e se o mesmo estava em acordo com os fundamentos Freirianos. Os participantes do Grupo na sua totalidade tiveram como resposta que este sinal-termo já era tradicional e de conhecimento na Comunidade Surda e por este motivo não haveria sentido em modificá-lo.

Realizamos, ainda, alguns questionamentos em relação ao sinal-termo por demonstrar que nele a Educação se faz sempre do educador para o educando, sendo o educador a pessoa que detém o conhecimento, de tal forma que este foi o motivo para que se trouxesse o sinal-termo para a discussão no Grupo.

Registramos que, mesmo assim, os participantes do Grupo continuaram irredutíveis e não modificaram o sinal-termo.

Para que os leitores conheçam o sinal-termo de *Educação*, disponibilizamos a FIG. 4:



FIGURA 4 - Sinal-termo *Educação*

Fonte: CAPOVILLA, 2009.

O segundo sinal-termo dialogado foi *Ambiental*, sinal esse associado ao entendimento de uma floresta conforme apresentado anteriormente. Da mesma maneira tratou-se de um sinal-termo que os participantes do Grupo detinham o conhecimento sobre.

Ressaltamos que em nossos estudos anteriores e diálogos via *WhatsApp* encontramos outros sinais-termos semelhantes, mas que não condiziam com o conceito complexo que este verbete possui. Aqui o vocábulo *Ambiental* deveria vir acompanhado da palavra *educação*, pois o *ambiental* é um complemento da palavra *educação*.

Neste sentido, refletimos com Dickmann e Carneiro (2021):

A Educação Ambiental não deve ser entendida como uma disciplina isolada no currículo escolar, mas compreendida como uma dimensão educacional a ser trabalhada transversal e interdisciplinarmente. A mais, a Educação Ambiental não é somente um conjunto de práticas de defesa do meio ambiente, mas sim, a possibilidade de se construir uma práxis socioambiental, comprometendo todos os envolvidos numa nova atitude de abrangência ética, social, cultural, econômica, histórica e ecológica. Ela é, por isso, uma práxis educativa entendida como ação humana pensada e responsável, credenciada como ação-reflexão-ação crítica – como queria Paulo Freire dos educadores, diante de problemas concretos das realidades local e global dos educandos. (DICKMANN e CARNEIRO, 2021, p. 18).

Por esse motivo os participantes do Grupo entenderam que foi necessário realizar a mudança desse sinal-termo, conforme figura a seguir:



FIGURA 5 - Sinal-termo *Ambiental*

Fonte: Elaborado pela autora.

Neste sinal-termo os participantes do Grupo Focal realizaram um processo de modificação, por terem o entendimento de que o ambiente não é somente o natural ou a floresta, mas todos os locais nos quais se processam as relações, como, por exemplo, homem-homem, homem-natureza e natureza-natureza, relações essas que são imbricadas à prática social, que é o nosso critério de verdade.

O terceiro sinal-termo que foi dialogado foi o de *Dialética*, como instrumento para compreensão da história, mas envolvendo processos de contradição. Essa contradição está nas relações e tudo se encontra em contínuo movimento.

Segundo Cheptulin (2004) a dialética envolve leis e categorias que são, por sua conceituação:

O que há de comum às leis e às categorias da dialética é que tanto uma como as outras refletem as leis universais do ser, as ligações e os aspectos universais da realidade objetiva. A interpenetração dos contrários, a passagem recíproca entre a qualidade e quantidade, a repetição sobre uma nova base, do que já foi transposto, tanto os elementos refletidos nas principais leis da dialética, quanto os que são tão universais como a relação, além da causa e do efeito, do necessário e do contingente, da forma e do conteúdo, exprimidos nas categorias correspondentes. (CHEPTULIN, 2004, p. 345).

Estudamos esses conteúdos e entendemos que alguns sinais-termos que são de uso da Comunidade Surda, que estão no *Youtube* e alguns outros glossários de Libras referentes à sociologia e à filosofia, não demonstravam o significado deste verbete.

No entendimento dos participantes do Grupo Focal nenhum dos três sinais-termos sugeridos e encontrados na pesquisa estariam de acordo com a perspectiva e entendimento do conceito que o Grupo estava estudando, assim, desenvolveram um novo sinal-termo para que as pessoas surdas realizassem um entendimento do sinal-termo e sua complexidade.

O sinal-termo foi constituído pelo sinal de DESENVOLVIMENTO + ACRESCENTAR e essa mistura dos dois sinais-termos aconteceu, pois, segundo Streck, Redin e Zitkoski (2018), Freire (1994, 1997) concebe que mesmo não sendo determinados, somos seres humanos condicionados pelo contexto histórico sociocultural onde vivemos.

Assim, somos seres humanos inacabados, estamos em processo de desenvolvimento, tal que tudo o que não é pode vir a ser, por isso estamos em constante desenvolvimento e a palavra Acrescentar se dá pela necessidade da realidade objetiva, ou seja, nossas experiências foram práticas as quais vivenciamos. Essas práticas são captadas pelos sentidos e subjetivadas na consciência. Para que os leitores realizem uma breve visualização, temos a figura a seguir:



FIGURA 6 - Sinal-termo *Dialética*

Fonte: Elaborado pela autora.

O quatro sinal-termo do primeiro encontro foi o de *Autonomia* cuja interação se estendeu por mais três encontros, tal que no decorrer das semanas esse diálogo era por meio do grupo de *WhatsApp*, pois foi disponibilizado para os participantes o *Drive* compartilhado com o texto do Dicionário Paulo Freire, que se refere ao verbete em Língua Portuguesa e, adicionalmente, vídeos em Libras. Os vídeos em Libras foram solicitações das pessoas surdas que estavam no Grupo, pela compreensão de que a Libras é sua língua materna, enquanto a Língua Portuguesa é a sua segunda língua.

Inicialmente encontramos dois sinais-termos que são de uso da Comunidade Surda. Um com a representação de *Independência* e o outro utilizado pelo intérprete Jonatas Medeiros na tradução da obra *Pedagogia da Autonomia*. Esse segundo sinal-termo foi um sinal-provisório, mas pelo nosso entendimento foi o que melhor representou a concepção Freiriana de autonomia.

Porém, o Grupo analisou ambos sinais-termos e os participantes tiveram a compreensão de que deveriam estar presentes ambos os sinais-termos. Os primeiros, pois, compreenderam que de certa forma esse sinal-termo representa a independência no sentido de realizar atividades sozinhos, sem o apoio de outras pessoas, e o segundo sinal-termo que o intérprete Jonatas utiliza na sua tradução se aproxima do contexto que foi utilizado na fundamentação de Freire.

De acordo com Machado (2018):

Para Paulo Freire, autonomia é libertar o ser humano das cadeias do determinismo neoliberal, reconhecendo que a história é um tempo de possibilidades. É um “ensinar a pensar certo” com quem fala com a força do testemunho. É um “ato comunicante, co-participado”. Todo processo de autonomia e de construção de consciência nos sujeitos exige uma reflexão crítica e prática, de modo que o próprio discurso teórico terá de ser alinhado à sua aplicação. (MACHADO, 2018, p. 61).

Assim, foi realizada a discussão no Grupo e temos na FIG. 7 e na FIG. 8 os sinais-termos *Autonomia* escolhidos pelo Grupo Focal:



FIGURA 7 - Sinal-termo *Autonomia/Independência*

Fonte: Elaborado pela autora.



FIGURA 8 - Sinal-termo *Autonomia* usado por Jonatas

Fonte: Elaborado pela autora.

Resumidamente, entendemos que a *Autonomia* necessitava ser entendida com dois sinais-termos: 1º) um sinal com o significado de uma autonomia na sociedade compreendendo

o papel do ser humano na sociedade e sua libertação humana e o 2º) um sinal com o significado no sentido individual do sujeito, naquilo que precisamos desenvolver como os sentidos, para que possamos ter a emancipação humana relacionando com o coletivo.

O quinto sinal-termo e que finalizou nosso primeiro encontro foi o de *Alienação*. Para esse encontramos nas plataformas digitais dois sinais-termos. A partir desses sinais-termos iniciamos o diálogo, pois tínhamos como suporte também o texto do Dicionário Paulo Freire, que foi escrito por Kieling (2018), e abstraímos um conceito inicial deste texto escrito na Língua Portuguesa:

A alienação – expressa como invasão cultural, domesticação, opressão, mecanicismo, etc. – e os processos de seu enfrentamento ontologicamente sustentados [...] As formas de alienação são constantemente denunciadas em toda sua obra. Entende-a como perda da condição de sujeito da sociedade. Perda efetiva nos processos históricos, que reduzem as populações a condições desumanas de vida à subserviência, a posições de exploração que diminuem a capacidade dos homens de ser mais. (KIELING, 2018, p. 35).

Iniciamos com a conceituação e o entendimento e acordamos que os sinais-termos utilizados pela Comunidade Surda que estavam disponíveis nas plataformas digitais não condiziam com a complexidade e a amplitude do verbete apresentado e os textos lidos.

Então dialogamos e chegamos ao conceito no qual István Mészáros (2006) expressa na obra *A Teoria da Alienação*, que nos apresenta as duas ordens de mediação nas quais: A primeira ordem é a única possível do ser humano se relacionar com a natureza e com o próprio homem, seguindo sua condição ontológica, condição que emancipa os seres humanos na busca de ser mais; e, a segunda ordem se faz pelas condições históricas que são da ordem do sistema capitalista, tal que seguimos a lógica do sistema vigente, ao qual temos que nos escravizar em um trabalho alienado e sem condições de exercer uma efetiva emancipação.

Na compreensão dos participantes do Grupo, o sinal-termo de *Alienação* se fez na mediação da segunda ordem, sendo que “uma mão na forma de uma pessoa que é formado pelos dedos: indicador, médio e polegar na frente do corpo apontando para baixo, utilizamos, ainda, a outra mão, também, em ‘L’ na qual passamos na frente dessa representação de ser humano”. Ressaltamos, ainda, que é utilizada a expressão facial na qual o rosto representa aquilo que retira a essência humana, que é a de ser mais.

O significado se deu por entendermos que a ideologia da classe dominante tem em seu cerne retirar toda e qualquer relação humana ontológica, relação essa na qual o ser humano não se reconhece como parte da natureza. Sendo assim, temos a FIG. 9:



FIGURA 9 - Sinal-termo *Alienação*

Fonte: Elaborado pela autora

Com esses diálogos findamos nosso primeiro encontro que durou duas horas e trinta minutos aproximadamente. Neste primeiro encontro estavam presentes sete componentes do Grupo. A única participante que faltou foi IL1 que teve um compromisso no qual não pode se fazer ausente.

A participante PE1 se fez presente na sala virtual, mas sempre de câmera fechada e em nenhum momento dialogou com o Grupo para “sinalizar” sua fala. Os demais participantes realizaram o diálogo e ao final do primeiro encontro retornamos ao quadro do *Drive* e escolhemos mais cinco sinais-termos que seriam dialogados no decorrer da semana com materiais de apoio. Na terça-feira posterior refletimos sobre os termos.

Os sinais-termos escolhidos pelo Grupo para o segundo encontro, do dia 15 de março de 2022, foram: *Anúncio/Denúncia*, *Antagonismo*, *Desumanizar/Humanizar*, *Cidadania* e *Círculo de Cultura*. Esses verbetes foram escolhidos pelos participantes que entenderam que existia uma carência de sinais-termos em relação a eles. A partir disso, disponibilizamos textos na Língua Portuguesa e do Dicionário Paulo Freire e, ainda, realizamos traduções para Libras dos respectivos textos. Essas traduções foram realizadas de expressões na Língua Portuguesa que as pessoas surdas que compunham o Grupo Focal não tinham entendimento na sua segunda língua, que é a Língua de Sinais.

Sendo assim, no segundo encontro iniciamos pelo verbete *Anúncio/Denúncia*. Esses sinais-termos já existiam em uso na Comunidade Surda, mas de maneira separada no sentido de anunciar como um aviso, um dizer a todos, e o sinal *Denúncia* como algo de forma negativa como, por exemplo, denunciar algo que estava errado e que precisava ser modificado.

Na fundamentação Freiriana e segundo Linhares (2018):

As conjunções entre *Anúncio/Denúncia* expressam uma sintaxe que não pode ser considerada de menor importância. Até chego a dizer que qualquer cartografia da obra de Paulo Freire, nela considerando a própria estética de sua existência, sem as lógicas do anunciar, denunciando, ou do denunciar, anunciando que a impregnam, torna-se um mapa simplificado. (LINHARES, 2018, p. 49).

As expressões *Anúncio/Denúncia* estão relacionadas à forma como Freire esteve presente nas culturas mais diversas e na incessante busca de romper com as formas individuais de opressores e oprimidos, mantendo o compromisso com o coletivo, denunciando a situação vigente no sentido de anunciar, tal que o anúncio tem por objetivo promover uma ação transformadora e social.

Nestas expressões não desenvolvemos um novo sinal-termo, mas invertemos a ordem na qual ele se apresenta, pois a denúncia se dá como primeiro processo de investigação do que está posto na realidade objetiva e o anúncio é a afirmação da prática transformadora, ou seja, a futura ação para que os oprimidos se libertem das suas amarras rompendo com as situações limites, aquelas determinantes que mantêm a realidade existente.

Para que nossos leitores visualizem como ficaram representados estes sinais-termos, temos a FIG. 10:

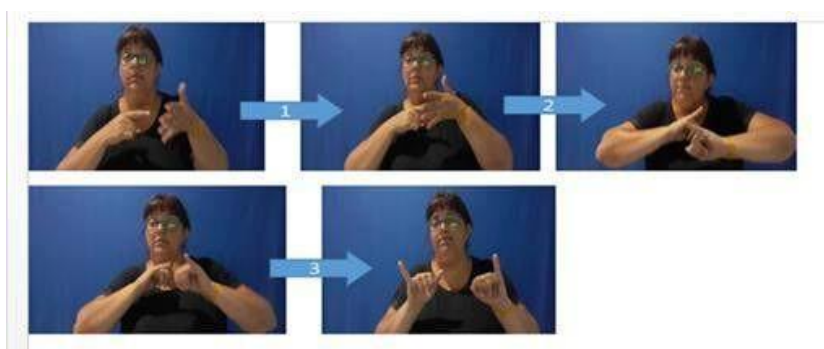


FIGURA 10 - Sinal-termo *Denúncia/Anúncio*

Fonte: Elaborado pela autora.

O segundo sinal-termo dialogado nesse encontro virtual foi o *Antagonismo*. Nas plataformas digitais nas quais pesquisamos encontramos sinais-termos que o Grupo não aprovou para que permanecesse no nosso Glossário. Dessa forma, para que pudéssemos entender o significado desse vocábulo e criar um novo sinal-termo, foi essencial o material de apoio escrito na Língua Portuguesa.

De acordo com o Grupo o sinal-termo de *Antagonismo/Antagônico* tinha como significado uma pessoa caminhando que iria em frente. A justificativa dos participantes era que a pessoa sairia do caminho e por este motivo não teria sentido, nem tampouco significado, inserir como essa representação no Glossário esse sinal-termo.

Porém, o significado ao qual nos aproximamos tanto na literatura de Paulo Freire como no Dicionário nos relatam que:

São os polos opostos das relações sociais de antagonismo. Fundamentalmente, oprimidos e opressores são classes sociais antagônicas e em luta. No entanto, é possível que se instaurem relações de opressão entre os próprios oprimidos. Enquanto seres envolvidos em relação de dominação, tanto oprimidos quanto opressores têm sua vocação ontológica negada pela realidade histórica de opressão que funda suas existências. Só a práxis libertadora do oprimido é capaz de superar a opressão e restaurar a humanidade de ambos. (OLIVEIRA, 2018, p. 46).

Reconhecemos que foi questionado pelo participante PL1 se os vocábulos *Antagonismo* e *Antagônico* possuíam o mesmo significado e neste instante a participante IL3 sinalizou que *Antagônico* era um adjetivo que poderia ser dado a um ser humano pela sua condição no mundo e com o mundo e *Antagonismo* eram as práticas realizadas pelas pessoas, tal que, dessa maneira, foi possível ampliar o diálogo no sentido de realizar uma reflexão em relação a esses verbetes.

Assim, o Grupo realizou o entendimento que a principal característica deveria ser as opiniões e compreensões, de tal forma que utilizamos a junção do sinal-termo de OPINIÃO + DISCORDAR, pois essa compreensão se desenvolveu no intuito de que essa prática antagônica é uma forma de driblar a realidade e instaurar uma atmosfera irracional e sectária.

Para demonstrarmos como ficou nosso sinal-termo temos a FIG. 11:



FIGURA 11 - Sinal-termo *Antagonismo/Antagônico*

Fonte: Elaborado pela autora.

O terceiro sinal-termo dialogado neste segundo encontro foi o binômio *Desumanizar/Humanizar*. O sinal-termo de uso corrente na Comunidade Surda era somente o sinal-termo de *Humano* para *Humanizar*, bem como, o sinal-termo de *Desumanizar* não era de conhecimento dos participantes do Grupo antes do estudo das bibliografias sugeridas.

Posto isto, chegamos à conclusão, mesmo que momentânea, de que seria necessário desenvolver dois sinais-terminos, respectivamente, um para *Desumanizar* e outro para *Humanizar*. A desumanização foi a junção do sinal de PRÁTICA + EVAZIAMENTO, ou seja, de práticas que dificultam emancipar os homens e mulheres, não possibilitando o desenvolvimento humano em sua forma integral.

Então o Grupo desenvolveu o seguinte sinal-termo:

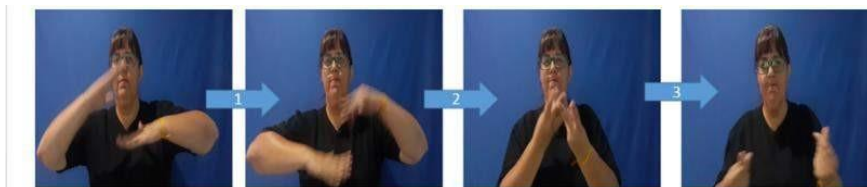


FIGURA 12 - Sinal-termo *Desumanizar*

Fonte: Elaborado pela autora.

Temos como diálogo as práticas realizadas e o pensar sobre a realidade existente, tal que Freire (1987) nos diz que:

A desumanização não se verifica, apenas, nos que tem sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos roubam, é distorção da vocação do ser mais. É distorção possível na história, mas não vocação histórica. Na verdade, se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero. (FREIRE, 1987, p. 16).

Dando prosseguimento ao encontro, o sinal-termo *Humanizar* teve o mesmo movimento de estudo e reflexão, porém um estudo que humanizar não é simplesmente estar vivo, ou ser uma pessoa humana, ou seja, este verbete está para além, e por este motivo o sinal-termo de humanização se deu pela junção dos seguintes sinais-termos: PRÁTICAS + INSERÇÃO.

Seguindo o raciocínio de que as práticas são o critério de verdade, acreditamos que por meio de tais práticas vamos realizando o movimento de aprender pelos sentidos e reavivar nossos ensinamentos anteriores para questionar os novos.

Freire (1987) nos diz:

O que nos parece indiscutível é que, se pretendemos a libertação dos homens, não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados. A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra há mais; oca, mitificante. É práxis que implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo. (FREIRE, 1987, p. 38).

Seguindo a concepção Freiriana, a materialidade deste sinal-termo está na FIG. 13.

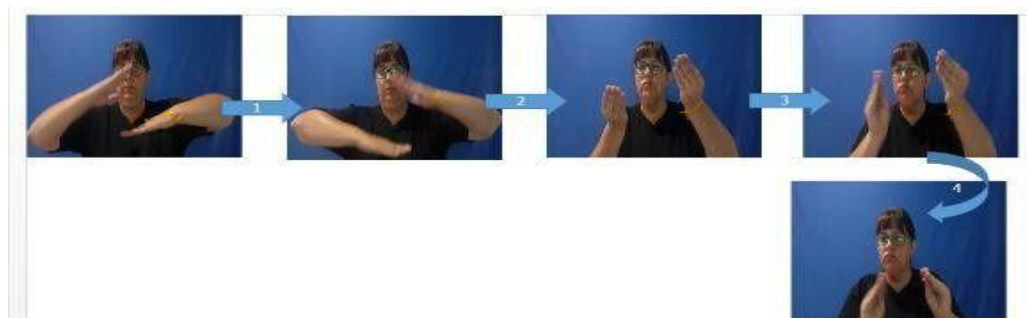


FIGURA 13 - Sinal-termo *Humanização*

Fonte: Elaborado pela autora.

O quarto sinal-termo desse segundo encontro foi o de *Cidadania*. Neste verbete o sinal-termo que a comunidade surda utilizou foi a letra C que é passada na frente do corpo começando na testa até a região do umbigo e tem, ainda, a expressão facial que propicia uma característica de participar da realidade. Não realizamos modificações neste sinal-termo, pois por unanimidade do Grupo, os participantes tiveram a compreensão de que esse sinal-termo estava no uso padrão e que não necessitaria de modificação.

Realizamos, posteriormente, a tradução em Libras dos textos de apoio, juntamente com os vídeos que tinham legenda em Língua Portuguesa. Insistimos no diálogo com o Grupo no sentido de que acreditar que esse sinal-termo necessitava ser modificado, mas os participantes mantiveram a sua posição unânime em relação a esse sinal-termo.

Segundo Herbert (2018):

A cidadania se manifesta por meio das relações sociais, por meio do exercício de produzir coletividade e poder de relacionamentos continuados em favor da vivência dos direitos e deveres dos indivíduos nos grupos sociais. Um relacionamento compartilhado e participativo é condição necessária para o exercício da cidadania. (HERBERT, 2018, p. 76).

Sendo assim, demonstraremos a visualização prévia, que está na FIG. 14:



FIGURA 14 - Sinal-termo *Cidadania*

Fonte: Elaborado pela autora.

O quinto e último sinal-termo do segundo encontro foi o *Círculo de Cultura* que foi estudado a partir dos fundamentos de Hall (1997) e Brandão (2018).

Stuart Hall é um estudioso sobre a cultura surda, que nos diz que: “a cultura determina uma forma de ver, de interpelar, de ser, de explicar, de compreender o mundo. O viver e compartilhar experiências em comunidades é o que possibilita a (re)invenção e o desenvolvimento de uma cultura surda” (HALL, 2016, p. 20).

Neste verbete e conforme nossa pesquisa ainda não havia sido desenvolvido pela Comunidade Surda um sinal-termo e por este motivo tivemos um esforço de reflexão. Os sinais-termos que eram utilizados por profissionais da área da surdez eram o sinal de CÍRCULO +

CULTURA, tal que estamos nos referindo a uma outra língua que é a Libras e não teria um significado apropriado se assim fosse.

Freire nos relata na obra *Pedagogia do Oprimido* sobre “[...] os diálogos descodificantes nos círculos de investigação da temática” (FREIRE, 1987, p. 64), e por este motivo a forma de círculo não condiz com a complexidade do verbete.

Brandão (2018) dialoga conosco que no: “[...] círculo de cultura, o diálogo deixa de ser uma simples metodologia ou uma técnica de ação grupal e passa a ser a própria diretriz de uma experiência didática centrada no suposto de que aprender é aprender ‘dizer a palavra’” (BRANDÃO, 2018, p. 11, grifo do autor).

Os participantes do Grupo compreenderam que é por meio das relações sociais e experiências compartilhadas que realizamos a codificação e decodificação das palavras e expressões. Desse modo, este verbete teve seu sinal-termo com as duas mãos na frente do corpo em movimentos circulares e dedos tremulando, representando as diversas relações sociais e suas manifestações e o sinal-termo de *Cultura*, de uso comum das pessoas e profissionais da área da surdez. Para demonstrar, temos a FIG. 15:



FIGURA 15 - Sinal-termo *Círculo de Cultura*

Fonte: Elaborado pela autora.

Finalizamos nosso segundo encontro no qual estavam presentes: IL3, PL2, ES1 e ES2. Os demais participantes não conseguiram participar por motivos de ordem particular. Mesmo assim compartilhamos no grupo de *WhatsApp* os links do *Drive* no qual estavam os vídeos com os sinais-termos e conceitos gravados, assim como a gravação do encontro para que os demais participantes pudessem manifestar a sua palavra em relação aos sinais-termos desenvolvidos.

O Grupo aprovou por unanimidade os sinais-termos e não houve restrições, e esse encontro passou do horário previsto que era até as 20 horas, pois foi aproximadamente até as 20 horas e 45 minutos. Assim, encaminhamos os verbetes que seriam de importância para o diálogo do próximo encontro.

Os verbetes escolhidos foram: *Codificação/Descodificação*, *Cognoscente*, *Coisificação*, *Coletivo* e *Conscientização*.

Neste sentido, na terceira terça-feira, dia 22 de março de 2022, às 18 horas, realizamos nosso terceiro encontro com a proposta de dialogar sobre os verbetes acima destacados e nesse encontro estavam presentes: PL1, IL2, IL3, ES1 e ES2. Enviamos o link via grupo de *WhatsApp* e os demais participantes que não se fizeram presentes não justificaram a ausência.

Os participantes que estavam presentes tiveram dúvidas, pois os verbetes escolhidos para este encontro tinham uma complexidade que estava além dos conhecimentos dos mesmos. Então iniciamos pelos verbetes *Codificação/Decodificação* pelo entendimento que realizamos enquanto Grupo, pois foi necessário separar esses verbetes nos quais cada um tem um significado específico, de modo que foi de fundamental importância realizar esse entendimento.

A *Codificação* se dá pela representação de uma situação existencial desenhada ou fotografada, a partir de um processo de alfabetização, com o reconhecimento da situação existencial, por isso dialogamos com Freire (1981), a partir da obra *Ação Cultural para a Liberdade e Outros e Escritos*:

No contexto teórico, “tomando-se distância” do concreto, se analisam criticamente os fatos que neste se dão. Esta análise envolve o exercício da abstração através da qual, por meio de representações da realidade concreta, procuramos alcançar a razão de ser dos fatos. O meio de que nos servimos em nossa prática para operar tal abstração é a codificação ou a representação de situações existenciais dos educandos. (FREIRE, 1981, p. 42).

Pelos estudos realizados já havia sinais-termos para *Codificação* e esses foram desenvolvidos com sua significação para área computacional, o que não condizia com o verbe *Codificação* que estamos utilizando.

Por este motivo, nos dedicamos a desvelar o significado existente no vocábulo e desenvolvemos um novo sinal-termo. Este sinal-termo foi formado da junção de dois sinais-termos: PALAVRA + ESCONDER. Compreendemos que esse verbe nos remete ao processo de representação e que reflete na consciência de cada pessoa, ocultando seu significado. Demonstraremos na FIG. 16:



FIGURA 16 - Sinal-termo *Codificação*

Fonte: Elaborado pela autora.

Na sequência realizamos a compreensão do verbete *Descodificação*, tal que este verbete tem como significado a análise de uma situação existencial, pois se manifesta dialeticamente com o verbete *Codificação*. Enquanto a *Codificação* traz a representação, na *Descodificação* é realizada a análise da situação.

Freire (1967), na obra *Educação como Prática da Liberdade*, afirma:

Para a introdução do conceito de cultura, ao mesmo tempo gnosiológica e antropológica, elaboramos, após a “redução” deste conceito a traços fundamentais, dez situações existenciais “codificadas”, capazes de desafiar os grupos e levá-los pela sua “descodificação” a estas compreensões. Francisco Brennand, uma das maiores expressões da pintura atual brasileira, pintou estas situações, proporcionando assim uma perfeita integração entre educação e arte. (FREIRE, 1967, p. 112).

Desta forma, os participantes do Grupo desenvolveram o sinal-termo com a compreensão de que existe a palavra que é o código a ser representado, porém esse código precisa ser desvelado. Então o sinal-termo do verbete foi realizado pela junção dos seguintes sinais-termos: PALAVRA + EXTRAÇÃO e a representação ficou conforme a FIG. 17:



FIGURA 17 - Sinal-termo *Descodificação*

Fonte: Elaborado pela autora.

O segundo verbete desse encontro foi *Cognoscente* que foi uma palavra que não era de conhecimento pelo Grupo na Língua Portuguesa. Realizamos uma consulta ao Dicionário Aurélio, na sua versão digital para *smartphone*, que nos diz que é um adjetivo de dois gêneros: “01. que possui a capacidade ou faculdade de conhecer. 02 que é capaz de adquirir conhecimento” (FERREIRA, 2020).

A nossa busca foi em um primeiro momento em Libras, por meio de vídeos, mas não obtivemos sucesso e, por este motivo, buscamos o significado na Língua Portuguesa, para que pudéssemos direcionar as leituras.

Assim, nas pesquisas que realizamos não encontramos nenhum sinal-termo em referência a esse verbete, tal que dialogamos, direcionados também para a área da educação, no sentido dos pressupostos de Freire (1987):

[...] a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir conhecimentos e valores aos educandos, meros pacientes à maneira da educação bancária, mas como um ato cognoscente. Como situação gnosiológica, em que o objeto cognoscível, em lugar de ser o término do ato cognoscente de um sujeito, é o mediatizador de sujeitos cognoscentes, educador, de um lado, educandos, de outro, a educação problematizadora coloca, desde logo, a exigência da superação da contradição educador-educandos. Sem esta, não é possível a relação dialógica, indispensável à cognoscibilidade dos sujeitos cognoscentes, em torno do mesmo objeto cognoscível. (FREIRE, 1987, p. 39).

Nessas reflexões desenvolvemos um sinal-termo para este verbete, que foi o classificador de PESSOA + BUSCAR.

O classificador na Língua de Sinais são formas que, substituindo o nome que as precedem, pode vir junto ao verbo para classificar o sujeito ou o objeto que está ligado à ação do verbo. Portanto, os classificadores na Libras são marcadores de concordância de gênero: pessoa, animal e coisa.

Nosso sinal-termo ficou representado conforme a FIG. 18:



FIGURA 18 - Sinal-termo *Cognoscente*

Fonte: Elaborado pela autora.

Esse sinal-termo teve como objetivo demonstrar o classificador de pessoa articulando a educação com a vida e, por meio do conhecimento, buscando a transformação social. Portanto, os seres humanos e suas relações com a natureza, com os outros e com ele mesmo, podem ser considerados como resultado dos processos de aprendizagem que se expressam sob a forma de conhecimento.

O terceiro verbete dialogado neste encontro foi *Coisificação* e nas pesquisas e estudos que realizamos antes do encontro não encontramos sinais-terminos em relação a este verbete. Por este motivo, recorreremos aos materiais de apoio que estão no QUADRO 4.

O verbete *Coisificação* ficou entendido pelos participantes como uma condição que reduz os seres humanos à categoria de objeto e assim se desenvolvem as relações de dominação.

Dialogamos com Freire (1987) que:

É como homens que o oprimido tem que lutar e não como “coisas”. E precisamente porque reduzidos a “coisas”, na relação de opressão em que estão, que se encontram destruídos. Para construir-se é importante que ultrapassem o estado de quase “coisas”.

Não podem comparecer à luta como quase “coisas”, para depois ser homens. É radical esta exigência. (FREIRE, 1987, p. 31, grifo do autor).

Nessa compreensão desenvolvemos um sinal-termo que abrangesse toda esta complexidade e foi a junção dos seguintes sinais-termos: classificador de PESSOA + LETRA H que remete ao classificador + OBJETO. Conforme descrito em Língua Portuguesa, representamos em Libras na FIG. 19:



FIGURA 19 - Sinal-termo *Coisificação*

Fonte: Elaborado pela autora.

O quarto verbete desse encontro foi o de *Coletivo*, tal que para este verbete já existia dois sinais-termos que eram de uso da Comunidade Surda e, ainda, os sinais eram de representação de grupos. Esses grupos para os estudiosos da surdez representam diferentes coletivos e mesmo assim, indicamos um material para estudo, que está no QUADRO 4 e, ainda, retomamos o vídeo de Jonatas Medeiros. O sinal-termo utilizado pelo autor também é o mesmo que utilizamos.

Neste sentido Góes (2018) dialoga conosco dizendo que:

Para Paulo Freire a educação é um ato político, portanto um trabalho coletivo, que reeduca todos os sujeitos e atores envolvidos. Envolve postura e atitude diante do mundo e do homem, que é diferente um do outro com suas culturas e crenças. Não são as teorias modernas ou os conceitos abstratos que educam. É a prática concreta que, sendo pensada a luz da teoria, transforma a realidade histórica de cada povo. (GÓES, 2018, p. 91).

Mesmo com esses estudos e considerações os participantes do Grupo decidiram que não poderiam modificar esse sinal-termo, já que era um sinal-termo de uso e tradicional pelas pessoas que utilizam a Libras. Desta forma, a imagem dos sinais-termos para o verbete *Coletivo* foram assim representadas:

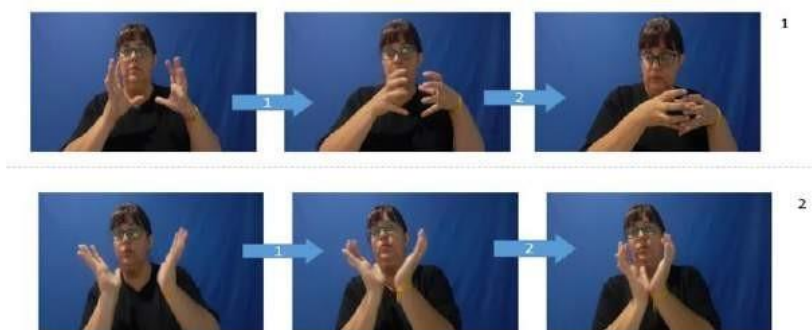


FIGURA 20 - Sinal-termo *Coletivo*

Fonte: Elaborado pela autora.

O quinto e último verbete dialogado neste terceiro encontro foi o de *Conscientização*. Esse verbete já tinha sinal-termo e também a justificativa do Grupo foi semelhante ao anterior. Percebemos que era outro sinal-termo utilizado tradicionalmente pelas pessoas que se comunicam em Libras e os participantes entenderam que não seria necessário refletir sobre tal sinal-termo.

No entanto, como pesquisadores acreditamos que seria necessário realizar uma compreensão teórica sobre o verbete e seu sinal-termo. Freitas (2018) nos relata que:

A conscientização, compreendida como processo de criticização das relações consciência-mundo, é condição para assunção do comprometimento humano diante do contexto histórico-social. No processo de conhecimento, o homem ou a mulher tendem a se comprometer com a realidade, sendo esta uma possibilidade que está relacionada a *práxis humana*. É através da conscientização que os sujeitos assumem seu compromisso histórico no processo de fazer e refazer o mundo, dentro de possibilidades concretas, fazendo e refazendo a si mesmos. (FREITAS, 2018, p. 105).

Mesmo assim, nosso sinal-termo não foi alterado, ficando conforme FIG. 21:



FIGURA 21 - Sinal-termo *Conscientização*

Fonte: Elaborado pela autora.

Este encontro passou 15 minutos do tempo de duração total, totalizando 2 horas e 15 minutos. Antes de finalizarmos o encontro observamos novamente o quadro e elencamos mais cinco sinais-terminos para o nosso quarto encontro.

Os verbetes escolhidos para este encontro foram: *Diálogo/Dialogicidade, Ecologia, Educação Libertadora, Emancipação e Ideologia*.

Desta forma, no dia 23 de março foram disponibilizados materiais para a compreensão inicial desses verbetes, alguns em Língua Portuguesa e outros em Libras. Esses materiais foram disponibilizados no *Drive* compartilhado e no grupo de *WhatsApp* assim como alguns links de sinais-termos de uso pelas pessoas que se comunicam em Libras.

No decorrer da semana de 23 a 28 de março foram surgindo dúvidas e diálogos sobre os materiais. Na terça-feira 29 de março de 2022 os participantes do Grupo encontraram-se virtualmente pela plataforma *Google Meet* para uma conversa objetiva sobre os verbetes e se proporião modificações ou não.

Iniciamos pela ordem alfabética. O primeiro verbeo foi *Diálogo/Dialogicidade* e utilizamos como material de apoio as obras que estão no QUADRO 4.

O *Diálogo* foi o verbeo central na nossa pesquisa, pois já existiam sinais-termos que se referiam a Diálogo/Conversa e outros verbetes que seriam relacionados a este. Elencamos um sinal-termo que já era de uso das pessoas que utilizam a Libras para a sua comunicação, mas como uma mudança no movimento. Conforme FIG. 22:



FIGURA 22 - Sinal-termo *Diálogo/Dialogicidade*

Fonte: Elaborado pela autora.

Neste sentido o sinal-termo de *Diálogo/Dialogicidade* vinha de dentro para fora tal que invertemos a ordem, pois acreditamos que por meio das nossas práticas concretas é que nos constituímos como seres humanos, então não teria significado se o diálogo fosse sinalizado como era anteriormente e por isso sinalizamos de fora para dentro.

Zitkoski (2018) reafirma nossa reflexão dizendo que:

[...] o diálogo é a força que impulsiona o pensar crítico-problematizador em relação à condição humana no mundo. Através do diálogo podemos dizer o *mundo* segundo nosso modo de ver. Além disso, o diálogo implica uma *práxis* social, que é o compromisso entre a palavra dita e nossa ação humanizadora. Essa possibilidade abre caminhos para repensar a vida em sociedade, discutir sobre nosso *ethos cultural*, sobre a educação, a linguagem que praticamos e a possibilidade de agirmos de outro modo de ser, que transforma o mundo que nos cerca. (ZITKOSKI, 2018, p. 140).

O segundo verbeo dialogado neste encontro foi uma contribuição da ES2, pois a mesma está envolvida com a elaboração de sinais-termos para o componente curricular de Química e

nos trouxe o sinal-termo de *Ecologia* que foi desenvolvido no outro grupo de estudos ao qual ela pertence.

Estudamos o vídeo e ela nos trouxe uma breve explicação de como esse sinal-termo foi escolhido para fazer parte do glossário de Química, de modo que nessa explicação a ES2 nos relatou que a Ecologia nos remete a uma ampla manifestação dos seres vivos e suas relações com o meio ao qual estamos imersos.

Fizemos também uma pesquisa no Dicionário Paulo Freire e em algumas plataformas que disponibilizaram o sinal-termo *Ecologia*. Dialogamos sobre este sinal-termo e optamos por inserir o sinal-termo que a participante ES2 nos apresentou.

De acordo com Calloni (2018):

Podemos entender tanto a Ecologia profunda quanto a amorosidade presente no legado Freiriano como elementos significativos sintônicos como pensamento da complexidade, onde a consciência ecológica aprofunda-se em consciência eco-antropológica; desenvolve-se em consciência política na tomada de consciência de que a desorganização da natureza suscita o problema da organização da sociedade. (CALLONI, 2018, p. 158).

Sendo assim, o sinal-termo se inicia pelas duas mãos na frente do corpo representando a letra E, tal que esta se transforma em forma redonda, representando o mundo e no final se fecha, pois, estamos todos no mundo e em relações. Este sinal-termo ficou representado da seguinte forma:



FIGURA 23 - Sinal-termo *Ecologia*

Fonte: Elaborado pela autora.

O terceiro verbete que analisamos e dialogamos neste encontro foi o de *Educação Libertadora* e em relação aos sinais-termos que a comunidade surda utiliza para este verbete, que são a junção de EDUCAÇÃO + LIBERDADE. Começamos dialogando sobre esses sinais-termos e se estavam de acordo com os textos e as teorias apresentadas. Por este motivo, entendemos a necessidade de dialogar com Freire (1986) que nos traz a reflexão:

A educação libertadora é, fundamentalmente, uma situação na qual tanto os professores como os alunos devem ser os que aprendem; devem ser os sujeitos cognitivos, apesar de serem diferentes. Este é, para mim, o primeiro teste da educação

libertadora: que tanto os professores como os alunos sejam agentes críticos do ato de conhecer. (FREIRE, 1986, p. 27).

Acreditamos que o Grupo poderia, com as leituras e diálogos, ter a possibilidade de refletir sobre esse sinal-termo e transformá-lo, no entanto, os participantes optaram por continuar utilizando o mesmo sinal-termo que está representado abaixo:



FIGURA 24 - Sinal-termo *Educação Libertadora*

Fonte: Elaborado pela autora.

O quarto verbete dialogado neste encontro foi *Emancipação* e para este verbete havia alguns sinais-terms que as pessoas que utilizam Libras para a comunicação usavam. Mesmo assim, propusemos ao Grupo que entendessem o significado de emancipação na perspectiva Freiriana e para o estudo desse significado utilizamos os materiais de apoio que estão no QUADRO 4.

Dessa forma e segundo Moreira (2018):

[..] o trabalho de formação da educação popular também deve exercitar processos de emancipação individual e coletiva, estimulando e possibilitando a intervenção no mundo, a partir de um sonho ético-político da superação da realidade injusta. Tal intervenção se dá num fazer cotidiano e também histórico, atravessado de desafios, utopias, sonhos, resistências e possibilidades. (MOREIRA, 2018, p. 181-182).

Os participantes do Grupo optaram por continuar utilizando os sinais-terms já existentes, tal que escolheram o sinal-termo da FIG. 25 o qual representa a emancipação como algo individual.

Entendemos que a emancipação se desenvolve por processos coletivos e políticos. Mesmo assim nosso diálogo com o Grupo foi compreendido de uma maneira equivocada tal que decidiram manter o sinal-termo de *Emancipação* como um desenvolvimento individual e sem interferência do meio e das relações que envolvem os processos.



FIGURA 25 - Sinal-termo *Emancipação*

Fonte: Elaborado pela autora.

O último verbete desse encontro foi *Ideologia*. Para este verbete detectamos dois sinais-termos que eram de conhecimento dos participantes do Grupo Focal.

No primeiro momento nos detivemos em entender, mesmo que brevemente, o significado de ideologia e como os estudiosos da surdez entendiam esse conceito. No vídeo traduzido pelo intérprete Jonatas o autor demonstra um sinal-termo que trouxe para os participantes do Grupo o entendimento de que a ideologia vela a realidade e apenas apresenta o que é interessante para a classe dominante que a classe dominada tenha conhecimento.

Por esse entendimento, utilizamos esse sinal-termo que tem uma mão aberta na frente do corpo e a outra mão bate atrás dessa mão que está na frente, conforme a FIG. 26:



FIGURA 26 - Sinal-termo *Ideologia*

Fonte: Elaborado pela autora.

Realizamos um diálogo inicial, embasados nas leituras que sugerimos para o estudo. Freire (2002) nos diz que a:

Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas. Nem apenas reprodutora nem apenas desmascaradora da ideologia dominante. (FREIRE, 2002, p. 51).

Resgatamos os materiais de apoio para realizar um diálogo crítico que manifestasse o significado de ideologia e o quão complexo esse verbete se torna, porém, o Grupo se sentiu satisfeito com o sinal-termo que já estava posto.

Finalizamos o nosso quarto encontro no horário previsto, às 20 horas, e escolhemos os verbetes que seriam realizados no quinto encontro: *Leitura de Mundo, Ontologia, Oprimido/Opressor, Contradição e Criticidade*.

No dia seguinte fizemos os vídeos e compartilhamos no *Drive* com os participantes que não puderam se fazer presentes na reunião virtual e, ainda, replicamos os links dos materiais e dos vídeos produzidos no grupo de *WhatsApp*, pois os participantes poderiam opinar mesmo não tendo participado da reunião síncrona.

No dia 05 de abril de 2022 realizamos o quinto encontro e nele estavam presentes: ES2, ES1, IL3 e IL2. Neste encontro também não conseguimos reunir o Grupo na sua totalidade, pois alguns integrantes justificaram suas demandas de trabalho neste dia e horário, enquanto outros não se manifestaram nem no grupo de *WhatsApp* tampouco por e-mail.

Iniciamos nossa reunião com atraso devido a problemas na internet de alguns participantes e, então, começamos pelo verbete *Leitura de Mundo*. Este verbete tem uma complexidade no sentido que ler o mundo da forma como Freire nos descreve, significa realizar um estudo da Totalidade, Totalidade que se dá no tempo, espaço e história.

Dessa forma, dialogamos com Passos (2018): “A leitura do mundo e da palavra é, em Freire, direito subjetivo, pois, dominando signos e sentidos, nos humanizamos, acessando mediações de poder e cidadania” (p. 285).

Fizemos essa observação com os participantes do Grupo Focal para este verbete e não encontramos sinais-termos, por isso acreditamos que precisávamos desenvolver um novo sinal-termo. Os participantes do Grupo entenderam que seria pertinente inverter a ordem da sinalização, ou seja, MUNDO + LER. Também partiu do Grupo a compreensão de que deveria ser a junção de PALAVRA + SIGNIFICADO.

Esta junção foi polêmica no Grupo Focal, pois os participantes ficaram divididos e em um longo debate uns questionavam os outros em relação à compreensão e seus entendimentos, pois determinados participantes acreditavam que o sinal-termo era mundo e sua leitura, enquanto outros no momento em que foram questionados do que seria essa leitura, acrescentavam que seria uma abordagem crítica numa compreensão dos significados.

Após um diálogo compreendemos e acordamos que ambos sinais-termos poderiam fazer parte desse Glossário. Desta forma apresentamos abaixo:



FIGURA 27 - Sinal-termo *Leitura de Mundo*

Fonte: Elaborado pela autora.

O segundo verbete dialogado neste encontro foi *Ontologia*, um verbete complexo e de questionamentos.

Neste verbete foi difícil encontrar registros em Libras, mas encontramos dois no *Youtube*, em glossários da Consultoria e Assessoria em Empresas para Inclusão e Acessibilidade da Pessoa Surda – CAESARLIBRAS e da tradução do intérprete Jonatas, tal que levamos para o diálogo no Grupo esses sinais-termos encontrados.

Esses sinais-termos que foram utilizados nos dois glossários não são de uso da Comunidade Surda, mas utilizados no meio acadêmico. Por isso precisamos fazer uma explicação detalhada desse verbete para que pudéssemos questioná-lo, verificando se precisávamos desenvolver um novo sinal-termo ou inseri-lo em nosso Glossário.

Os participantes do Grupo decidiram utilizar os dois sinais-termos que encontramos, pois os dois demonstravam a ontologia e seus significados e, dessa forma, o primeiro sinal-termo é simbolizado por uma garra na frente do peito que encosta e sai do corpo indo para frente e realiza movimentos circulares. O segundo sinal-termo é a primeira mão fechada de lado na frente do corpo e a segunda aberta embaixo que começa fechada e se abre quando encosta na segunda. Esses são os sinais-termos estão representados na FIG. 28:

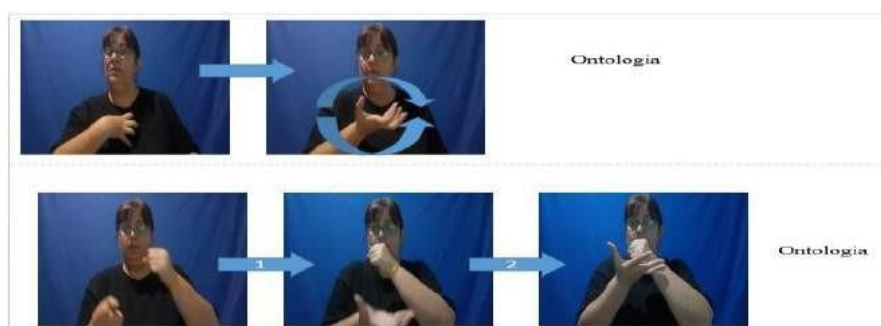


FIGURA 28 - Sinal-termo *Ontologia*

Fonte: Elaborado pela autora.

Romão (2018) nos diz que:

A toda concepção, em qualquer campo de conhecimento humano, subjazem uma ontologia (teoria do ser) e uma epistemologia (teoria do conhecimento) e ambas se correspondem mutuamente. Ou seja, toda e qualquer teoria-científica, filosófica, etc. referencia-se em uma visão de mundo que, por sua vez, constrói-se a partir de uma teoria a respeito de tudo que existe e de uma epistemologia e vice-versa, e ambas fundamentam qualquer formulação conceptual ou estética de quem assume em sua visão de mundo. (ROMÃO, 2018, p. 342).

Ambos os sinais-termos dialogam com os textos de apoio relacionados aos verbetes e a citação, pois trazem a ontologia dos seres humanos enquanto inconclusos, inacabados e incompletos, mas com a possibilidade real de vir a ser mais.

O terceiro verbete foi constituído como um binômio a ser dialogado dialeticamente enquanto movimentos de *Opressores/Oprimidos*, porém foram pensados sinais-termos para esse verbete de maneira separada, pois cada um apresenta seus complexos significados.

Utilizamos os materiais de apoio que estão no QUADRO 4 e, ainda, vídeos que foram sugeridos pela banca examinadora, em Libras e com as variações de oprimido e opressor.

Nestes sinais-termos encontramos três variações para oprimido e duas para opressor, de maneira que estes sinais-termos foram apresentados e dialogados com os participantes do Grupo juntamente com os textos de apoio em Língua Portuguesa. Sendo assim, escolhemos apenas um sinal-termo de cada verbete, pois entendemos que seria necessário elencar um sinal-termo para cada verbete que abrangesse a complexidade desses.

Neste sentido, observaremos os sinais-termos na figura a seguir:

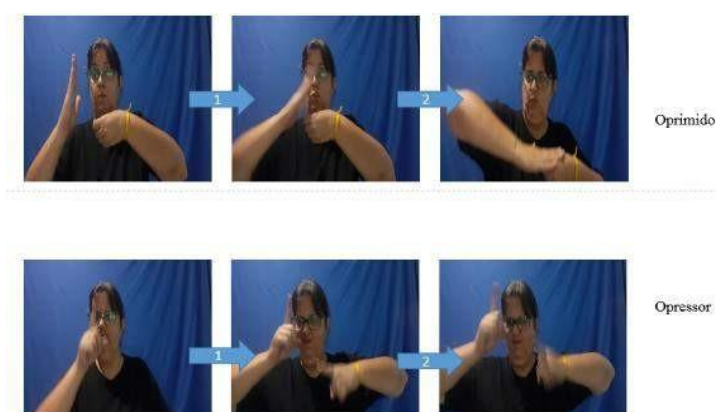


FIGURA 29 - Sinal-termo *Oprimido/Opressor*

Fonte: Elaborado pela autora.

Após a materialização dos sinais-termos dialogamos com Freire (1987) sobre a práxis do opressor: “Matar a vida, freá-la, com redução dos homens a puras coisas, aliená-los, mistificá-los, violentá-los, são o próprio dos opressores” (p. 73).

Ainda no diálogo em Freire na *Pedagogia do Oprimido*, o autor contextualiza oprimido e opressor sendo que:

Na violência dos opressores que o faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é a forma de recriá-la, não se sente idealisticamente opressores, nem se tornam de fato, opressores dos opressores, mas da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos libertar-se a si e aos opressores. (FREIRE, 1987, p.16-17).

O quarto verbete desse encontro que foi dialogado foi *Contradição*, tal que este verbete possui alguns sinônimos na Língua de Sinais, mas nenhum que refletisse a sua complexidade. Nesse sentido, realizamos nossos estudos nos sinais-termos similares que encontramos nos materiais do QUADRO 4. Porém, conforme reconhecemos, a contradição é um verbete que possui um processo no sentido que tudo que não acontece hoje pode vir a ser.

Pelo entendimento do Grupo a contradição se inicia pelo diálogo num processo de conscientização para que possa gerar uma transformação na sociedade. Desta forma, e pelo entendimento dos participantes, utilizamos o sinal de DISCUSSÃO + OPOSIÇÃO.

Kronbauer (2018) nos diz que “[...] a contradição se apresenta na forma da luta de classes, e a história humana pode ser entendida a partir de que há uma dialética das forças entre poderosos e fracos, opressores e oprimidos” (p. 109).

Sendo assim, os participantes entenderam como necessário e possível desenvolver esse sinal-termo, conforme a FIG. 30:



FIGURA 30 - Sinal-termo *Contradição*

Fonte: Elaborado pela autora.

O quinto e último verbete analisado e estudado neste encontro foi *Criticidade* em que, também, encontramos sinônimos na Língua de Sinais. Por meio destes sinônimos entendemos o sentido e significado deste verbete nos materiais de apoio na Língua Portuguesa e na Libras.

Nossos materiais de apoio foram vídeos em Libras do *Youtube* e apoio nas leituras das obras, que estão no QUADRO 4. A princípio os participantes acreditaram que para este verbete poderíamos utilizar um sinônimo correspondente em Libras, mas Freire (1997) ressalta que: “Não há para mim, na diferença ou na ‘distância’ entre ingenuidade e criticidade, entre o saber de pura experiência feito e o que resulta dos procedimentos metodicamente rigorosos, uma ruptura, mas uma superação” (p. 48).

Neste contexto entendemos que a criticidade vai além de uma simples opinião, mas caracteriza-se como a capacidade crítica de refletir sobre a realidade na qual estamos imersos e por meio do nosso conhecimento e das nossas práticas transformarmos essa realidade.

Assim, esse sinal-termo se dá pelo movimento, conforme apresentado na FIG. 31:



FIGURA 31 - Sinal-termo *Criticidade*

Fonte: Elaborado pela autora.

Nosso encontro terminou às 19 horas e 50 minutos, tal que conseguimos realizar um estudo dos verbetes e conceituá-los na Libras e na Língua Portuguesa.

Entendemos que alguns sinais-termos se dão na ordem ideológica de os sinais-termos já existirem e por este motivo serem inseridos no Glossário, mas realizamos o movimento de apresentar as leituras e materiais de apoio para desvelar conceitos que ainda estavam subentendidos.

Ao final, escolhemos os verbetes que seriam dialogados no sexto encontro. Os verbetes foram: *Docência/Discência*, *Divisão/Dominação*, *Educação Bancária*, *Educação Permanente* e *Educação Popular*.

Nosso sexto encontro aconteceu no dia 12 de abril de 2022 às 18 horas e nele estavam presentes PL1, PL2, IL2 e ES1. O *link* para o encontro virtual foi enviado via grupo de *WhatsApp* e e-mail na véspera e no dia do encontro. Ressaltamos que a participante ESL teve problemas na família e não conseguiu participar, bem como a IL3 teve demandas no trabalho e não pode participar. Os demais componentes do Grupo não justificaram.

O primeiro verbete dialogado foi *Docência/Discência*. Um dos conceitos que nos fez pensar sobre o que seria ser docente e, ainda, o que seria ser discente, tal que pudéssemos abordar esses conceitos a partir de uma perspectiva Freiriana. Para realizarmos a compreensão

sobre esses verbetes de aparência simples e uso das pessoas que utilizam a Libras por meio de sinônimos, o Grupo fez questionamentos se era necessário desenvolver dois sinais-termos, pois tem professor e aluno, ou seria um único sinal-termo.

Por estas questões, enviamos como material de apoio textos em Língua Portuguesa que estão no QUADRO 4. Dessa forma, abordamos textos e passagens das bibliografias citadas e começamos a refletir em grupo sobre os questionamentos.

Um dos trechos que nos auxiliou nos entendimentos sobre os verbetes para que pudéssemos desenvolver um novo sinal-termo foi:

Passo a me centrar na análise das relações entre educadora e educandos. Elas incluem a questão do ensino, da aprendizagem, do processo de conhecer-ensinar aprender, da autoridade, da liberdade, da leitura, da escrita, das virtudes da educadora, da identidade cultural dos educandos e do respeito devido a ela. Todas essas questões se acham envolvidas nas relações educadora-educandos. (FREIRE, 1997, p. 51).

Então o sinal-termo desse verbete se desenvolveu em uma relação de entender o educando e o educador numa relação de compartilhar conhecimentos e desenvolvê-los nessa relação. O sinal-termo foi materializado da seguinte forma:



FIGURA 32 - Sinal-termo *Docência/Discência*

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir disso começamos a dialogar sobre o sinal-termo do segundo verbete, *Divisão/Dominação*, que se caracterizou como um verbete desafiador, pois o posicionamento dos participantes do Grupo demonstrou insuficiência para a avaliação.

Neste sentido, como material de apoio tivemos as obras que estão no QUADRO 4, nossa compreensão se envolveu por meio do que esse conceito representou nas obras Freirianas, que são: a invasão cultural, atitudes antidialógicas e manutenção das estruturas dominantes.

Por meio das narrativas dos autores Paulo e Monteiro (2018) encontramos uma explicação do que seria esse verbete: “Esses conceitos estão correlacionados à invasão cultural e à manutenção das estruturas dominantes e opressoras”.

Localizamos em Freire (1993) que a divisão é o modo de manipulação e de invasão cultural. Nesse sentido, buscamos o significado de dominação e como poderíamos desenvolver este sinal-termo. Continuamos com Paulo e Monteiro (2018) que trazem a significação de

dominação: “Em se tratando de definição de dominação, identificamos que Paulo Freire (1993) fala das estruturas de dominação que estão presentes em contextos concretos de opressão” (p. 152).

Assim, os participantes do Grupo optaram por desenvolver um sinal-termo mesclando o sinal de opressão com o de cultura, tal que a cultura é oprimida por essa dominação da classe composta pela elite. Ressaltamos que ficou representado conforme a FIG. 33.



FIGURA 33 - Sinal-termo *Divisão/Dominação*

Fonte: Elaborado pela autora.

O terceiro verbete dialogado foi *Educação Bancária* que, também, não era de conhecimento das pessoas que compunham o Grupo neste encontro. Sendo assim, disponibilizamos antes do encontro virtual materiais de apoio que foram textos das obras que estão elencados no QUADRO 4.

No Dicionário Paulo Freire este verbete se apresenta em conjunto com a educação problematizadora, tal que entendemos que para compreender a educação bancária se faz necessário realizar uma compreensão da educação problematizadora.

Dessa forma, os participantes do Grupo nos apresentaram seus questionamentos e começamos a formar um conceito para que se desenvolvesse uma compreensão. Desta compreensão começamos a refletir como poderia ser produzido este sinal-termo de acordo com a perspectiva teórica.

Em diálogo com Sartori (2018) refletimos:

[...] os pressupostos da educação bancária se assentam na narração alienada e alienante. Ou seja, há a perspectiva de educar para a submissão, para a crença de uma realidade estática, bem-comportada, compartimentada, para a visão de um sujeito acabado, concluso. A educação bancária, nesse sentido repercute como um anestésico, que inibe o poder de criar dos educandos, camuflando qualquer possibilidade de refletir acerca das contradições e dos conflitos emergentes do cotidiano em que se insere a escola, o aluno. (SARTORI, 2018, p. 161).

Tivemos o entendimento de que a educação bancária é o processo como os conhecimentos que a classe dominante designa para que a classe dominada continue reproduzindo estes conhecimentos em favor da ampliação e manutenção de uma consciência ingênua. Desenvolvemos um sinal-termo no qual o ser humano é representado por um ciclo e ali são depositados os conhecimentos que necessita saber para servir à burguesia.

Então esse sinal-termo ficou materializado da seguinte forma:



FIGURA 34 - Sinal-termo *Educação Bancária*

Fonte: Elaborado pela autora.

O quarto verbete dialogado neste encontro foi *Educação permanente*, tal que os questionamentos neste verbete foram o que seria permanente e de que forma se realizaria a educação permanente.

A compreensão do Grupo Focal foi que a educação permanente seria uma educação para vida que se inicia no nascimento, mas nunca acaba, sendo assim, somos seres inconclusos.

Dialogamos com Saul (2018) que nos fala que:

Na formação permanente Freiriana, o contexto concreto de atuação docente é, marcadamente, o ponto de partida da práxis educativa. Esta incide sobre as situações limites dos educadores, buscando compreender suas razões, em um processo dialético, sistemático e intencional, tido como exigência para viver a relação teórico prática e transformar a realidade. (SAUL, 2018, p. 169-170).

Desta forma o Grupo desenvolveu um sinal-termo materializando em Libras:



FIGURA 35 - Sinal-termo *Educação Permanente*

Fonte: Elaborado pela autora.

O quinto verbete dialogado foi *Educação popular* e neste verbete utilizamos materiais diversos para que o Grupo se ambientasse com as leituras de Freire e, ainda, com autores que escreveram sobre as expressões de Paulo Freire.

A educação popular inserida no contexto histórico busca por melhores condições de vida e afirmação das identidades e movimentos que se imbricam na luta de classes. Dialogamos com Freire (1997) que anuncia:

O processo de conhecer faz parte da natureza mesma da educação de que a prática chamada educação popular não pode fazer exceção. Numa perspectiva progressista, a educação popular não pode, por outro lado, reduzir-se ao puro treinamento técnico, de que grupos de trabalhadores realmente precisam. Esta é a maneira necessariamente estreita de formar, que à classe dominante interessa, a que reproduz a classe trabalhadora como tal. (FREIRE, 1997, p. 68).

Neste sentido, repensamos sobre o conjunto de sinais-termos em Libras, que a Comunidade Surda utilizava. Os sinais utilizados eram a junção dos sinais-termos EDUCAÇÃO + POVO, tal que entendemos que o verbete do dicionário e os materiais de apoio não compreendem essa junção.

Entendemos que a educação popular tem em suas premissas valorizar as experiências empíricas do educando, buscando a teoria para transformar o concreto vivido. Assim, materializamos o sinal-termo pela junção do sinal de EDUCAÇÃO + TOTALIDADE, conforme a FIG. 36:



FIGURA 36 - Sinal-termo *Educação Popular*

Fonte: Elaborado pela autora.

Dialogamos com os cinco verbetes propostos para este encontro, porém nosso encontro tardou 20 minutos, começou às 18 horas e finalizamos passando das 20 horas. Os verbetes para esse encontro foram complexos e os participantes refletiram sobre cada um, pois entendemos que por meio dos verbetes em Língua Portuguesa e em Libras podemos iniciar um processo de transformação da realidade das pessoas surdas e dos diversos profissionais envolvidos nesta Comunidade.

Ainda no final deste encontro os participantes do Grupo escolheram mais cinco verbetes para o sétimo encontro. Revisamos o quadro sugerido e o Grupo entendeu que seria necessário refletir sobre: *Educação Problematicadora*, *Educador/Educando*, *Escola Cidadã*, *Esperança* e *Estética*.

No dia 13 de abril enviamos materiais de apoio para que os participantes do Grupo pudessem estudar a teoria e começassem a refletir sobre os verbetes, tal que observassem se existiam sinais-termos e se eram condizentes com os conceitos apresentados. Após esse movimento, começamos a interagir via *WhatsApp* no decorrer da semana.

Nosso sétimo encontro se iniciou às 18 horas do dia 19 de abril de 2022 e nele estavam presentes PL1, PL2, IL3 e ES1. O link para o encontro virtual foi enviado via grupo de *WhatsApp* e e-mail na véspera e no dia do encontro. Ressaltamos que a componente ES2 teve problemas na família e não conseguiu frequentar, bem como a IL2 teve demandas no trabalho e não pode participar. Os demais não justificaram.

Dessa forma, iniciamos pelo verbe *Educação Problematizadora*, realizando o movimento de recordar o que é a educação bancária e como podemos pensar numa educação problematizadora.

Fizemos indagações para reflexão do Grupo como saber qual o entendimento que temos da palavra educação, bem como se a educação problematizadora é a favor de alguma classe. Também tentamos compreender se nós como educadores e profissionais protagonistas da educação, desenvolvemos e lutamos para qual tipo de educação: a bancária ou a problematizadora.

O diálogo teve de ser provocado, pois os participantes do Grupo estavam desanimados e sentimos que estavam apreensivos, pois segundo relato de alguns participantes essas discussões se apresentaram como novidade. No entanto, começamos a elaborar um novo sinal-termo, pois os sinais-termos combinados pelas pessoas surdas e os profissionais da surdez não estavam condizentes com o conceito elaborado por Freire e demais autores.

Os sinais-termos combinados eram EDUCAÇÃO + MUDANÇA, e os participantes tiveram como entendimento ser necessário modificar e inserir o classificador de SER HUMANO + MOTIVAÇÃO. Pois essa educação motiva os seres humanos na busca do ser mais, desenvolvendo suas capacidades e proporcionando uma nova racionalidade.

Dessa forma, Sartori (2018) conversa com Freire (1983) e Giroux (1983), alicerçando uma perspectiva:

[...] problematizadora, a educação desafia a procurar a *emersão* das consciências, para que aconteça a *inserção* crítica do sujeito na realidade, facilitando a construção da consciência reflexiva e politizada acerca dos fios que tecem a realidade social. Assim, a educação problematizadora precisa centrar suas preocupações para “o aprofundamento da tomada de consciência que se opera nos homens enquanto agem, enquanto trabalham” (FREIRE, 1983, p. 76). Todavia é necessário não cair na armadilha de que teoria e prática se diluem uma na outra. (SARTORI, 2018, p. 161).

Portanto, o verbe de *Educação problematizadora* foi materializado em sinal-termo:



FIGURA 37 - Sinal-termo *Educação Problematicadora*

Fonte: Elaborado pela autora.

O segundo verbete que encaminhamos para o diálogo síncrono foi o de *Educador/Educando* e para este verbete disponibilizamos os materiais do QUADRO 4.

Uma das primeiras questões que foram postas nesse encontro foi a de se esse verbete significaria professor/aluno e, ainda, por qual motivo necessitaria de modificação. Ainda, foi questionada qual a relação que existia entre esses dois verbetes, bem como, por qual motivo, eles deveriam ser separados pelo sinal gráfico “/”.

Dessa forma, compreendemos que a reação dos participantes do Grupo Focal foi mais incisiva neste verbete, pelas indagações e dúvidas, e necessitamos retomar os materiais de apoio que foram indicados anteriormente para melhor compreensão do Grupo.

O verbete *Educando/Educador* no seu significado não poderia ser comparado às palavras professor e aluno, pois numa perspectiva positivista o professor é o que ensina os conteúdos programáticos e os alunos apreendem este significado. Essa aprendizagem é ao eixo fundante de Paulo Freire, no qual o autor desenvolve o processo de ensino-aprendizagem pelo diálogo, diálogo em que educandos/educadores ambos aprendem e se desenvolvem juntos.

Os participantes do Grupo Focal tiveram a compreensão de que ambos aprendem e se desenvolvem em um processo dialógico, no qual educando e educador são motivados pela ação de conhecer, em um ato político e revolucionário em busca do ser mais.

Nosso próximo momento foi desenvolver um sinal-termo que abrangesse a complexidade do conceito educando/educador que permeia as literaturas Freirianas.

Na obra *Medo e ousadia*, Freire dialoga com Shor (1987) a respeito:

A natureza diretiva de um curso libertador não está propriamente no educador, mas na própria prática da educação, enquanto que o educador dominador mantém nas mãos objetivos da educação, o conteúdo da educação e o próprio poder diretivo da educação. Todas essas coisas são monopolizadas pelo educador dominador, além da própria escolha dos educandos sobre sua educação. Os educadores libertadores não mantêm o controle de seus educandos nas mãos. Sempre tento me relacionar com os alunos como se estes fossem sujeitos cognoscentes, pessoas que estão comigo, engajadas no processo de conhecer alguma coisa comigo. O educador libertador está com os alunos, em vez de fazer coisas para os alunos. Nesse ato conjunto de desconhecimento, temos racionalidade e temos paixão. E isto é o que eu sou –um

educador apaixonado –, porque não entendo como viver sem paixão. (FREIRE e SHOR, 1987, p. 104).

Partindo dessas justificativas e na compreensão dos participantes, entendemos que esse processo de aprendizagem político necessitava ser um diálogo denso e rigoroso. Então desenvolvemos o sinal-termo que tem como significado o educando-educador ou educador-educando em diálogo e compreensão contínuos. Temos a necessidade de explicar esse sinal-termo como um ensinar contínuo de duas vias, no qual ambos ensinam e aprendem:



FIGURA 38 - Sinal-termo *Educando/Educador*

Fonte: Elaborado pela autora.

O terceiro verbete dialogado neste encontro foi *Escola Cidadã*, escola essa que tem como principal objetivo ser desenvolvida pelas relações que envolvem o todo da escola, ou seja, família, professores, funcionários e estudantes. Neste sentido, a escola cidadã permeia as relações que são desenvolvidas neste espaço físico concreto que é o espaço escolar.

Com o material de apoio que está no QUADRO 4 tivemos como proposta o desenvolvimento e articulação da escola como um processo democrático e participativo, que integra a totalidade das relações da escola.

Frisamos que a comunidade escolar precisa estar disposta a promover um espaço democrático de discussões que emancipe e desenvolva a cidadania de todas as pessoas de uma comunidade. Sendo assim, tínhamos encontrado como sinais-termos para esse verbete os sinais: ESCOLA + CIDADÃO, mas essa junção não identificou a subjetividade desse verbete.

Pensamos na escola além do prédio e da estrutura burocrática, de modo que esta escola necessitava ser pensada como um espaço que transforme a realidade que está posta. As pessoas que estão envolvidas nas mais diversas relações com a escola precisam assumir suas posições políticas, como protagonistas do processo democrático e, desta forma, conversamos com Freire (2000) que nos traz uma breve explicação da escola cidadã:

A Escola Cidadã é aquela que se assume como um centro de direitos e de deveres. O que a caracteriza é a formação para a cidadania. A Escola Cidadã, então, é a escola que viabiliza a cidadania de quem está nela e de quem vem a ela. Ela não pode ser uma escola cidadã em si e para si. Ela é cidadã na medida mesma em que se exercita na construção da cidadania de quem usa o seu espaço. A Escola Cidadã é uma escola coerente com a liberdade. É coerente com o seu discurso formador, libertador. É toda

escola que, brigando para ser ela mesma, luta para que os educandos-educadores também sejam eles mesmos. E, como ninguém pode ser só, a Escola Cidadã é uma escola de comunidade e de companheirismo. É uma escola de produção comum do saber e da liberdade. É uma escola que vive a experiência tensa da democracia. (FREIRE, 2000 *apud* GADOTTI, 2002).

Nossa compreensão para desenvolver esse sinal-termo foi a escola como uma única estrutura representada por uma mão na frente do corpo e a outra mão representando essa comunidade escolar num processo democrático e envolvido apresentando um todo político e democrático.

Nosso sinal-termo ficou registrado da seguinte forma:

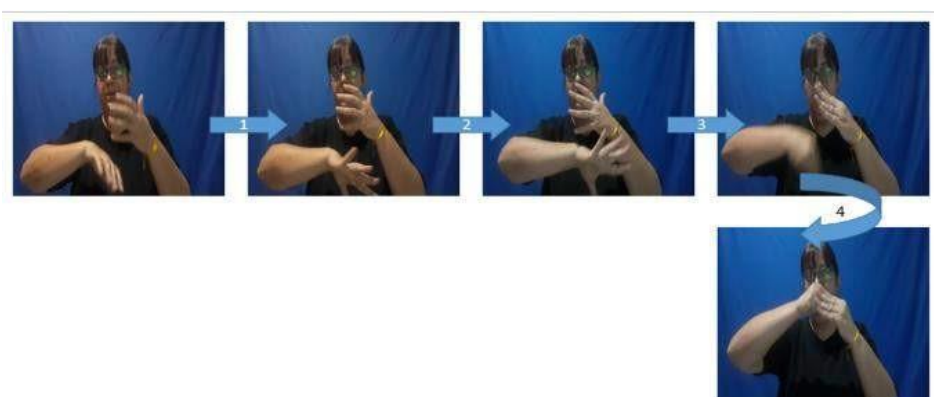


FIGURA 39 - Sinal-termo *Escola Cidadã*

Fonte: Elaborado pela autora.

Dando sequência ao nosso encontro, dialogamos sobre o quatro verbete: *Esperança*. A esperança foi encontrada nos sinais-termos utilizados pela comunidade surda, conforme estava registrado num primeiro momento que apresentamos para a banca examinadora o projeto de qualificação.

Dessa forma a esperança é representada por torcer como, por exemplo, “com esperança eu passo no Enem”. No nosso entendimento, esse sinal-termo não contempla o que estudamos nas obras de Freire e autores que dialogam com esta perspectiva.

O material de apoio nos dissertou sobre a esperança como um processo histórico que está na necessidade ontológica dos seres humanos sempre na busca da transformação da realidade e com a objetivação do ser mais.

Portanto, afirmamos no diálogo com Freire (1997) sobre o movimento de:

Pensar que a esperança sozinha transforma o mundo e atuar movido por tal ingenuidade é um modo excelente de tombar na desesperança, no pessimismo, no fatalismo. Mas, prescindir da esperança na luta para melhorar o mundo, como se a luta se pudesse reduzir a atos calculados apenas, à pura cientificidade, é frívola ilusão. Prescindir da esperança que se funda também na verdade como na qualidade ética da luta é negar a ela um dos seus suportes fundamentais. O essencial como digo mais

adiante no corpo desta Pedagogia da esperança é que ela, enquanto necessidade ontológica, precisa de ancorar-se na prática. (FREIRE, 1997, p. 5).

Desta forma, o verbete *Esperança* foi transformado de um simples torcer para uma luta digna que vem da ontologia humana, como fonte de conhecimento e luta pela emancipação humana. O verbete foi materializado em um novo sinal-termo, em que os dedos indicador e médio se cruzam e o dedo polegar forma um quadrado, no qual após realizar essa forma, o sinal-termo é posicionado na frente do peito com ênfase na expressão facial. A expressão facial juntamente com o sinal-termo dá ênfase a esse sinal-termo para que este tenha um significado emancipador.

Sendo assim, materializamos o sinal-termo conforme a FIG. 40:



FIGURA 40 - Sinal-termo *Esperança*

Fonte: Elaborado pela autora.

O quinto e último verbete dialogado foi *Estética*. Para dialogar e ter a compreensão deste verbete enviamos materiais de apoio que estão listados no QUADRO 4 por *WhatsApp*.

O último verbete desse encontro foi complexo para que pudéssemos pensar em um significado que abarcasse na Libras sua compreensão integral. Desta forma, o Grupo tinha conhecimento de alguns sinais-termos de áreas diversas e acreditamos que o sinal-termo que trazia a complexidade da obra Freiriana foi o que compreendeu a linguagem estética na literatura da Libras.

Este verbete não foi produzido em Libras pelos participantes do Grupo Focal, mas compreendemos que poderíamos acrescentar no nosso Glossário o sinal-termo que já estava posto.

Este sinal-termo dialoga com a compreensão Freiriana, principalmente a que tem na *Pedagogia da Autonomia* no subtítulo 1.5 que tem como título Ensinar exige ética e estética. Entendemos que na obra de Freire a ética e estética caminham juntas. Retomamos uma passagem da *Pedagogia da Autonomia*:

A necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita à distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética. Decência boniteza de mãos dadas. Cada vez me convenço mais de que, desperta com relação à

possibilidade de enveredar-se no descaminho do puritanismo, a prática educativa tem de ser, em si, um testemunho rigoroso de decência e de pureza. Uma crítica permanente aos desvios fáceis com que somos tentados, às vezes ou quase sempre, a deixar as dificuldades que os caminhos verdadeiros podem nos colocar. Mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso, nos fizemos seres éticos. Só somos porque estamos sendo. (FREIRE, 1996, p. 18).

Desta forma, o sinal-termo tem uma das mãos em pé na frente do peito e a outra mão sai desta mão, mas deitada e realizando movimentos de ondas como se fosse o movimento do mar. Esse sinal-termo tem a união do ético que traz a rigorosidade metodológica juntamente com a estética que tem a forma sensível e humana de estar no mundo. Portanto, o sinal-termo ficou representado conforme a seguir:



FIGURA 41 - Sinal-termo *Estética*

Fonte: Elaborado pela autora.

Dialogamos sobre os cinco verbetes que foram propostos para este encontro que tardou 30 minutos, ou seja, começou às 18 horas e finalizamos às 20 horas e 30 minutos. Os verbetes para esse encontro foram complexos e os participantes refletiram sobre cada um, pois entendemos que por meio dos verbetes em Língua Portuguesa e em Libras poderíamos iniciar um processo de transformação da realidade das pessoas surdas e dos diversos profissionais envolvidos nesta comunidade.

Ainda no final deste encontro o Grupo escolheu mais cinco verbetes para o oitavo encontro. Revisamos o quadro sugerido e os participantes entenderam que seria necessário refletir sobre: *Ética, Exclusão social, Fatalismo, Gestão democrática e Identidade Cultural*.

No dia 20 de abril enviamos materiais de apoio para que os participantes pudessem estudar a teoria e comesçassem a pensar sobre os verbetes, verificando se existiam sinais-termos e se eram condizentes com os conceitos apresentados. Após esse movimento, começamos a interagir via *WhatsApp* no decorrer da semana.

Nosso oitavo encontro se iniciou às 18 horas e 15 minutos de 26 de abril de 2022, e nele estavam presentes PL1, PL2, IL3, IL2 e ES1. O link para o encontro virtual foi enviado via grupo de *WhatsApp* e e-mail na véspera do dia do encontro. A componente ES2 continuou com problemas na família e não conseguiu participar, os demais não justificaram.

Iniciamos nosso diálogo com o verbete *Ética*, visto que no sétimo encontro finalizamos com o verbete *Estética*. Nesse movimento, entendemos que poderíamos alongar o diálogo do encontro anterior, uma vez que as leituras utilizadas no encontro anterior e nas sugeridas dialogavam a respeito.

Acreditamos ser necessário falar de ética e estética como um par dialético, pois ambas se encontram em suas contradições e estão imbricadas. Assim como a estética a ética perpassa toda a obra Freiriana como um pensamento envolvido num permanente agir de rigor ético em manifestação da dignidade humana.

A dignidade humana tem como principal eixo suleador, de acordo com Trombetta (2018):

Educadores e educandos não podem escapar à rigorosidade ética. Quando a ética é concebida como uma reflexão crítica destinada a tematizar os critérios que possibilitam superar o mal e conquistar a humanidade do homem ser livre, os vínculos entre educação e ética tornaram-se fortíssimos a ponto de podermos dizer que educar é formar sujeitos éticos tendo em vista a humanização do humano e as relações sociais. (TROMBETTA, 2018, p. 205).

Desta forma, o sinal-termo de *ética* que o intérprete de Libras utiliza na tradução da *Pedagogia da Autonomia* contempla o conceito Freiriano. Conceito esse que desenvolve a humanização dos seres humanos e condena o caráter capitalista do modo de produção vigente.

Ademais, o sinal-termo se faz com uma das mãos representando a letra “E” e o polegar desta letra bate no peito conforme a figura abaixo:



FIGURA 42 - Sinal-termo *Ética*
Fonte: Elaborado pela autora.

O segundo verbete deste encontro foi *Exclusão Social*. Para este verbete tínhamos o sinal-termo de exclusão utilizado tendo como significado expulsar as pessoas do convívio social. Na compreensão dos participantes do Grupo a sociedade exclui essas pessoas ainda de um jeito desigual, tendo como base a fragmentação da classe trabalhadora.

Comprendemos que o sinal-termo utilizado pela comunidade surda e que era de conhecimento dos participantes do Grupo Focal não contemplava a complexidade existente neste verbete.

Dialogamos com Oliveira (2018) quando se refere à exclusão social:

Assim como a exclusão social, que não aponta para a transformação revolucionária da sociedade, mas para a inclusão no sistema, também a marginalidade faz lembrar mais a integração que a libertação. Pois, referindo-se à marginalidade, Freire, em primeiro lugar, alerta que assumindo a condição de “marginalizados”, “seres fora de” ou “a margem de” a solução para eles estaria em que fossem “integrados”, “incorporados” a sociedade. (FREIRE, 2002, p. 61). Entretanto, jamais estiveram verdadeiramente fora. Ao contrário, foram sempre parte do sistema de opressão e desumanização “que transforma em seres para o outro”. (OLIVEIRA, 2018, p. 208, grifo do autor).

Sendo assim, desenvolvemos um novo sinal-termo que pode ser descrito da seguinte forma: o dedo indicador na frente do corpo que representa na Libras uma pessoa. A outra mão vem com o sinal de ARRANCAR, simbolizando que uma pessoa está na sociedade, mas é excluída desta pelo sistema se tornando um ser humano inútil. Essa inutilidade a qual estamos nos referindo é a exigência no sistema capitalista que sejamos trabalhadores eficientes e produtivos e, caso contrário, nos faz viver à margem e na condição de excluído.

Por esta compreensão nosso sinal-termo de *Exclusão social* ficou representado conforme FIG. 43:



FIGURA 43 - Sinal-termo *Exclusão Social*

Fonte: Elaborado pela autora.

O terceiro verbete dialogado neste encontro foi *Fatalismo*. O fatalismo está inserido na história da educação e ainda afirmado na compreensão hegemônica da sociedade. O diálogo sobre este verbete trouxe aos participantes uma compreensão inicial de que fatal estaria associado a algo que tirasse a vida.

Os participantes do Grupo desenvolveram uma nova compreensão sobre o que seria a expressão fatalismo e, após algumas compreensões, foi possível chegar ao entendimento de que o fatalismo seriam fatos e acontecimentos que temos no nosso dia-a-dia e que a partir desses, simplesmente como participantes da sociedade, aceitamos os fatos e não refletimos ou analisamos o motivo pelo qual estão acontecendo.

Conversamos com Freire (1996) quando nos anuncia que o fatalismo vem da ideologia na qual estamos imersos no modo de produção, e que:

A ideologia fatalista, imobilizante, que anima o discurso neoliberal anda solta no mundo. Com ares de pós-modernidade, insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social que, de histórica e cultural, passa a ser ou a virar “quase natural”. Frases como “a realidade é assim mesmo, que podemos fazer?” ou “o desemprego no mundo é uma fatalidade do fim do século” expressam bem o fatalismo desta ideologia e sua indiscutível vontade imobilizadora. Do ponto de vista de tal ideologia, só há uma saída para a prática educativa: adaptar o educando a esta realidade que não pode ser mudada. O de que se precisa, por isso mesmo, é o treino técnico indispensável à adaptação do educando, à sua sobrevivência. (FREIRE, 1996, p. 11-12).

Por conseguinte, desenvolvemos um novo sinal-termo que descrevemos aqui e representamos por imagens após a descrição. O fatalismo ficou representado com o dedo indicador na frente do peito, que seria o classificador de uma pessoa. Com a outra mão, realizamos o movimento histórico que representa a retrospectiva, ou seja, um grande período no qual somos mandados pela classe dominante e simplesmente aceitamos, tal que esse movimento de retrospectiva quando chega perto do classificador que representa a pessoa, se torna o sinal-termo de MANDAR.

Portanto, o fatalismo é inserido pela ideologia dominante e, caso não emancipemos os sentidos continuamos apenas aceitando os fatos, sem um pensar crítico e transformador.

O sinal-termo ficou assim representado:



FIGURA 44 - Sinal-termo *Fatalismo*

Fonte: Elaborado pela autora.

O quarto verbete deste encontro foi *Gestão democrática* e neste verbete encontramos os sinais-termos de GESTÃO + DEMOCRACIA, porém esses sinais-termos, na nossa compreensão, não representavam a integralidade dos fundamentos Freirianos de gestão democrática.

Freire nos mostra em suas obras que a educação não deve ser técnica e nem burocrática. Para que uma organização escolar se afaste dessa ordem é necessário existir um diálogo entre a comunidade escolar, a secretaria de educação e demais seguimentos. Sendo assim, a gestão democrática se desenvolve pelo planejamento em conjunto de políticas públicas e no diálogo com estudantes, corpo docente, direção escolar, coordenação e secretarias de educação.

Ademais, a combinação dos sinais-termos de GESTÃO + DEMOCRACIA, na nossa compreensão e dos participantes do Grupo Focal, ficaria com uma lacuna de representação. Desta forma, o sinal-termo que foi desenvolvido pelo Grupo pode ser assim descrito: as duas mãos em garra na frente do corpo, representando a totalidade da gestão escolar envolvida no processo. Essas duas garras se unem para formar uma única gestão que, no nosso entendimento, seria a gestão democrática efetiva.

Lima (2018) nos traz a compreensão de gestão democrática:

Nesse contexto, as propostas de Freire, sustentadas numa abordagem crítica e antiautoritária de educação, exprimem-se através de múltiplas categorias, que podem ser entendidas como dimensões complementares, gravitando ao redor das suas concepções de gestão democrática, de organização como prática de liberdade, de mobilização organizacional dos sujeitos pedagógicos: gestão colegiada, administração dialógica, gestão participada, autogoverno da escola, administração democrática, democratização e autonomia da escola... (LIMA, 2018, p. 236).

Neste sentido o sinal-termo ficou assim representado:

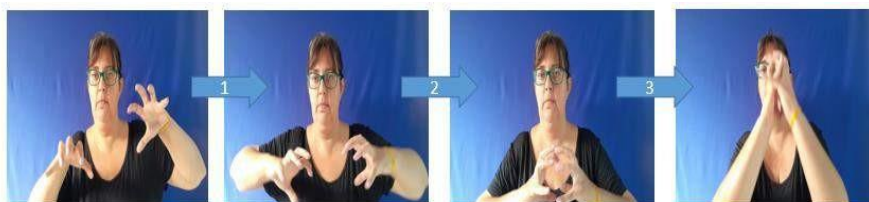


FIGURA 45 - Sinal-termo *Gestão Democrática*

Fonte: Elaborado pela autora.

O quinto e último verbete deste oitavo encontro foi *Identidade Cultural*. Os participantes do Grupo Focal trouxeram para a discussão os fundamentos do estudioso Stuart Hall. Hall (2016) tem como proposta de estudo as culturas e diversidades, assim como os estereótipos da sociedade pós-moderna. Porém, nossa perspectiva e estudos foram direcionados às obras Freirianas.

Freire parte de suas concepções de ser humano e mundo, pois se faz necessário que o educador tenha uma compreensão da cultura dos educandos. A cultura, assim como as identidades, são processos históricos que vão se desenvolvendo e se modificando, conforme o contexto.

Dialogamos com Freire (1987) na mediação das relações educativas e das diferentes identidades culturais que estão presentes: “Nenhuma ação educativa pode prescindir de uma reflexão sobre o homem e sua análise sobre suas condições culturais. Não há educação fora das

sociedades humanas e não há homens isolados. O homem é um ser de raízes espaço-temporais” (p. 35).

No entanto, a combinação de sinais-termos que tínhamos era o sinal-termo de IDENTIDADE + CULTURA, e nossos estudos nos orientaram a desenvolver um novo sinal-termo que se imbricasse com a teoria explicitada.

Desta forma nosso novo sinal-termo foi a junção do verbo SER + CULTURA, pois somos seres históricos e produtores de cultura e ficou materializado assim:



FIGURA 46 - Sinal-termo *Identidade Cultural*

Fonte: Elaborado pela autora.

Assim finalizamos os verbetes do nosso oitavo encontro, tal que encerramos antes do planejado. Fizemos a escolha dos verbetes para nosso nono encontro que foram: *Imersão/Emersão*, *Inacabamento*, *Interdisciplinaridade*, *Justiça/Justiça social* e *Mediação pedagógica*.

No dia 27 de abril enviamos materiais de apoio para que o Grupo pudesse estudar a teoria e começasse a refletir sobre os verbetes, verificando se existiam sinais-termos e se eram condizentes com os conceitos apresentados e começamos a interagir via *WhatsApp* no decorrer da semana.

Sendo assim, iniciamos nosso nono encontro no dia 03 de maio de 2022, pontualmente às 18 horas, e nele estavam presentes PL1, IL2, ES1 e a ES2. O link para o encontro virtual foi enviado via grupo de *WhatsApp* e e-mail na véspera e no dia do encontro. A participante PL2 estava com comprometerimentos de ordem pessoal e não conseguiu participar, bem como a IL3 estava com uma demanda de trabalho agendada. Os demais participantes não justificaram.

O primeiro verbeito dialogado foi o par *Imersão/Emersão*. Novamente, os participantes questionaram em relação aos significados das palavras e se teria que ter dois sinais-termos ou apenas um único sinal-termo que abrangesse a essência de tal par.

Sendo assim, utilizamos os materiais do QUADRO 4 e tivemos a compreensão tal que resolvemos que seria necessário desenvolver dois sinais-termos, ou seja, um para cada verbeito.

No nosso entendimento, os seres humanos possuem três tipos de consciência que podem ser desenvolvidas: a intransitiva, a transitiva ingênua e a transitiva crítica. Compreendemos que

existem contradições entre elas e o que não é hoje pode vir a ser futuramente. Então começamos a atribuir um conceito para cada verbete.

O verbete *Emersão* não possuía um sinal-termo na Libras e, sendo assim, os participantes tiveram a compreensão de que a emersão é proveniente de uma consciência crítica e transformadora. Consciência essa que vem da constituição ontológica do homem, que é a de ser mais.

Freire (1987) dialoga conosco sobre a educação que:

[...] não descuidasse da vocação ontológica do homem, a de ser sujeito, e, por outro, de não descuidar das condições peculiares de nossa sociedade em transição, intensamente mutável e contraditória. Educação que tratasse de ajudar o homem brasileiro em sua emersão e o inserisse criticamente no seu processo histórico. Educação que por isso libertasse pela conscientização. Não pela educação que domestica e acomoda. (FREIRE, 1987, p. 38).

Partindo dessa afirmação, iniciamos nosso processo de refletir como se daria a formação do nosso sinal-termo e, após um diálogo, realizamos o entendimento de que a situação concreta na qual estamos imersos, ou seja, nossa realidade objetiva, é o local no qual começamos nossas práticas sociais que se refletem na nossa consciência.

Portanto, o sinal-termo se dá de fora para dentro, tal que realizamos a descrição deste que foi as duas mãos na frente da testa o DEDO MÉDIO + DEDO POLEGAR se encostam e se abrem na frente da testa. Esta representação na Libras nos mostra a complexidade desta consciência e está materializada abaixo:

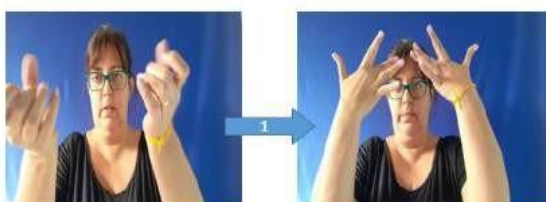


FIGURA 47 - Sinal-termo *Emersão*

Fonte: Elaborado pela autora.

Dando continuidade ao primeiro verbete *Imersão/Emersão*, dialogamos sobre a imersão que foi compreendida como o primeiro grau de consciência no qual a classe dominante tem como propósito designar esses saberes como populistas. Dessa forma dialogamos com Freire (1987) quando ele nos explicita a imersão como:

[...] a possibilidade de reflexão sobre si, sobre estar no mundo, associada indissolavelmente a sua ação sobre o mundo, não existe no seu ser, seu estar no mundo a um não poder transpor os limites que lhe são impostos pelo próprio mundo, do que

resulta que este ser não é capaz de compromisso. É um ser imerso no mundo, no seu estar adaptado a ele e sem consciência. (FREIRE, 1987, p. 7).

Nosso entendimento sobre o conceito de imersão foi desenvolvido com base nas leituras que realizamos dos materiais disponibilizados. Nas pesquisas realizadas nas plataformas não encontramos nenhum sinal-termo que se referisse a esse verbete.

Portanto, entendemos que a imersão se desenvolve nesse domínio ideológico que a classe dominante tem sobre a classe dominada.

O sinal-termo ficou assim representado:



FIGURA 48 - Sinal-termo *Imersão*

Fonte: Elaborado pela autora.

O segundo verbete que prosperou no diálogo foi *Inacabamento*. O diálogo sobre esse verbete se alongou, pois os participantes do Grupo apresentaram dúvidas sobre o que era e por qual motivo nunca estamos prontos. Dessa forma dialogamos sobre o inacabamento e que esse verbete se faz no movimento constante na contradição de nos sentirmos insatisfeitos com o que temos e iniciamos o processo de vir a ser mais.

O inacabamento está presente na Libras mas como sinal-termo que tem como junção algo estático e fechado: os sinais-terminos PRONTO + AINDA NÃO. Sentimos a necessidade de desenvolver um novo sinal-termo que tivesse como movimento a incessante busca do ser humano no seu movimento diário e vital.

Então refletimos em Freire (1996) que aborda “o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente” (p. 50).

Consequentemente, o verbete se transformou em um novo sinal-termo que foi assim descrito: uma mão com a palma virada para cima na barriga e a outra que realiza o sinal-termo de buscar e trazer para o ser humano.

Entendemos que essa busca faz parte da natureza humana e materializamos o sinal-termo conforme a FIG. 49:



FIGURA 49 - Sinal-termo *Inacabamento*

Fonte: Elaborado pela autora.

O terceiro verbete foi *Interdisciplinaridade* e neste verbete analisamos os materiais disponíveis em Libras e na Língua Portuguesa. Em Libras existia o sinal-termo de disciplina, mas não de interdisciplinaridade.

Sendo assim, realizamos a compreensão de que o verbete *interdisciplinaridade* está presente em todos os processos educacionais, desde a formação da gestão escolar até a forma como são as relações educacionais e de aprendizagem dos estudantes.

Porém, os participantes em sua maioria tiveram o entendimento que o verbete é a união das disciplinas curriculares nos seus diferentes conteúdos, formando a interdisciplinaridade.

Dialogamos com Andreola (2018) em sua participação no Seminário Interdisciplinar no qual Freire expressou que:

[...] naquela ocasião, sua concepção teórica da interdisciplinaridade, relacionando-a com a disciplinaridade, com a múltipla disciplinaridade e com a transdisciplinaridade. Segundo ele, o Real, enquanto Real, é uma totalidade transdisciplinar. Ao processo analítico de cindir o Real através das parciais disciplinas, deve-se seguir retotalização transdisciplinar, mediante um processo epistemológico interdisciplinar. (ANDREOLA, 2018, p. 274).

Desta forma, foi traduzida em Libras esta informação, de que a interdisciplinaridade está para além dos conteúdos curriculares e disciplinas escolares, pois está na gestão compartilhada abrangendo das esferas políticas e burocráticas aos estudantes, ou seja, do geral ao particular, do todo às partes e das partes ao todo.

O nosso sinal-termo para este verbete foi a junção do sinal-termo de DISCIPLINAS + CONFLITO, sendo que esse conflito vai da frente do peito para cima. O sinal-termo de conflito é realizado com as duas mãos entrelaçadas na frente do peito. O sinal-termo de disciplina é realizado com uma mão em “S” e outra mão em cima dessa em “garra” virada para cima e batendo na de baixo em “S”, conforme a FIG. 50:



FIGURA 50 - Sinal-termo *Interdisciplinaridade*

Fonte: Elaborado pela autora.

O quarto verbete foi o par *Justiça/Justiça social*. Para este verbete disponibilizamos os materiais de apoio que estão listados no QUADRO 4.

Desta forma, tínhamos como conhecimento do Grupo o sinal-termo de justiça, que é simbolizado pela balança, que a deusa Themis segura e representa o equilíbrio da sociedade. Porém, entendemos que este verbete *justiça/justiça social* precisava ter outra compreensão.

Desta forma, nosso diálogo sobre justiça/justiça social não poderia se dissociar da educação e Freire (2000) nos diz que:

Estou convencido de que nenhuma educação que pretenda estar a serviço da boniteza da presença humana no mundo, serviço da seriedade da rigorosidade ética, da justiça, da firmeza do caráter, do respeito às diferenças, engajada na luta pela realização do sonho da solidariedade pode realizar-se ausente da tensa e dramática relação entre autoridade e liberdade. (FREIRE, 2000, p.18).

Posto isso, tivemos a compreensão de que o sinal-termo teria que ser modificado, pois seu significado está para além da balança que é utilizada no sinal de justiça do senso comum. Entendemos que as questões sociais têm como compromisso a humanidade radical, que reconhece os seres humanos como pessoas históricas e culturais.

Materializamos o sinal-termo a partir do contexto das classes sociais e sua divisão para uma equidade entre as classes. Sendo assim, utilizamos as duas mãos na horizontal na frente do corpo, de tal modo que a primeira fica abaixo perto do peito e a segunda fica acima perto do rosto. O segundo movimento foi as duas mãos em movimento circular para que as duas classes ficassem no mesmo lugar e juntas, conforme a FIG. 51:

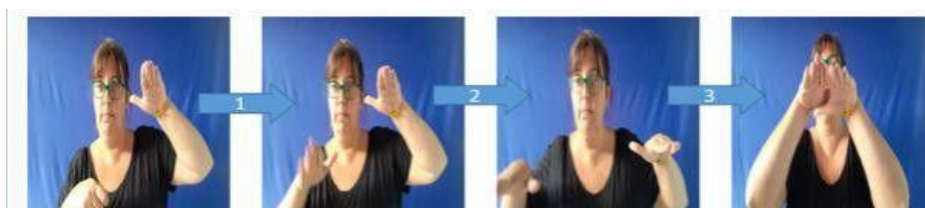


FIGURA 51 - Sinal-termo *Justiça/Justiça social*

Fonte: Elaborado pela autora.

Finalizamos nosso oitavo encontro com o verbete *Mediação pedagógica*. Iniciamos o diálogo com a utilização dos sinais-termos de uso da comunidade surda que são a junção de **MEDIAÇÃO + PEDAGOGIA**. Porém retomamos a bibliografia utilizada e identificamos que nosso dever era desenvolver um novo sinal-termo para essa compreensão nos fundamentos Freirianos.

Desta forma, nossa compreensão do verbete mediação pedagógica se deu nos movimentos das relações humanas nos diferentes ambientes. Sendo a educação como um processo de diálogo, com responsabilidade política e social para a transformação da realidade.

Refletimos e analisamos um sinal-termo que representasse na Libras essas complexas relações, pois para nós essas complexas relações de mediação pedagógica são o envolvimento de professores, estudantes e seu compromisso em desenvolver relações com reflexões críticas para gerar a transformação.

Sendo assim, Freire (1976) dialoga conosco sobre a transição da consciência e como ela se desenvolve da forma ingênua para crítica, na qual:

[...] antes mesmo de iniciar sua alfabetização, na superação de sua compreensão mágica como ingênua e no desenvolvimento da crescentemente crítica, seria o conceito antropológico de cultura. A distinção entre os dois mundos: o da natureza e o da cultura. O papel ativo do homem em sua e com sua realidade. O sentido de mediação que tem a natureza para as relações e comunicação dos homens. A cultura como o acrescentamento que o homem faz ao mundo que não fez. A cultura como o resultado de seu trabalho. (FREIRE, 1976, p. 115).

Portanto, nosso sinal-termo foi desenvolvido nessa lógica de que o educador e o educando desenvolvem uma relação dialógica, na qual realizam ações sobre a realidade vivida, num processo de emancipação contínua.

Entendemos que o sinal-termo tinha que ser a busca constante de ambos, educador e educando. Para explicar este sinal-termo utilizamos a junção dos sinais-termos **BUSCAR + PARAR**, pois ambos buscam o conhecimento de forma contínua e dialógica, porém ambos necessitam também parar para escutar.

Nosso sinal-termo ficou representado conforme a FIG. 52:

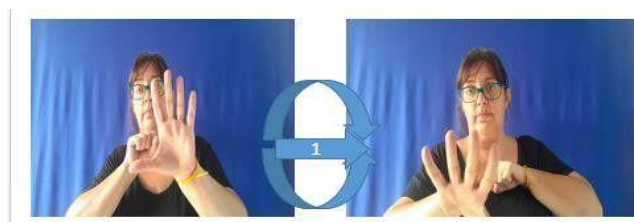


FIGURA 52 - Sinal-termo *Mediação Pedagógica*

Fonte: Elaborado pela autora.

Desta forma, finalizamos nosso encontro próximo das 20 horas e tivemos um debate via *WhatsApp* no decorrer da semana. Compreendemos que os diálogos foram necessários para o entendimento dos participantes.

Também reavaliamos o quadro e escolhemos mais cinco verbetes para o nosso décimo encontro. Analisamos os verbetes que teriam emergência no diálogo e os participantes do Grupo entraram em consenso sobre seguintes verbetes: *Multiculturalismo*, *Natureza*, *Natureza humana*, *Pedagogia da Autonomia* e *Pedagogia da Esperança*.

No dia 04 de maio enviamos os materiais de apoio para que os participantes do Grupo pudessem estudar a teoria e começassem a pensar sobre os verbetes, caso existissem sinais-termos e se eles eram condizentes com os conceitos apresentados. Após esse movimento, começamos a interagir via *WhatsApp* no decorrer da semana.

Iniciamos nosso décimo encontro próximo das 18 horas do dia 10 de maio de 2022, pois alguns participantes estavam com problemas técnicos e não estavam conseguindo ter acesso à nossa reunião, mas após 15 minutos resolveram os problemas e conseguiram participar. O *link* para o encontro virtual foi enviado via grupo de *WhatsApp* e por e-mail na véspera e no dia do encontro.

Neste décimo encontro estavam presentes PL1, ES1 e ES2. A participante PL2 estava com comprometerimentos de ordem pessoal e não conseguiu participar e os demais não justificaram a ausência.

Iniciamos pelo verbete *Multiculturalismo* e para este verbete foram disponibilizados materiais em Língua Portuguesa e em Libras, tais como links que encontramos os sinais-termos de cultura, mas o sinal-termo de multiculturalismo especificamente não foi encontrado.

Realizamos um diálogo reflexivo em relação ao verbete que vem acompanhado na sua epistemologia dos prefixos trans/multi/pluri/inter. A cultura se faz por meio do trabalho, das relações de trabalho humano com o ambiente. Desta forma dialogamos com Souza (2018) que nos relata que:

O sonho é que “num mundo multicultural, os direitos humanos devem construir-se na interação transcultural” (OLIVÉ, 1999, p. 17). E, assim, se podem criar as condições para superar conflitos específicos entre culturas concretas, reconhecer o direito das outras culturas a preservar-se, a florescer e evoluir, e devem admitir, ao mesmo tempo, que isso seja compatível com a participação de todas na construção e o desenvolvimento de sociedades mais amplas, de autênticas sociedades multiculturais – nos âmbitos nacional e global. (SOUZA, 2018, p. 331).

Sendo assim, os sinais-termos que encontramos que poderiam se aproximar do verbete de multiculturalismo foram a junção de CULTURA + DIVERSIDADE, porém entendemos que essa junção não se aproximou da complexidade do verbete.

Ademais, nosso sinal-termo foi desenvolvido a partir da junção dos sinais-termos de CULTURA + ESSÊNCIA que é finalizada como um processo histórico dos seres humanos realizado no seu tempo e espaço. Então nosso sinal-termo ficou assim materializado:



FIGURA 53 - Sinal-termo *Multiculturalismo*

Fonte: Elaborado pela autora.

O segundo verbete dialogado neste encontro foi *Natureza*. A natureza em Freire está correlacionada com a cultura e essa se desenvolve por meio das relações que o ser humano tem com a natureza. Sendo assim, os participantes do Grupo Focal entenderam que o sinal-termo tradicionalmente utilizado pela comunidade surda que era floresta não poderia estar presente neste Glossário de Libras.

Pela análise dos materiais que foram sugeridos para estudo e com o sinal-termo em Libras para o verbete que já era de conhecimento do Grupo, foi urgente refletir sobre esse significado.

Dialogamos com Calloni (2018) que nos traz a afirmação na qual nos debruçamos em reflexão crítica em relação ao verbete natureza:

O homem, o ser humano, distingue-se do mundo objetivo e constitui-se em cultura na medida em que, ao transformar o ambiente físico através do trabalho, empresta ao mesmo ambiente uma face, um caráter humanizado. Nesse nível de apreensão, o ser humano é ontologicamente cultura na medida em que, ao diferenciar-se do mundo objetivo por meio do trabalho e premido pela temporalidade, percebe-se como criador e recriador de mundos. (CALLONI, 2018, p. 335-336).

Desta forma, os participantes do Grupo Focal tiveram o entendimento de que a natureza vai além da floresta, plantas e dos animais irracionais, mas compõem as relações que são estabelecidas entre nós seres humanos com este mundo natural.

Após nosso diálogo, com base nos estudos dos materiais sugeridos, na conversa virtual via *WhatsApp* e na reunião síncrona, corporificamos esse sinal-termo para que atendesse essa complexa significação na Libras.

Utilizamos o sinal-termo de *NATURAL + AMBIENTE*, pois na natureza temos as diferentes relações entre seres humanos, animais e natureza natural e nosso sinal-termo ficou assim materializado:



FIGURA 54 - Sinal-termo *Natureza*

Fonte: Elaborado pela autora.

O terceiro termo foi *Natureza humana* e para este verbete foram sugeridos os materiais que estão no QUADRO 4. Tínhamos para este verbete o sinal-termo de *NATURAL + HUMANO*, porém acreditamos que com o embasamento teórico que os materiais de apoio nos propuseram foi necessário transformar o que já estava posto em Libras, pois a compreensão do Grupo não era a mesma.

Nós seres humanos estamos “no mundo” e “com o mundo”. O “estar no mundo” nos remete à prática humana em um processo histórico num determinado tempo e espaço, já o “com o mundo” o ser humano está neste mundo e tem relações com seres vivos, como os animais, as plantas e por sua consciência transforma o ambiente para suprir suas necessidades básicas.

Neste sentido, dialogamos com Freire (1996) sobre o verdadeiro significado de estar no mundo e com o mundo, quando nos afirma que:

É neste sentido que, para mulheres e homens, estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros. Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível. (FREIRE, 1996, p. 30).

A compreensão dos participantes do Grupo Focal em relação ao verbete de natureza humana foi de que essa natureza se constitui pelas relações que são feitas entre ser humano e natureza, natureza e ser humano, ser humano e ser humano e natureza e natureza, com a vocação ontológica de “ser mais” e essas relações são realizadas na realidade objetiva dos seres humanos, na sua prática.

Desta forma, materializamos o verbete em Libras pela junção de dois sinais-termos: *HUMANO + PRÁTICA*, pois foi a compreensão que os participantes tiveram em relação ao verbete. O sinal-termo de *HUMANO* é realizado com a letra “H” que sai da frente do rosto e

vai com as duas mãos ao lado do corpo até o tórax. Já o sinal-termo de PRÁTICA é realizado com as duas mãos abertas na vertical, na qual uma bate na outra, conforme FIG. 55:



FIGURA 55 - Sinal-termo *Natureza Humana*

Fonte: Elaborado pela autora.

O quarto termo foi *Pedagogia da Autonomia*, este verbete nos causou um diálogo sobre o seu significado e sobre como desenvolver um sinal-termo para este, dentre outros questionamentos e indagações.

Desta forma, sentimos a necessidade de adentrar ao significado etimológico das palavras, a pedagogia vem do grego, paidós (criança) e agodé (condução). Já a palavra autonomia é a junção de “auto” que significa “de si mesmo” + “nomos” que significa lei. A partir da etimologia das palavras foi necessário pensar nos seus significados e como estariam desvelados na perspectiva da obra de Freire.

Portanto, não seria possível realizar a junção do sinal-termo PEDAGOGIA + AUTONOMIA, pois estaria dissociado de nossas leituras.

Freire (1996) dialoga conosco sobre o verdadeiro sentido da autonomia:

A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas. Por que, por exemplo, não desafiar o filho, ainda criança, no sentido de participar da escolha da melhor hora para fazer seus deveres escolares? Por que o melhor tempo para esta tarefa é sempre o dos pais? Por que perder a oportunidade de ir sublinhando aos filhos o dever e o direito que eles têm, como gente, de ir forjando sua própria autonomia? Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos 25 anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade. (FREIRE, 1996, p. 55).

Dessa forma, a *Pedagogia da Autonomia* representada em Libras necessitaria mudar a forma de sinalização, de tal forma que, para o sinal-termo para este verbete, refletimos que é necessário que nossa realidade objetiva seja um estímulo para que possamos desenvolver nossa autonomia de maneira coletiva, porém refletida na realidade subjetiva de cada ser humano.

Assim, nosso sinal-termo utilizado foi as duas mãos realizando o sinal-termo de ENSINAR, mas virado para a pessoa. As duas mãos ao mesmo tempo realizando o mesmo sinal-termo, porém uma na frente da testa e outra na frente do peito.

Entendemos que essa autonomia vem da emancipação dos sentidos numa totalidade, principalmente que envolve a emoção, por isso é perto do coração e na frente da testa por estar ali o cérebro, que é a matéria altamente desenvolvida.

Nosso sinal-termo representado conforme a FIG. 56:



FIGURA 56 - Sinal-termo *Pedagogia da Autonomia*

Fonte: Elaborado pela autora.

O quinto e último verbete desse encontro foi *Pedagogia da Esperança*. Refletimos sobre a etimologia das palavras, mas foi necessário entender o verbete em seu contexto histórico, seu real significado.

A *Pedagogia da Esperança* se funda na verdade em tom de qualidade ética na luta entre discurso e prática para o desafio da práxis. Dialogamos com Freire (1996) quando corporifica a *Pedagogia da Esperança* no seu essencial que é:

[...] necessidade ontológica, precisa se ancorar na prática. Enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica, é por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã. (FREIRE, 1996, p. 5).

Neste entendimento, os sinais-terminos que tínhamos para este verbete foram PEDAGOGIA + ESPERANÇA, mas compreendemos que seria necessário que se desenvolvesse um novo sinal-termo que fosse além dessa junção. Também entendemos que se fez necessário utilizar uma expressão facial de seriedade com rigorosidade.

Nosso sinal-termo para este verbete foi o CLASSIFICADOR DE PESSOA + A OUTRA MÃO NA DIAGONAL, representando o rigor da esperança em conjunto com a prática:



FIGURA 57 - Sinal-termo *Pedagogia da Esperança*

Fonte: Elaborado pela autora.

Finalizamos nosso décimo encontro às 20 horas, exatamente no horário combinado, resultado do bom diálogo via *WhatsApp* no decorrer da semana anterior. Compreendemos que os diálogos foram necessários para o entendimento dos participantes, principalmente de verbetes teórico-filosóficos como os que estavam postos neste encontro.

Também reavaliamos o quadro e escolhemos mais cinco verbetes para o nosso décimo primeiro encontro. Analisamos os verbetes que teriam emergência no diálogo e o Grupo entrou em consenso que eram necessários os seguintes verbetes: *Pedagogia do Oprimido*, *Práxis*, *Radicalidade*, *Ser mais* e *Sonho possível*.

No dia 11 de maio enviamos os materiais de apoio para que o Grupo pudesse estudar a teoria e começasse a refletir sobre os verbetes, caso existissem sinais-termos e se eles eram condizentes com os conceitos apresentados. Após esse movimento, começamos a interagir via *WhatsApp* no decorrer da semana.

No dia 17 de maio de 2022 iniciamos nosso décimo primeiro encontro e nesse estavam presentes PL1, ES1, ES2 e IL3. O link para o encontro virtual foi enviado via grupo de *WhatsApp* e por e-mail na véspera e no dia do encontro. A participante PLC estava com comprometerimentos de ordem pessoal e não conseguiu participar, já os demais participantes não justificaram a ausência.

O primeiro verbete nos remeteu ao nosso décimo encontro pela reflexão da *Pedagogia da Esperança* e da *Pedagogia da Autonomia* e neste encontro dialogamos sobre a *Pedagogia do Oprimido*.

As pedagogias são as formas de condução dos estudantes numa determinada realidade histórica, assim como um campo de estudo e pesquisa que reflete sobre essa realidade, promovendo a emancipação dos sentidos e transformando a realidade.

Nossa leitura do Dicionário Paulo Freire sobre o verbete nos traz os principais temas que são abordados ao longo do livro, assim, o Grupo trouxe como questionamento da pedagogia ser do oprimido e não para o oprimido.

Com estas indagações foi necessário refletir sobre este verbete e entender que se a pedagogia fosse para o oprimido, seria desenvolvida pelos opressores. Assim, Freire nos traz

em sua obra uma possibilidade de emancipar os sentidos dos oprimidos e libertar opressores e oprimidos, por meio da conscientização coletiva.

Os participantes realizaram a compreensão de que a Pedagogia do Oprimido condizia com uma educação tradicional, na qual o estudante é mero expectador dos conhecimentos e o professor é quem conhece. Nesta educação não há um diálogo crítico entre educador e educando.

Freire (1987) dialoga conosco quando afirma que:

[...] ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que na prática “bancária”, são possuídos pelo educador que os descreve ou os deposita nos educandos passivos. (FREIRE, 1987, p. 39).

Neste sentido, os participantes do Grupo acreditaram que seria preciso utilizar a junção de dois sinais-termos para qualificar o verbete *Pedagogia do Oprimido*. Então utilizamos o sinal-termo de PEDAGOGIA + TRADICIONAL, pois a Pedagogia do Oprimido tem um significado de uma educação a qual a classe dominante determina os conhecimentos que devem ser entendidos pela classe dominada.

Assim, o sinal-termo de *Pedagogia* é representado pela letra “P” em Libras em uma mão o outro braço e esticado, no qual essa letra “P” toca o braço e depois o antebraço. Já o sinal-termo de *Tradicional* é realizado com as duas mãos ao lado do corpo, juntas uma em cima e a outra embaixo, alternando a letra “L” para frente e para trás, conforme a FIG. 58:



FIGURA 58 - Sinal-termo *Pedagogia do oprimido*

Fonte: Elaborado pela autora.

A *Práxis* foi o segundo verbete posto em diálogo neste encontro. Desta forma, iniciamos compreendendo o verdadeiro significado sobre o verbete *práxis* e se havia sinal-termo para este. O sinal-termo que os participantes conheciam e que estava disponível na plataforma *Youtube* estava em desacordo com os materiais que refletimos no decorrer da semana e, conseqüentemente, não relacionado com o aporte teórico Freiriano.

Sendo assim, compreendemos que seria necessário desenvolver um novo sinal-termo, que dialogasse com a teoria na qual estamos inseridos.

Rossato (2018) retoma a compreensão de práxis, e ela perpassa toda a obra Freiriana e a relação com o ato educativo:

Práxis pode ser compreendida como a estreita relação que se estabelece entre um modo de interpretar a realidade e a vida e conseqüentemente prática que decorre desta compreensão, levando a uma ação transformadora. Opõe-se às ideias de alienação e domesticação, gerando um processo de atuação consciente que conduza um discurso sobre a realidade para modificar essa mesma realidade. (ROSSATO, 2018, p. 380).

Esta relação nos remete que a prática está presente na relação da prática com a teoria, ou seja, por meio da teoria estudada os seres humanos desenvolvem seus conhecimentos por suas práticas.

Então nosso sinal-termo se desenvolveu pela junção dos sinais- termos de ENSINAR + PRÁTICA, mas o sinal-termo de ensinar é realizado abaixo do peito para cima e o sinal-termo de PRÁTICA é realizado da formal convencional. Por isso materializamos nosso sinal-termo conforme a FIG. 59:



FIGURA 59 - Sinal-termo *Práxis*

Fonte: Elaborado pela autora.

O terceiro verbete deste encontro foi *Radicalidade* que se desenvolve na essência Freiriana, com o sentido de romper com as amarras ideológicas do sistema vigente e realizar uma compreensão crítica da realidade. Utilizamos os materiais de apoio listados no QUADRO 4 que foram de fundamental importância para que o Grupo compreendesse esse verbete.

Desta forma, realizamos o estudo dos materiais e entendimento do verbete, pois não encontramos na Libras um sinal-termo para este verbete. O sinal-termo que encontramos foi para o radical das palavras que se refere à Língua Portuguesa, como por exemplo, radical, prefixo e sufixo.

Sendo assim, o verbete *radicalidade* foi compreendido como um processo contraditório entre a educação do colonizador e uma educação dialógica e crítica.

Neste contexto, dialogamos com Freire (1978) quando nos anuncia o processo de transformação radical:

E isto implica na transformação radical do sistema educacional herdado do colonizador, o que não pode ser feito, porém, de maneira mecânica. Envolvendo

fundamentalmente uma decisão política, em coerência com o projeto de sociedade que se procura criar, esta transformação radical requer certas condições materiais em que se funde, ao mesmo tempo em que as incentive. Requer não apenas o aumento indispensável da produção, mas a sua reorientação, ao lado de uma diferente concepção da distribuição. A clareza política na determinação do que produzir, do como, do para que, do para quem produzir. Transformação radical que, ao ser iniciada, mesmo timidamente, e em função das novas condições materiais, em um de seus principais aspectos, o da superação, por exemplo, da dicotomia trabalho manual-trabalho intelectual, provoca, necessariamente, resistências da velha ideologia que sobrevive, como um dado concreto, aos esforços de criação da nova sociedade. (FREIRE, 1978, p. 137).

Igualmente se faz necessário registrar que foi um dos verbetes complexos que dialogamos não somente nesse encontro, mas retomamos no diálogo das nossas compreensões no decorrer da semana. Ressaltamos, ainda, que último encontro retomamos novamente para que conseguíssemos chegar a um sinal-termo consistente.

Desta forma, o Grupo utilizou para este verbete o sinal-termo de “OBRIGATÓRIO”, pois entendeu que é obrigatório tanto educandos como educadores e toda a sociedade realizar a compreensão da radicalidade na educação.

Para que os leitores compreendam este sinal-termo definimos: uma das mãos abertas na horizontal, com a palma virada para cima e a outra mão em “A” batendo em cima da palma da primeira mão e com uma expressão facial de seriedade.

Nosso sinal-termo ficou assim representado:



FIGURA 60 - Sinal-termo *Radicalidade*

Fonte: Elaborado pela autora.

O quarto verbete posto em diálogo foi *Ser mais* que nos apresentou uma boniteza na sua radicalidade, pois nossa vocação é ontológica para a humanização é de ser mais.

Neste verbete estamos numa luta contra a ideologia, pois o sistema vigente, no qual estamos imersos, mostra uma realidade na qual os seres humanos por suas necessidades básicas se obrigam a serem menos e seguir a ordem do pensamento dominante.

Esta ordem incentiva o consumismo, que ultrapassa as necessidades básicas e os seres humanos seguem a proposta capitalista que é de trabalhar demasiadamente, distorcendo a vocação ontológica do ser mais.

Dialogamos com Freire (1997) no momento em que o autor nos traz a articulação histórica, política e social dos seres humanos, como vocação:

Não posso entender os homens e as mulheres, a não ser mais do que simplesmente vivendo, histórica, cultural e socialmente existindo, como seres fazedores de seu “caminho” que, ao fazê-lo, se expõem ou se entregam ao “caminho” que estão fazendo e que assim os refaz também. (FREIRE, 1997, p. 100).

As transformações históricas se dão na realidade objetiva que refletem na nossa consciência e, dessa forma, o Grupo Focal desenvolveu um sinal-termo para este verbete que foi a junção de INSERIR/COLOCAR + DESENVOLVER, pois entendemos que pela prática social nos modificamos e transformamos a realidade concreta e, ainda, nos utilizamos da expressão facial de PERFEIÇÃO, para que seja transformação da ontologia humana.

Dessa forma, e no nosso entendimento essa é a vocação ontológica do ser mais. Nosso sinal-termo ficou materializado conforme a FIG. 61:



FIGURA 61 - Sinal-termo *Ser Mais*

Fonte: Elaborado pela autora.

O quinto e último verbete deste encontro foi *Sonho possível*. E um dos primeiros questionamentos que o Grupo teve foi o que seria um sonho possível e como dialogaríamos sobre a sua significação.

Apresentamos aos participantes o diálogo de Freire (1997) quando nos conceitua os sonhos possíveis como um esperar, e que compreendemos como: “[...] sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma conotação da forma histórico-social de estar sendo de mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se” (p. 47).

Já os sinais-termos que encontramos para este verbete foram a junção de SONHOS + POSSIBILIDADE, e os participantes compreenderam que a partir dos complexos analisados, estudados e interpretados, poderíamos utilizar essa junção de sinais-termos.

Nosso sinal-termo foi ilustrado conforme a figura abaixo:

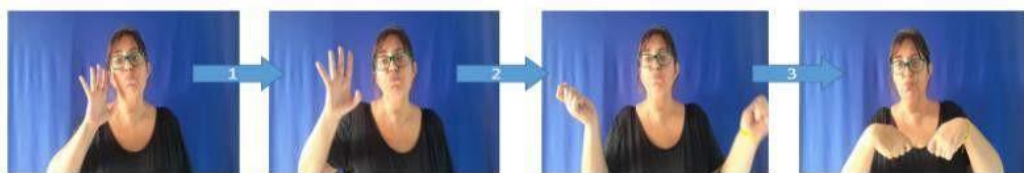


FIGURA 62 - Sinal-termo *Sonhos Possíveis*

Fonte: Elaborado pela autora.

Desta forma, finalizamos nosso décimo primeiro encontro trinta minutos após o combinado, pois os verbetes foram dialogados intensamente. Também para esse encontro tivemos um debate via *WhatsApp* no decorrer da semana anterior. Compreendemos que os diálogos foram necessários para o entendimento do Grupo, principalmente de verbetes teórico-filosóficos como os que estavam postos neste encontro.

Reavaliamos o quadro e ainda tínhamos cinco verbetes para o diálogo no intuito de finalizar o quadro proposto. Então, dialogamos e decidimos finalizar o quadro com os seguintes sinais-termos: *Presença no mundo*, *Subjetividade/Objetividade*, *Teoria crítica*, *Unidade na diversidade* e *Utopia*.

No dia 18 de maio enviamos os materiais de apoio para que os participantes do Grupo pudessem estudar a teoria e começassem a refletir sobre os verbetes, percebendo se existiam sinais-termos e se eles eram condizentes com os conceitos apresentados. Após esse movimento, começamos a interagir via *WhatsApp*.

Na semana entre 18 e 24 de maio a interação do Grupo diminuiu, pois os participantes estavam envolvidos em situações de trabalho e com problemas particulares, dentre outros. No dia 24 de maio de 2022 seria nosso décimo segundo encontro. O link para o encontro virtual foi enviado via grupo de *WhatsApp* e por e-mail na véspera e no dia do encontro, porém não tivemos a presença de nenhum dos participantes, apenas da pesquisadora que esperou por trinta minutos, mas a sala virtual continuou vazia.

Desta forma, chamamos via *WhatsApp* os participantes com avisos como de costume, tal que PL1 e IL2 justificaram as ausências na hora do encontro e os demais justificaram no dia seguinte.

No dia 26 de maio o grupo de *WhatsApp* reiniciou suas interações e se fez necessário registrar que foram intensas, bem como o diálogo foi interativo.

No dia 31 de maio de 2022 iniciamos nosso décimo terceiro encontro às 18 horas e estavam presentes PL1, ES1, ES2, IL3, IL2 e PL2. Os demais participantes não justificaram a ausência.

Iniciamos pelo verbete *Presença no mundo* que nos remete à questão do ser humano estar no mundo e com o mundo, de não apenas existir, tal que a conscientização tem um relevante papel neste verbete, no sentido de humanizar os seres humanos e suas ações.

Nosso diálogo teve como proposta entender a grandeza do significado deste verbete, por isso, enviamos materiais que auxiliassem o Grupo a compreender o significado.

Nesse sentido, dialogamos com Freire (2000) que afirma que a “consciência do outro e de si como um ser no mundo e com os outros, sem a qual seria apenas um ser si, um ser no suporte. Por isso repita-se mais que um ser no mundo, com o mundo e com os outros” (p. 51).

Assim, para este verbete não havia sinal-termo e os participantes utilizaram a junção do classificador EM PÉ + A OUTRA MÃO NA HORIZONTAL DEMONSTRANDO UM CÍRCULO, ou seja, que as pessoas necessitam apenas estar presente no mundo em diversos locais.

Porém, questionamos aos sujeitos do Grupo se nesse estar em todos os locais também não seria necessário realizar a conscientização das pessoas, mas os participantes entenderam que é necessário estar no mundo e não com o mundo.

Desta forma, nosso sinal-termo ficou representado pela FIG. 63:



FIGURA 63 - Sinal-termo *Presença no Mundo*

Fonte: Elaborado pela autora.

O segundo verbete dialogado foi *Subjetividade/Objetividade* e os materiais de apoio que disponibilizamos para este verbete foram o Dicionário Paulo Freire e a obra *O caminho se faz caminhando*.

Nesse binômio de verbetes analisamos em separado a objetividade e a subjetividade, porém sentimos que ambos os verbetes são complementares um do outro, como um par dialético, que se completam e suas contradições.

Desta forma, dialogamos com Cheptulin (2004) que nos explicita sobre a realidade objetiva e subjetiva, na qual ambas andam juntas e:

Efetivamente, a realidade objetiva apresenta-se ao homem sob a forma de imagens subjetivas que são suas cópias, mas isso não significa que o homem não tenha acesso de imediato à realidade objetiva. Esse acesso é aberto para ele pela atividade prática,

no curso da qual, orientando-se pelas cópias ideais dos aspectos e ligações dessa realidade que se encontram em sua consciência, o homem transforma a realidade e assim ele próprio diz se essas cópias correspondem ou não ao original. (CHEPTULIN, 2004, p. 119).

Portanto, os participantes entenderam como pertinente utilizar o classificador do “NÚMERO 1” nas duas mãos, na horizontal e para frente se unindo no final da sinalização, pois uma realidade complementa a outra.

Nosso verbete ficou assim representado na Libras:



FIGURA 64 - Sinal-termo *Subjetividade/Objetividade*

Fonte: Elaborado pela autora.

O terceiro verbete foi *Teoria crítica* a qual permeia as obras de Freire e como eixo suleador os pressupostos metafísicos, epistemológicos e éticos.

Os participantes do Grupo Focal trouxeram que os sinais-termos que eram de uso comum da Comunidade Surda eram a junção dos sinais de TEORIA + CRITICAR. Entendemos que o sinal-termo de *Teoria* poderia continuar, mas analisamos o que seria a crítica. Assim, a crítica, tem relação com a ação humana, ou seja, com a teoria e prática interligadas.

Dialogamos com Freire (2000) quando nos disserta sobre:

A minha compreensão das relações entre subjetividade e objetividade, consciência e mundo, prática e teoria foi sempre dialética e não mecânica. Se jamais defendi um papel todo poderoso para subjetividade na história jamais, por outro lado, aceitei sua redução a pura reprodução da realidade material. (FREIRE, 2000, p. 41).

Resgatamos o conceito de crítica e desenvolvemos um novo sinal-termo no qual utilizamos a junção dos sinais-termos: TEORIA + OPINIÃO + AVALIAÇÃO, pois entendemos que a teoria para desenvolver um espaço crítico é necessário Opinião, pois é necessário a cada um expressar sua palavra e avaliação, avaliando um processo que atenda às necessidades humanas.

Nosso sinal-termo foi desenvolvido e analisado conforme a FIG. 65:



FIGURA 65 - Sinal-termo *Teoria Crítica*

Fonte: Elaborado pela autora.

O quarto verbete foi *Unidade na diversidade*. Analisamos os materiais e refletimos sobre o conceito que já tínhamos conhecimento, e sobre o que humanamente Freire reflete parâmetros. Neste conceito está presente a luta das pessoas surdas que se veem como minoria, defendendo a Língua de Sinais e suas diferenças.

Este fato se demonstra pela ideologia da classe dominante, que tem no seu cerne a dominação e a opressão e desenvolve o sentimento dos seres humanos de serem menos. As minorias acabam se desentendendo e lutando entre si, o que enfraquece a luta e fragmenta a classe trabalhadora.

Deste modo, dialogamos com Freire (1985) quando nos afirma que a classe dominante:

Ligada ao poder econômico e ao político. Cultura dominante tende a impor às demais expressões culturais a sua “superioridade”. Por isso mesmo é que, rigorosamente, a decantada multiculturalidade de certas sociedades não existe. Para que, realmente, houvesse multiculturalidade, seria necessário que houvesse uma certa unidade na diversidade. E unidade na diversidade pressupõe o respeito mútuo das diferentes expressões culturais que compõem essa totalidade. (FREIRE, 1985, p. 46).

Ademais, foi necessário desenvolver um novo sinal-termo que estivesse de acordo com o complexo do verbete. E para descrevê-lo utilizamos o sinal-termo de CULTURA + as duas mãos na frente do corpo em GARRAS, as GARRAS representam as diferentes minorias, porém cada uma em seus grupos. Refletimos que essa representação na frente do corpo se dá de maneira entrelaçada, ou seja, as minorias se unem nas suas diferenças, não se descaracterizando.

Sendo assim nosso verbete ficou assim representado:



FIGURA 66 - Sinal-termo *Unidade na Diversidade*

Fonte: Elaborado pela autora.

O último verbete deste encontro foi *Utopia*. A utopia no conceito que o Grupo Focal determinou era um sonho impossível de ser realizado, algo que ficava no campo das ideias,

porém como estávamos analisando e interpretando as possibilidades, foi necessário desenvolver uma nova compreensão para este verbete.

Dialogamos com Freire (1997) quando nos traz o conceito de utopia que vem anunciando desde a Pedagogia do Oprimido:

Por isso, venho insistindo, desde a Pedagogia do oprimido, que não há utopia verdadeira fora da tensão entre a denúncia de um presente tornando-se cada vez mais intolerável e o anúncio de um futuro a ser criado, construído, política, estética e eticamente, por nós, mulheres e homens. A utopia implica essa denúncia e esse anúncio, mas não deixa esgotar-se a tensão entre ambos quando da produção do futuro antes anunciado e agora um novo presente. A nova experiência de sonho se instaura, na medida mesma em que a história não se imobiliza, não morre. Pelo contrário, continua. (FREIRE, 1997, p. 47).

Dessa forma, a utopia se apresenta em constante movimento, correlacionada com sonhos que podem ser realizados com uma compreensão histórica da realidade, no sentido do que não é neste momento, pode vir a ser e transformar a realidade.

Sendo assim, na compreensão do Grupo Focal a utopia na Libras teve que ser materializada por dois sinais-termos, a “FALTA” pois somos seres inconclusos, inacabados e com a possibilidade de sermos mais humanos e o “BUSCAR”, pois para compreender a realidade histórica é necessário estarmos em constante busca.

Nosso sinal-termo acima descrito ficou materializado assim:



FIGURA 67 - Sinal-termo *Utopia*

Fonte: Elaborado pela autora.

Nosso décimo terceiro foi até às 20 horas e 15 minutos. Compreendemos que os diálogos foram necessários para o entendimento do Grupo, principalmente de verbetes teórico-filosóficos como os que estavam postos neste encontro.

Sendo assim, nosso quadro foi finalizado e foi realizada uma avaliação com os participantes do Grupo sobre a participação dos mesmos, comprometimento e o que esse Glossário poderia trazer como possibilidade de transformação.

A avaliação do Grupo foi realizada também pelo *WhatsApp* no qual todos se manifestaram e disseram sua palavra. Assim, foi possível, a partir de uma maneira democrática, entender a compreensão de cada participante.

O próximo subtítulo do capítulo 3 é a Análise de dados, e para contemplar essa parte da escrita utilizamos como instrumento de pesquisa o Grupo Focal e a Análise Textual Discursiva – ATD na qual serão analisados os discursos dos participantes da pesquisa e suas categorias envolvendo nesse processo a desconstrução e unitarização do material, atribuindo conforme escrito anteriormente nomes fictícios aos participantes da pesquisa para preservar suas identidades.

Conversamos com Moraes e Galiuzzi (2007) sobre a ATD: “A análise textual discursiva opera com significados construídos a partir de um conjunto de textos. Os materiais textuais constituem significantes a que o analista precisa atribuir sentidos e significados” (p. 13).

Dessa forma, iniciamos com pequenos relatórios dos efetivos 13 encontros e desenvolvemos um meta-texto. Nesse fizemos perguntas sudeadoras para a reflexão dos participantes do Grupo nos encontros. Elencamos categorias Freirianas *a priori*, que estão na Fundamentação Teórica, ou seja, iniciais e com a prática que foi o Grupo novas categorias surgiram.

Já na parte final desta dissertação teremos como intuito principal disponibilizar essa pesquisa para plataformas digitais da FURG, da UFSC e demais locais que tenham interesse em divulgação e disseminação destes sinais-termos para que contribua e futuramente tenhamos uma conscientização que a natureza humana também é Educação Ambiental.

3.1 Revelando os Achados da Pesquisa

*“Os filósofos limitaram-se a interpretar o mundo de diversas maneiras;
o que importa é modificá-lo.”*
Karl Marx

Com a intencionalidade de identificar as mediações e observar as propostas de conhecimentos contidas nos sinais-termos no processo de produção do Glossário, entendemos que a presença dos fundamentos teórico-metodológicos, os objetivos e a intencionalidade constituem aspectos fundamentais, que possibilitaram produzir saberes necessários a uma forma humana integral.

Após os intensos encontros acreditamos que o método de Análise Textual Discursiva para esta pesquisa foi adequado para o estudo das motivações, atitudes, valores, crenças e tendências, servindo também para o desvelar das ideologias que podem existir nos dispositivos

legais, princípios, documentos orientadores, não apenas para ler o que dizem, mas também para captar o que não dizem.

Nesse movimento, nossa pesquisa de campo se iniciou com um primeiro contato com os participantes do Grupo Focal, conforme foi dissertado no Percurso Metodológico, a partir de envio do TCLE por e-mail e retorno dos participantes que gostariam de contribuir com a pesquisa.

Tivemos como proposta suleadora 13 encontros nos quais seriam dialogados cinco sinais-termos por encontro. Conseguimos realizar 12 encontros com cinco verbetes em cada um, sendo que no primeiro não obtivemos sinal-termo para um verbe, o qual foi desenvolvido no terceiro encontro.

Nos encontros tivemos perguntas para os participantes para que todos pudessem expressar sua palavra. O modo de perguntas foi realizado nos três primeiros encontros, e posteriormente os participantes do Grupo iniciavam com o diálogo posto no *WhatsApp* e por meio desse direcionávamos o desenvolvimento do Glossário.

Sendo assim, nosso primeiro encontro teve como proposta o diálogo de como seriam os encontros, um cronograma e os primeiros cinco verbetes, nos quais tivemos como questões suleadoras três perguntas. A primeira foi: – Qual seu entendimento por educação? O primeiro encontro foi realizado de uma maneira didática explicativa, pois embora tivessem recebido o convite por e-mail e via *WhatsApp*, foi necessário retomar qual era nosso objetivo como pesquisadores e também mediar os participantes na teoria que iria sistematizar o nosso Glossário.

Os materiais que foram enviados ao Grupo foram disponibilizados nas duas línguas, em Libras e na Língua Portuguesa. Dessa forma, entendemos que deveríamos iniciar pelos verbetes suleadores que foram angustiantes para nós pesquisadores. A nossa angústia foi de como os participantes da pesquisa compreenderiam esses verbetes, e de como seriam “sinalizados” em Libras. Pois para nós pesquisadores e pretensos estudiosos de Freire esses sinais-termos poderiam revolucionar radicalmente a compreensão em Libras e na Língua Portuguesa dos participantes surdos e especialistas da área da surdez para que emancipassem os sentidos.

O primeiro verbe dialogado foi *Educação*, mesmo com os materiais disponibilizados os participantes do Grupo em sua totalidade entenderam que o sinal-termo para este verbe já era de uso comum da Comunidade Surda e não poderia ser trocado. A pesquisadora questionou, pois entendeu que por meio das relações entre o educando-educador o sinal-termo de educação seria “uma via de mão dupla” na qual ambos ensinam e ambos aprendem.

Porém PL2 sinalizou sua palavra: “[...] os sinais-termos que já temos para os verbetes não são necessários existirem trocas, podemos somente inseri-los no Glossário”. Os demais participantes entraram em acordo com PL2, assim o verbete permaneceu com o mesmo sinal-termo. Foi posto também no diálogo com os participantes do grupo de *WhatsApp* e também esse sinal-termo permaneceu não transformado. Após finalizar esse verbete, passamos para o segundo verbete com a seguinte pergunta: – O que você entende por ambiente ou ambiental?

O verbete *Ambiental*, neste caso, significou o complemento de educação, porém já havia um sinal-termo para este verbete. Com o estudo realizado antes do encontro e buscando compreender a Teoria Freiriana os participantes do Grupo entenderam que foi necessário continuar com o sinal-termo que já estava posto, e apenas inserir no Glossário um novo sinal-termo que significasse o meio ambiente nos mais diversos locais e suas relações, além do ambiente da natureza natural.

Observamos que apenas os participantes PL1 e PL2 dialogavam sobre os sinais-termos neste encontro, embora os demais fossem motivados a participar, mas apenas concordavam com a resolução destes dois participantes.

Aqui é necessária uma breve explicação para os nossos leitores, pois nossa intencionalidade foi dialogar com todos os participantes para que desnudassem sua compreensão no diálogo e realizassem o entendimento dos verbetes na sua essência.

Desta forma, passamos para a totalidade de verbetes apresentados para este encontro, na pergunta: Pergunta 3 – Como você conceitua os verbetes apresentados?

Nesta pergunta resgatamos os dois primeiros verbetes que foram dialogados e os outros três, respectivamente: *Dialética*, *Autonomia* e *Alienação*. Desses cinco verbetes três foram desenvolvidos, ou seja, foram modificados e relacionados aos pressupostos Freirianos, mas o primeiro e segundo verbetes permaneceram da mesma forma. Os verbetes modificados foram: *Ambiental*, *Alienação* e *Dialética*. Os que continuaram foram *Educação* e *Autonomia*.

Uma das questões que PL1 registrou foi se Paulo Freire estava relacionado a autores da Educação Ambiental. Indagou a razão de realizar uma tradução desses verbetes para Libras e não de apenas escolher uma linha da Educação Ambiental e sinalizar os verbetes das disciplinas curriculares?

Então foi necessário retomar os estudos e colocar em diálogo esses questionamentos. Paulo Freire foi um educador que compreendeu a educação como processo revolucionário, no qual lidava com questões políticas, filosóficas e por meio dos estudos relacionados à sua práxis. Freire realizava uma ação-reflexão-ação na qual a prática era correlacionada à teoria e a partir dessa prática era analisado o processo de reflexão para transformar essa prática.

Identificamos que PL2 esteve presente na maioria dos encontros, trazia questionamentos em relação aos materiais enviados, porém os demais participantes do Grupo chegaram ao entendimento de apenas seguir a ordem: terminar o quadro em doze ou treze encontros.

Como sentimento de um primeiro encontro julgamos necessário reforçar aos leitores que, na nossa compreensão, os participantes do Grupo mantiveram um caráter conservador o qual não permitia mudanças radicais. Mas quando apresentados a conceitos novos refletiram sobre os estudos proporcionados desenvolvendo três novos sinais-termos.

Passamos ao segundo encontro que teve como verbetes selecionados: *Anúncio/Denúncia*, *Antagonismo*, *Desumanizar/Humanizar*, *Cidadania* e *Círculo de Cultura*. Como era o nosso segundo encontro e os participantes do Grupo ainda estavam tímidos a “dizer a sua palavra”, ou melhor, a “sinalizar a sua palavra”, realizamos alguns questionamentos que foram: Em relação aos materiais enviados como foi seu entendimento/estudo? Nesta pergunta ES1 e ES2 pediram a tradução de algumas palavras dos conteúdos enviados em Língua Portuguesa para Libras, pois não compreenderam o conteúdo na sua complexidade.

Esse processo foi solicitado no horário da reunião virtual para que os participantes do Grupo realizassem a compreensão e se iniciasse o diálogo.

Foram surgindo questionamentos, como no caso do participante IL3 que realizou questionamentos sobre os verbetes desumanizar/humanizar: “[...] não poderia ser somente o sinal-termo de humano devido à complexidade do verbete”. Assim como desumanizar: “[...] não conheço sinal-termo para tal verbete, apenas utilizaria a datilologia”¹⁶.

Dessa forma, a utilização da datilologia faz com que o verbete perca o contexto, ou seja, ao contrário de aproximar as pessoas surdas do contexto elas são distanciadas desse, na opinião dos participantes do Grupo. E a nossa reflexão segue no mesmo sentido de que a datilologia distancia o conceito da ação-reflexão-ação.

Outro participante que fez questão de sinalizar sua palavra foi PL2 que trouxe seu entendimento no qual o sinal-termo para este verbete deveria ser de HUMANO + PRÁTICA, pois segundo o participante “[...] somos seres humanos constituídos por práticas, humanização não pode ser o sinal-termo de humano, pois tem um significado maior”. Corrobora com esta ideia Zitkoski (2018) ao afirmar que: “[...] o impulso prático do qual nos humanizamos por sermos capazes de construir novos sentidos e formas de viver no mundo” (p. 252).

¹⁶ Datilologia é um termo utilizado para representar o alfabeto manual, e tem a função de atribuir letras com as mãos. Por exemplo, quando um falante/sinalizador da Libras não conhece um sinal-termo e utiliza o alfabeto manual da Libras para que realize a comunicação de uma palavra para o seu comunicante.

Na continuidade do encontro o participante PL2 também entendeu que para o verbete *Desumanização* era necessário utilizar os sinais-termos de PRÁTICA + SUMIR, ou seja, uma prática que não possui significado. Na compreensão dos participantes do Grupo e alinhados com Freire (1992) somos seres programados, mas não determinados: “é por estarmos sendo assim que vimos nos vocacionando para a humanização e que temos na desumanização fato concreto na história, a distorção da vocação”. Ademais, os sinais-termos PRÁTICA + SUMIR no entendimento dos participantes do Grupo foi uma prática para a exploração e com a distorção da vocação ontológica do “ser mais”.

Nesse sentido, foi necessário resgatar e reforçar o conceito em Freire (1992) sobre a *humanização/desumanização* na condição que:

O sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica etc., que nos estão condenando à desumanização. O sonho é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanente na história que fazemos e que nos faz e re-faz. (FREIRE, 1992, p. 51).

Assim como nos diz Freire, nosso movimento foi desvelar nossa realidade e mostrar o que vem a ser nossa verdadeira ontologia. Realizamos o desenvolvimento de dois novos sinais-termos para os verbetes *desumanizar/humanizar* e passamos para a segunda pergunta deste encontro que foi: Pergunta 2 – Qual conhecimento que você tem do autor Paulo Freire e da Teoria Freiriana?

Essa resposta nos fez sentir que precisávamos trazer mais leituras para os participantes do Grupo, pois ES1 e ES2 não conheciam o autor porque estão cursando a graduação em áreas que não são de licenciaturas. Já IL3 e PL2 têm formação na área de licenciatura, porém seus estudos estavam voltados para autores pós-modernos e não se detiveram em Paulo Freire. Então os primeiros contatos com autor surgiram a partir da proposta do Glossário de Libras e dos materiais que foram sugeridos para o Grupo.

Desta forma, nossa compreensão sobre a falta de conhecimento abrangente dos participantes demonstra o inacabamento humano que, condicionado pelo modo de produção vigente, impede que venha a desenvolver a consciência do seu próprio inacabamento.

Entendemos que nossa pesquisa representou um desafio em relação à teoria apresentada e ao desconhecimento dos participantes em relação à teoria. Mas fizemos um trabalho incisivo em relação aos materiais enviados e à compreensão dos participantes. Sendo assim, passamos à terceira pergunta do encontro que foi: Pergunta 3 – Quais os sinais-termos que tens conhecimento em relação aos verbetes?

Nesta pergunta todos os participantes presentes responderam de maneira uniforme: conheciam *anúncio/denúncia* e *cidadania*. E desconheciam *humanizar/desumanizar*, *círculo de cultura* e *antagonismo*. Para *humanizar/desumanizar* já havíamos dialogado e desenvolvido novos sinais-termos para os verbetes, mas ainda tínhamos os outros quatro verbetes.

Desta forma, *anúncio/denúncia* e *cidadania* já possuíam sinais-termos. Entramos em acordo que *anúncio/denúncia* condiziam com a Teoria Freiriana e não seria necessário modificar. Já para o verbe *cidadania* sentimos que poderia ter sido modificado o sinal-termo, pois é a letra “C” que é simbolizada passando-se na frente do corpo, que pela complexidade do verbe e estudos realizados deveria ter sido modificado, porém esse não foi o entendimento dos participantes do Grupo, mantendo-se este sinal-termo.

No entanto, neste encontro desenvolvemos sinais-termos para *humanizar/desumanizar* e *antagônico*. Para estes três verbetes não encontramos sinais-termos e sentimos a necessidade de criar um entendimento necessário para as pessoas surdas.

Foi um momento denso mas conseguimos suprir as necessidades deste encontro, porém pelo tempo e fadiga dos participantes do Grupo não conseguimos voltar no verbe *alienação* que deveria ter sido trabalhado neste encontro.

Seguimos o cronograma de encontros e para o terceiro encontro ficaram os verbetes: *Codificação/Descodificação*, *Cognoscente*, *Coisificação*, *Coletivo* e *Conscientização*.

Neste encontro nosso diálogo via *WhatsApp* foi bem efetivo e conseguimos iniciar sem perguntas suleadoras. O participante PL1 iniciou o diálogo sinalizando sua palavra em relação aos verbetes e dizendo que para os verbetes *coletivo* e *conscientização*, já havia sinais-termos e não necessitaria desenvolver novos sinais-termos. Já para *codificação/descodificação*, *cognoscente* e *coisificação* não tinha conhecimento de sinais-termos. Os demais participantes aceitaram a condição de desenvolver apenas sinais-termos para os verbetes que não tinham sido construídos.

Assim, é necessário realizar uma compreensão da fala dos participantes do Grupo em manter os sinais-termos que já existiam, alinhados com Groski e Freitag (2010): “O português não é a língua materna da maioria dos surdos, logo os valores sócio-histórico-culturais associados ao português não são os mesmos do universo surdo” (p. 14).

Ademais, alguns sinais-termos podem nos parecer conservadores na aparência, mas se adentrarmos a essência, analisando, interpretando e compreendendo a posição dos participantes e sua propriedade sobre a Libras nossa compreensão é da essência que representa o pertencimento de seus valores socio-histórico-culturais.

Dessa forma, fizemos algumas indagações como: Os sinais-termos existentes condizem com a Teoria Freiriana? Perante a compreensão de vocês o que significa coletivo e conscientização?

Os participantes não responderam às perguntas e começaram a dialogar sobre os verbetes que não tinham sinais-termos. Mesmo assim fizemos as perguntas novamente e a falade PL1 foi: “[...] não precisamos dialogar sobre os sinais-termos que já estão postos, pois temos outros que são intensos e complexos de conteúdos e é preciso falar dos outros verbetes”. O Grupo continuou dialogando de forma unânime sobre os demais verbetes, os quais consideraram intensos e complexos de conteúdo.

Os verbetes *codificação/descodificação* já possuíam sinais-termos na área da informática, porém estes não estavam alinhados à perspectiva da Educação Ambiental. Dessa forma, os participantes compreenderam que seria necessário desenvolver sinais-termos para estes verbetes. Para o desenvolvimento dos sinais-termos de *codificação/descodificação* nos amparamos em Freire (1978) ao conceituar *codificação*, nos dizendo que: “O meio de que nos servimos em nossa prática para operar tal abstração é a codificação ou a representação de situações existenciais dos educandos” (p. 42).

Já para o desenvolvimento do sinal-termo de *descodificação* nos alinhamos com Gutiérrez (2018) que nos diz que: “a descodificação é um ato cognoscente que promove o surgimento de uma nova percepção e o desenvolvimento de novo conhecimento” (p. 84).

Com isso, separaram a *codificação* que ficou com o sinal-termo de PALAVRA + BOTAR + TAPAR e a descodificação que ficou a junção de: PALAVRA + EXTRAIR. No entendimento dos participantes do Grupo a *codificação* é a palavra velada na qual não entendemos o seu significado na essência, já a *descodificação* é o momento no qual desvelamos a palavra e seus sentidos e significados e realizamos o entendimento na essência.

Desta forma, passamos para o verbe *Cognoscente* que nos reportou à vida em articulação com a educação, na qual é necessária uma transformação. Os participantes desenvolveram o sinal-termo: CLASSIFICADOR DE PESSOA + BUSCAR. Esse sinal-termo representa o ato cognoscente que é uma busca incessante sobre sermos inacabados e inconclusos estando no mundo e com o mundo.

Sendo assim, dialogamos com Freire (1987) que nos traz o ato *cognoscente*:

Como situação gnosiológica, em que o objeto cognoscível, em ser o término do ato cognoscente de um sujeito, é o mediatizador de sujeitos cognoscentes, educador, de um lado, educandos de outro, a educação problematizadora, coloca desde logo, a exigência da superação da contradição educador-educando. Sem esta, não é possível

a relação dialógica, indispensável à cognoscibilidade dos sujeitos cognoscentes, em torno do mesmo objeto cognoscível. (FREIRE, 1987, p. 44).

Concordamos com Freire quando nos ensina que o ato cognoscente só existe na relação dialógica, em uma relação equilibrada, entre educando e educador.

Prosseguimos na discussão dos verbetes/sinais-termos e tivemos como penúltimo verbete a *coisificação*. Alinhados com Freire (1987) resgatamos o conceito de *coisificação* na relação entre *opressores/oprimidos*:

É como homens que os oprimidos têm que lutar e não como “coisas”. É precisamente porque reduzidos a quase “coisas”, na relação de opressão em que estão, que se encontram destruídos. Para reconstruir-se é importante que ultrapassem o estado de “coisas”. Não podem comparecer à luta como quase “coisas”, para depois ser homens. É radical essa exigência. (FREIRE, 1987, p. 31).

Para o desenvolvimento desse sinal-termo IL2, IL3 e ES1 refletiram manifestando o interesse que este verbete fosse representado por apenas um sinal-termo, pois segundo IL2: “[...] ficaria mais tranquilo lembrar na hora da tradução, apenas um sinal-termo e não a junção de vários sinais-termos”. Porém o objetivo não foi alcançado pois o sinal-termo ficou a junção de: CLASSIFICADOR DE PESSOA + a letra H + OBJETO. No entanto, os participantes do Grupo entenderam ser necessária essa junção para corporificar esse sinal-termo. Ademais, em nossa compreensão o Grupo desenvolveu sinais-termos para este verbete que representaram em Libras a essência de significado de *coisificação*.

Ainda neste encontro conseguimos dialogar sobre o verbete *alienação* e desenvolvemos um sinal-termo para o mesmo. Nesse sentido encontramos Kieling (2018) que, embasado em Freire (1992), expressa a alienação como: “[...] invasão cultural, domesticação, opressão, mecanismos etc. – e os processos de seu enfrentamento ontologicamente sustentados [...]” (p. 35).

O sinal-termo para este verbete foi: CLASSIFICADOR DE PESSOA + LIMPAR PASSANDO NA FRENTE DO CLASSIFICADOR + EXPRESSÃO FACIAL DE VAZIO. A compreensão dos participantes do Grupo foi, segundo relato de IL3: “As pessoas não entendem que ser alienado é estar a favor do capitalismo, no sentido de somente realizar um trabalho repetitivo, sem pensar sobre nosso ‘fazer’ e o motivo pelo qual estamos executando”. Ademais, o sinal-termo foi desenvolvido e teve como proposta elucidar na Língua de Sinais a essência de significado que este verbete possui na Língua Portuguesa.

Desta forma, neste encontro desenvolvemos quatro novos sinais-termos e inserimos no Glossário dois sinais-termos que já eram de uso da Comunidade Surda.

No nosso quarto encontro estavam presentes PL1, IL3 e ES1. Trabalhamos nos verbetes: *Diálogo/Dialogicidade, Ecologia, Educação Libertadora, Emancipação e Ideologia*. Começamos pelos verbetes *diálogo/dialogicidade*, conforme já havia sido discutido com os participantes do grupo de *WhatsApp*. O Grupo entendeu a necessidade de trocar o movimento deste sinal-termo, o qual iniciava de dentro para fora. Desse modo, o mesmo passou a ser realizado de maneira inversa.

Alinhados com Freire (1987) compreendemos que as palavras assumem o sentido de dizer e fazer o mundo em um processo de humanização e que está comprometido com a verdadeira práxis, na qual envolve a ação-reflexão-ação, ou seja:

[...] ação e reflexão, de tal forma solidárias, em uma interação tão radical que, sacrificada, ainda em que parte, uma delas, ressentida, imediatamente a outra. Não há palavra verdadeira que não seja a práxis. Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo. (FREIRE, 1987, p. 44).

Nesse sentido, o autor reforça que a práxis é o princípio e o fundamento do conhecimento, por meio do diálogo.

No seguimento os participantes do Grupo passaram a discutir o sinal-termo *diálogo/dialogicidade*. PL1 trouxe a seguinte reflexão: “O sinal-termo de diálogo na Língua Brasileira de Sinais tem seu movimento realizado de ‘dentro para fora’, pelos estudos realizados, acredito que o sinal-termo tenha que ser realizado na forma inversa”.

Assim evidencia-se a transformação na compreensão dos participantes que, invertendo o movimento que já existia, apontam que o diálogo não se desenvolve no campo das ideias, mas sim no movimento da ação-reflexão-ação. Sendo assim, este sinal-termo foi parcialmente modificado.

Foi-nos deixado como sugestão inserir o sinal-termo de *ecologia* que ES2 já havia desenvolvido em seu grupo de estudos sobre o glossário de Química. Os participantes do Grupo aceitaram a sugestão e entenderam que, pelos materiais de estudo disponibilizados, o sinal-termo contemplava a teoria estudada e dialogava com a Educação Ambiental.

Os verbetes *emancipação e ideologia* foram conversados entre os participantes. PL1 disse: “[...] estes já estão nos vídeos do intérprete Jonatas, acredito que estão de acordo com nossos estudos e podemos inseri-los no Glossário, pois Jonatas já publicizou suas traduções, então podemos acatar esses sinais-terminos”. Dessa maneira IL3 e ES1 concordaram com PL1, então perguntamos se não seria necessário pôr em diálogo esses sinais-terminos. Os participantes do Grupo responderam que segundo os materiais disponibilizados os verbetes dialogavam com

a Educação Ambiental na Língua de Sinais e que poderíamos passar para o verbete *educação libertadora*.

Neste contexto, dialogamos sobre o verbete *educação libertadora* no qual alinhamos com Kimieciki (2018) que nos diz que: “a educação que é a superação de barreiras e limites, próprios do inacabamento do homem, é a prática de Liberdade, um processo que se estende por toda a existência” (p. 165).

Nesse viés, os participantes do Grupo realizaram a compreensão de que os sinais-terminos existentes para este verbete poderiam ser utilizados no Glossário. Sendo assim, o sinal-termo de *educação libertadora* foi: EDUCAÇÃO + LIBERDADE.

Embora neste encontro os participantes do Grupo não tenham desenvolvido novos sinais-terminos para os verbetes trabalhados, precisamos enfatizar que os mesmos tinham uma leitura de mundo destes verbetes em relação ao pertencimento que têm de sua primeira língua que é a Libras. E assim finalizamos nosso quarto encontro.

No segmento da trajetória, em nosso quinto encontro estiveram presentes estudantes e intérpretes de Libras: ES1, ES2, IL2 e IL3. Os verbetes que discutimos foram: *Leitura de mundo, Ontologia, Oprimido/Opressor, Contradição e Criticidade*.

Desta forma, nosso diálogo sobre o verbete *ontologia* foi alinhado com Freire (1996) que nos traz a vocação ontológica dos seres humanos, quando nos diz que:

Na verdade, falo da ética universal do ser humano da mesma forma que falo de sua vocação ontológica para ser mais, como falo de sua natureza constituindo-se social e historicamente e não como um “a priori” da História. A natureza que a ontologia cuida se gesta socialmente na História. (FREIRE, 1996, p. 10).

Sendo assim, nós seres humanos nos constituímos como seres sociais e históricos “estando no mundo” e “com o mundo”, na incessante busca do “ser mais”. Alinhados a estes estudos, buscamos sinais-terminos e estudiosos da área da surdez que dialogassem nesse sentido, encontramos um sinal-termo na página do *Youtube Caesarlibras*¹⁷ e também outro sinal-termo na *Pedagogia da Autonomia* que o intérprete Jonatas Medeiros sinalizou na sua tradução da obra.

Nestas páginas temos dois sinais-terminos sobre os quais os participantes do Grupo entenderam que eram consistentes e condiziam com a Teoria. Ambos os sinais-terminos nos remetem à vocação ontológica dos seres humanos que é “ser mais”. Contribuindo com a discussão, IL2 nos diz que: “os sinais-terminos expressam uma boa essência e condizem com a

¹⁷ Site https://www.youtube.com/watch?v=_KIWJ-fdP_w

teoria, não entendo motivos para refletir sobre”. Os demais participantes concordaram e inserimos os dois sinais-termos do verbete no Glossário.

Quanto aos sinais-termos *oprimido/opressor* não foram modificados, apenas inseridos no Glossário. O sinal-termo de oprimido foi: MÃO EM S + A OUTRA MÃO NA HORIZONTAL COMPRIMINDO O S + EXPRESSÃO FACIAL DE SOFRIMENTO. Já o sinal-termo de opressor foi MANDAR várias vezes e expressão de bravo.

A fim de compreender a decisão dos participantes do Grupo mantendo os mesmos conceitos, nos amparamos em Oliveira (2018) que diz:

[...] oprimidos e opressores são classes sociais antagônicas e em luta. No entanto, é possível que se instaure relações de opressão entre os próprios oprimidos. Enquanto seres envolvidos em relação de dominação, tanto oprimidos quanto opressores têm sua vocação ontológica negada pela realidade histórica de opressão que funda suas existências. (OLIVEIRA, 2018, p. 345).

Concordamos com o autor no sentido de que a realidade para os oprimidos fica velada por estarmos imersos nas condições que o modo de produção nos impõe, assim oprimidos não se compreendem na luta de classes.

No que se refere ao verbete *leitura de mundo*, ES2 sinalizou que este pode ser definido com dois sinais-termos: “a PALAVRA que tem SIGNIFICADO”. Já ES1 complementou dizendo que: “pode ser o MUNDO + LEITURA, pois o mundo tem diversas interpretações e significados”. Os participantes do Grupo a esse respeito compreenderam que foi necessário desenvolver/inserir ambos sinais-termos para o Glossário.

Nesse movimento entendemos como necessário dialogar sobre a categoria de *contradição*, nos apoiamos em Freire (1987) que nos traz a contradição como um movimento das relações humanas e os polos dominadores, nos quais:

[...] enquanto a dominação, por sua mesma natureza, exige apenas um pólo dominador e um pólo dominado, que se contradizem antagonicamente, a libertação revolucionária, que busca a superação desta contradição, implica a existência desses polos e mais numa liderança que emerge no processo desta busca. (FREIRE, 1987, p. 82).

Dessa forma, realizamos um diálogo sobre as classes sociais que temos no sistema capitalista, porém a compreensão do Grupo foi que a categoria de contradição era oposição, ou seja, uma pura discordância. Com o propósito de compreender tais posicionamentos realizamos o diálogo no sentido de esclarecer a compreensão dos mesmos. Porém IL3 e ES2 tiveram a mesma fala: “[...] deve ser os sinais-termos de DIÁLOGO + CONTRADITÓRIO”. A fim de contribuir com os participantes do Grupo, resignificamos nossa explicação, porém o Grupo

continuou sem a compreensão necessária e os sinais-termos designados para este verbete ficaram: DIÁLOGO + CONTRADITÓRIO.

Nesse sentido, buscamos compreender a realidade existencial dos participantes do Grupo na Libras, o significado de *Diálogo + Contraditório* tem esse movimento da Teoria Freiriana que não é o contrário, o oposto, mas possui o movimento do que “não é hoje”, “pode vir a ser”. Nessa compreensão esse sinal-termo foi transformado dialogando com a Educação Ambiental.

Para finalizar nosso encontro foi discutido o verbete *críticidade*. Para este verbete nos apoiamos em Moreira (2018) que embasado em Freire (1996) defende: “A criticidade, para Freire, é a capacidade do educando e do educador refletirem criticamente a realidade na qual estão inseridos, possibilitando a constatação, o conhecimento e a intervenção para transformá-la” (p. 116).

Nesse sentido, dialogamos sobre o verbete *críticidade*, no qual os participantes ES1 e IL3 problematizaram o desenvolvimento deste verbete e a forma do sinal-termo. IL3 nos traz: “Eu não gosto de vários sinais-termos juntos para desenvolver apenas um verbete”. ES1 disse: “então vamos pensar em apenas um”. Enquanto isso os demais participantes observavam o movimento da reflexão e concordavam. Então ES1 sugeriu: “Mão virada com a palma para cima na horizontal, simboliza a sociedade e a outra com o polegar para baixo indica o movimento de pensar de maneira cíclica. Pode ser?” Os demais participantes concordaram com a afirmação e assim foi desenvolvido o sinal-termo para o verbete *críticidade*.

Neste encontro desenvolvemos três sinais-termos, copiamos dois, um da tradução realizada pelo intérprete Jonatas Medeiros e o outro do Caesarlibras do *Youtube* ambos do verbete *ontologia* e continuamos com dois sinais-termos que já eram de uso comum da comunidade surda.

Neste sentido, nossa compreensão sobre este encontro foi alinhada com os ensinamentos Freirianos e dialogando com a Educação Ambiental. Nosso sentimento foi de esperança pelos diálogos realizados no decorrer da semana.

Finalizamos Freire (1982) que nos diz que:

Se às grandes maiorias populares lhes falta uma compreensão mais em torno de como a sociedade funciona, não porque sejam, digo eu naturalmente, incapazes, mas por causa das condições precárias em que vivem e sobrevivem, porque vem sendo proibidas de saber, a saída é a propaganda ideológica, a “sloganização” política e não o esforço crítico através do qual homens e mulheres se vão assumindo como sujeitos curiosos, indagadores, como sujeitos em processo permanente de busca, de desvelamento de *raison d'être* das coisas e dos fatos. Daí que, no horizonte da alfabetização de adultos, por exemplo, eu me ache, desde faz muito tempo, insistindo no que venho chamando “leitura do mundo e leitura da palavra”. Nem a leitura apenas

da palavra, nem a leitura somente do mundo, mas as duas dialeticamente solidárias. (FREIRE, 1982, p. 54).

No sexto encontro estavam presentes os participantes PL1, PL2, IL2 e ES1 e foram trabalhados os verbetes: *Docência/Discência*, *Divisão/Dominação*, *Educação Bancária*, *Educação Permanente* e *Educação Popular*.

Iniciamos pela ordem que estava no QUADRO 4, o primeiro verbete discutido foi *docência/discência*. Este verbete suscitou aos participantes várias indagações. Assim, PL2 questionou: “mas não é professor e aluno? Por qual motivo necessitamos trocar? Já está posto?” Nesse sentido PL1 trouxe a sua experiência dizendo que “um professor da UFPEL, viajou para a Colômbia e lá tinha um pesquisador da área da surdez muito bom que entendeu o processo da *docência/discência* e utilizava tal sinal-termo”.

Dessa forma, os participantes PL2, IL2 e ES1 realizaram sua compreensão e o Grupo desenvolveu um novo sinal-termo, integrado com a teoria em estudo, foi um único sinal-termo para estes dois verbetes.

No segundo verbete, *divisão/dominação*, buscamos novamente os materiais referência de estudo disponibilizados para o Grupo, assim foi possível compreender coletivamente o sinal-termo de “OPRIMIR A CULTURA”. O verbete *divisão* está relacionado com a invasão cultural, ou seja, dividir para conquistar o opressor, e a *dominação* está correlacionada com a opressão. A esse respeito, Freire (1981) nos alerta:

Apesar da evidência, talvez não seja demasiado afirmar que a constatação da cultura do silêncio implica no reconhecimento da cultura dominante e que ambas, ao não se gerarem a si próprias, se constituem nas estruturas de dominação. A cultura do silêncio, tanto quanto dominadores e dominados, se encontra em relação dialética e não de oposição simétrica com a cultura dominante. (FREIRE, 1981, p. 56).

Embasados nas leituras sugeridas, os participantes do Grupo realizaram a compreensão que vivemos à mercê de uma cultura dominante que exerce os mecanismos de opressão, limitando o oprimido de desenvolver o pensar crítico.

Com estas reflexões entendemos que as relações sociais no modo de produção capitalista são propagadas a favor da classe dominante e pelos oprimidos. Neste contexto, na aparência observamos que a Comunidade Surda reproduz o conservadorismo em relação a algumas modificações dos sinais-terminos para os verbetes. Porém, na essência estamos em contato com duas línguas, a Libras e a Língua Portuguesa, nas quais os participantes do Grupo têm sua leitura de mundo na Libras e têm apropriação linguística para contrapor em relação a alguns sinais-terminos que são de conhecimento desses.

Passamos para o terceiro verbete *Educação bancária*, o qual nos possibilitou compreender que o professor apenas ministra os conteúdos, sem a preocupação da compreensão do aluno. Para esse sinal-termo representamos a “TURMA DE ESTUDANTES como um CICLO, apenas”. Nesse viés, passamos a entender que o surdo continua com suas percepções acerca da sociedade pelas mãos da classe dominante, pois não transformou aquilo que é essencial: o seu vocabulário.

Alinhados com Freire (1987) entendemos que é necessário que a comunidade surda reconheça sua vocação ontológica que é: “humanizar-se, podem, cedo ou tarde, perceber a contradição em que a “educação bancária” pretende mantê-los e engaja-se na luta por sua libertação” (p. 35).

No quarto verbete, *Educação permanente*, os participantes do Grupo compreenderam que deveria ser um sinal-termo em movimento, ou seja, iniciamos a educação desde o nascimento até nossa morte e ainda somos inconclusos e inacabados.

Neste sentido, para o verbete *Educação permanente*, dialogamos com Saul (2018) que alinhado com Freire nos traz a compreensão de:

O conceito de educação permanente é apresentado por Freire, com especial destaque no livro *Política e educação*. Nele se encontra que: “A educação é permanente na razão, de um lado na finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem da sua finitude. Mais ainda pelo fato de [...] não apenas saber que vivia, mas saber que sabia e assim, saber que podia saber mais. Saber-se finito e inconcluso são características do ser humano que impulsionam na busca pelo conhecimento, ao reconhecer que pode aprender, constantemente ao longo da vida. (SAUL, 2018, p. 169).

Partindo das compreensões dos participantes do Grupo juntamente com os pesquisadores e nosso sinal-termo ficou: “um braço abaixo do peito e o outro em cima. O que está embaixo vai subindo na horizontal até chegar o rosto”. Este sinal-termo na Libras, representa a educação permanente, ou seja, uma educação que começa e vai se desenvolvendo por toda a vida.

Para o quinto verbete a intenção dessa pesquisa com o sinal-termo *Educação popular* é de representá-lo na perspectiva da participação do povo reconhecendo as condições de vida a partir da realidade organizadas por redes de apoio social. Nesta lógica este verbete ocasionou o desenvolvimento de um novo sinal-termo.

Com a compreensão realizada pelos materiais de estudos sugeridos ao Grupo, nosso sinal-termo ficou: **EDUCAÇÃO + DUAS MÃOS REPRESENTANDO UM MOVIMENTO GLOBAL DA SOCIEDADE**. Estes sinais-terminos representam os oprimidos na busca da

participação das decisões políticas e educacionais desvelando a ideologia dominante na busca do ser mais.

O processo de desenvolvimento dos cinco sinais-termos acima destacados mobilizou os participantes em uma atmosfera de harmonia com os materiais que foram objetivados para este estudo, indo ao encontro da perspectiva Freiriana e dialogando com a Educação Ambiental. Neste sentido, nós pesquisadores nos sentimos esperançosos ao observar a participação, a interação e a motivação dos participantes desta pesquisa nesta etapa do trabalho.

No sétimo encontro estiveram presentes quatro participantes, PL1, PL2, IL3 e ES1, os quais discutiram verbetes: *Educação Problematizadora*, *Educador/Educando*, *Escola Cidadã*, *Esperança e Estética*.

Iniciamos pelo verbe *educação problematizadora* e PL2 questionou: “seria uma educação com problemas? Ou uma educação que nos faz pensar nos problemas?”. Tais problematizações instigaram a discussão entre PL1 e IL3, levando PL1 a dizer: “A *educação problematizadora* é a que promove um diálogo e conscientiza educandos-educadores”.

Dessa forma, o sinal-termo desenvolvido foi: CLASSIFICADOR DE PESSOA + MOTIVAÇÃO, pois os participantes compreenderam que uma *educação problematizadora* na Língua de Sinais deve ter um sentido para a libertação, contribuindo para emancipação das pessoas surdas.

Na continuidade do encontro analisamos o verbe *educador-educando*. Os participantes do Grupo trouxeram a compreensão de que este se estabelece pela relação mútua na qual ambos ensinam e aprendem. Assim sendo, o sinal-termo para *educador-educando* se desenvolveu com base no sinal-termo “ENSINAR”, porém, agora passando a estabelecer-se em um movimento oposto entre as mãos, apontando que o processo de ensinar necessita reconhecer a relação entre as pessoas.

O terceiro sinal-termo desenvolvido neste encontro foi *escola cidadã*. A sugestão de ES1 foi: “[...] a escola cidadã envolve, os estudantes, professores, equipe diretiva e toda a comunidade escolar. Sugiro que o sinal-termo fosse único e ligado ao todo desses seguimentos”. Nesse viés os demais participantes forma ao encontro das palavras de ES1, concordando que o sinal-termo para este verbe se estabelecesse com: “MÃO NA VERTICAL REPRESENTANDO A ESCOLA E A OUTRA RESGATANDO A COMUNIDADE E REPRESENTANDO O TODO”.

No que se refere ao quarto sinal-termo, *esperança*, nós pesquisadores problematizamos com os participantes do Grupo, pois o mesmo trazia em seu movimento a ideia de um simples “torcer de dedos”, simbolizando aos surdos sorte. Na perspectiva Freiriana este sinal-termo

transformou-se um movimento de representação de: LUTA + EXPRESSÃO FACIAL DE SERIEDADE. A esse respeito foram essenciais os ensinamentos de Freire (1987) quando diz que: “Não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e, luto com esperança, espero” (p. 52-53).

Também contribuindo nesse entendimento os participantes do Grupo iniciaram um diálogo no qual IL3 disse: “a luta precisa estar presente neste sinal-termo, não é uma simples espera”. Assim, o participante PL1 iniciou o desenvolvimento do sinal-termo para modificar este verbete e acrescentou: “acredito que pode ser um único sinal-termo que represente”. Com a reflexão de IL3 e PL1, o Grupo compreendeu que o sinal-termo necessitava ser transformado e dessa forma ficou representado pela junção dos seguintes sinais-termos: LUTA + ESPERANÇA + EXPRESSÃO SÉRIA.

Estamos compreendendo como pesquisadores e pretensos estudiosos de Freire que o sinal-termo para o verbete acima citado contempla a Teoria Freiriana e dialoga com os princípios da Educação Ambiental, pois a esperança agora não é um simples “esperar”, mas sim a luta pela transformação dos seres humanos.

Neste encontro desenvolvemos os quatro sinais-termos e também nos apropriamos de dois sinais-termos que pesquisamos no *Youtube*. A partir dessa investigação os pesquisadores questionaram o motivo de usar esses sinais-termos e não desenvolver um novo sinal-termo. Nesse contexto, PL1 retomou a afirmação “já está pronto, não precisamos pensar sobre e sim acrescentar no Glossário”, os demais participantes concordaram.

Nossa compreensão sobre o comportamento dos participantes em relação ao desenvolvimento dos sinais-termos neste encontro foi positiva, pois dos cinco verbetes propostos quatro foram desenvolvidos e apenas um foi copiado do *Youtube*. Este sinal-termo foi o de *ontologia*, o qual foi copiado de duas traduções de extrema importância para a comunidade surda, conforme já mencionado no Percurso Metodológico deste trabalho.

Na terça-feira subsequente estavam presentes cinco participantes: PL1, PL2, IL3, IL2 e ES1 para dialogar sobre os seguintes verbetes: *Ética*, *Exclusão Social*, *Fatalismo*, *Gestão Democrática* e *Identidade Cultural*.

Neste encontro foram desenvolvidos quatro novos sinais-termos: *Exclusão Social*, *Fatalismo*, *Gestão Democrática* e *Identidade Cultural* e um foi copiado da tradução do intérprete Jonatas Medeiro: *Ética*.

Os participantes do Grupo foram praticamente os mesmos do encontro anterior, com a particularidade que PL1 esteve presente nesta semana. PL1 iniciou as falas dizendo: “o sinal-termo de estética já foi estudado pelo intérprete Jonatas, por esse motivo não precisamos pensar

sobre este verbete, pois já está imbuído da Teoria de Paulo Freire. Podemos pensar o próximo?” Então perguntamos aos demais participantes se concordavam ou se necessitavam de um diálogo sobre o verbete. Os participantes concordaram e passamos ao segundo verbete que foi *exclusão social*.

A exclusão social de acordo com Freire (1981):

[...] não é uma opção, os chamados marginais foram expulsos, objetos, portanto, de uma violência. Na verdade, violentados, não se acham, porém, “fora de”. Encontram-se dentro da realidade social, como grupos ou classes dominadas, em relação de dependência com a classe dominante. (FREIRE, 1981, p. 39).

De acordo com este pensamento IL2 teve como sugestão: “pessoas que a sociedade excluí”. ES1 sugeriu: “CLASSIFICADOR DE PESSOA + SOCIEDADE TIRA, o que acham?” Os participantes concordaram em desenvolver este sinal-termo para o verbete.

Os verbetes subsequentes foram *Fatalismo*, *Gestão Democrática* e *Identidade Cultural*. Era de nosso conhecimento o sinal-termo para gestão democrática e para identidade cultural, o de fatalismo não encontramos sinais-terminos.

Dessa forma, seguimos a ordem e desenvolvemos novos sinais-terminos para os três verbetes. Para *Gestão democrática* entendemos que seria necessário desenvolver um sinal-termo que contemplasse uma gestão do todo escolar. Sendo assim, PL1 sugeriu “Uma garra que represente a escola e a outra a burocracia, mas que se unem e formam uma perspectiva não autoritária, o que me dizem?” Os participantes presentes entenderam que teria um significado que completava o verbete em Libras.

Alinhamos com Lima (2018) que embasado nas leituras Freirianas nos traz a compreensão de gestão democrática: “gestão colegiada, administração dialógica, gestão participada, autogoverno da escola, administração democrática, democratização e autonomia da escola” (p. 236).

O *fatalismo* foi um verbete que trouxe alguns questionamentos dos participantes. PL2 questionou: “Fatalismo é morte?”, PL1: interrompeu: “Na verdade entendo o fatalismo como uma condição de se sentir desprezado”. Nesse diálogo IL2 sinalizou sua palavra: “Entendo que nossa sociedade vive historicamente em uma condição de ser vítima de alguns problemas que o sistema capitalista nos impõe. Penso que o sinal-termo pode ser RETROSPECTIVA + CLASSIFICADOR DE PESSOA + MANDAR NO FINAL. Representaria bem esse verbete”. Os participantes do Grupo entenderam que seria um sinal-termo que contemplaria o verbete.

Nossa compreensão enquanto pesquisadores em relação ao desenvolvimento do sinal-termo foi que os participantes do Grupo entenderam o *fatalismo* como uma forma de opressão

da classe dominante na classe dominada. Porém o verbete vai além, pois concebe o pensar crítico que busca superar a consciência ingênua: “Este é um pensar que percebe a realidade como um processo, que a capta em constante devenir e não como algo estático. Não se dicotomiza a si mesmo na mesma ação” (FREIRE, 1987, p. 47).

Finalizamos nosso oitavo encontro com o verbete *Identidade cultural*, o qual já possuía um sinal-termo, porém que não condizia com a Teoria Freiriana. Neste íterim, dialogamos sobre o verbete para desenvolver um novo sinal-termo. IL3 entendeu que: “a identidade cultural está em movimento ela é histórica”, PL1 completou: “podemos utilizar o sinal-termo de CULTURA associado ao SER, pois a cultura é trabalho humano”. Os demais participantes entenderam que esses sinais-termos dariam um bom detalhamento em Libras para o verbete. Os sinais-termos para estes verbetes foram: CULTURA + SER.

Sendo assim, enquanto pesquisadores compreendemos que os participantes do Grupo a cada encontro desenvolviam novos sinais-termos, o estudo estava se adequando às necessidades de compreensão das pessoas surdas na busca do “ser mais”.

Na terça-feira subsequente realizamos nosso nono encontro virtual e dialogamos sobre os verbetes: *Imersão/Emersão*, *Inacabamento*, *Interdisciplinaridade*, *Justiça/Justiça Social e Mediação Pedagógica*, nele estavam presentes: PL1, IL2, ES1 e ES2. Neste encontro o Grupo desenvolveu cinco sinais-termos para os cinco verbetes, pois os verbetes que já tinham sinais-termos não condiziam com a teoria apresentada.

Iniciamos pela *Imersão/emersão*. Para este verbete desenvolvemos dois sinais-termos, pois o Grupo realizou a compreensão dos graus de consciência na qual ES1 nos diz que “pela minha compreensão a imersão está em uma consciência sem objetivação da realidade”. PL2 acrescentou: “o sinal-termo necessita ser a LETRA O PASSANDO NA TESTA que representa a consciência sem criticidade”. E IL2 relatou que: “já a emersão vem da participação crítica do povo lutando contra a hegemonia dominante”. E ES2 disse: “Então para este verbete o sinal-termo é a prática que reflete na nossa subjetividade. Podemos fazer DE FORA PARA DENTRO, INJETANDO NA CONSCIÊNCIA A NOSSA PRÁTICA”.

Neste sentido, nós pesquisadores alinhamos com Guareschi (2018), embasado em Freire (1979), que nos traz o conceito dos verbetes: “Imersão, pois, para Freire, designa o primeiro grau de consciência. Já emersão designa o processo de saída desse estado e de busca de participação na construção de sua vida” (p. 260). Acreditamos que os participantes do Grupo realizaram a compreensão dos verbetes e dialogaram com a Educação Ambiental.

Os demais participantes entenderam que estes sinais-termos dialogavam com os verbetes e sua perspectiva teórica. Sendo assim, iniciamos o segundo verbete que foi o

inacabamento, no qual dialogamos com Freire (1979) sobre o ser humano estar no mundo e com o mundo, pois: “O homem se sabe inacabado e por isso se educa não haveria educação se o homem fosse um ser acabado” (p. 27). Nesta leitura PL1 acrescentou: “[...] o sinal-termo para este verbete pode ser MÃO NA HORIZONTAL NO ABDOMÊN COM A PALMA DA MÃO VIRADA PARA CIMA E A OUTRA MÃO BUSCAR E TRAZER PARA O ABDOMÊM. Penso que esse sinal-termo estaria de acordo”. Os demais participantes entenderam que seria de fundamental importância e esse sinal-termo foi desenvolvido.

Continuamos com o verbete de *Interdisciplinaridade*, pois os participantes do Grupo realizaram a compreensão de ser a união de diversas disciplinas. Nós como pesquisadores, e pretensos estudiosos de Freire discordamos do Grupo, pois compreendemos que a interdisciplinaridade capta a realidade do universo na unidade real da Totalidade. Mesmo assim, o Grupo desenvolveu o sinal-termo como: DISCIPLINAS + UNIÃO.

A *Justiça/justiça social* foi inicialmente interpretada como uma injustiça na qualestamos imersos dentro do sistema vigente, pela forma desumana na qual as desigualdades sociais estão postas. PL1 sinaliza sua fala: “para ser justiça social é necessário que todas as pessoas estejam em condições de igualdade”. E continua: “o sinal-termo, na minha compreensão tem que ser UMA MÃO EMBAIXO E A OUTRA EM CIMA, representando as classes sociais, E FAZ O MOVIMENTO DE GLOBAL, unindo as duas classes e promovendo um compromisso radical com a humanidade”.

Nesse movimento desenvolvemos o quarto sinal-termo deste encontro e retornamos ao diálogo no quinto verbete que foi *Mediação pedagógica*. Para este verbete PL1 expressou sua compreensão: “acredito ser o entendimento da realidade para a transformação”. ES2 disse “pelas leituras realizadas, acredito que o sinal-termo para este verbete é BUSCAR compreender a realidade a partir da natureza e suas relações. É um movimento contínuo”. IL2 complementou BUSCA + PARAR. E os participantes do Grupo desenvolveram este sinal-termo.

Nossa compreensão para o desenvolvimento do sinal-termo acima citado foi que a compreensão do Grupo poderia ter outro entendimento, no qual a *mediação pedagógica* tem que envolver a dialogicidade com a responsabilidade política e social.

Em nosso décimo encontro seguimos o cronograma de escolha de verbetes que foram: *Multiculturalismo, Natureza, Natureza Humana, Pedagogia da Autonomia e Pedagogia da Esperança*. Estavam presentes três dos oito participantes: PL1, ES1 e ES2.

O Grupo iniciou o encontro com o verbete *multiculturalismo*, no qual foi dialogado com Freire (1992): “A multiculturalidade não se constitui na justaposição de culturas, muito menos

no poder exacerbado de uma sobre as outras, mas liberdade conquistada, no direito assegurado de mover-se cada cultura no respeito uma a outra” (p. 79).

Desta forma PL1 questionou: “seria a cultura de cada grupo consigo?” ES1 complementou: “Entendo que o sinal-termo pode ser CULTURA + RESGATE + GUARDAR NO PEITO”. ES2 disse: “respeito das diferentes culturas” e dessa forma desenvolvemos esse sinal-termo com a contribuição de cada um dos três participantes presentes no encontro.

Nesse contexto entendemos que o sinal-termo desenvolvido pelo Grupo dialoga com a perspectiva Freiriana, pois as culturas precisam ter seu lugar no mundo e com respeito. Por isso a junção dos sinais-termos acima citados resgata a essência do verbete na Libras.

Sendo assim, iniciamos o diálogo dos verbetes *Natureza* e *Natureza humana*, os quais já tinham sinais-termos, porém pelos materiais enviados e diálogos no decorrer da semana via *WhatsApp* realizamos o entendimento de que no nosso Glossário os sinais-termos precisariam ser modificados.

Resgatamos as conversas do Grupo e PL2 havia sugerido que o sinal-termo para o verbete *natureza* poderia ser: “AMBIENTAL+ NATURAL, pois condizia com os materiais estudados”. Já para o verbete *Natureza humana*, PL1 e ES2 afirmaram que: “acreditamos que é a PRÁTICA HUMANA, por meio das relações sociais que nos humaniza no espaço-tempo”. Por meio desse diálogo desenvolvemos dois sinais-termos para esses verbetes.

Aqui é necessário fazer algumas observações em relação aos sinais-termos desenvolvidos: a natureza para os participantes do Grupo não está de acordo com os pressupostos Freirianos, pois nos alinhamos com Calloni (2018) no conceito de natureza em Freire, que nos diz que: “a Natureza, em Freire, é a vida que se expressa por si mesma, em sua autonomia, em seu em si fenomenológico” (p. 335). De acordo com o autor a natureza não é simplesmente um lugar “natural”, mas sim a natureza é permeada por cultura humana e pela vida.

Neste sentido, a *natureza humana* foi um sinal-termo que está de acordo com os pressupostos Freirianos, pois Segala (2018) corrobora conosco na seguinte fala: “Uma educação que a articule adequadamente a teoria e a prática, a ação-reflexão, que possibilite a mulheres e homens ser mais no seu contexto histórico, e interferir sobre ele para modificá-lo”. Desta forma, para que a natureza se humanize é necessário romper as situações limites que nos impedem de ser mais.

Passamos às *Pedagogias da Autonomia e da Esperança* as quais foram dialogadas separadamente. Para a *Pedagogia da Autonomia*, identificamos que a autonomia é desenvolvida por meio da emancipação humana, a sugestão de ES2 foi: “Ensinar é necessário, assim como

aprender”. PL1 complementou: “Ensinaamos e aprendemos com consciência e emoção, por isso o sinal-termo para este verbete pode ser o sinal-termo de *Ensinar* no peito com uma mão e com a outra mão *Ensinar* na testa”, desta forma, e com aceitação do Grupo, foi desenvolvido o sinal-termo de *Pedagogia da Autonomia*.

A *Pedagogia da Autonomia* tem como intenção desvelar essa relação entre os processos de ensinar e aprender. Alinhados com Freire (1996) nossa compreensão em relação ao sinal-termo desenvolvido pelos participantes do Grupo Focal foi: “Ensinar e aprender tem que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir entrando como sujeito da aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor deve deflagrar” (p. 45).

Assim, entendemos que o sinal-termo *Pedagogia da Autonomia* saiu da aparência de ser uma junção de sinais-terminos, que eram PEDAGOGIA + AUTONOMIA e se transformou em *Ensinar*, mas este ensinar com rigor metodológico.

Para finalizar, dialogamos sobre a *Pedagogia da Esperança* que, pelo seu conteúdo e forma, nos remeteu a uma pedagogia que faz um resgate da *Pedagogia do Oprimido* que traz uma compreensão da linguagem machista que utilizou o livro, assim como críticas às classes sociais. O Grupo entendeu que essa pedagogia era radical, por isso PL1 nos diz que: “o sinal-termo a ser utilizado pode ser CLASSIFICADOR DE PESSOA + A OUTRA MÃO NA VERTICAL E DIRECIONADA PARA O CLASSIFICADOR + EXPRESSÃO DE FIRMEZA”. O sinal-termo ficou acordado com os participantes do Grupo.

Acreditamos que este sinal-termo de *Pedagogia da Esperança* contemplou a complexidade do verbete. Neste contexto, nossa compreensão se desenvolveu alinhada com Freire (1992) e dialogando com a Educação Ambiental em relação às línguas envolvidas e suas estéticas:

O momento estético da linguagem, me pareceu sempre, deve ser perseguido por todos nós não importa se cientistas rigorosos ou não. Não há incompatibilidade nenhuma entre a rigorosidade na busca da compreensão e do conhecimento do mundo e a beleza da forma na expressão dos achados. (FREIRE, 1992, p. 38).

Ademais, o verbete *Pedagogia da Esperança* teve em seu sinal-termo a rigorosidade e a busca pelo estético que já existe na Língua Portuguesa e na Libras também. E assim finalizamos nosso décimo encontro.

Iniciamos nosso décimo primeiro encontro para diálogo dos seguintes verbetes: *Pedagogia do Oprimido*, *Práxis*, *Radicalidade*, *Ser mais* e *Sonho possível*. Estavam presentes

os participantes PL1, ES1, ES2 e IL3. Seguimos a sequência alfabética que estava na nossa planilha e iniciamos pelo verbete *Pedagogia do Oprimido*.

Neste verbete já tínhamos a junção dos sinais-termos de PEDAGOGIA + OPRIMIDO, porém conforme estudos dos materiais enviados e dialogados IL3 iniciou realizando alguns esclarecimentos: “Acredito que a obra tem a relação com as pedagogias que são tradicionais da escola e sem a vocação ontológica de ‘ser mais’. Ainda complemento que, na minha compreensão, o sinal-termo poderia ser PEDAGOGIA + TRADICIONAL”. ES2 discordou: “Acredito que poderia ser EDUCAÇÃO + DEPÓSITO, pois o professor deposita os conteúdos nos alunos”.

Mesmo com este movimento os participantes do Grupo não chegaram a um consenso, necessitando fazer uma escolha democrática a partir de votação entre as duas sugestões onde a maioria elegeu PEDAGOGIA + TRADICIONAL.

Desta forma, nossa compreensão em relação ao entendimento dos participantes do Grupo foi de que o professor é o detentor de conhecimento, enquanto os alunos são meros expectadores. Esta é uma prática da educação bancária na qual, alinhados com Freire (1987), correlacionamos o objetivo da classe dominante nos saberes para os dominados: “Daí que a ‘educação bancária’, que a eles serve, jamais possa orientar-se no sentido da conscientização dos educandos” (p. 35).

Ao adentrarmos no segundo sinal-termo deste encontro, que foi a *práxis*, resgatamos o pensamento de Rossato (2018):

Trata-se de um conceito básico que perpassa toda a obra de Paulo Freire. É indissociável do pensamento, da análise e da compreensão do papel da educação na sua globalidade. Está intimamente ligado aos conceitos de dialogicidade, ação-reflexão, autonomia, educação libertadora, docência. (ROSSATO, 2018, p. 380).

Na literatura sugerida captamos que a *práxis* realiza um movimento teórico e se imbrica com a ação-reflexão-ação, dialogicidade, autonomia e educação libertadora, ou seja, estudamos a teoria, exercitamos na prática e voltamos à teoria como para realizar a transformação possível. Na nossa compreensão alinhamos com Rossato (2018) que relaciona a *práxis* como: “Práxis pode ser compreendida como a estreita relação que se estabelece entre um modo de interpretar a realidade e a vida e a conseqüente prática que decorre desta compreensão, levando a uma ação transformadora” (p. 380).

É necessário para o entendimento dos leitores trazer o diálogo do Grupo. Nessa compreensão, PL1 sugere: “acredito que o sinal-termo poderia ser MOTIVAÇÃO + PRÁTICA, pois estudamos para compreender a realidade e por meio da prática realizamos transformações”.

Os demais participantes entenderam que contemplava o significado do verbete e o sinal-termo foi desenvolvido.

Porém nós, como pesquisadores, entendemos que não é de “motivação com a união da prática” que é realizada a práxis. Aqui se faz necessário entender que a práxis tem em seu processo de desenvolvimento a conscientização para modificar a realidade, acreditamos que os participantes do Grupo teriam que aprofundar seus conhecimentos nos saberes ambientais que dialogam com a Educação Ambiental.

O terceiro verbete foi *Radicalidade*, no qual IL3 relata seu entendimento: “Acredito que o verbete radicalidade precisa do sinal-termo de RÍGIDO, pois se não houver rigidez, não há transformação”. Para este verbete os participantes realizaram a junção de: OBRIGATÓRIO + EXPRESSÃO SÉRIA, pois entenderam que a radicalidade necessita de um rigor metodológico e obrigatório a todos os cidadãos compreenderem. Os demais participantes concordam e foi desenvolvido o novo sinal-termo para o verbete.

Nossa contribuição vai ao encontro do pensamento de Freire (1996) o qual dialoga conosco sobre a radicalidade: “Continuo bem aberto à advertência de Marx, a da necessária radicalidade que me faz sempre desperto a tudo o que diz respeito à defesa dos interesses humanos. Interesses superiores ao de puros grupos ou de classes de gentes” (p. 39).

Sendo assim, o desenvolvimento do sinal-termo para este verbete necessitaria ter dialogado com a vocação ontológica dos oprimidos para emancipação dos sentidos, realizando a conscientização para o “ser mais”. Mas pela compreensão dos participantes do grupo da Teoria Freiriana e dos saberes ambientais, para este verbete não desenvolveram a compreensão necessária para dialogar com a Educação Ambiental.

Para os verbetes *Sonho possível* e *Ser mais* os participantes do Grupo dialogaram em conjunto, pois para PL1 “Ser mais faz parte da natureza, humana, como, por exemplo, sermos curiosos, vontade de aprender e aguçar os sentidos”. ES2 indagou “Mas para este verbete então poderia ser a junção de CONSTITUIÇÃO + DESENVOLVIMENTO?” IL3 completou “Acredito que sim, pois nos constituímos e nos desenvolvemos sócio-político e antropológico”. Os demais participantes entenderam que este verbete poderia ter a combinação dos sinais-terminos citados por ES2.

Para o verbete *Sonho possível* PL1 iniciou dizendo: “O sonho para o autor seria uma possibilidade histórica, e que se transforma em um coletivo para a transformação da realidade”. ES1 disse: “Tenho como sugestão de sinais-terminos para este verbete a junção de SONHO + POSSIBILIDADE”. E dessa forma ficou nosso último sinal-termo do encontro.

No nosso décimo segundo encontro não houve participantes, somente a pesquisadora abriu a sala virtual e permaneceu por 30 minutos aguardando, após esse prazo finalizou o encontro. Não houve justificativas para esse esvaziamento.

No décimo terceiro encontro dialogamos sobre os verbetes: *Presença no mundo*, *Subjetividade/Objetividade*, *Teoria Crítica*, *Unidade na Diversidade* e *Utopia*. Estavam presentes os seguintes participantes: PL1, ES1, ES2, IL3, IL2 e PL2.

Neste encontro o verbe *Teoria crítica* foi apenas inserido no Glossário, conforme o conhecimento que PL1 já tinha deste verbe e disse sua palavra: “Não precisamos desenvolver um novo sinal-termo, pois já temos a junção de: TEORIA + OPINIÃO + POLEGAR PARA CIMA E PARA BAIXO, que seria bom ou ruim.” Sendo assim, foram desenvolvidos quatro sinais-termos para os verbetes: *Presença de mundo*, *Subjetividade/objetividade*, *Unidade na diversidade* e *Utopia*.

No verbe *Presença no mundo* PL2 realizou o entendimento que: “precisamos estar em todos os locais, pois somos pessoas históricas”. IL2 completou: “podemos usar a junção de EM PÉ, com a mão embaixo representando os vários locais”. Este verbe foi bem trabalhado com os participantes do Grupo Focal, porém insistimos que os mesmos têm uma “percepção” sobre os saberes ambientais que dialogam com os verbetes Freirianos.

Aqui utilizamos a palavra percepção por ser a primeira forma de captação dos sentidos e de maneira bem rasa. Neste contexto, dialogamos com Henz (2018) que apoia++++++do em Freire (1992) nos reporta:

Ser presença humana no mundo tem a sua especificidade da reflexão, da programação, da transformação, uma vez que: “a vida torna-se existência e o suporte, mundo, quando a consciência do mundo, implica a consciência de mim, ao emergir já se acham relação dialética com o mundo”. (HENZ, 2018, p. 382).

O terceiro verbe trabalhado foi *Subjetividade/objetividade*. IL3 nos disse que: “não existe objetividade sem subjetividade elas andam juntas e se imbricam.” PL2 acrescentou: “O sinal-termo para este verbe pode ser OS INDICADORES LADO A LADO”. Em contraponto ao diálogo dos participantes do Grupo nosso entendimento enquanto pesquisadores vem ao encontro do pensamento de Freire (1996): “Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências” (p. 30). Dessa forma, o sinal-termo de subjetividade/objetividade possui um significado para além do sinal-termo desenvolvido.

Para o quarto verbete deste encontro do Grupo Focal dialogamos sobre *unidade na diversidade*. Entendemos que a cultura faz parte do trabalho e da diversidade humana e dialogamos com Guareschi e Freitas (2018) que: “‘unidade na diversidade’ é um dos temas recorrentes em Paulo Freire, principalmente ao refletir sobre seu aprendizado nas inúmeras jornadas pedagógicas vivenciadas em diferentes partes do mundo” (p. 474). ES1 sinaliza sua palavra: “O sinal-termo para este verbete pode ser CULTURA + DUAS GARRAS, indo para frente, representando os diferentes grupos.

Nesse sentido, urge a necessidade de compreender que os verbetes escolhidos para desenvolver os sinais-termos deste Glossário têm uma complexidade na Língua Portuguesa, porém na Libras essa compreensão teve como proposta além do entendimento, uma nova racionalidade dos profissionais da área da surdez. Esses verbetes são termos potentes e fortes em nossa primeira língua, que é a Língua Portuguesa, a Libras, por sua vez, se constitui como nossa segunda língua, nesse sentido os saberes ambientais foram problematizados de maneira interdisciplinar para a formação de novos conhecimentos.

A *utopia* foi o último verbete desta trajetória, não por acaso. Ela está imbricada com a concretização dos sonhos possíveis, como possibilidade de “vir a ser”. Encontramos nas plataformas alguns sinais-termos que não condiziam com a teoria estudada, então desenvolvemos o nosso sinal-termo que ficou conforme PL1: “FALTA + BUSCA”, pois vivemos numa realidade a ser transformada continuamente.

Para o Glossário foram dialogados 60 verbetes em 13 encontros nos quais classificamos quatro critérios: Sinais-termos transformados (44), sinais-termos não transformados (9), sinais-termos emprestados de outros locais (5) e sinais-termos transformados parcialmente (2).

3.2 O Emergir das Categorias no Processo de Análise Textual Discursiva

Antes de retomar a análise dos dados obtidos, e após uma minuciosa pesquisa, entendemos que nos encontros, 1, 2, 3 e 4 os participantes do Grupo Focal tinham uma compreensão rasa dos verbetes Freirianos e do diálogo com a Educação Ambiental. Nesse contexto, foram realizados os doze encontros descritos, nos quais foi necessário entender as possibilidades que este trabalho obteve em relação ao desenvolvimento dos sinais-termos.

Nos encontros 5, 7, 8 e 13 compreendemos o esforço dos participantes do Grupo Focal em desenvolver sinais-termos, alguns com a ajuda da datilologia e se imbricando com as diferentes áreas do conhecimento, nas quais os participantes já se reconheciam como estudiosos, porém não possuíam uma correlação com a teoria na qual nos propusemos a

desenvolver este Glossário.

Já nos encontros 6, 9, 10 e 11 observamos uma atmosfera de compreensão e início de um diálogo que se aproxima com a Teoria Freiriana e se alinha com as transformações da Educação Ambiental. Ademais, nestes encontros o diálogo foi incisivo, no sentido de realizar o entendimento sobre os reais significados dos verbetes e desenvolver sinais-termos na sua essência. Dessa forma, salientamos que os verbetes trabalhado nos encontros, foram problematizados na sua totalidade.

Para visualizarmos a potencialidade do Glossário, utilizamos o gráfico abaixo para sulear nossas análises:



GRÁFICO 1 - Sinais-termos dos encontros com os participantes do Grupo Focal

Fonte: Produzido pela autora.

Desta forma, foi necessário agrupar os encontros e compreender a forma de organização para análise.

Alinhados com Moraes e Galiazzi (2007), e seguindo a lógica das pesquisas qualitativas analisadas pela ATD, desenvolvemos nossa divisão em quatro focos: “1- Desmontagem dos textos, 2- Estabelecimento de relações, 3- Captando o novo emergente e 4- Um processo auto-organizado” (p. 11-12).

Na primeira etapa, Desmontagem dos textos, descrevemos os diálogos gravados nos encontros realizados. Após a escrita dos discursos gravados passamos à leitura e significação das falas dos participantes para análise e interpretação, categorizando as partes para o todo e o todo para as partes.

A partir da categorização do todo em partes começamos a segunda etapa, Estabelecer as

relações dos elementos. De acordo com Moraes e Galiazzi (2007): “A categorização é um processo de comparação constante entre as unidades definidas no momento inicial da análise, levando a agrupamentos de elementos semelhantes” (p. 22). Neste contexto, as falas emergidas nos encontros começaram a se imbricar por suas semelhanças e se distanciar por suas diferenças.

A fim de Captar o novo emergente, utilizamos os métodos indutivo e dedutivo, pois partimos das categorias *a priori* e desenvolvemos as categorias que dialogavam com a Educação Ambiental, nas quais emergiram nosso terceiro foco.

Para objetivar o Processo auto-organizado, trabalhamos com a possibilidade de emergir categorias, a partir da organização do todo em partes e retomar as partes ao todo. Desta forma, em relação às categorias estudadas apontamos que os verbetes *Anúncio/Denúncia*, *Leitura de Mundo* e *Educação Ambiental* que ganharam destaque pelos participantes da pesquisa nos encontros 6, 9, 11 e 13.

A *denúncia* e o *anúncio* foram verbetes dialogados em conjunto, porém pelo entendimento inicial dos participantes do Grupo a conjuntura de anunciar foi de demonstrar/mostrar. Já o anúncio foi um “aviso”, no sentido de comunicar o que estava por vir. Neste entendimento, essas categorias desvelam uma maneira dialética na qual uma está em relação com a outra.

Linhares (2018) corrobora conosco, pois:

Para produzir anúncios/denúncias, Paulo Freire mergulhou nas culturas mestiças, plurais e híbridas dos oprimidos e dos opressores, procurando romper com isolamentos e com dicotomias para investir em esperanças que habitam entre lugares pouco investigados. (LINHARES, 2018, p. 49).

Neste entendimento, emergiu a categoria de denúncia, pois a compreensão que os participantes do Grupo exerciam inicialmente em relação aos verbetes vinha ao encontro da ideologia dominante presente no modo de produção vigente. Foi necessária a compreensão de estarem imbricadas duas línguas, a Libras e a Língua Portuguesa. A Libras se manifesta como primeira língua e Quadros (1997) corrobora conosco anunciando que: “todos os utentes de uma língua materna não-oficial em um país têm o direito de serem bilíngues, isto é, o direito de terem acesso a sua língua materna e à língua oficial do país” (p. 28).

Por este motivo, a categoria denúncia foi retratada neste trabalho como uma forma de demonstrar o desconhecimento dos estudiosos na área da surdez em relação aos preceitos da Teoria Freiriana. Frisamos uma resistência no diálogo bilíngue das línguas envolvidas, principalmente em relação aos verbetes desconhecidos pelos participantes do Grupo. Porém,

nessa resistência, dialogamos com Freire (2000) relatando que:

A rebeldia enquanto denúncia precisa de se alongar até uma posição mais radical e crítica, a revolucionária, fundamentalmente anunciadora. A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, nosso sonho. (FREIRE, 2000, p. 37).

Nesse movimento, fomos envolvendo os participantes da pesquisa nos materiais de estudos, para que tivessem a possibilidade de captar os significados dos verbetes na sua essência e realizar a transformação dos mesmos em sinais-termos consistentes. Sendo assim, denunciemos o conhecimento emergente dos participantes do Grupo em relação aos verbetes e desvelamos nossa segunda categoria, que foi o anúncio.

Neste sentido, o anúncio foi um dos primeiros verbetes a ser trabalhado pelo Grupo Focal, porém emerge como uma das categorias fundantes deste trabalho com intuito de anunciar a possibilidade que os mesmos tiveram em desvelar os significados e reconhecer a Teoria Freiriana como libertadora e emancipatória.

Alinhamos com Freire e Fiori (1987), no processo de desenvolvimento deste Glossário que para os estudiosos da surdez foi:

“aprender a ler essa palavra escrita em que a cultura se diz e, dizendo-se criticamente, deixa de ser repetição intemporal do que passou, para temporalizar-se, para conscientizar sua temporalidade constituinte, que é anúncio e promessa do que há de vir. (FREIRE e FIORI, 1987, p. 12).

Desta forma, o anúncio estava alinhado com os conhecimentos que os participantes tinham em relação à sua língua materna, a Libras, mas se desafiando a entenderem esses novos aprendizados. Aprendizados esses que estavam imbuídos de teoria e prática, pois inicialmente captamos uma resistência dos participantes em relação às modificações dos sinais-termos. Essa resistência foi experienciada pelos conhecimentos prévios que estes estudiosos da surdez tinham em relação à sua experiência linguística.

Nesse processo, de denunciar o desconhecimento dos participantes do Grupo Focal em relação à teoria dos verbetes estudados, anunciamos a possibilidade de busca pelo novo conhecimento, na qual os estudiosos do Grupo se comprometeram a realizar um estudo criterioso, entender o significado dos verbetes na Língua Portuguesa e desenvolver sinais-termos para sua língua materna, a Libras.

Entendemos que aqui emerge nossa terceira categoria, que é a leitura de mundo. Concordamos com Passos (2018) que a leitura de mundo precede a leitura da palavra:

[...] no espaço e no tempo da história, encontram-se soldadas, indiscriminavelmente: o mundo, nós e os outros. É a palavra que estabelece uma circularidade comunicativa,

constituidora e de mútuo partejamento de tudo e todos como totalidade. A leitura do mundo, no entanto, precede a palavra que dizemos. (PASSOS, 2018, p. 285).

Neste sentido, o desenvolvimento deste Glossário foi trabalhado de forma comunicativa e envolvendo o modo como os participantes da pesquisa entendiam o mundo, a nossa compreensão como pesquisadores e o modo de produção no qual estamos imersos.

A leitura de mundo nos demonstrou a possibilidade de adentrar duas línguas de maneira subjetiva, trabalhando a objetividade dos verbetes e desvelando suas possibilidades para “ser mais” na Libras, transformando-os em sinais-termos. Pois muitas vezes aquilo que na aparência é conservador pode ser interpretado na essência como pertencimento ou realidade existencial.

Entendemos a realidade das pessoas surdas como oprimidas, pois são absorvidas pelo modo de produção que não segue os preceitos da ominilateralidade e da ontologia humana, que é aprender a ser mais humano.

Neste sentido, reconhecemos que para esse Grupo em específico foi dada a possibilidade de sair da imersão de oprimidos e libertar-se das amarras dos opressores, libertando o próprio opressor. Aqui é necessário ressaltar que as pessoas surdas entendem a Língua Portuguesa como opressão, por ser a língua da maioria falante, porém o processo de libertação e transformação para essas pessoas seria entender que essa língua é o mecanismo para ser mais humano.

Sendo assim, as três primeiras categorias se imbricaram neste processo de desenvolvimento do Glossário. Corrobora conosco Freire (2000) quando realata que:

A denúncia e o anúncio criticamente feitos no processo de leitura do mundo dão origem ao sonho por que lutamos. Este sonho ou projeto que vai sendo perfilado no processo da análise crítica da realidade que denunciamos está para a prática transformadora da sociedade como o desenho da peça que o operário vai produzir e que tem em sua cabeça antes de fazê-la está para a produção da peça. (FREIRE, 2000, p. 21).

Nesse caminho, a denúncia de trazer o não esclarecimento teórico dos participantes do Grupo, enquanto o anúncio, é captar o novo de maneira bilíngue e a representação da forma como os participantes compreenderam o mundo, suas relações e a leitura de mundo para desvelar as percepções da realidade em que vivem. Para reafirmamos a possibilidade real de transformação é necessário perpassar a categoria de Educação Ambiental.

A categoria de Educação Ambiental perpassa a nova racionalidade proposta pelo desenvolvimento deste Glossário. Alinhados com Leff (2020): “A construção de uma racionalidade ambiental implica na formação de um novo saber e a integração interdisciplinar do conhecimento, para explicar o comportamento de sistemas socioambientais complexos” (p. 145).

Sendo assim, os saberes ambientais se constituem num campo teórico que vão para além

das disciplinas curriculares, se desenvolvem na práxis e nas relações sociedade- natureza.

Neste sentido compreendemos que os estudos proporcionados pela vida escolar dos participantes do Grupo Focal não possibilitaram a ambientalização curricular para a emancipação dos sentidos dos mesmos, pois reproduziam o que lhes foi ensinado, movidos pela ideologia dominante.

Outrossim, as categorias anúncio, denúncia, leitura de mundo e Educação Ambiental perpassam a compreensão dos verbetes na Língua Portuguesa na busca pelo inédito viável para o desenvolvimento de sinais-termos na Libras. Isso só foi possível por meio dos encontros, os quais evidenciaram o protagonismo das pessoas surdas presentes nos encontros e dos estudiosos da surdez.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“De nada valem as ideias sem homens para pô-las em prática.”
Karl Marx

A presente proposta de escrita está alinhada a um processo de discussão emancipador, na busca por organizar um Glossário de Libras na perspectiva da Educação Ambiental. Nesse caminho, essa dissertação, sendo o ponto de partida, e não o de chegada, possibilitará outros questionamentos.

Num primeiro momento, antes da qualificação de mestrado, incluímos nesta escrita adjetivos aos capítulos que nos trazem o pensamento de que somos concebidos, nascemos, passamos pela infância, adolescência e velhice e, conseqüentemente, teríamos que finalizar na morte, mas como nesse ponto a vida é injusta, o grande artista Charles Chaplin tem em seu poema que a vida deveria se iniciar com a morte:

A coisa mais injusta sobre a vida é a maneira como ela termina.
Eu acho que o verdadeiro ciclo da vida está de trás pra frente.
Nós deveríamos morrer primeiro, nos livrar logo disso.
Daí viver num asilo, até ser chutado pra fora de lá por estar muito novo.
Ganhar um relógio de ouro e ir trabalhar.
Então você trabalha 40 anos até ficar novo pra poder aproveitar a aposentadoria.
Aí você curte tudo, bebe bastante álcool, faz festas e se prepara para a faculdade.
Você vai pro colégio, tem várias namoradas, vira criança, não tem nenhuma
responsabilidade, se torna um bebezinho no colo, volta pro útero da mãe, passa seus
últimos nove meses de vida flutuando...
E termina tudo com um ótimo orgasmo.
Não seria perfeito?
(SEAN MOREE)

No dia 02 de dezembro de 2021, dia da apresentação do projeto de pesquisa para a banca de qualificação, tivemos a compreensão de que esse poema tinha um conteúdo de teor machista, pois esse orgasmo ao qual o artista se refere é masculino. O autor no poema nos propõe pensar que a vida se inicia pelo encontro do óvulo com o espermatozóide, e nessa lógica, cada um pode pensar nesse início da maneira que lhe convir. Porém, o que precisamos pensar é que nossa humanidade se inicia no momento em que somos concebidos e sempre em um movimento dialético.

Estamos compreendendo que o movimento da dialética está em constante contradição, para que possamos trocar a forma. Neste sentido, iniciamos nossa jornada de vida como um feto, e após somos expulsos do ventre materno para trocar a forma. Nossa nova forma é bebê, que após um ano de vida entra em contradição e necessitamos ter nossa infância.

Quando adquirimos as condições necessárias, trocamos de forma novamente, ou seja, nos tornamos criança, de criança para adolescente, depois nos tornamos jovens, adultos e envelhecemos.

Nosso Glossário de Libras se iniciou por um primeiro movimento, que foi pensar a Educação Ambiental como emancipadora e realizar uma proposta de estudos com as pessoas surdas e os estudiosos da surdez. Resgatamos o contexto histórico do povo surdo que se imbricou com a ontologia da autora, firmamos um compromisso com os participantes da pesquisa e objetivamos a concretude dos nossos estudos.

No percurso de elaboração desse Glossário de Libras, na perspectiva da Educação Ambiental, nos embasamos na Análise Textual Discursiva de Roque e Galiuzzi (2007), entendendo ser necessário unir discurso e conteúdo, produzidos durante os encontros virtuais pela Plataforma *Google Meet*. Tais encontros nos possibilitaram investigar o que não foi dito, mas pode ser interpretado, na busca de desvelar a aparência e chegar à essência.

No primeiro momento desse trabalho intencionávamos um Glossário de Libras que contemplasse a Língua Brasileira de Sinais e se distanciasse da Língua Portuguesa, que é a segunda língua das pessoas surdas. Nesse processo fomos compreendendo o movimento presente nas contradições, buscando a unidade da teoria com a prática.

Neste caminho foi possível compreender que para emancipação dos sentidos das pessoas surdas é preciso respeitar sua língua materna, a Libras, e incluir a Língua Portuguesa como segunda língua neste Glossário.

Acreditamos que nossa proposta de trabalhar os 60 sinais-termos com os participantes do Grupo Focal foi ir além do “quefazer” dos mesmos. Compreendemos que seria necessário dispor de um número maior de encontros, imbuir os participantes da teoria e dialogar de maneira consistente com a Educação Ambiental, promovendo uma consciência crítica.

Sendo assim, tivemos como objetivo geral analisar o processo de desenvolvimento do Glossário de Libras para a Educação Ambiental crítica. Nesse percurso, fomos além da análise, transformando 44 verbetes em novos sinais-termos.

Em relação aos objetivos específicos, iniciamos identificando os principais conceitos da Educação Ambiental crítica; pesquisamos o vocabulário existente em Libras e na Língua Portuguesa; coletamos os sinais-termos existentes nas plataformas digitais; analisamos o vocabulário e realizamos uma reflexão crítica com a Educação Ambiental para desvelar a compreensão para além do significado posto.

Destacamos que nossa análise de dados, apoiada nos ensinamentos de Roque e Galiuzzi (2007), possibilitaram compreender as quatro categorias que se destacaram e sularam nossa

pesquisa: a denúncia, o anúncio, a leitura de mundo e a Educação Ambiental.

Pensando no que pode estar por vir, acreditamos oportuno também, para trabalhos futuros, ampliar o número de participantes surdos para o debate, pois esses necessitam ter o protagonismo de desenvolver e compreender essa nova racionalidade de saberes ambientais e complexos, assim como socializar nossos sinais-termos e conceitos para o repositório da FURG, da UFSC e demais locais nos quais tivermos a possibilidade de levar nossa pesquisa que possui uma relevância social para a comunidade surda, estudiosos da surdez e para o público em geral, para conhecimento e inserção nesta área.

Porém nossos obstáculos perante a pesquisa foram a falta de conhecimento dos participantes do Grupo Focal em relação à Teoria Freiriana e o entendimento sobre a Educação Ambiental.

Diante disso, salientamos que nossa proposta para trabalhos futuros é realizar uma formação de professores surdos e de surdos, com os verbetes desenvolvidos nesta pesquisa; formar um grupo avançado de estudos com profissionais qualificados e ter os sujeitos surdos como protagonistas deste processo.

Portanto, nossa pesquisa se imbricou de uma maneira teórico-prática, pois a mestrandia e os participantes do Grupo selecionaram os verbetes do Dicionário Paulo Freire, partiram de suas experiências empíricas, realizaram o movimento de compreensão dos verbetes nas duas línguas envolvidas, desenvolveram novos sinais-termos para os verbetes, tudo isso dialogando com a Teoria Freiriana e com os princípios da Educação Ambiental.

REFERÊNCIAS

- ANDREOLA, Balduino Antonio. Interdisciplinaridade. IN: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4ed. rev. e amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 13-14.
- BRANDÃO, C. R. Círculo de cultura. IN: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4ed. rev. e amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 13-14.
- BRASIL. **Lei 10.436**, de 22 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua de Sinais-Libras e dá outras providências. Brasília, DF: Senado Federal, 2002.
- BRASIL. **Política Nacional de Educação Ambiental**, Lei 9795, de 27 de abril de 1999. Brasília, DF: Senado Federal, 1999.
- BRASIL. **Lei n. 14.191**, de 03 de agosto de 2021. Brasília, DF: Senado Federal, 2021. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/Lei/L14191.htm>. Acesso em: 9 out. 2021.
- BRASIL. **Decreto nº 5626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF: Senado Federal, 2005.
- BRASIL. **Resolução nº 510**, de 07 de abril de 2016. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2016. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510>>. Acesso em: 23 set. 2021.
- BRASIL. **Norma Operacional CNS nº 1 e 3/2013**. Brasília DF: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/NORMAS-RESOLUCOES/Norma_Operacional_n_001-2013_Procedimento_Submisso_de_Projeto.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2022.
- BLOCH, Ernest. O princípio da Esperança. 1950. IN: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4ed. rev. e amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 13-14.
- CALLONI, Humberto. Ecologia. IN: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4ed. rev. e amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 13-14.
- CAPOVILLA, Fernando César *et al.* **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil**: a libras em suas mãos. São Paulo: EDUSP, 2017.
- CHEPTULIN, A. **A Dialética Materialista**: categorias e leis da dialética. São Paulo: Alfa-Ômega, 2004.
- DAMILELLI, Albertina Serafim; CLASEN, Júlia Helio Lino. Criança surda: Qual é a sua língua? **Rev. Técnico Científica (IFSC)**, v. 3, n. 1 (2012). Disponível em: <<https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/rtc/article/viewFile/662/456>>. Acesso em: 06 out.2022.

DI FRANCO, Marco Aurelio Rocha. **Esportes surdos na constituição do ser social: o resgate histórico sob a perspectiva da Educação Ambiental**. 2014. 81f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2014.

DICKMANN, Ivo; CARNEIRO, Sônia. **Educação Ambiental Freiriana**. Chapecó, SC: Editora Livrologia, 2021. Disponível em: <<http://livrologia.com.br/anexos/1432/56916/educacao-ambiental-freiriana-1-pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2022.

DIZEU, Liliane Correa Toscano de Brito; CAPORALI, Sueli Aparecida. A Língua de Sinais constituindo o surdo como sujeito. **Educ. Soc.** **26 (91) Ago 2005**. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S0101-73302005000200014>>. Acesso em: 18 mar. 2021.

FAULSTICH, Enilde. **Glossário Sistemico de Léxico terminológico para pesquisadores surdos**. Brasília, DF: Centro Lexterms, 2012.

FAULSTICH, Enilde. Procedimentos básicos para glossário sistemico de léxico terminológico: uma proposta para pesquisadores de língua de sinais. In: ISQUERDO, A.N.; dalCORNO, G.O.M (orgs.). As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia. **SAJEBTT**, Rio Branco, UFAC, Volume VIII, 2016, 13p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da Língua Portuguesa**, versão digital. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: Cartas Pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho D'Água, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **A Educação na cidade**. 5ed. São Paulo: Editora Cortez, 1991. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade**. 5ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/acao_cultural_liberdade.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2022.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 11ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 12ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau**: registro de uma experiência em processo. 2ed. Riode Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo, FAGUNDEZ, Antônio. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. 3ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo; FIORI, Ernani Maria. Prefácio. IN: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia**: O cotidiano do professor. 5ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Ana Lucia de Souza. Conscientização. IN: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4ed. rev. e amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 13-14
GADOTTI, Moacir (Org.). **40 olhares sobre os 40 anos da Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008.

GADOTTI, Moacir; ROMAO, José E. **Autonomia da Escola**: Princípios e Propostas. 5ed. Guia da escola cidadã; v.1. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2002.

GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire**: uma biobibliografia. São Paulo: Cortez e Instituto Paulo Freire, 1996. Disponível em:

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4144514/mod_resource/content/1/FPF_PTPF_12_069.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2021.

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. Tradução Maria Cristina Bitencourt. 11ed. Campinas: Papirus, 2001.

GÓES, Moacir de. Coletivo. IN: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4ed. rev. e amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 13-14.

GOMES, Maria Elásir Seabra; BARBOSA, Eduardo Fernandes. A técnica de grupos focais para obtenção de dados qualitativos. (1999) Instituto de Pesquisa e Inovações Educacionais – **Educativa**. Disponível em: <<http://www.educativa.org.br>>. Acesso em: 30 ago. 2022.

GIROUX, Henry. Educação Problematizadora. 1983. IN: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4ed. rev. e amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 13-14.

GRANADA, Rafael Pinto. **Glossarização de Termos Computacionais como estímulo à lógica de programação**: um estudo de caso com alunos surdos. 2018. 104 f. Dissertação (Mestrado em Computação) – Centro de Ciências Computacionais, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2018. Disponível em:

<<https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/787689e0ee218cd10f7a8a81637df6c2.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2022.

GROSKI, Edair; FREITAG, Raquel Meister Ko. **O Ensino de Língua materna**. 2010. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a Distância). – Centro de Comunicação e Expressão. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em:
<https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/ensinoDePrimeiraLingua/assets/249/TEXT0-BASE_ELM_2010.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2022.

GUARESCHI, Pedrinho; FREITAS, Ana Lucia Souza de. Unidade na diversidade. IN: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4ed. rev. e amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 13-14.

GUTIÉRREZ, Pedro Juan. Codificação/Descodificação. IN: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4ed. rev. e amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 13-14.

STUART, Hall. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio: Apicuri, 2016. Disponível em:
<https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/HALL_Cultura_e_Representa%C3%A7%C3%A3o_-_2016.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2022.

HENZ (2018) IN: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4ed. rev. e amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 13-14.

HERBERT (2018) IN: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4ed. rev. e amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 13-14.

HÜBNER, Marcus. **A Educação Ambiental no contexto da Interculturalidade e da Cultura Surda**. 2012. 178 f. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2012.

KÉZIO, Gérison Fernandes Lopes. Oralismo, comunicação total e bilinguismo: Propostas Educacionais e o processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita de surdos. **Anais...I Colóquio Internacional de Letras – UFMA**, 2016. Disponível em:
<<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/53115>>. Acesso em: 07 nov. 2021.

KIELING, José Fernando. Alienação. IN: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4ed. rev. e amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 13-14.

KIMIECIKI, Domingos. Educação Libertadora. IN: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4ed. rev. e amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 13-14.
KONDER, Leandro. **O que é a dialética**. 28ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

KRONBAUER, Luiz Gilberto. Contradição. IN: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4ed. rev. e amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 13-14.
KRUEGER, R. A. **Focus Groups: A Practical Guide for Applied Research**. London: Sage Publications, 1994.

KRUPSKAYA, Nadeszha Konstantinovna. **A construção da Pedagogia Socialista**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

LABORIT, Emanuelle. **O Grito da Gaivota**. 2ed. Lisboa: Editorial Caminho, junho de 2000. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/0B8U1A_qJZ0UtVUNYZ1F0QUhKLWs/view?pref=2&pli=1>. Acesso em: 15 ago. 2020.

LAYRARGUES, Philippe Pomier (Coord.). **Identidades da Educação Ambiental Brasileira**. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, Diretoria de Educação Ambiental, 2004. Disponível em: <https://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/livro_ieab.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2020.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. Premissas teóricas para uma Educação Ambiental transformadora. **Ambiente e Educação**, Rio Grande, n. 8, p. 37-54, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/897>>. Acesso em: 09 dez. 2020.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. **Trajatória e fundamentos da Educação Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2006.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder**. Petrópolis, RJ, Vozes/PNUMA, 2020.

LIMA, Licínio. Gestão democrática. IN: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4ed. rev. e amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 13-14.

LINHARES, Célia. Anúncios/Denúncias. IN: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4ed. rev. e amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 13-14.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Educação Ambiental Transformadora. In: LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; TORRES, Juliana Rezende (Orgs.). **Educação Ambiental dialogando com Paulo Freire**. São Paulo: Cortez, 2014.

MACHADO, Rita de Cássia de Fraga. Autonomia. IN: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4ed. rev. e amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 13-14.

MARTINS, Francielle Cantarelli. **Terminologia da Libras: coleta e registro de sinais-termos da área de Psicologia**. 2018. 613 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/194183>>. Acesso em: 18 fev. 2022.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. (Livro I, Vols. 1 e 2). São Paulo: Nova Cultural, 2016.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Título original: *Ökonomiephilosophische Manuskripte*. Tradução, apresentação e notas de Jesus Ranieri. 2reimp. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008

MENDES, Victor Rafael do Nascimento; CUNHA, Aldeci Fernandes. O Olhar do Outro: Identidade e Cultura Surda em uma Escola Estadual do Rio Grande do Norte. *Revista Virtual de Cultura Surda*, Centro Revista Virtual de Cultura Surda, n. 27, março de 2020. Disponível em: <[https://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/Artigo%207%20Revista%20MENDES%20e%20CUNHA\(1\).pdf](https://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/Artigo%207%20Revista%20MENDES%20e%20CUNHA(1).pdf)>. Acesso em: 15 out. 2021.

MÉSZÁROS, István. **A Teoria da Alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2006.
MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.

MOREIRA (2018) IN: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4ed. rev. e amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 13-14.

OLIVEIRA, Avelino. Antagonismo/Antagônico; Exclusão Social; Oprimido/Opressor. IN: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4ed. rev. e amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 13-14.

PASSOS, Luiz Augusto. Leitura de Mundo. IN: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4ed. rev. e amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 13-14.
PAULO, Fernanda dos Santos; MONTEIRO, Marcelisa. Divisão/Dominação. IN: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4ed. rev. e amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 13-14.

PERLIN, Gládis. O Lugar da Cultura Surda. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini. **A Invenção da Surdez: Cultura, Alteridade, Identidade e Diferenças no Campo da Educação**. Santa Cruz: EDUNISC, 2004.

PISTRAK, Moisey.Mikhaylovich. **Fundamentos da Escola do Trabalho**. 3ed. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos: A aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. São Paulo: Artmed: 2004.

ROCHA, Oswaldo Vinicius Alves de Oliveira. **Tradução Comentada e Terminologia na Obra Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire**. 2021. 115 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Libras) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/223653/Oswaldo.Vin%3ADcius.Alves.de.Oliveira.Rocha.TCC.2021..pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 18 dez.2021.

ROMÃO, José Eustáquio. Ontologia. IN: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4ed. rev. e amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 13-14.

ROSSATO, Ricardo. Práxis. IN: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4ed. rev. e amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 13-14.

SANTANA, Araceli Catieli Ferreira de; SANTANA Ericsson Gustavo José de. A importância da comunidade surda, identidade surda e cultura surda. **Anais... VII CONEDU – Congresso Nacional de Educação 2020**. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/67663>>. Acesso em: 06 out. 2022.

SANTOS, Jardel Joaquim Alves dos. **Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire: uma tradução comentada com focos nas figuras de linguagem**. 2020. 94f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Libras) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/218743/Jardel.Joaquim.Alves.Dos.Santos-TCC.2020.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 04 jan. 2022.

SANTOS, Patrícia Tuxi dos. **A terminologia na Língua de Sinais Brasileira: proposta de organização e registro de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico em glossário bilíngue**. 2017, 232f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2017.

SANTOS, Saionara Figueiredo. **Educação ambiental: recursos imagéticos na produção de significação de um sujeito surdo**. 2013, 158f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal de Rio Grande, 2013.

SARTORI, Jerônimo. Educação bancária; Educação Problematizadora. IN: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4ed. rev. e amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 13-14.

SAUL, Ana Maria. Uma convocação para um mundo mais humano. In: GADOTTI, Moacir (Org.). **40 olhares sobre os 40 anos da Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008. Disponível em: <http://ciranda.net/IMG/pdf/vol_1_cadernos_baixa.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2022.

SAUL, Alexandre. Educação Permanente. IN: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4ed. rev. e amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 13-14.

SEAN, Moore. **A vida ao contrário: Charles Chaplin**. Publicado em 4 de agosto de 2009. Disponível em: <<https://genilto.com/a-vida-ao-contrario-charles-chaplin/>>. Acesso em: 28 out. 2021.

SEGALA, Aldino Luiz. Natureza Humana. IN: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4ed. rev. e amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 13-14. SILVA, Irenete Maria dos Santos; SANTANA, Beatriz Pereira de. Libras e Ensino Técnico: A necessidade de novos sinais. **VII Jornada de Iniciação Científica** São Paulo: PIVIC – Mackenzie/Mack Pesquisa, 2011.

SOFIATO, Cássia; REILY, Lucia. 2014. Dicionarização da língua brasileira de sinais: estudo comparativo iconográfico e lexical. **Educação e Pesquisa**. v. 40, n. 1, 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/81881>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

SOLTES, Vânia; NOLEVAIKO, Noemi; SIMÕES, Marcia. A construção da identidade e cultura surda em uma sociedade majoritariamente ouvinte. **Anais... XV Jornada Científica dos Campos Gerais**. 2017. Disponível em: <<https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/jornada/article/view/306>>. Acesso: 13 dez. 2022.

SOUZA (2018) IN: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4ed. rev. e amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 13-14.

STRECK, Danilo Rezende; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. Apresentação à quarta edição revista e ampliada. IN: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4ed. rev. e amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 13-14.

STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4ed. rev. e amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 13-14.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora UFSC, 2008.

TERRA, Cristiane Lima. **O processo de constituição das Identidades Surdas em uma Escola Especial para surdos sob a ótica das três ecologias**. 2011, 187f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, 2011.

TORRES, Carlos Alberto. Tango e Paulo Freire: Carta a Moacir Gadotti. IN: GADOTTI, Moacir (org.). **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez e Instituto Paulo Freire, 1987. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4144514/mod_resource/content/1/FPF_PTPF_12_069.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2021.

TROMBETTA, Luiz Carlos. Ética. IN: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4ed. rev. e amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 13-14.

TRIVIÑOS, Antônio Nivaldo da Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Editora Atlas, 1987.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Problemas da Defectologia**; v. 1; 1ed. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

ZITKOSKI (2018). IN: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4ed. rev. e amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 13-14.

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título do Projeto: "Desvelando a Educação Ambiental para estudantes surdos: uma proposta bilíngue de glossarização dos termos"

Colaborador voluntário: _____
RG: _____, você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa "Desvelando a Educação Ambiental para estudantes surdos: uma proposta bilíngue de glossarização dos termos", de responsabilidade da pesquisadora Naraina Zerwas Gentil docente do curso de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), sob orientação do professor André Luis de Freitas Castro. O objetivo deste estudo produzir um glossário de Língua Brasileira de Sinais/Língua Portuguesa para a Educação Ambiental Transformadora. A sua participação não é obrigatória e a qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Uma possível recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será dispendida nenhuma compensação financeira adicional. A participação nesta pesquisa será voluntária e consistirá na participação de um grupo focal para que possamos entender alguns verbetes que serão posteriormente sinalizados em língua brasileira de sinais no sentido de ampliar o vocabulário da comunidade surda que compreende: estudantes, professores e tradutores intérpretes de língua de sinais. Os riscos desta pesquisa são mínimos podendo o voluntário apresentar desconfortos emocionais e possibilidade de que o (a) participante demonstre algum constrangimento em razão da necessidade de expor suas experiências e subjetividades. Frente a estes riscos, a pesquisadora se compromete em garantir assistência imediata integral e gratuita. Os benefícios pela participação na pesquisa consistem no estímulo a reflexão, promovendo um movimento de auto formação e valorização profissional. Av. Itália, km 8, s/nº - Campus Carreiros - Rio Grande/RS - Caixa Postal: 474 CEP 96201-900 - Tel: (53) 3233.6615 UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e



asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação, e caso seja necessário utilizar o nome será na forma de suas iniciais ou utilizando outro identificador, como nome de flores, por exemplo. A qualquer momento, durante ou após a pesquisa, você poderá obter informações referentes a pesquisa através do contato: narainagentil@furg.br ou ainda, entrando em contato com o CEP-FURG (endereço: segundo andar do prédio das pró-reitorias, Carreiros, Av. Itália, Km 8, bairro Carreiros, Rio Grande-RS, e-mail: cep@furg.br, telefone: 32373011). O CEP-FURG é um comitê responsável pela análise e aprovação ética de todas as pesquisas desenvolvidas com seres humanos, assegurando o respeito pela identidade, integridade, dignidade, prática da solidariedade e justiça social. Os resultados obtidos na pesquisa poderão ser divulgados em eventos e/ou publicações científicas mantendo sigilo dos dados pessoais. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade _____, fui informado (a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar a minha decisão de participar, se assim o desejar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

_____, ____ de _____ de 20____.

Assinatura do (a) participante Assinatura do (a) pesquisador (a) Pesquisadora: Naraina Zerwas Gentil Institucional: Universidade Federal do Rio Grande Instituto de Educação Av. Itália, Km 8 - Campus Carreiros - Rio Grande - RS - Brasil - 96201900 Telefone: +55 53 981002542 E-mail: narainagentil@furg.br Orientador Prof. Dr. André Luis de Freitas

Cancelar

APÊNDICE B - Lista de verbetes para a pesquisa em campo com o Grupo Focal

Parte 1

Língua Portuguesa

1	Sinais-termos	Conceitos em Língua Portuguesa	Links para os vídeos
2	Alienação	É uma espécie de vazio existencial, tem relação com a falta de consciência própria, as pessoas perdem suas identidades, seus valores, sua vitalidade. O ser humano sendo impedido da sua vocação.	
3	Ambiental	Adjetivo de ambiente. Nesse sentido, o ambiente são os locais, espaços e circunstâncias que mediam as relações entre Natureza-Natureza, Natureza-Homem, Homem-Natureza e Homem-homem.	
4	Antagonismo	Forte divergência de opiniões entre sistemas e grupos sociais.	
5	Anúncio/denúncia	As conjunções do anúncio/denúncia vem impregnado de relações de poder e forças dialógicas, no sentido de transformar a ação e conscientizando um coletivo. Denunciando e nos percebendo na consciência.	
6	Autonomia	É um processo de decisão e humanização que é construído historicamente. A autonomia vai se construindo nas mais variadas experiências epistemológicas e no amadurecimento do ser humano para a autonomia.	
7	Cidadania	É a compreensão da realidade em favor da emancipação. A cidadania se manifesta por meio das relações sociais, produzindo vivências e direitos dos grupos sociais. Nesse sentido ela se concretiza na prática.	
8	circulo de cultura	Se configura como uma proposta pedagógica que tem caráter radicalmente democrático e libertador, propondo uma aprendizagem integral que rompe com a fragmentação e necessita uma tomada de consciência.	
9	codificação/decodificação	Codificação - é a representação de uma situação existencial desenhada ou fotografada. Decodificação - é a análise crítica desta situação existencial desenhada ou fotografada.	
10	cognoscente	Em acordo com sua noção de educação articulada com a vida e a transformação social, o ato cognoscente, para Paulo Freire, só poderia ser expressão de um processo de autoconhecimento.	
11	coisificação	Está relacionada a redução dos seres humanos a condição de objetos. Neste sentido se fazem as relações de dominação.	
12	coletivo	A Educação como um ato político significando um trabalho coletivo, que reeduca todas as pessoas envolvidas. Envolvevidas culturas, crenças e a prática concreta que transforma a realidade.	
13	Conscientização	Desenvolvimento da criticidade que aliada a curiosidade epistemológica potencializa a criatividade da ação transformadora ante as situações limites. Criticidade, curiosidade e criatividade integram a conscientização.	
14	contradição	Tem como eixo sulador a luta de classes. O oprimido se reconhece como oprimido e sendo assim modifica sua condição ontológica. No primeiro momento tende a desenvolver a condição de oprimido.	
15	criticidade	É a capacidade que o educando e o educador tem de refletirem criticamente a realidade a qual estão inseridos, possibilitando a constatação, o conhecimento e a intervenção para transformá-la. O oprimido considera que a realidade deve ser analisada como um todo, através da contradição. Para analisar um conceito, por exemplo, não só ele deve ser estudado, analisado e compreendido como o momento em que os seres humanos se encontram para conhecer e refletir sobre sua realidade tal como a fazem e reafirmam como seres conscientes.	
16	Dialética	É um processo binívoco. Pois é necessário refletir sobre o que se ensinar e o que se deve aprender seguindo um rigor metodológico. Rigor ético como pensar a teoria e a prática em um movimento dialético.	
17	diálogo/dialogicidade	Diálogo - é o modo de manipulação e invasão cultural. Dominação: são as estruturas dominantes nos contextos de opressão, se denomina a cultura do silêncio.	
18	disciplinar/docência		
19	divisão/dominação		
20			
21	Ecologia	É o estudo das relações entre os seres vivos entre si e estes com o meio ambiente.	
22	Educação	É um processo de humanização das pessoas, no qual acontece a socialização da cultura, dos saberes e dos conhecimentos considerados como socialmente relevantes.	
A		B	
22	Educação	É um processo de humanização das pessoas, no qual acontece a socialização da cultura, dos saberes e dos conhecimentos considerados como socialmente relevantes.	
23	Educação Bancária	O termo "bancário" significa que o professor vê o aluno como um banco, no qual deposita o conhecimento. Na prática, quer dizer que o aluno é como um cofre vazio e estimula o aluno a participar ativamente na hora de aprender e principalmente a questionar a realidade. Na prática, o professor promove diálogo, debate e aproxima o mundo teórico do dia a dia dos alunos.	
24	Educação Libertadora	Este processo de formação perdura ao longo da vida toda, o homem não para de educar-se, sua formação é um movimento pedagógico e político tipicamente latino-americano. No Brasil, Paulo Freire foi um dos principais disseminadores deste método. Assim, por meio da educação, a sociedade se transforma.	
25	Educação Permanente	É uma maneira de estimular os alunos a questionarem o mundo, a pensarem em soluções, a se entenderem como parte de uma sociedade e a não se conformarem com a realidade.	
26	Educação Popular	É um processo pelo qual o educador não é o detentor do conhecimento mas sim ao educar ele está sendo educado pelo educando. É um processo em que ambos aprendem juntos, todos temos a aprender.	
27	Educação Problematicizadora	É uma abordagem crítica e anti-autoritária de educação, expõem-se por meio de múltiplas categorias que podem ser entendidas como dimensões complementares gravitando ao redor das suas condições de existência.	
28	Educador/Educando	Humanização do Ser Humano constrói-se como ontologia do ser. Ele entende que o ser humano é um ser inacabado em processo constante de humanização. ... Nesse processo, o educador e o educando se constituem mutuamente.	
29	Emancipação	Esta é a esperança que se manifesta na prática. Na há esperança na "pura espera" isto é, na imobilidade e na paralisia. Se a meta é a criação de um amanhã diferente, sua construção tem que ser iniciada hoje.	
30	Escola Cidadã	preocupa-se com a "bontez" do processo de aprendizagem, manifestada nos sentimentos de esperança, solidariedade e ética, proporcionando aos discentes a possibilidade de participação ativa.	
31	Esperança	O propósito de Paulo Freire é que, pela educação, é possível uma mudança de comportamento e da prática da ética, que nasce na relação dialógica, em que educador e educando se constituem mutuamente.	
32	Estética	Este como ponto primordial do Sistema capitalista vigente que possui opressores e oprimidos e pessoas "a margem de". Dentro dessa violência e desumanização da Classe Trabalhadora pela classe dominante.	
33	Ética	O educador Paulo Freire apresenta duas fontes para o sentimento de fatalismo presente em nossa sociedade: a visão distorcida de Deus e o contexto histórico-social brasileiro. Com base nisso, ele desenvolve uma abordagem crítica e anti-autoritária de educação, expõem-se por meio de múltiplas categorias que podem ser entendidas como dimensões complementares gravitando ao redor das suas condições de existência.	
34	Exclusão Social	A Humanização do Ser Humano constrói-se como ontologia do ser. Ele entende que o ser humano é um ser inacabado em processo constante de humanização. ... Nesse processo, o educador e o educando se constituem mutuamente.	
35	Fatalismo	Este é o pressuposto que fundamenta uma autêntica transculturalidade na qual os diferentes preservem o que é essencial em suas diferenças e comunguem do que o une.	
36	Gestão democrática	Existe dois tipos de ideologia: a ideológica e a crítica. Ela tem como papel principal envolver a sociedade em pensamentos a favor do sistema capitalista e não como possibilidade de libertar os oprimidos.	
37	Humanização/Desumanização	Imersão - designa o primeiro grau de consciência, a consciência ingênua. Já Emersão designa o processo de saída desse estado e de busca de participação na construção de sua vida, ou seja a partir da consciência crítica e anti-autoritária de educação, expõem-se por meio de múltiplas categorias que podem ser entendidas como dimensões complementares gravitando ao redor das suas condições de existência.	
38	Identidade Cultural	Imacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital, pois, "onde há vida, há inacabamento". Como tenho consciência do meu inacabamento, da minha condição de ser humano, não posso deixar de lutar por uma transformação radical.	
39	Ideologia	É o processo metodológico de construção do conhecimento pelo sujeito com base em sua relação com o contexto, com a realidade, com sua cultura.	
40	Imersão/Emersão	Esta é relacionada ao seu compromisso como humanista radical e refere-se a igualdade natural dos seres humanos entre si. Ou seja, trata-se de uma justiça ao mesmo tempo redistributiva e reconstrutiva.	
41	Inacabamento	É a palavra que colhe o sentido do vivido, recolhe experiências, reúne em um mesmo tempo e espaço o eu, os outros e o mundo, produzindo um rico diálogo, uma compreensão tanto as apropriações e intersecções entre cultura, política e fenômeno educacional, quanto as apropriações, recodificações e ressignificações particulares.	
42	Interdisciplinaridades	É a mistura de culturas e de etnias que ocorre no território do país. Trata-se da miscigenação de culturas que ocorre no Brasil desde os tempos da colonização portuguesa.	
43	Justiça/justiça social		
44	Leitura de mundo		
45	Mediação Pedagógica		
46	Multiculturalismo		
A		B	
46	Multiculturalismo	é a mistura de culturas e de etnias que ocorre no território do país. Trata-se da miscigenação de culturas que ocorre no Brasil desde os tempos da colonização portuguesa.	
47	Natureza	a forma como o não-eu - o 'outro' humano, o 'outro' animal, o 'outro' ser vivo, o meio, a natureza - são percebidos e os tipos de relação que são estabelecidas com eles.	
48	Natureza humana	A compreensão de Paulo Freire sobre a Humanização do Ser Humano constrói-se como ontologia do ser. Ele entende que o ser humano é um ser inacabado em processo constante de humanização. ... Nesse processo, o educador e o educando se constituem mutuamente.	https://www.youtube.com/watch?v=...
49	Ontologia(Freireana)	Estudo do ser, ou seja teoria do ser que caminha para a transformação radical. O ser humano é inconcluso, incompleto e inacabado sempre na busca do ser mais.	https://www.youtube.com/watch?v=...
50	Oprimido/opressor	É uma contradição na luta de classes, ou seja o oprimido deseja ser o opressor que o desumaniza, em contrapartida o opressor ao oprimir o oprimido também se desumaniza. É necessário o oprimido reconhecer sua condição de ser humano.	
51			
52	Pedagogia da Autonomia	os professores devem ensinar os alunos, criando uma ação transformadora. Para isso, explica sobre a ética crítica, a competência científica e a amorosidade autêntica.	
53	Pedagogia da Esperança	Freire afirma que não é porque o ser humano constitui-se esperançoso que sua esperança terá o poder de transformar a realidade, pois para o embate é necessário o reconhecimento da realidade.	
54	Pedagogia do Oprimido	Ele fala como a educação tradicional apoia e mantém o status da sociedade. Nesse cenário, o poder fica na mão dos poderosos por muito tempo. Essa nova forma de educação busca a transformação da realidade e a produção da história.	
55	Práxis	A práxis em Freire remete à ideia de um conjunto de práticas visando à transformação da realidade e à produção da história.	
56	Presença no mundo	Ela se constitui no desenvolvimento dos sentidos, na reconstrução do mundo de forma coletiva não apenas adaptando a realidade mas transformando-a para que homens e mulheres desenvolvam sua presença no mundo.	
57	Radicalidade	implica "trânsito", que é mais do que simples mudança. "E se todo Trânsito é mudança, nem toda mudança é Trânsito. As mudanças se processam numa mesma unidade.".	
58			
59			
60	Ser mais	Este termo é utilizado por Freire como vocação ontológica do ser humano, ou seja, significa para o professor e aluno, a necessidade de poder ser mais.	https://www.youtube.com/watch?v=...
61	sonho possível	O sonho possível é coletivo. Sonhar coletivamente consiste em um movimento transformador e esperançoso, visto que, "Não há mudanças sem sonho sem esperança". A capacidade de sonhar se nutre da esperança.	
62	Subjetividade/objetividade	Com Paulo Freire aprendi que a Educação é "uma situação gnosiológica", é espaço tempo de "comunicação, é diálogo, é um encontro de sujeitos interlocutores que procuram se compreender e se transformar mutuamente".	
63	Teoria Crítica	uma postura crítica e progressista diante da sociedade e afirma que é impossível separar educação de política. De acordo com o autor, "do ponto de vista crítico, é impossível falar de uma perspectiva intercultural de entendimento das relações entre os sujeitos a partir do diálogo intersubjetivo que não se pauta apenas no reconhecimento da realidade, mas na sua transformação".	
64	Unidade na diversidade	significa falar de uma perspectiva intercultural de entendimento das relações entre os sujeitos a partir do diálogo intersubjetivo que não se pauta apenas no reconhecimento da realidade, mas na sua transformação.	
65	Utopia	se caracteriza como um modo de estar- sendo-no-mundo, que exige um conhecimento da realidade, pois conhecer é possibilidade de "pro-jetar", lançar-se adiante, buscando a transformação da realidade.	

